

KERABAN, O CABEÇUDO

JÚLIO VERNE

KERABAN, O CABEÇUDO

JÚLIO VERNE

VOLUME I

DE CONSTANTINOPLA A ESCUTÁRI

Título da edição original

KÉRABAN-LE-TETU

Índice

PRIMEIRA PARTE

- CAPÍTULO I - Van Mitten e o seu criado
Bruno passeiam, olham e conversam, sem compreender
coisa alguma do que se passa .. 09/0
- CAPÍTULO II - O intendente Scarpante e o capitão
Yarhud combinam certas coisas
que é conveniente saber 24/0
- CAPÍTULO III - O Sr. Kéraban fica muito admirado
de se encontrar com o seu amigo
Van Mitten 35/1
- CAPÍTULO IV - O Sr. Kéraban, mais contrariado
do que nunca, insurge-se contra as
autoridades otomanas 44/1
- CAPÍTULO V - O Sr. Kéraban discute a seu modo
a forma como compreende as viagens
e deixa Constantinopla 54/1
- CAPÍTULO VI - Começam os viajantes a passar
algumas dificuldades, principalmente
no delta do Danúbio 65/2
- CAPÍTULO VII - Os cavalos da carruagem fazem
por medo o que não poderiam fazer debaixo

do chicote do postilhão	76/2
CAPÍTULO VIII - Trava, de boa vontade, o leitor conhecimento com Anasia e o seu noivo Ahmet	89/2
CAPÍTULO IX - Por pouco que não tem bom êxito o plano do capitão Yarhud	101/3
CAPÍTULO X - Ahmet toma uma resolução enérgica, ditada, contudo, pelas circunstâncias	111/3
CAPÍTULO XI - Junta-se um pouco de drama a esta história fantasiosa de viagem	121/3
CAPÍTULO XII - Van Mitten conta uma história de tulipas que talvez interesse o leitor	131/4
CAPÍTULO XIII - A antiga Taurida é atravessada obliquamente, e como saem os viajantes puxados por estranha parelha	143/4
CAPÍTULO XIV - O Sr. Kéraban mostra-se mais forte em geografia do que o pensava o seu sobrinho Ahmet	157/5
CAPÍTULO XV - O Sr. Kéraban, Ahmet, Van Mitten e os seus criados fazem o papel de salamandras	169/5
CAPÍTULO XVI - Trata-se da excelência dos tabacos da Pérsia e da Ásia Menor	181/6
CAPÍTULO XVII - Sobrevém uma aventura das mais graves, que termina a primeira parte desta história	196/6

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

Van Mitten e o seu criado Bruno passeiam, olham e conversam, sem compreender coisa alguma do que se passa

No dia 16 de Agosto, às seis horas da tarde, a Praça de Top-Hané, em Constantinopla, habitualmente tão animada pelo vaivém e o ruído da multidão, estava silenciosa, sombria e quase deserta. Vendo-a do alto da escada que vai ter ao

Bósforo, observar-se-ia um quadro belo, mas quase sem personagens. Via-se apenas um ou outro estrangeiro, que por ali passava a fim de se meter a passo rápido pelas vielas estreitas, sujas, lamacentas e cheias de cães amarelos que vão ter ao bairro de Péra. É este o bairro especialmente reservado para os europeus, cujas casas de pedra, muito brancas, destacam sobre o fundo negro formado pelos ciprestes da colina.

A Praça de Top-Hané, não obstante, é sempre pitoresca - mesmo sem a variedade de costumes que dá relevo aos seus primeiros planos -, pitoresca e muito própria para deliciar a vista, com a sua mesquita de Mahmoud, de minaretes afilados, a sua bela fonte de estilo árabe, privada agora do seu pequeno tecto de arquitectura delicada, as suas lojas, onde se vendem sorvetes e doces de mil géneros diferentes, os seus mostradores atulhados de cabaceiras, de melões de Esmirna, de uvas de Escutári, que fazem contraste com os açafates dos vendedores de perfumarias e de rosários, e a sua escadaria, ao longo da qual não bate,

11

mas apenas acaricia as águas azuladas da Ponta Aurea e do Bósforo.

Mas onde estavam, a essa hora, os passeantes habituais da Praça de Top-Hané, esses persas garridamente toucados com o boné de astracã; esses gregos fazendo ondular, não sem elegância, as mil dobras da sua túnica; esses circassianos, quase sempre de uniforme militar; esses georgianos, que são russos pelo vestuário, mesmo além da sua fronteira; esses arnotas, cuja pele, requeimada pelo sol, se vê através das chanfraduras dos seus fatos bordados. e, finalmente, esses turcos, esses osmanlis, esses filhos da antiga Bizâncio e da velha Istambul, sim, onde estavam eles?

Seria inútil perguntar isto a dois estrangeiros, do ocidente da Europa, que, de olhares inquisitoriais, cabeça levantada e passos indecisos, andavam a essa hora a passear, quase solitários, na praça, pois eles não saberiam que responder.

Havia mais ainda. Na cidade, pròpriamente dita, além do porto, um turista poderia notar os mesmos sinais de silêncio e de abandono. Do outro lado da Ponta Aurea, profunda cavidade aberta entre o antigo serralho e o cais de Top-Hané, e na margem direita unida à esquerda por três pontes de barcos, todo o anfiteatro de Constantinopla parecia adormecido. Não estaria ninguém velando no palácio de Serai-Bournou? Não haveria alguns crentes, hadjis e peregrinos nas mesquitas de Ahmed, Bayezidieh, Santa Sofia e Suleimanieh? Estaria dormindo a sesta o indolente guarda da torre de Seraskierat, bem como o seu colega da torre de Gálata, encarregados ambos de espreitarem os começos de incêndio, tão frequentes na cidade? Até o movimento perpétuo do porto parecia paralisado, apesar da flotilha de steamers austríacos, ingleses e franceses, faluhOs, caíques e chalupas a vapor, que estavam atracados próximos das pontes e ao longo das casas, banhadas na base pelas águas da Ponta Aurea.

Era pois esta a Constantinopla tão gabada, esse sonho do Oriente, realizado pela vontade do Constantino e de Maomet II?

Eis o que perguntavam a si mesmos os dois estrangeiros que andavam pela praça, e, se não podiam satisfazer a sua curiosidade, não era porque não conhecessem a língua do país. Sabiam menos mal a língua turca: um porque há vinte anos a empregava na sua correspondência comercial, o outro porque tinha muitas vezes servido de secretário a seu amo, se bem que não fosse mais do que um simples criado dele.

Eram eles holandeses, naturais de Roterdão: Jan Van Mitten e o seu criado Bruno, levados por um acaso singular até aos confins da Europa.

Van Mitten era um homem de quarenta e cinco a quarenta e seis anos, loiro, de olhos azuis-celestes, suíças e pêra amareladas, sem bigode, de faces coradas, nariz pequeno de mais em relação ao rosto, cabeça grossa, ombros largos, estatura mais de mediana, começando a ser barrigudo, pés mais sólidos do que elegantes, enfim, com o todo de um homem realmente do seu país.

Talvez que, pelo lado moral, Van Mitten parecesse um pouco brando de temperamento. Pertencia, sem contestação, a essa classe de pessoas de humor suave e sociável, que fogem às discussões, prontas a ceder em tudo e feitas mais para obedecer do que para mandar; pessoas tranquilas e fleumáticas, das quais se diz habitualmente que não têm vontade própria, ainda quando imaginam tê-la. Não são, contudo, piores por causa disso. Uma vez, mas só uma vez em sua vida, Van Mitten, instigado em extremo, tinha travado uma discussão cujas consequências foram das mais graves. Nesse dia saíra inteiramente fora de si, mas recolhera-se logo em seguida, como nós recolhemos à nossa casa. Na verdade, teria talvez feito melhor em ceder, e não teria sem dúvida hesitado a este respeito se pudesse então saber o que o futuro lhe reservava.

Não convém, contudo, antecipar os acontecimentos que hão-de ser a essência desta narração.

- Então, meu amo? - disse Bruno, quando chegaram ambos à Praça de Top-Hané.

- Então, Bruno?

- Cá estamos em Constantinopla.

- É verdade, Bruno, em Constantinopla, quer dizer, cerca de mil léguas distante de Roterdão.

- E estaremos finalmente longe bastante da Holanda? - perguntou Bruno.

- Nunca acharei longe de mais! - respondeu Van Mitten, falando a meia voz, como se a Holanda estivesse tão próxima que o pudesse ouvir.

Van Mitten encontrara em Bruno um criado absolutamente

dedicado. Este, no físico, parecia-se um pouco com o amo, tanto quanto o seu respeito lho permitia, resultado do hábito de viverem juntos há muitos anos. Pode dizer-se que durante vinte anos se não tinham separado um único dia. Se Bruno era menos do que um amigo, era mais, contudo, do que um criado. Fazia o seu serviço com muita inteligência e metodicamente e não tinha escrúpulo em dar os seus conselhos, de que Van Mitten poderia ter-se aproveitado, em fazer até algumas admoestações, que seu amo ouvia de boa vontade. O que sobretudo lhe fazia raiva era que Van Mitten estivesse às ordens de todos, que não soubesse resistir à vontade dos outros, enfim, que fosse totalmente privado de carácter.

- Isso há-de fazê-lo infeliz - afirmava ele a miúdo -, e a mim também!

Deve dizer-se que Bruno, que tinha então quarenta anos, era sedentário de natureza e não podia tolerar as mudanças de lugar. Com a fadiga compromete-se o equilíbrio do organismo, fica-se derreado, emagrece-se, e Bruno, que tinha por uso pesar-se todas as semanas, não queria perder coisa alguma da sua boa presença.

14

Quando entrara ao serviço de Van Mitten não chegava a ter cem libras de peso, e era, portanto, de magreza humilhante para um holandês. Depois, em menos de um ano, graças ao excelente regime da casa, tinha aumentado em peso trinta libras e já se podia mostrar por toda a parte. Devia pois ao seu amo este respeitável aspecto, e esperava chegar a cento e cinquenta libras, o que o poria ao nível da média dos seus compatriotas. Como era preciso, contudo, ser modesto, reservava para a velhice o peso de duzentas libras.

Finalmente, estando ligado à casa, à sua terra natal, ao seu país - este país conquistado ao mar do Norte -, nunca, a não ser em circunstâncias graves, se teria Bruno resignado a deixar a habitação do canal de Nieuwe-Haven, nem a sua boa cidade de Roterdão, que, na sua opinião, era a primeira cidade da Holanda, nem essa Holanda, que lhe parecia o melhor dos reinos do mundo.

Era isto bem verdadeiro, mas não o era menos que, nesse dia, Bruno estava em Constantinopla, a antiga Bizâncio, a Istambul dos Turcos, a capital do império otomano.

Por fim de contas, quem era Van Mitten? Era nada menos do que um rico negociante de Roterdão, com comércio de tabacos, um consignatário dos melhores produtos de Havana, da Marilândia, Virgínia, Varinas, Porto Rico e, mais especialmente, da Macedónia, Síria e Ásia Menor.

Havia já vinte anos que Van Mitten fazia negócios consideráveis desse género com a casa Kéraban, de Constantinopla, a qual expedia os seus tabacos, afamados e garantidos, às cinco partes do mundo. Devido à troca de correspondência com este importante escritório, conhecia o negociante holandês a fundo a língua turca, quer dizer, o osmanli, que se fala em todo o império, e falava-o como ; verdadeiro súbdito do Padixá ou como um ministro

"Emir-el-Moumenin", o chefe dos crentes. Por simpatia, Bruno, que, como acima se disse, estava sempre ao corrente dos negócios de seu amo, falava o turco tão bem como este.

15

Estas duas criaturas originais tinham até combinado que, enquanto estivessem na Turquia, não falariam um com o outro senão em turco.

E, de facto, se não fosse o vestuário que traziam, poder-se-ia supor que eram dois osmanlis da antiga raça. Era isto agradável a Van Mitten e desagradável a Bruno.

Não obstante, esse criado obediente resignava-se e todas as manhãs dizia ao amo:

"Efendum, enrmiz nè dir" O que quer dizer: "O que deseja, senhor?"

E Van Mitten respondia-lhe em muito bom turco:

"Sitrimi, pantalounymi fourtcha." O que significa: "Escova-me o casaco e as calças."

Pelo que se disse, pode compreender-se que Van Mitten e Bruno não deviam estar atrapalhados por andarem para cá e para lá nessa vasta metrópole de Constantinopla: em primeiro lugar porque falavam bem a língua do país, e depois porque não deixavam de ter acolhimento amigável na casa Kéran, cujo chefe tinha já feito uma viagem à Holanda, e, pela lei dos contrastes, se ligara de amizade com o seu correspondente de Roterdão. Era até essa a principal razão pela qual Van Mitten, depois de sair do seu país, tivera a ideia de vir instalar-se em Constantinopla, porque Bruno, por muito que sofresse com isso, se tinha resignado a acompanhá-lo, e porque ambos, finalmente, andavam a passear na Praça de Top-Hané.

A essa hora, já avançada, começaram a aparecer alguns transeuntes, principalmente estrangeiros. Contudo, dois súbditos do Sultão passeavam, conversando, e o dono de um café, que havia ao fundo da praça, dispunha, sem se apressar muito, as mesas até então desertas.

- Antes de uma hora - disse um dos turcos - o Sol estará escondido nas águas do Bósforo, e então...

16

- Então - respondeu o outro - poderemos comer, beber e sobretudo fumar à nossa vontade!

- É um pouco longo, este jejum do Ramadão.

- Como todos os jejuns!

Por outro lado, dois estrangeiros diziam o seguinte, passeando por diante do café:

- São incríveis, estes turcos! - dizia um. - Na verdade, um viajante que só estivesse em Constantinopla no tempo desta enfadonha quaresma levaria consigo uma triste ideia da capital de Maomet!

- Ora adeus! - replicava o outro. - Londres não é mais alegre ao domingo! Se os turcos jejuam durante o dia,

desforram-se à noite; e quando o tiro de peÇa anunciar o pôr do Sol, as ruas tornarão ao seu aspecto habitual, impregnadas do cheiro das iguarias, do aroma das bebidas espirituosas e do fumo dos chibouks e dos cigarros!

Os dois estrangeiros tinham com certeza razão, porque, no mesmo instante, o dono do café chamava o criado e dizia-lhe:

- Quero que tudo esteja pronto! Dentro de uma hora aparecerão os fregueses e não saberemos a quem atender primeiro.

Em seguida, os dois estrangeiros continuavam a conversar:

- O que parece é que a cidade de Constantinopla é mais curiosa de observar durante este período do Ramadão! Se o dia é triste, maçador e pesado como a quarta-feira de cinzas, as noites são alegres, ruidosas e desvairadas como a de terÇa-feira gorda!

- Há, com efeito, um contraste!

E enquanto ambos faziam estas observações, os turcos olhavam para eles, com certa inveja.

- Como são felizes estes estrangeiros! - comentava um deles.
- Podem beber, comer e fumar à vontade!

17

- Sem dúvida - respondia o outro -, mas o que é certo é que nesta ocasião não encontrariam nem um kébal de carneiro, enfiado no espeto, nem um pilazu de galinha com arroz, nem um pastel de baklava, nem mesmo uma talhada de melancia ou de pepino...

- Porque não sabem os sítios em que isso se vende sem escrúpulos! Com algumas piastras, há sempre vendedores que receberam dispensas de Maomet!

- Por Alá! - disse então um dos turcos -, os meus cigarros secam-se na minha algibeira, e não quero que se diga que perco de boa vontade alguns paras!

E, com risco de passar por alguma sensaboria, esse crente, a quem a fé religiosa incomodava pouco, pegou num cigarro, acendeu-o e tirou algumas fumaÇas à pressa.

- Toma cuidado - recomendou o seu companheiro. - Se passa por acaso algum ulemá pouco tolerante... tu...

- Ora! Engolirei o fumo, e ele nada verá! - volveu o outro.

E continuaram ambos o passeio, divagando pela praça e pelas ruas próximas, que vão ter aos bairros de Péra e de Gálata.

- Decididamente, meu amo - disse Bruno, olhando para a direita e para a esquerda -, é esta uma cidade bem singular! Desde que saímos do hotel não temos visto senão sombras de habitantes, fantasmas constantinoplitanos! Dorme tudo, nas ruas, nos cais, nas praças; até dormem esses cães amarelos e descarnados, que nem sequer se levantam para nos morder nas pernas! Vamos lá! Digam o que quiserem os viajantes, não se ganha coisa alguma a viajar! Gosto muito mais da nossa bela cidade de Roterdão e do céu pardacento da nossa velha Holanda!

- Paciência, Bruno, paciência! - aconselhou o fleumático Van Mitten. - Há apenas algumas horas que chegámos! Confesso,

no entanto, que não é esta a Constantinopla que eu tinha imaginado! Pensa a gente que vai entrar em pleno Oriente, que vai ter um dos sonhos das Mil e Uma Noites, e acha-se presa no fundo...

- De um enorme convento - completou Bruno -, no meio de pessoas tristes como monges enclausurados!

- O meu amigo Kéraban vai-nos explicar o que tudo isto quer dizer! - declarou Van Mitten.

- Mas onde estamos nós agora? - perguntou Bruno. - Que praça é esta? Que nome tem aquele cais?

- Se me não engano - respondeu Van Mitten -, estamos na Praça de Top-Hané, mesmo no extremo da Ponta Áurea. Aqui está o Bósforo, que banha as costas da Ásia, e, do outro lado do porto, podes ver a ponta do serralho e a cidade turca, que está disposta em degraus por cima.

- O serralho! - exclamou Bruno. - Pois quê, é ali o palácio do Sultão, onde ele habita com todas as suas oitenta mil odaliscas?

- Oitenta mil, é muito, Bruno! Penso até que é de mais - mesmo para um turco! Na Holanda, onde só se pode ter uma mulher, é difícil às vezes viver bem no lar doméstico!

- Bem, bem, meu amo! Não falemos mais a esse respeito... Falemos até o menos possível!

Em seguida, Bruno, voltando-se para o café, o qual continuava a estar deserto, observou:

- Mas, parece-me que há ali um café. Nós estamos extenuados de descer este bairro de Péra! O sol da Turquia esquenta como a boca de um forno, e não é para admirar que o meu amo sinta, como eu, desejos de se refrescar!

- É o mesmo que dizer que tens sede! - retorquiu Van Mitten. - Pois bem, vamos lá a esse café.

E foram ambos assentar-se diante de uma mesa pequena, fora do estabelecimento.

- Cazuadji - gritou Bruno, batendo sobre a mesa. Ninguém apareceu.

Bruno voltou a chamar com voz mais forte.

O dono do café apareceu então ao fundo da loja, mas sem se dar pressa a acorrer ao chamamento.

"São estrangeiros! - murmurou logo que viu os dois instalados junto da mesa. - julgam eles talvez que..."

Por fim, aproximou-se.

- Cawadji, traz-nos um frasco de xarope de cerveja, bem fresco! - pediu Van Mitten.

- E o tiro de peça?-objectou o botequineiro.

- O quê, o tiro de peça? - exclamou Bruno. - Olha, e menthe, cazuadji, e menthe!

- Se não há xarope de cerveja - tornou Van Mitten -, dê-nos um copo de rahtlokoum cor-de-rosa. Parece que é uma bebida

excelente, ao que diz o meu guia de viagem.

- Quando se der o tiro de peça! - respondeu pela segunda vez o dono do café, encolhendo os ombros.

- Mas o que quer ele dizer com o seu tiro de peça? - disse Bruno, interrogando o amo.

- Ora vamos! - replicou este, sempre com modos conciliadores - se não tem rahtlokoum, traga-nos uma chávena de moca... um sorvete... o que quiser, meu amigo!

- Depois do tiro de peça!

- Depois do tiro de peça? - repetiu Van Mitten.

- Antes não - disse o botequineiro.

E, sem mais cerimónias, tornou a entrar na loja.

- Vamos embora, meu amo - disse Bruno -, saiamos deste café. Não temos aqui nada que fazer. Não querem ver este maltrapilho turco que nos responde com tiros de peça!

- Vamos lá, Bruno. Encontraremos, sem dúvida, outro botequineiro de melhor trato.

E voltaram ambos à praça.

- Decididamente, meu amo - disse Bruno -, já me tarda encontrar o seu amigo, o Sr. Kéran. Se o tivesse achado no escritório, já sabíamos agora o que tínhamos a fazer.

20

- É verdade, Bruno, mas tem um pouco de paciência. Disseram-nos que o encontraríamos aqui nesta praça.

- Mas não antes das sete horas, meu amo. É aqui, nas escadas de Top-Hané, que o caíque deve vir buscá-lo para o levar à sua casa de Escutári, do outro lado do Bósforo.

- Assim é, Bruno; esse respeitável negociante há-de esclarecer-nos acerca do que se está passando. Kéran é um verdadeiro osmanli, um homem fiel às práticas dos velhos-turcos, que nada querem admitir das coisas actuais, nem as ideias nem os costumes; protestam contra todas as invenções da indústria moderna, metem-se numa diligência de preferência a um caminho de ferro, e numa tartana*1 de preferência a um vapor! Há vinte anos que negociamos juntos e nunca percebi que as ideias do meu amigo Kéran tenham variado, pouco que seja. Quando, há três anos, foi ver-me a Roterdão, chegou em carruagem de posta, e em vez de oito dias gastou um mês na viagem! Olha, Bruno, tenho visto pessoas teimosas na minha vida, mas uma teimosia comparável à sua, nunca vi!

- Ele deve ficar muito admirado de o encontrar aqui, em Constantinopla! - observou Bruno.

- Creio que sim - concordou Van Mitten -, mas quis antes fazer-lhe uma surpresa. Ao menos com ele estaremos em plena Turquia. Não é decerto o meu amigo Kéran que há-de consentir alguma vez em se vestir com os fatos do Nizão, a sobrecasaca azul e o fez vermelho destes novos-turcos!...

- Quando tiram o fez - disse Bruno, rindo - parecem garrafas desarrolhadas.

- Ah! Esse querido e persistente Kéran! - continuou Van Mitten - há-de aparecer-nos vestido como estava quando foi ver-me a minha casa, no outro extremo da Europa,

de turbante largo e cafetã *1 cor de junquilha ou de canela.

- O quê, um negociante de tâmaras! - exclamou Bruno.

- Sim, mas um negociante de tâmaras que poderia vender tâmaras de ouro e comê-las até a todas as suas refeições! Ora aqui está! Kériban empreendeu o verdadeiro comércio que convém neste país. Negociante de tabaco! Como não se há-de fazer fortuna numa cidade em que todos fumam desde pela manhã até à tarde, e desde a tarde até pela manhã?

- O quê, fuma-se! - exclamou Bruno. - Mas onde vê o meu amo essas pessoas que fumam? Não vejo fumar ninguém; pelo contrário! E eu, que esperava encontrar diante das portas grupos de turcos, enrolados nos canudos dos narguilés, ou com os tubos de cerejeira na mão e a boquilha de âmbar na boca! Nada! Nem um charuto! Nem sequer um cigarro!

- É deveras incompreensível, Bruno; e, na verdade, as ruas de Roterdão estão mais cheias de fumo de tabaco do que as de Constantinopla!

- Ora diga-me, meu amo - perguntou Bruno -, está bem certo de que nos não enganámos no caminho? Será esta deveras a capital da Turquia? Aposto que partimos em sentido oposto e que esta não é a Ponta Aurea, mas sim o Tamisa com os seus mil barcos a vapor! Ora veja: aquela mesquita, lá em baixo, não é Santa Sofia, é Paulo Constantinopla esta cidade? Não, senhor, é Londres!

- Modera-te, Bruno - aconselhou Van Mitten. - Acho-te nervoso de mais para um filho da Holanda! Fica sossegado, paciente e fleumático, como o teu amo, e de coisa alguma te admires. Nós deixámos Roterdão depois do que tu sabes...

*1 - Barco turco de vela latina.

2 - Túnica usada pelos antigos turcos.

- Sim!... Sim!... - confirmou Bruno, abanando a cabeça.

- Viemos por Paris, Saint-Gothard, Itália, Brindisi, Mediterrâneo, e seria tolice da tua parte imaginares que o paquete das Messageries nos deixou em London-Bridge, após oito dias de travessia, e não na ponte de Gálata!

- No entanto... - opôs Bruno.

- Digo-te até que na presença do meu amigo Kériban não fales nessas coisas! Poderia acontecer que as tomasse a mal, as discutisse, teimasse...

- Tratarei disso, meu amo - aquiesceu Bruno. - Mas, como não podemos refrescar-nos, poderemos talvez, segundo creio, fumar uma cachimbada! Nisso não há decerto inconveniente algum?

- Nenhum, Bruno. Na minha qualidade de negociante de tabaco, coisa alguma me é mais agradável do que ver fumar as outras pessoas. Tenho pena até de que a natureza nos não desse mais do que uma boca! É verdade que temos o nariz para tomar

tabaco...

- E os dentes para o mastigar! - acrescentou Bruno.

Falando desta maneira, ia enchendo o enorme cachimbo de porcelana pintada e, em seguida, acendendo um fósforo, tirou algumas fumaças, com evidente satisfação.

Mas, nesse momento, os dois turcos que tinham protestado tão energicamente contra as abstinências do Ramadão tornaram a aparecer na praça. O mesmo que não escrupulizara em fumar um cigarro viu Bruno, passeando, de cachimbo na boca.

- Por Alá! - apontou ele ao companheiro. - Aqui está mais um desses malditos estrangeiros que se atrevem a infringir as proibições do Corão! Eu é que não consinto nisso...

- Ao menos apaga o cigarro! - respondeu-lhe o segundo,

23

e deitando fora o cigarro, foi direito ao digno holandês, que não esperava ser interpelado por aquela forma.

- Depois do tiro de peça, cão infiel!

- Cão és tu!

- Sossega, Bruno - recomendou Van Mitten.

- Ao menos que me dê o cachimbo! - replicou Bruno.

- Depois do tiro de peça! - declarou pela última vez o turco, fazendo desaparecer o cachimbo nas dobras do cafetã.

- Vem daí, Bruno - disse então Van Mitten. - Nunca se devem contrariar os usos dos países em que se está.

- Costumes de ladrões!

- Vem daí, já te disse. O meu amigo Kéraban não está aqui antes das sete horas. Continuaremos a passear e encontrá-lo-emos quando for tempo.

Van Mitten levou consigo Bruno, muito despeitado por lhe terem tirado um cachimbo que estimava como verdadeiro fumista.

Enquanto eles se iam, comentavam os dois turcos:

- Estes estrangeiros pensam que tudo lhes é permitido!...

- Até fumar antes do pôr do Sol!

- Queres lume?... - ofereceu um deles, tornando a acender novo cigarro.

- Quero - aceitou o outro.

- outro.

- É verdade!

24

CAPÍTULO II

O intendente Scarpante e o capitão Yarhud combinam certas coisas que é conveniente saber

A ocasião em que Van Mitten e Bruno seguiam ao longo do cais de Top-Hané, do lado da primeira ponte de barcos da Valideh-Sultan, que põe Gálata em comunicação com a antiga

Istambul, através da Ponta Aurea, um turco voltava rapidamente a esquina da mesquita de Mahmoud e parava na praça.

Eram então seis horas. Pela quarta vez durante o dia, os muezzins *1 tinham assomado aos balcões desses minaretes, cujo número nunca é inferior a quatro para cada mesquita de fundação imperial. A sua voz ressoara por cima da cidade, chamando os fiéis à oração e lançando ao espaço esta fórmula consagrada: "La Ilah il Allah vé Mohammed reçooul Allah!" (Deus é Deus e Maomet é seu profeta!)

O turco voltou um momento a cabeça e olhou para os raros passeantes que andavam pela praça, e foi ver nas diversas ruas que aí vão ter, não sem dar alguns sintomas de impaciência, se acaso não chegava uma pessoa por ele esperada.

"Quando virá esse Yarhud? - murmurou. - Ele deve saber que é esta a hora combinada."

O turco deu ainda algumas voltas pela praça e foi até

*1 - Pregadores que chamam à reza os muçulmanos.

25

ao ângulo norte do quartel de Top-Hané, olhou na direcção da fundição de canhões, batendo com o pé no chão, como um homem que não gosta de esperar, e voltou para diante do café onde Van Mitten e o seu criado tinham procurado em vão refrescar-se.

Foi então sentar-se junto de uma das mesas desertas, sem pedir coisa alguma ao cazuadji, como observador escrupuloso dos jejuns do Ramadão, que sabia muito bem não ter chegado a hora de consumir as bebidas tão variadas dos cafés otomanos.

Esse turco era nada menos do que Scarpante, intendente do Sr. Saffar, um otomano rico, que morava em Trebizonda, na Anatólia, nessa parte da Turquia asiática que forma o litoral sul do mar Negro.

Nessa ocasião, o Sr. Saffar viajava pelas províncias meridionais da Rússia e, depois de ter visitado os distritos do Cáucaso, devia voltar para Trebizonda, não duvidando de que o seu intendente tivesse obtido o melhor êxito em uma empresa de que ele o encarregara em particular. Scarpante, depois de cumprida a sua missão, devia ir ter com ele ao seu palácio, onde se via todo o luxo de uma fortuna oriental, no meio de uma cidade onde as suas equipagens eram citadas pelo seu esplendor. O Sr. Saffar nunca admitiria que um homem seu não conseguisse o que ele lhe tivesse mandado fazer. Gostava de mostrar o poder que lhe dava o dinheiro. Em tudo e por toda a parte procedia com essa ostentação característica dos costumes dos nababos da Anatólia.

O intendente era um homem audacioso, capaz de tudo, que não recuava diante de obstáculo algum e decidido a satisfazer por fás e nefas os desejos do seu senhor. Era por causa disso que tinha chegado nesse mesmo dia a Constantinopla e esperava um certo capitão maltês, que não valia mais do que ele.

Este capitão, de nome Yarhud, era comandante da tartana Guidara e fazia habitualmente viagens no mar Negro.

Ao comércio de contrabando juntava outro comércio ainda menos digno: escravos negros vindos do Soldão, da Etiópia ou do Egipto, e de circassianas ou georgianas, cujo mercado é precisamente no bairro de Top-Hané - mercado ao qual o governo de boa vontade fecha os olhos.

Entretanto, Scarpante estava à espera. Yarhud não chegava. Se bem que o intendente parecesse apático e nada no seu aspecto exterior traísse os seus pensamentos, percebia-se que uma espécie de cólera interior lhe fazia ferver o sangue.

"Onde estará ele, esse cão? - murmurou. - Teria algum contratempo? Devia ter saído anteontem de Odessa! Era esta a hora em que ele devia estar neste café, onde o empraizei!..."

Nessa ocasião apareceu um marinheiro maltês à esquina do cais. Era Yarhud. Olhou à direita e à esquerda e viu Scarpante. Este levantou-se logo, saiu do café e foi ter com o capitão da Guidara, enquanto alguns passeantes, mais numerosos, mas sempre silenciosos, andavam para um e outro lado ao fundo da praça.

- Não estou habituado a esperar, Yarhud! - afirmou Scarpante, com modos que não podiam enganar o maltês.

- Perdão - desculpou-se Yarhud -, mas fiz a diligência possível para ser exacto.

- Chegas neste momento?

- Neste momento, pelo caminho de ferro de Ianboli a Andrinopla, sem que o trem viesse atrasado...

- Quando saíste de Odessa?

- Anteontem.

- E o teu navio?

- Está à minha espera no porto de Odessa.

- Tens confiança na tripulação?

- Toda. São, como eu, malteses, completamente dedicados a quem lhes paga generosamente.

- E obedecer-te-ão?

- Em tudo o que eu quiser.

- Muito bem! Que novas me trazes, Yarhud?

- Boas e más - respondeu o capitão, abaixando a voz.

- Dize primeiro as más...

- As más são que Anasia, a filha do banqueiro Selim, de Odessa, vai casar-se dentro em pouco! O seu rapto, portanto, será mais difícil e precisará de ser feito mais depressa do que se o casamento não estivesse decidido nem próximo!

- O casamento não há-de realizar-se, Yarhud! - exclamou Scarpante, um pouco mais alto do que convinha.

- Não, juro por Maomet que se não há-de fazer!

- Eu não disse o contrário, Scarpante - volveu Yarhud. - Disse, sim, que havia intenções de o realizar.

- Pois bem - replicou o intendente -, antes de três dias o

Sr. Saffar quer que essa donzela seja levada a Trebizonda, e se tu julgas isso impossível...

- Eu não disse que era impossível, Scarpante. Com audácia e dinheiro coisa alguma é impossível. Disse apenas que era mais difícil - eis tudo!

- Difícil - repetiu Scarpante. - Não será decerto a primeira vez que uma donzela turca ou russa desaparece de Odessa, de casa de seus pais!

- E não há-de ser a última - respondeu Yarhud -, ou o capitão da Guidara não entende nada do seu ofício!

- Quem é o homem que vai desposar Anasia? - perguntou Scarpante.

- Um moço turco, da mesma raça que ela.

- Um turco de Odessa?

- Não, de Constantinopla.

- Chama-se?...

- Ahmet.

- Quem é esse Ahmet?

- É sobrinho e único herdeiro de um negociante rico de Gálata, o Sr. Kéraban.

- O que faz esse Kéraban?

28

- Negoceia em tabacos, tendo já ganho uma grande fortuna. Tem por correspondente em Odessa o banqueiro Selim. Fazem juntos negócios importantes e visitam-se a miúdo. Foi por esta forma que Ahmet conheceu Anasia. Foi assim que o casamento se combinou entre Selim e Kéraban.

- Onde são as bodas? - inquiriu Scarpante. - Aqui em Constantinopla?

- Não, em Odessa.

- Quando?

- Não sei, mas é de recear que, por instâncias de Ahmet, sejam de um momento para outro.

- Não há portanto um instante a perder!

- Nem um!

- Onde está agora Ahmet?

- Em Odessa.

- E Kéraban?

- Em Constantinopla.

- Viste o noivo, Yarhud, enquanto estiveste em Odessa?

- Tinha empenho em vê-lo e conhecê-lo, Scarpante, e assim o fiz.

- Que tal é ele.

- É um moço com condições para agradar, e que agradou à filha do banqueiro Selim.

- Deve-se recear dele?

- Dizem que é valente e arrojado e que devemos contar com ele nesta empresa.

- É independente pela posição e fortuna? - interrogou Scarpante, insistindo nos traços do carácter de Ahmet, que não deixava de lhe causar inquietação.

- Não, Scarpante - explicou Yarhud. - Ahmet depende do seu tio e tutor, o Sr. Kéraban, que lhe quer como a um filho, e

deve ir dentro em pouco a Odessa a fim de se realizar o casamento.

- Não se poderia demorar a partida de Kéraban?

29

- Seria o melhor e com isso ganharíamos tempo.

Quanto aos meios de o fazer...

- Pertence-te inventá-los, Yarhud - declarou Scarpante -, é preciso, porém, que as vontades do Sr. Saffar sejam cumpridas e Anasia seja levada a Trebizonda. Não é a primeira vez que a tartana Guidara vai por sua conta ao mar Negro, e tu sabes como Saffar paga os serviços que lhe fazem...

- Sei-o, Scarpante.

- Saffar viu, um instante só, Anasia, na sua casa de Odessa; a sua beleza seduziu-o, e ela não terá que se queixar de ter trocado a casa do banqueiro Selim pelo palácio de Trebizonda! Anasia deve, pois, ser raptada, e se o não for por ti, Yarhud, sê-lo-á por outro.

- Há-de sê-lo por mim, pode ter a certeza - respondeu simplesmente o capitão maltês. - Já lhe disse as más novas; agora vou dizer-lhe as boas.

- Fala - respondeu Scarpante, que, depois de se ter afastado um pouco, voltou para junto de Yarhud.

- Se o casamento projectado - prosseguiu o maltês - torna mais difícil o rapto, pois que Ahmet não desampará a noiva, dá ao mesmo tempo ensejo de entrar em casa do banqueiro Selim. De facto, eu não sou apenas marinheiro, mas também negociante. A Guidara tem uma carga rica: estofos de seda de Brousse, peliças de marta e de zebelina, brocados adiamantados, bordados trabalhados pelos mais hábeis artistas da Ásia Menor e outros artigos capazes de excitar a cobiça de uma noiva ainda nova. Na ocasião do casamento, deixar-se-á facilmente tentar. Poderei sem dúvida atraí-la a bordo, aproveitar qualquer vento favorável e fazer-me ao largo, antes que se dê pelo rapto.

- Parece-me isso bem imaginado, Yarhud - declarou Scarpante -, e não duvido do teu êxito. Mas toma cuidado que tudo se passe no meio do maior segredo.

- Não tenha receio, Scarpante - disse Yarhud.

30

- Não te falta dinheiro?

- Não, e nunca faltará com amo tão generoso como o seu.

- Não percas tempo. Feito o casamento, Anasia é esposa de Ahmet, e não é a mulher de Ahmet que o Sr. Saffar quer encontrar em Trebizonda.

- Compreendo.

- Portanto, logo que a filha do banqueiro Selim esteja a bordo da Guidara, pões-te a caminho?

- Sim, Scarpante, porque, antes de me pôr em campo, hei-de ter o cuidado de esperar algum vento de oeste favorável.

- E quanto tempo te é preciso, Yarhud, para ir directamente de Odessa a Trebizonda?

- Contando com os atrasos possíveis, as calmarias do Verão ou os ventos que mudam constantemente no mar Negro, a travessia pode durar três semanas.

- Muito bem - voltou Scarpante. - Voltarei a Trebizonda por essa altura e o meu amo não tardará em chegar aí.

- Espero chegar primeiro.

- As ordens do Sr. Saffar são formais e mandam que tenhas todas as atenções possíveis com Anasia. Nem brutalidade nem violência, logo que esteja a bordo!...

- Anasia será respeitada como o quer o Sr. Saffar e como ele próprio o seria.

- Conto com o teu zelo, Yarhud.

- Sou todo seu, Scarpante.

- Conto também com a tua habilidade.

- Falando verdade - acrescentou Yarhud -, eu teria mais certeza do bom êxito se o casamento se adiasse, o que poderia dar-se no caso de qualquer obstáculo se opor à partida imediata do Sr. Kéran.

- Conhece-lo, a esse negociante?

- Deve-se sempre conhecer os inimigos, ou os que têm de o ser - afirmou o maltês. - Por isso, o meu primeiro cuidado,

32

ao chegar aqui, foi procurá-lo no seu escritório de Gálata com o pretexto de negócios.

- E viste-o?...

- Um instante só, mas foi o bastante e...

Yarhud aproximou-se então de Scarpante e disse-lhe em voz baixa:

- Ora aqui está um caso singular e ao mesmo tempo um encontro feliz!

- O que é?

- Esse homem gordo que vem descendo a Rua de Péra em companhia do criado.

- Será ele?

- É ele mesmo, Scarpante - elucidou o capitão. -

Escondamo-nos e não os percamos de vista. Já sei que todas as tardes vai para a sua casa em Escutári, e, se for preciso para eu saber quando ele conta partir, segui-lo-ei ao outro lado do Bósforo!

Então Scarpante e Yarhud, misturando-se com os que andavam a passear e cujo número aumentava na Praça de Top-Hané, puseram-se em posição de ver e de ouvir, coisa aliás fácil, pois que o Sr. Kéran - como habitualmente lhe chamavam no bairro de Gálata - falava sempre em voz alta e nunca procurava esconder a sua importante pessoa.

CAPÍTULO III

O Sr. Kéran fica muito admirado de se encontrar

com o seu amigo Van Mitten

O Sr. Kéraban era, para nos servirmos de uma expressão moderna, um «homem de superfície» no físico como no moral - mostrando ter quarenta anos pela fisionomia, cinquenta, pelo menos, pela corpulência, e na realidade quarenta e cinco; o rosto era inteligente e o corpo majestoso. A barba já alvejante, terminando em duas pontas, e que ele trazia mais curta do que comprida, os olhos negros, de expressão fina, mordaz e viva, e tão sensíveis às mínimas impressões como o prato de uma balança de precisão a diferenças de um décimo de quilate, o queixo quadrado, o nariz em forma de bico de papagaio, mas sem exageração, e que dizia bem com a agudez do olhar, a boca de lábios cerrados, não se entreabrindo senão para mostrar os dentes de extrema alvura, a testa alta, bem emoldurada, com uma prega vertical, um verdadeiro sinal de teimosia situado entre as duas sobrancelhas negras como azeviche, todo este conjunto, enfim, dotava-o de uma fisionomia especial, a fisionomia de um homem original, com individualidade, muito expansivo, e que não se podia esquecer quando nos tinha, uma vez só que fosse, chamado a atenção.

Quanto ao vestuário do Sr. Kéraban, era o dos antigos turcos, que ficaram fiéis aos costumes do tempo dos janízaros:

34

turbante comprido e largo; vasto calção flutuante caindo sobre os pabouj* de marroquim; colete sem mangas, guarnecido com botões grossos, facetados e bordados a seda; cinto de caxemira comprimindo a barriga; e finalmente o cafetã cor de junquilha, cujas dobras ondulavam majestosamente. Não havia, portanto, coisa alguma à europeia neste modo antigo de se vestir, que fazia contraste com o vestuário dos orientais da nova época.

Era isto uma forma de repelir as invasões da indústria, um protesto a favor da cor local, que tende a desaparecer, um desafio aos decretos do sultão Mahmoud, cuja onipotência ordena os modernos trajes dos osmanlis.

É inútil dizer que o criado do Sr. Kéraban, um rapaz de vinte e cinco anos, chamado Nizib, tão magro que desesperaria o holandês Bruno, vestia também à moda antiga. Como jamais contrariava em coisa alguma o amo, que era o mais cabeçudo dos homens, até nisto o não quisera fazer. Era um servo dedicado, mas privado absolutamente de ideias próprias. Dizia sempre que sim, a priori, e, como um eco, repetia inconscientemente os finais das frases do temível negociante. Era este o meio mais certo de ser sempre da opinião de seu amo e de não ouvir uma resposta áspera, no que o Sr. Kéraban era, em boa verdade, pródigo.

Chegavam ambos então à Praça de Top-Hané por uma das ruas estreitas e mal calçadas que partem do bairro de Péra. Segundo o seu costume, o Sr. Kéraban ia falando em voz alta, sem se importar se o ouviam ou não.

- Pois bem, não - dizia ele. - Que Alá nos proteja, mas, no tempo dos janízaros, cada qual tinha o direito de proceder à

sua vontade, quando chegava tarde Não

Não me hei-de sujeitar aos seus novos regulamentos de polícia, e hei-de andar pelas ruas, sem lanterna na mão, se me agrada, ainda que caia em algum buraco, ou me sinta agarrado nas pernas por qualquer cão vadio

* - Chinelas turcas.

35

- Cão vadio... - repetiu Nizib.

- E tu não tens necessidade de me cansar os ouvidos com as tuas observações tolas, ou juro, por Maomet, que te estenderei as orelhas até fazer ciúmes a um burro.

- A um burro... - respondeu Nizib, que não tinha feito observação alguma, como se pode crer.

- Se o chefe de polícia me multar - tornou o teimoso -, pagarei a multa E, se me prender, irei para a prisão Mas não hei-de ceder neste ponto nem em nenhum outro

Nizib fez um sinal de aprovação. Estava pronto a ir com o seu amo para a prisão, se as coisas chegassem a esse ponto.

- Ah senhores novos-turcos - exclamou o Sr. Kéraban vendo passar alguns destes, de sobrecasaca direita e fez vermelho -, querem-nos dar a lei, acabar com os costumes antigos Pois bem, ainda que eu fosse o último a protestar... Nizib, disseste ao meu caidji que estivesse com o caíque nas escadas de Top-Hané às sete horas?

- Às sete horas

- Porque não está ele lá?

- Porque não está ele lá? - repetiu Nizib.

- É verdade que não são ainda sete horas.

- Não são ainda sete horas.

- Como sabes tu isso?

- Sei, porque o meu amo o diz.

- E se eu dissesse que eram cinco horas?

- Seriam cinco horas - respondeu Nizib.

- Não se pode ser mais estúpido

- Não se pode ser mais estúpido

- Este rapaz - murmurou Kéraban - há-de acabar por me contrariar, à força de me não contradizer.

Neste momento, Van Mitten e Bruno apareciam outra vez na praça, e Bruno repetia com o tom de um homem desapontado:

- Vamos, meu amo, vamos e safemo-nos pelo primeiro comboio

36

- Isto Constantinopla? Isto a capital do Chefe dos Crentes? Nunca

- Então, Bruno, então - dizia Van Mitten, pretendendo sossegá-lo.

Descia o crepúsculo e o Sol, oculto por detrás das eminências da antiga Istambul, deixava a Praça de Top-Hané

numa espécie de penumbra. Van Mitten não reconheceu o Sr. Kéran, com quem se encontrou no momento em que se dirigia para o cais de Gálata. Aconteceu então que, caminhando os dois em sentido inverso, começaram a contradançar, indo ao mesmo tempo ora para a direita, ora para a esquerda. Dessa contradança resultou, como sempre, uma série de movimentos suficientemente ridículos.

- Deixe-me passar, senhor - exclamou Kéran.

- Mas... - voltou Van Mitten, procurando em vão terminar a contradança.

- Quero passar

- Mas... - repetiu Van Mitten. E, logo, reconhecendo-o:

- Kéran O meu amigo Kéran por aqui

- O quê? O quê? Van Mitten? Van Mitten, aqui? Em Constantinopla?

- Como está vendo

- Quando chegou?

- Esta manhã.

- E não me foi logo procurar? Quê? A sua primeira visita não foi para mim?

- Foi. Fui procurá-lo imediatamente, mas não o encontrei...

Disseram-me que o devia encontrar aqui, às sete horas...

- E, como vê, disseram-lhe bem Ora o meu caro Van Mitten - exclamou Kéran, apertando a mão ao seu correspondente em Roterdão com um excesso de efusão que entrava muito pelos domínios da violência. - O meu caro Van Mitten em Constantinopla Como eu estava longe de o supor em Constantinopla Porque não me escreveu?

37

- Saí de Holanda tanto à pressa...

- Viagem de negócios?

- Não... viagem... de recreio. Não conhecia Constantinopla nem a Turquia, e desejava ao mesmo tempo pagar-lhe a visita que me fez em Roterdão.

- Muito bem Muito bem Mas sua esposa, a Sr.a Van Mitten... não a trouxe consigo?

- Não... não a trouxe - respondeu o holandês, depois de um momento de hesitação. - É que minha esposa não se transporta facilmente De modo que vim só com o meu criado Bruno.

- Ah Este rapaz? - disse o Sr. Kéran, inclinando levemente a cabeça, gesto a que Bruno entendeu dever corresponder curvando-se à turca, levando as mãos ao chapéu e ficando com os braços como as duas asas de uma ânfora.

- Sim, este excelente rapaz, que quer abandonar-me e voltar para...

- Voltar? - exclamou Kéran. - Voltar, sem minha licença?

- É verdade, amigo Kéran. A capital do império otomano não lhe parece muito alegre, nem muito animada...

- Um mausoléu - interrompeu Bruno. - Nem valmalha nas lojas Nem trens nas praças Nada Sombras que deslizam nas ruas e que nos empalmam os cachimbos

- Mas é o Ramadão, Van Mitten - acudiu Kéran. - Estamos em pleno Ramadão

- Ah É o Ramadão? - replicou Bruno. - Então tudo está explicado Claro como água E o que vem a ser o Ramadão, se faz favor?

- Tempo de jejum e abstinência - explicou Kéraban. - Enquanto ele dura é expressamente proibido comer, beber, fumar entre o nascer e o pôr do Sol. Mas daqui a meia hora,

38

logo depois que o tiro de peça tenha anunciado o fim do dia...

- Ora aqui está porque todos nos falavam no tiro de peça - exclamou Bruno.

- De noite tratam de desforrar-se alegremente das abstinências do dia - De modo que - perguntou Bruno a Nizib-, desde pela manhã, cruzes na boca, porque é o Ramadão?

- Porque é o Ramadão - confirmou Nizib.

- Ora aí está um regime que me faria emagrecer - declarou Bruno. - Um arrátel por dia... pelo menos

- Pelo menos - repetiu Nizib.

- Mas vai ver no que isto dá depois do sol-posto - observou Kéraban. - Vai ver e maravilhar-se; é como se, por uma mutação de mágica, um cemitério se transformasse na mais animada das cidades. Ah senhores turcos com pretensões modernistas, todas as vossas absurdas inovações não conseguirão modificar os velhos usos O Corão ri-se das vossas asneiras

- Pelo que vejo, o amigo Kéraban - observou Van Mitten - continuou fiel às antigas usanças?

- Isto é mais do que fidelidade, é casmurrice Mas diga-me, meu caro amigo, demora-se alguns dias em Constantinopla, não é assim?

- Sim... e talvez... até...

- Bem Pertence-me É meu Tomo posse da sua pessoa

- Seja Pertenço-lhe

- E tu, Nizib, encarrega-te deste rapazola - ajuntou Kéraban, indicando-lhe Bruno. - Estás especialmente incumbido de modificar-lhe as ideias que ele tem da nossa maravilhosa capital.

Nizib fez um sinal de assentimento e arrastou Bruno para o meio da multidão, cada vez mais compacta.

39

- Ora agora, estava eu pensando numa coisa - exclamou Kéraban de repente. - Chegou o que se chama na ocasião, amigo Van Mitten Seis semanas mais tarde não me apanhava em Constantinopla.

- Vós, Kéraban?

- Eu, sim Estaria a caminho de Odessa

- De Odessa?

- Sim E agora me lembra uma coisa... Se o amigo ainda cá estiver, partimos juntos...

- É que... - objectou Van Mitten.

- Qual é que, nem meio é que... Partimos juntos. Está

resolvido.

- Mas... preciso descansar... A viagem foi grande, muito rápida, portanto incômoda, e preciso descansar...

- Mas descanse aqui E torna a descansar em Odessa, durante três boas semanas

- Amigo Kéraban...

- É a minha opinião, Van Mitten. Espero que não começará a contrariar-me apenas me viu... O meu amigo deve sabê-lo muito bem: quando tenho razão, não cedo facilmente...

- Se o sei - afirmou Van Mitten.

- Além disso, o amigo não conhece o meu sobrinho Ahmet, e é necessário que trave conhecimento com ele...

- Sim, recordo-me agora de me ter falado no seu sobrinho...

- É como se fosse meu filho, Van Mitten, uma vez que não tenho filhos. Os negócios Os negócios, meu caro Nunca pude dispor de cinco minutos para me casar

- Basta um minuto - respondeu gravemente Van Mitten - e muitas vezes um minuto é de mais

- Pois vai ver o meu Ahmet em Odessa Um rapaz encantador Detesta o comércio, um pouco artista, um pouco poeta, mas encantador... um encanto de rapaz Não se parece nada com o tio, mas obedece-lhe sem replicar...

40

- Amigo Kéraban...

- Está decidido Decidido Vamos a Odessa assistir-lhe ao casamento.

- Ao casamento?

- Sim. Casa com uma mulher esplêndida... a formosa Anasia, filha do meu banqueiro Selim, um verdadeiro turco, como eu Há-de ser magnífico o casamento Festa de arromba Verá, verá

- Mas eu preferia... - murmurou Van Mitten, procurando encontrar uma última objecção.

- Está decidido Creio que não terá a pretensão de me vencer em teimas, não é assim?

- Ainda quando o quisesse...

- Perdia o seu tempo

Nesse momento, Scarpante e o capitão maltês, que passeavam ao fundo da praça, aproximaram-se. Kéraban dizia ao seu amigo:

- Então está combinado. Dentro de seis semanas, o mais tardar, partimos ambos para Odessa.

- E o casamento realiza-se...

- Logo que nós chegemos - respondeu Kéraban.

Yarhud inclinou-se ao ouvido de Scarpante.

- Seis semanas Temos tempo

- Sim, mas quanto antes melhor - replicou Scarpante. - Não nos esqueçamos, Yarhud, de que antes de seis semanas deve o Sr. Saffar estar de volta a Trebizonda.

E continuaram a passear de um lado para o outro, olho à espreita, ouvido à escuta.

Quanto a Kéraban, continuava a conversar com Van Mitten e dizia-lhe:

- O meu amigo Selim, homem todo ele pressas, e meu sobrinho Ahmet, impaciente como um namorado, queriam que o casamento se

realizasse já. Há para isso uma razão, devo dizê-lo. Se a filha de Selim não casar antes dos dezassete anos, perderá qualquer coisa como cem mil libras turcas, que uma tonta de uma tia velha deixou com esta condição.

41

Mas, dezassete anos há-de ela completá-los daqui a seis semanas De modo que eu, como eles quisessem fazer-se surdos à voz da razão, disse-lhes para os convencer: "Quer lhes convenha, quer não, o casamento não se realiza antes do fim do mês que vem."

- E o seu amigo Selim esteve pelos ajustes? - perguntou Van Mitten.

- Naturalmente

- E o seu sobrinho?

- Custou mais alguma coisa a convencer-se. Adora a noiva, o que me parece normal. Até aprovo... Tem tempo, acabou-se Ah Que se ele estivesse metido nos negócios... O meu caro Van Mitten percebe-me bem, o meu caro que, ao casar com a formosa senhora Van...

- Sim, sim, amigo Kéran... Isso, porém, passou-se há tanto tempo que apenas conservo uma leve reminiscência...

- Mas a propósito... Se é inconveniência pedir a um turco notícia das mulheres do seu harém, a um estrangeiro, pelo contrário, a inconveniência é não as pedir... Como passa a Sr.a Van Mitten?

- Bem Muito bem Excelentemente - respondeu Van Mitten, a quem estas delicadezas do seu amigo pareciam incomodar um pouco. - Bem Muito bem Sempre doente, coitada O meu caro amigo sabe... Isto de mulheres...

- Sim, ou não... não... não De mulheres não sei nada De negócios, sim, de negócios tudo o que quiser Tabacos da Macedónia para os nossos fumadores de cigarros, tabacos da Pérsia para os que fumam narguilés E os meus correspondentes de Salónica, de Erzerum, de Latakîè, Bafra, de Trebizonda, não esquecendo o meu velho amigo Van Mitten, de Roterdão Há trinta anos não faço outra coisa senão mandar fardos e fardos de tabaco para os quatro cantos da Europa

- Mandado... e fumado - observou Van Mitten.

42

- Sim, fumado... como uma chaminé de fábrica. E diga-me cá: conhece alguma coisa que seja melhor neste mundo?

- Não, decerto, amigo Kéran.

- Há quarenta anos que eu fumo, amigo Van Mitten, fiel ao meu chibouk, fiel ao meu narguilé É todo o meu harém; e fique-se com esta: não há mulher que valha uma cachimbada de tombeki

- Sou perfeitamente dessa opinião - aprovou o holandês.

- Uma ideia, amigo Van Mitten: uma vez que o encontrei, já o não largo. Deve estar a chegar ao cais o meu caïque.

Atravessamos o Bósforo e vamos jantar à minha vila de Escutári.

- É que...

- É que?... Vai comigo, já lhe disse - Ora veja lá se quer começar a fazer reflexões...

- Não, não faço. Vou acompanhá-lo. Não lhe pertença eu em corpo e alma?

- Verá, verá que beleza de vivenda. Fica a meia colina de Escutári, sob os alegres ciprestes, com vista do Bósforo e todo o panorama de Constantinopla Ah! A verdadeira Turquia é do lado de lá - Isto aqui é Europa, mas daquele lado é a Ásia, e os nossos progressistas de sobrecasaca perdem o tempo se imaginam que hão-de lá implantar as suas frescas ideias, ao atravessar o Bósforo... Então está combinado, vamos juntos...

- Faz de mim quanto quer, este meu caro Kéraban.

- Faço e farei - respondeu Kéraban. Depois, voltando-se: - Nizib? Onde está Nizib? Nizib Nizib.

Nizib, que passeava com Bruno, ouvindo a voz do amo, correu ao seu chamamento.

- Então - perguntou Kéraban -, esse caidji ainda não chegou com o caíque?

- Com o caíque? - repetiu Nizib.

- Vou mandá-lo bastonar Cem bastonadas!

43

- Oh! - exclamou Van Mitten.

- Quinhentas

- Oh - exclamou Bruno.

- Mil se me contrariam

- Sr. Kéraban - anunciou Nizib -, lá está o seu caíque.

Largou agora mesmo do cais do Serralho e, em menos de dez minutos, deve atracar aqui à rampa...

E enquanto o Sr. Kéraban, de braço dado com Van Mitten, passeava agitado de impaciência, Yarhud e Scarpante continuavam a observar.

44 45

CAPÍTULO IV

O Sr. Kéraban, mais contrariado do que nunca, insurge-se contra as autoridades otomanas

ENTRETANTO, o caidji chegara e viera avisar o Sr. Kéraban de que o caíque o esperava atracado ao cais.

Os caidjis contam-se por milhares nas águas do Bósforo e na Ponta Áurea. Os seus barcos de dois remos, construídos de forma a navegarem nos dois sentidos, têm, por assim dizer, duas proas, à semelhança de salva-vidas.

É maravilhoso ver com que rapidez estas esbeltas embarcações

deslizam, cruzando-se umas com as outras neste magnífico estreito, que separa o litoral dos dois continentes. A importante corporação dos caidjis está encarregada deste serviço desde o mar de Mármara até para lá do castelo da Europa e do castelo da Ásia, que se defrontam ao norte do Bósforo.

Os cazdjis são belos exemplares de homens, vestidos geralmente com um burudjuk, espécie de camisa de seda, o yelek de cores vivas com bordados de ouro, cuecas de algodão branco, um fez na cabeça, yemenis nos pés, pernas e braços nus.

Se o caidji do Sr. Kéran foi ou não mal recebido, por se ter demorado alguns minutos, escusado será dizê-lo. Quanto ao fleumático marinheiro, ficou como se nada fosse com ele. Ouviu, calado, todos os impropérios do Sr. Kéran, entendendo que um tão bom freguês devia ter todo o direito de gritar quanto quisesse. Por única resposta apontou-lhe o caïque atracado ao cais.

O Sr. Kéran, acompanhado de Van Mitten, seguido de Bruno e Nizib, dirigia-se para a borda da água quando começou a produzir-se certa agitação no povo que estava na Praça de Top-Hané.

O Sr. Kéran parou.

- Que será - perguntou.

O chefe de polícia do bairro de Gálata, rodeado de guardas, chegava neste momento à praça. Acompanhava-o um tambor e um corneta. Este tocou uma meia dúzia de notas, aquele rufou três vezes, e o silêncio estabeleceu-se, pouco a pouco, naquela multidão, composta de elementos extremamente heterogêneos, asiáticos e europeus.

- Mais alguma proclamação iníqua, ia apostá-lo - murmurou o Sr. Kéran, com o tom de um homem decidido a fazer respeitar os seus direitos em todo o tempo e em qualquer lugar.

O chefe de polícia desdobrou um papel, do qual pendiam os selos regulamentares, e, em voz alta, leu o seguinte:

"Por ordem de Muchir, presidente do conselho de polícia, é decretado, desde hoje, um imposto de dez paras para todas as pessoas que atravessarem o Bósforo de Constantinopla para Escutári ou de Escutári para Constantinopla, bem como fica decretado o mesmo imposto para os caíques e para quaisquer outras embarcações de vela ou a vapor.

A infracção será punida com prisão e multa.

Feita em palácio, a 16 do mês de Chaaban.

Assinado - O Muchir

Murmúrios de reprovação acolheram o novo imposto, equivalente a cinco cêntimos, em moeda francesa, por cabeça.

- Mais uma contribuição - exclamou um honrado velho que,

decerto, devia já estar acostumado a estes capri chos financeiros do Padixá.

- Dez paras O preço de meia chávena de café - acrescentou um outro.

O chefe de polícia, sabendo que na Turquia, como em toda a parte, o povo murmura mas paga, ia a retirar-se quando o Sr. Kéraban se dirigiu para ele.

- Com que então um novo imposto para todos que quiserem atravessar o Bósforo?

- Por ordem do Muchir - respondeu o chefe de polícia.

E acrescentou:

- O quê? Pois o primeiro a reclamar é Kéraban, o milionário?

- Sim, é ele: é Kéraban, o milionário

- E como passa, Sr. Kéraban? Bem, segundo parece...

- Bem, muito bem. Eu e os impostos passamos muito bem. E, diga-me: esse novo imposto começa já a vigorar?

- Já... Desde a sua proclamação...

- De modo que se eu quiser ir esta tarde, no meu caïque, como vou todas as tardes, a Escutári...

- Terá de pagar dez paras...

- Mas como eu atravesso o Bósforo duas vezes por dia, pela manhã e à tarde...

- Soma vinte paras. Ora o que é semelhante miséria para Kéraban, o milionário

- Parece-lhe isso, hem?

- O meu amo vai meter-se em trabalhos - murmurou Nizib a Bruno.

- Questões com a polícia são más questões. Terá de ceder.

- Quê? Ceder ele? Bem se vê que o não conhece.

O Sr. Kéraban, que cruzara os braços, fitou o chefe de polícia e com voz sibilante, onde a cólera começava a manifestar-se:

47

- Muito bem Acaba de chegar aqui o meu caidji que veio participar-me que o caïque está às minhas ordens, e como eu vou embarcar com o meu amigo Van Mitten, com o seu criado e com o meu...

- Terá de pagar quarenta paras - declarou o chefe de polícia. - Creio, porém, que o Sr. Kéraban tem com que pagar essa soma...

- Decerto - replicou Kéraban - tenho com que pagar quarenta paras, e cem, e mil, e cem mil, e quinhentas mil, mas não estou resolvido a pagar nada e hei-de ir para Escutári.

- Sinto contrariá-lo, Sr. Kéraban, mas não irá sem pagar...

- Hei-de ir

- Não!

- Sim.

- Amigo Kéraban - interveio Van Mitten, na louvável intenção de obrigar a ser razoável o mais intratável dos homens.

- Deixe-me, Van Mitten - redarguiu Kéraban, com a voz a tremer. - Este imposto é iníquo, é vexatório! Ninguém deve pagar! Nunca, nunca no Governo dos velhos-turcos se teria ousado o lançamento de uma contribuição aos caïques que

atravessam o Bósforo.

- Que quer? - tornou o chefe de polícia. - Os novos-turcos precisam de dinheiro e não hesitaram em lançar o imposto...

- Isso veremos - vociferou Kéraban.

- Guardas - disse o chefe de polícia, dirigindo-se aos soldados -, ficam responsáveis pela execução do decreto.

- Vamos, Van Mitten - retrucou Kéraban, batendo com o pé no chão -, vamos, Bruno, e tu, Nizib, segue-nos.

- São quarenta paras... - avisou o chefe de polícia.

- Quarenta bastonadas - exclamou o Sr. Kéraban, cuja irritação chegara ao auge. Mas, no momento em que se dirigia para o cais de Top-Hané, os guardas rodearam-no.

48

- Deixem-me - bradou ele. - Que ninguém me toque, nem com a ponta de um dedo! Por Alá, que hei-de passar sem que uma única pára me saia da algibeira!

- Passará, passará, mas pela porta da prisão - ameaçou o chefe de polícia, que, por sua vez, começava a exaltar-se -, e para depois passar cá para fora terá de pagar uma bela multa

- Hei-de ir a Escutári

- Nunca atravessando o Bósforo. Ora como não é possível ir para lá por outro caminho...

- Parece-lhe isso? - respondeu o Sr. Kéraban, com os punhos cerrados, o rosto vermelho, apoplético. - Parece-lhe isso? Pois bem, irei a Escutári, e não atravessarei o Bósforo, e não pagarei...

- Deveras?

- Ainda que eu tivesse de fazer toda a travessia do mar Negro.

- Setecentas léguas para economizar dez paras - motejou o chefe de polícia, encolhendo os ombros.

- Setecentas léguas, mil, dez mil, cem mil léguas - respondeu Kéraban -, ainda que, em vez de dez paras, se tivesse lançado um imposto de cinco, de quatro, de duas, de uma única pára

- Mas, meu amigo... - acudiu Van Mitten.

- Ainda uma vez, deixe-me! - voltou Kéraban, não admitindo observações.

- Bom Estamos servidos - murmurou Bruno.

- E hei-de subir a Turquia, atravessar o Quersoneso, passar o Cáucaso, saltar pela Anatólia e chegar a Escutári, sem ter pago uma única pára desse imposto iníquo!

- Veremos isso - respondeu o chefe de polícia.

- Já está visto - exclamou o Sr. Kéraban, no cúmulo do furor - e hei-de partir esta tarde.

49

- Diabo - disse o capitão Yarhud, dirigindo-se a Scarpante, que não tinha perdido palavra desta inesperada discussão -, isto poderia destruir o nosso plano.

- É verdade - concordou Scarpante. - Se este teimoso persiste no seu projecto, tem de passar por Odessa, e se se decidir a concluir o casamento quando passar...

- Mas... - interveio ainda uma vez Van Mitten, que queria que o seu amigo Kéraban não fizesse semelhante loucura.

- Deixe-me, já lhe disse.

- E o casamento do seu sobrinho Ahmet?

- Trata-se lá agora de casamento!

Scarpante chamou Yarhud de parte.

- Não se pode perder uma hora!

- Assim é - aprovou o capitão maltês - e, portanto, amanhã de manhã parto para Odessa pelo caminho de ferro de Andrinopla.

Em seguida retiraram-se ambos.

Nessa ocasião, o Sr. Kéraban tinha-se voltado bruscamente para o criado.

- Nizib? - chamou ele.

- Senhor?

- Anda comigo ao escritório.

- Ao escritório - repetiu Nizib.

- E o amigo Van Mitten também - acrescentou Kéraban.

- Eu?

- Sim. E Bruno também.

- Ah!

- Partiremos todos juntos.

- Hem? - exclamou Bruno, esbugalhando os olhos desmesuradamente.

- Sim. Convidei-os a jantar em Escutári - disse o Sr. Kéraban a Van Mitten - e, por Alá, hão-de jantar em Escutári... à volta!

- Mas porque não antes?... - observou o holandês, muito admirado da proposta.

- Antes de um mês, de um ano ou de dez anos, decerto que não - tornou Kéraban, em tom de voz que não admitia a mínima contradição - mas, uma vez que aceitaram o meu jantar, hão-de o comer.

- Terá tempo de esfriar - murmurou Bruno.

- Permita-me, amigo Kéraban...

- Não permito coisa alguma, Van Mitten. Venha.

O Sr. Kéraban deu alguns passos para o fundo da praça.

- Não há meio de resistir a este diabo - declarou Van Mitten a Bruno.

- Pois quê, meu amo, vai ceder a semelhante capricho?

- Como eu não estou já em Roterdão, Bruno, que me importa estar aqui ou acolá?

- Mas...

- E como eu vou com o meu amigo Kéraban, não tens outro remédio senão seguir-me!

- Ora aí está uma complicação.

- Partamos - ordenou o Sr. Kéraban.

Em seguida, dirigindo-se pela última vez ao chefe de polícia, cujo sorriso zombeteiro era de desesperar:

- Parto - disse ele - e, apesar de todos os seus decretos, hei-de ir a Escutári sem ter atravessado o Bósforo.

- Terei o gosto de assistir à sua chegada, depois de viagem tão curiosa - respondeu o chefe de polícia.

- E terei muito prazer em o encontrar à volta - replicou o Sr. Kéraban.

- Mas previno-o - avisou o chefe de polícia - que, se o imposto estiver ainda em vigor...

- E daí?

- Não o deixarei atravessar o Bósforo para voltar a Constantinopla por menos de dez paras por cabeça.

52

- E se este imposto iníquo estiver ainda em vigor - retorquiu o Sr. Kéraban no mesmo tom -, voltarei a Constantinopla sem que saia uma só para fora da minha algibeira!

Dizendo isto, o Sr. Kéraban, pegando no braço de Van Mitten, fez sinal a Bruno e a Nizib que os seguissem e desapareceu no meio da multidão, que aclamou, entusiasticamente este partidário do velho partido turco tão firme na defesa dos seus direitos.

Nesse momento ouviu-se ao longe um tiro de peça. Acabava o Sol de se esconder no horizonte do mar de Mármara, o jejum do Ramadão finalizara e os fiéis súbditos do Padixá podiam desferrar-se das abstinências desse dia tão comprido. E de repente, como tocada pela varinha de um génio, a Constantinopla transformou-se. Ao silêncio da Praça de Top-Hané sucederam-se gritos de alegria e hurras de prazer. Os cigarros, os chibouks, e os narguilés acenderam-se e o ar impregnou-se do seu fumo aromático. Os cafés encheram-se num instante de consumidores, sedentos e famintos. Iguarias de toda a espécie, yaourt de leite coalhado, kaimak, - espécie de creme fervido -, kebab, fatias de carneiro cortadas em bocadinhos, bolos de baklava saídos do forno, almôndegas de arroz cercadas de folhas de vide, espigas de milho fervidas, barris de azeitonas negras, canastras de caviar *, galinhas com arroz, cremes de mel, xaropes, sorvetes, café, tudo o que se come e se bebe no Oriente apareceu na frente dos botequins, enquanto muitas lanternas pequenas, penduradas a espirais de cobre, subiam e desciam, movidas pelas mãos dos cawadjis.

Depois, a cidade velha e os seus bairros novos iluminaram como que por encanto. As mesquitas, Santa Sofia e Suleimanieh, Sultan-Ahmed e todos os edifícios religiosos ou civis,

53

desde Serai-Bournou até às colinas de Eyoub, coroaram-se de fogos multicores. De um minarete a outro estenderam-se filetes luminosos, traçando os preceitos do Corão no fundo sombrio do céu. O Bósforo, sulcado de caíques com as lanternas caprichosamente balanceadas pelas ondas, cintilava como se as

estrelas do firmamento lhe tivessem caído no leito. Os palácios, erguidos de um e de outro lado, as vilas das margens da Ásia e da Europa, Escutári, a antiga Crisópolis e as suas casas, dispostas em anfiteatro, deixavam ver as linhas de fogo, duplicadas pelo reflexo das águas.

Ao longe ouviam-se os sons do adufe, da louta ou viola, o tabourka, o rebel e a flauta, misturados com os cantos das orações entoados à queda do dia. E, do alto dos minaretes, os muezzins, com voz que se prolongava em três notas, faziam à cidade em festa a última chamada à oração da tarde, formada de uma palavra turca e duas árabes: Allah, hcrkk hébir (Deus, Deus grande)

* - Ovas de solho salgadas.

54 55

CAPÍTULO V

O Sr. Kéraban discute a seu modo a forma
como compreende as viagens
e deixa Constantinopla

A Turquia europeia tem actualmente três divisões principais: a Romélia (Trácia e Macedónia), a Albânia e a Tessália, e mais uma província tributária, a Bulgária. Só depois do tratado de 1878 é que o reino da Roménia (Moldávia, Valáquia e Dobroutcha) e os principados da Sérvia e Montenegro foram declarados independentes, e que a Áustria ocupa a Bósnia, excepto o sandjak de Novi-Bazar.

Uma vez que o Sr. Kéraban pretendia seguir o perímetro do mar Negro, devia seguir primeiro no seu itinerário o litoral da Romélia, da Bulgária e da Roménia a fim de chegar à fronteira russa.

Daqui, através da Bessarábia, Quersoneso e Taurida, ou antes, o país dos Tcherkesses, através do Cáucaso e da Transcaucásia, devia este itinerário contornar a costa setentrional e oriental do antigo Ponto Euxino até ao limite que separa a Rússia do império otomano.

pelo litoral da Anatólia, ao sul do mar Negro, Depois,, este homem, o mais cabeçudo dos Osmanlis devia voltar ao Bósforo por Escutári, sem ter pago coisa alguma do imposto novo.

Na realidade, era um percurso de seiscentas e cinquenta agatchs turcas, que correspondem pouco mais ou menos a dois mil e oitocentos quilómetros ou, contando , por léguas otomanas quer dizer, a distância que uma besta de carga percorre numa hora em passo normal, era uma travessia de setecentas léguas de vinte e cinco ao grau. Ora, do dia 17 de Agosto (Chaaban) a 30 de Setembro (Ramazan) há quarenta e cinco dias. Tinha pois de andar quinze léguas em vinte e quatro horas para poder estar de volta em 30 de Setembro, a data mais afastada em que fora fixado o casamento de Anasia,

se esta quisesse ficar nas condições determinadas para poder herdar as cem mil libras de sua tia. Enfim, como quer que fosse, ele e o seu convidado não se assentariam à mesa da vila, onde o jantar os aguardava, antes de quarenta e cinco dias.

Contudo, empregando meios de transporte rápidos e aproveitando em certos pontos o caminho de ferro, poder-se-ia ganhar tempo e diminuir a extensão da viagem. Assim, partindo de Constantinopla, há um caminho de ferro que leva a Andrinopla, e, por um ramal, a Ianboli. Mais ao norte, a linha de Varna a Roustchouk entronca nas linhas da Roménia, e estas, prolongando o itinerário através da Rússia Meridional, por Iassi, Kissecheneff, Kharkow, Taganrog e Nachintschewan, vêm ter à cadeia do Cáucaso. Finalmente, de Tiflis a Poti, há um troço de linha que vai até ao litoral do mar Negro, quase na fronteira turco-russa. Depois, na Turquia asiática, não há mais nenhuma via férrea antes de Brousse; mas aqui há uma última linha que vem ter a Escutári.

Mas ninguém devia sequer pensar em fazer compreender isso ao Sr. Kéran. Entrar num vagão do caminho de ferro, prestar assim culto aos progressos da indústria moderna, ele, um velho-turco, que há quarenta anos resistia com todas as forças a esta invasão das invenções europeias? Nunca! Faria antes a viagem a pé de que ceder nesse ponto.

Por isso, nessa mesma tarde, quando ele e Van Mitten chegaram ao escritório de Gálata, houve a este respeito princípios de discussão.

56

Às primeiras palavras que o holandês disse das linhas férreas turcas e russas, o Sr. Kéran respondeu a princípio encolhendo os ombros e depois com uma recusa categórica.

- Contudo... - replicou Van Mitten, que julgou dever insistir pró-forma, mas sem esperança de convencer o seu amigo.

- Quando eu digo que não, é porque não - replicou o Sr. Kéran. - Além disso, o meu amigo pertence-me, é meu convidado, está ao meu cuidado, e não tem que ver com o que eu faço.

- Pois seja - admitiu Van Mitten. - Contudo, à falta de linhas férreas, talvez que houvesse um meio muito simples de chegarmos a Escutári sem atravessar o Bósforo, mas também sem dar a volta à roda do mar Negro...

- Qual é? - perguntou Kéran, franzindo as sobrancelhas. - Se o meio é bom, adopto-o; se é mau, rejeito-o.

- É, excelente - garantiu Van Mitten.

- Então fale depressa. Temos que fazer os preparativos de partida. Não há uma hora a perder.

- Aqui está o meio, amigo Kéran. Vamos desembarcar em um dos portos do mar Negro mais próximos de Constantinopla, fretamos um vapor...

- Um vapor! - exclamou o Sr. Kéran, a quem esta palavra punha fora de si.

- Não... um barco... um simples barco à vela - apressou-se a

dizer Van Mitten -, um xaveco, uma tartana, uma caravela, e dirigimo-nos a um dos portos da Anatólia, Kirplh, por exemplo. Depois de estarmos neste ponto do litoral, num dia chegaremos tranquilamente por terra a Escutári, onde beberemos ironicamente à saúde do Muchir.

O Sr. Kéraban deixou falar o seu amigo sem o interromper. Já este cria talvez que seria bem acolhida a sua proposição, aliás muito aceitável, e que salvaguardava todas as questões de amor-próprio.

57

Ouvindo, porém, esta proposta, o olhar do Sr. Kéraban animou-se, os dedos dobraram-se-Lhe e desdobraram-se-lhe sucessivamente, e com as duas mãos abertas estendeu os braços com um aspecto de que Nizib não gostou muito.

- Nesse caso, Van Mitten, o que me aconselha é que atravesse o mar Negro para não passar pelo Bósforo?

- Não era mal pensado, a meu ver - respondeu Van Mitten.

- Já ouviu falar alguma vez - perguntou Kéraban - de certo género de doença que se chama enjoo?

- Sem dúvida, amigo Kéraban.

- E nunca a teve, com certeza?

- Nunca. Além disso, em travessia tão curta...

- Tão curta - tornou Kéraban. - Parece-me que Lhe ouvi dizer "em travessia tão curta".

- Apenas sessenta léguas.

- Ainda que só fossem cinquenta, vinte ou mesmo cinco - exclamou o Sr. Kéraban, a quem a contradição começava, como sempre, a sobreexcitar -, ainda que só fossem duas, ainda que só fosse uma, seria ainda muito para mim.

- Mas é bom reflexionar...

- Conhece o Bósforo?

- Conheço.

- Tem apenas meia légua de largura defronte de Escutári...

- Tem, com efeito.

- Pois bem, Van Mitten, ainda que sobre apenas uma ligeira brisa, enjoo, quando o atravesso no meu caíque.

- Enjoo?

- Enjoaria até num tanque. Enjoaria numa tina. Atreva-se agora a dizer-me que siga esse caminho. Atreva-se a propor-me que frete um xaveco, uma tartana, uma caravela ou qualquer outra máquina de destruição desta espécie Atreva-se.

58

Escusado será dizer que o digno holandês não se atreveu, e a questão da travessia por mar foi, conseqüentemente, posta de parte.

Como se faria pois a viagem? As comunicações são muito difíceis - pelo menos na Turquia propriamente dita -, mas não impossíveis. Nas estradas vulgares há mudas e coisa alguma

impede que se jorneie a cavalo, com provisões, acampamento e cantina, conduzido por um guia, a menos que não se queira ir atrás do tatar, quer dizer, do correio encarregado do serviço postal; mas, como este correio tem de empregar um tempo limitado para ir de um ponto para o outro, segui-lo é muito fatigante, para não dizer impraticável, sobretudo para quem não está habituado a estas caminhadas.

Certo é que o Sr. Kéraban não tencionava dar, por esta maneira, a volta à roda do mar Negro. Iria depressa, sim, mas iria confortavelmente. A questão era simplesmente de dinheiro, coisa que não prendia o rico negociante do bairro de Gálata.

- Pois bem-disse Van Mitten, resignado já -, como não viajamos nem em caminho de ferro, nem em barco, de que forma viajaremos, amigo Kéraban?

- Em carruagem de posta.

- Com os seus cavalos?

- Com os cavalos da posta.

- Se os houver disponíveis em toda a viagem!...

- Havemos de encontrá-los.

- Há-de custar-lhe caro isso!

- Há-de custar-me o que me custar - retrucou o Sr. Kéraban, que começava de novo a animar-se.

- Não lhe custa isso menos de mil libras turcas * e talvez mil e quinhentas!

- Pois sejam milhares e até milhões - exclamou o Sr. Kéraban -, sim, milhões, se for preciso.

*1 - A libra turca é uma moeda de ouro que valia então 34 francos e 55 cêntimos ou 100 piastras, cada uma das quais valia 22 cêntimos.

Já acabou as suas objecções?

- Já - declarou o holandês.

- Era tempo.

Foram ditas de tal modo estas últimas palavras que Van Mitten tomou o partido de se calar.

Observou, não obstante, ao seu imperioso amigo, que essa viagem exigia despesas consideráveis; que esperava de Roterdão uma quantia muito importante, que tencionava depositar no Banco de Constantinopla, que nessa ocasião não tinha dinheiro, e que... etc.

Mas o Sr. Kéraban fê-lo calar, dizendo-lhe que todas as despesas de viagem eram com ele; que Van Mitten era seu convidado; que o rico negociante do bairro de Gálata não tinha o costume de fazer pagar os seus hóspedes, e que... etc.

Depois deste etcetera, o holandês calou-se, e fez bem.

Se o Sr. Kéraban não fosse possuidor de uma carruagem antiga de fabricação inglesa, que já tinha posto à prova, ter-se-ia visto obrigado a servir-se nesta difícil e extensa travessia da araba turca, puxada as mais das vezes por bois; mas a

antiga carruagem, sege de posta, em que tinha feito a viagem a Roterdão, conservava-se como sempre na cocheira e em perfeito estado.

Nesta carruagem três passageiros viajavam confortavelmente. Adiante, entre as molas em colo de cisne, o jogo dianteiro suportava um enorme cofre para provisões e bagagens; atrás da caixa principal havia igualmente um cofre, encimado por um cabriolé, dentro do qual dois criados iam muito à vontade. O carro, devendo ser tirado por sotas, não tinha almofada para cocheiro.

Tudo isto poderia parecer um pouco velho no aspecto e faria rir sem dúvida os entendidos na matéria, mas o veículo era sólido, com bons eixos, rodas de largas pinas e raios sólidos, jogando em molas de aço de primeira qualidade, nem muito duras, nem muito macias, e podendo desafiar os solavancos em trilhos apenas marcados pelo meio dos campos.

60

Portanto, Van Mitten e o seu amigo Kéraban, no fundo do cupé, com postigos de vidro, e Bruno e Nizib, empoleirados no cabriolé, que tinha na frente um caixilho envidraçado, iriam num aparelho de locomoção capaz de chegar à China. Felizmente, o mar Negro não se estendia até ao litoral do Pacífico; de contrário, Van Mitten iria decerto até ao Celeste Império.

Começaram imediatamente os preparativos para a partida. O Sr. Kéraban não podia deixar a cidade nessa tarde, como tinha dito no calor da discussão, mas queria pôr-se a caminho pelo menos no dia seguinte, ao romper da aurora.

Não era, portanto, muito uma noite para dispor todas as coisas e regular todos os negócios. Por isso mandaram-se chamar os empregados do escritório, quando eles iam desferrar-se a qualquer restaurante das privações desse comprido dia de jejum. Felizmente, Nizib era muito expedito nessas ocasiões.

Por seu lado, Bruno teve de voltar ao Hotel de Pesth, na Rua Grande de Péra, onde seu amo e ele se tinham alojado nessa manhã, a fim de levar para o escritório toda a bagagem de Van Mitten e a sua. O submisso holandês, a quem o seu amigo não perdia de vista, não se atreveria a deixá-lo um só instante.

- Então, é coisa decidida, meu amo? - interrogou Bruno, quando ia a sair do escritório.

- Que queres tu que se faça com este demónio? - respondeu Van Mitten.

- Vamos então dar a volta ao mar Negro?

- A menos que o meu amigo Kéraban não mude de ideias no caminho, o que não é provável.

- Entre todas as cabeças-de-turcos que servem nas feiras para experimentar forças, não me parece que se possa encontrar uma tão dura como a dele.

61

- Essa imagem, se não é muito respeitosa, é muito justa, Bruno - concordou Van Mitten.
- E eu que esperava descansar algum tempo em Constantinopla, meu amo - voltou Bruno, cheio de pesar.
- As viagens e eu...
- Isto não é uma viagem, Bruno - respondeu Van Mitten -, é simplesmente um caminho diverso que o meu amigo Kéraban segue para ir jantar a sua casa.

Esta maneira de encarar as coisas não acalmou Bruno.

Não gostava este de viajar, e ia fazê-lo durante semanas, meses até, através de países desconhecidos, o que o interessava muito pouco, mas difíceis de atravessar e até perigosos, o que lhe dava mais cuidado. Além disso, com as fadigas inerentes a estas largas travessias, emagreceria com certeza e perderia decerto esse peso normal - cento e sessenta e sete libras - que apreciava tanto.

E continuava a atormentar os ouvidos do amo com o seu terno e lamentoso estribilho:

- Há-de Lhe acontecer alguma desgraça, digo-lho eu; há-de Lhe acontecer alguma desgraça.

- Veremos - respondeu o holandês -, mas vai sempre buscar as minhas bagagens, enquanto eu vou comprar um guia para conhecer os diversos países e uma carteira para escrever as minhas impressões; e depois volta para aqui, Bruno, e descansarás...

- Quando?

- Quando tivermos dado a volta ao mar Negro, uma vez que é nosso destino fazê-lo.

Depois desta reflexão fatalista, que parecia feita por um muçulmano, Bruno, abanando a cabeça, saiu do escritório e dirigiu-se ao hotel.

A verdade era que tal viagem se lhe não afigurava muito boa.

Duas horas depois voltava Bruno, seguido de alguns moços de recados, com os seus ganchos rombos, seguros às costas por fortes suspensórios.

Eram desses indígenas, vestidos de feltro, com meias de lã grossa, a cabeça coberta com um halah bordado a seda multicolor, e calçados com hanmals que Teófilo Gautier qualificou justamente de «camelos de dois pés sem corcovas».

Não faltavam contudo a estes as bossas, graças aos muitos fardos que traziam às costas. Puseram tudo na entrada do escritório e começaram a meter as bagagens na carruagem de posta, que tinha sido tirada da cocheira.

Entretanto, o Sr. Kéraban, na sua qualidade de negociante cuidadoso, punha os seus negócios em ordem. Via qual o estado da caixa, verificava as contas diárias, dava instruções ao chefe dos empregados, escrevia algumas cartas e metia na bolsa uma importante quantia em ouro, pois que o papel-moeda, depreciado em 1862, já não tinha curso.

Como Kéraban devia ter necessidade de certa porção de moeda

rusa na parte que contorna o litoral do império moscovita, era sua intenção trocar as libras turcas em casa do banqueiro Selim, visto que o seu itinerário o obrigava a passar por Odessa.

Todos os preparativos terminaram rapidamente. Nos cofres da carruagem meteram-se as provisões e no interior algumas armas, pois não se sabia o que poderia acontecer, e era bom estar-se pronto para tudo. Além disso, o Sr. Kéraban não se esqueceu de dois narguilés, um para Van Mitten e outro para ele, utensílios indispensáveis a um turco que é ao mesmo tempo negociante de tabacos.

Os cavalos tinham sido alugados nessa mesma tarde e deviam estar ali ao romper da alva. Desde a meia-noite até à madrugada havia algumas horas que foram destinadas primeiro a cear e depois a dormir, de forma que, mal o Sr. Kéraban deu o sinal de despertar, saltaram todos fora da cama e vestiram os trajos de viagem.

A carruagem de posta estava pronta, com as bagagens dentro, o postilhão já montado, e aguardava só os viajantes.

63

O Sr. Kéraban deu as suas últimas instruções aos empregados do escritório.

Já não restava senão partir.

Van Mitten, Bruno e Nizib esperavam em silêncio à porta do escritório.

- Está então bem decidido? - disse ainda uma vez Van Mitten ao seu amigo Kéraban.

Como única resposta, mostrou este a carruagem, cuja porta estava aberta.

Van Mitten inclinou-se, pôs o pé no estribo e instalou-se no fundo do cupé, à esquerda. Junto dele assentou-se o Sr. Kéraban. Nizib e Bruno treparam para o cabriolé.

- Ah! A minha carta - exclamou Kéraban, quando a ruidosa equipagem ia partir.

E, abaixando o postigo, deu a um dos empregados uma carta, ordenando-lhe que a deitasse no correio nessa mesma manhã.

A carta era para o cozinheiro da vila de Escutári e tinha só estas palavras:

"Jantar adiado até à minha volta. Modifique a ementa: sopa de leite coalhado, costeletas de carneiro adubadas. Nada de muito cozido."

Em seguida a carruagem partiu, desceu as ruas do bairro, atravessou a Ponta Áurea pela ponte de Valideh-Sultan e saiu da cidade por Senikapoussi, a «porta nova».

O Sr. Kéraban partiu. Que Alá o proteja.

CAPÍTULO VI

Começam os viajantes a passar algumas dificuldades, principalmente no delta do Danúbio

Do ponto de vista administrativo, a Turquia europeia está dividida em vilayetes, governos ou departamentos, governados por um váli, espécie de governador civil nomeado pelo Sultão. Os vilayetes subdividem-se em sandjaks ou distritos, dirigidos por um moustesarif, em kazas ou cantões, administrados por um caimacan, e em nahies ou municípios, com um administrador. É, portanto, pouco mais ou menos o sistema administrativo da França.

O Sr. Kériban não devia ter muito que ver com as autoridades dos vilayetes da Romélia, que é atravessada pela estrada de Constantinopla à fronteira. Esta estrada é a que se afasta menos do litoral do mar Negro e encurta tanto quanto possível a travessia.

O tempo estava lindo para viajar e o ar refrescado pela brisa do mar, que circulava sem obstáculos por esta região bastante plana. Eram campos de milho, cevada e centeio, extensas vinhas, dessas que prosperam nas partes meridionais do império otomano, depois, florestas de carvalhos, abetos, faias e bétulas, agrupados, aqui e ali, plátanos, árvores-de-judas, loureiros, figueiras, alfarrobeiras e, mais particularmente, nas proximidades do mar, romãzeiras e oliveiras, perfeitamente iguais às das mesmas latitudes do Sul da Europa.

Saindo pela porta de Ieni, a carruagem tomou pela estrada de Constantinopla a Choumla, que tem um ramal que vai ter a Andrinopla por Kirk Kilissé. Esta estrada segue lateralmente e até atravessa em vários pontos a linha férrea que põe Andrinopla, essa grande capital da Turquia europeia, em comunicação com a metrópole do império otomano.

Precisamente na ocasião em que a carruagem rodava junto da linha férrea, vinha o comboio a passar. Um dos passageiros deitou rapidamente a cabeça de fora da portinhola do vagão e pôde ver a equipagem do Sr. Kériban, puxada com celeridade por vigorosos cavalos.

Este viajante era o capitão maltês Yarhud, que ia para Odessa, aonde, graças à rapidez dos caminhos de ferro, devia chegar muito mais cedo que o tio de Ahmet.

Van Mitten não pôde deixar de mostrar ao seu amigo o comboio correndo com grande velocidade.

Kériban, segundo o seu habitual costume, encolheu os ombros.

- Amigo Kériban, chega-se mais depressa! - disse Van Mitten.

- Quando se chega! - respondeu o Sr. Kériban.

Durante este primeiro dia de viagem não se perdeu nem uma hora. Como havia dinheiro, nunca houve dificuldade nas mudas, e os cavalos, atrelados docilmente à carruagem, não se fizeram rogar mais que os postilhões para puxarem um senhor que pagava tão generosamente.

Passaram os viajantes por Tchataldjé, por Buyuk-Khan, pelo vale de Tchorlou, pela aldeia do Yeni-Keni, e depois pelo vale de Gálata, através do qual, a dar-se crédito à lenda, passam

canais subterrâneos, que dantes traziam água à capital.

Pela tarde, a carruagem parou e demorou-se apenas uma hora na pequena vila de Serai. Como as provisões que vinham na carruagem eram mais especialmente destinadas às regiões onde seria difícil encontrar que comer, mal que fosse,

66

convinha reservá-las. Jantaram, pois, em Serai razoavelmente, e continuaram o caminho.

Bruno achou que era um pouco duro passar a noite no cabriolé, mas Nizib entendeu ser isso muito natural e dormiu, fazendo com que o seu sono contagioso se apoderasse do companheiro.

A noite terminou sem incidentes, graças a uma extensa e sinuosa volta que a estrada dava nas proximidades de Visa, para evitar as subidas ásperas e os terrenos pantanosos do vale. Não viu pois Van Mitten, com grande pesar seu, coisa alguma desta pequena cidade de sete mil habitantes, quase toda ocupada por população grega, e onde reside um bispo ortodoxo. É que Van Mitten não tinha vindo para ver, mas sim para acompanhar o imperioso Sr. Kéran, que não pensava em ter impressões de viagem.

De tarde, pelas cinco horas, depois de terem atravessado as aldeias de Bounar-Hissan, de Iena e de Uskup, os viajantes contornaram um pequeno bosque cheio de túmulos, onde repousam os restos das vítimas que foram degoladas por uma quadrilha de salteadores, que dantes por ali andava, e chegaram depois a uma cidade muito importante, de dezasseis mil habitantes, Kirk Kilissé. O seu nome, «Quarenta Igrejas», é justificado pelo grande número de monumentos religiosos que tem. É propriamente uma espécie de pequeno vale, tendo as casas ao fundo e dos lados, e que Van Mitten, seguido de Bruno, examinou durante algumas horas.

A carruagem foi guardada no pátio de um hotel menos mau, onde o Sr. Kéran e os seus companheiros passaram a noite, partindo de madrugada.

No dia 18 de Agosto os postilhões passaram pela aldeia de Karabournar e chegaram de tarde, a hora já avançada, à aldeia de Bourgaz, situada no golfo que tem este nome.

67

Nessa noite os viajantes dormiram num khan, espécie de estalagem muito ordinária, que não valia decerto a carruagem de posta.

No dia seguinte, pela manhã, dirigiram-se a Aidos pela estrada que se afasta do litoral do mar Negro, e de tarde chegaram a Paravadi, uma das estações do caminho de ferro que vai de Choumla a Varna. Iam atravessando então a província da Bulgária, na extremidade sul de Dobroutcha, ao pé das últimas ameias laterais da cadeia dos Balcãs.

Houve aí grandes dificuldades por causa da passagem, ora

pelo meio de vales pantanosos, ora através de florestas de plantas aquáticas, de extraordinário desenvolvimento, sobre as quais a carruagem dificilmente conseguia andar, espantando milhares de galinholas e narcejas, espalhadas pelo solo montuoso desta região tão acidentada.

Sabe-se que os Balcãs formam uma cadeia muito importante, a qual, dirigindo-se para o mar Negro, por entre a Romélia e a Bulgária, destaca da vertente setentrional numerosas cadeias laterais, que vão ter quase ao Danúbio.

Teve então o Sr. Kéraban ensejo de submeter a sua paciência a uma rude prova.

Quando atravessavam a extremidade da cadeia, com o fim de chegar a Dobroutcha, encontraram encostas de um declive quase impossível de subir, curvas de caminho tão bruscas que a carruagem quase que não podia dar a volta, caminhos estreitos, ladeados de precipícios, caminhos feitos mais para cavalos do que para carruagens, e tudo isto levou muito tempo a percorrer e deu azo ao mau humor e às recriminações. Por várias vezes os cavalos foram tirados e as rodas calçadas em qualquer ponto pior, e calçadas sobretudo com grande número de piastras, que entravam na algibeira dos postilhões, os quais queriam voltar para trás.

O Sr. Kéraban não se fartou de trovejar contra o Governo actual, que tinha em tão mau estado as estradas do império,

68 69

e cuidava tão pouco em facilitar o trânsito pelas províncias! O Divã não hesitava, contudo, quando se tratava de impostos, de taxas, de vexames de qualquer género, e o Sr. Kéraban bem o sabia! Dez paras para atravessar o Bósforo! O seu pensamento, a sua ideia fixa era sempre essa! Dez paras! Dez paras!

Van Mitten tinha todo o cuidado em não dar resposta alguma ao seu companheiro de viagem.

A sombra apenas de uma contradição traria por certo qualquer cena desagradável. Por isso, para o acalmar, falava mal também do Governo turco em particular e de todos os Governos em geral.

- Mas não é possível - dizia Kéraban - que na Holanda haja semelhantes abusos!

- Certamente que os há, amigo Kéraban - respondia Van Mitten, que queria primeiro que tudo sossegar o seu companheiro.

- Já lhe disse que não! - voltava este a dizer. - Já lhe disse que só em Constantinopla é que são permitidas estas iniquidades! Porventura em Roterdão se pensou alguma vez em lançar um imposto sobre os caíques?

- Lá não temos caíques.

- Isso não faz ao caso.

- O quê, não faz ao caso?

- Já se vê que não. Ainda que os houvesse, o rei nunca se atreveria a tributá-los. Venham-me cá dizer agora que o Governo destes novos-turcos não é o pior dos Governos que há no mundo!

- É o pior com certeza! - admitia Van Mitten, para cortar

cerce uma discussão prestes a romper.

E, para melhor terminar o que não era por enquanto senão uma simples conversa, puxou do seu comprido cachimbo holandês. Ao ver isto, o Sr. Kéranban teve desejos de se atordoar também no fumo do narguilé. Não tardou pois que o cupé se enchesse de fumo, sendo preciso baixar os vidros para Lhe dar saída. O entorpecimento narcótico apoderou-se do teimoso viajante,

69

fazendo com que ele ficasse mudo e sossegado até que algum incidente o fizesse voltar à realidade.

Entretanto, à falta de lugar onde pudessem acampar nesse país meio selvagem, os viajantes passaram a noite de 19 para 20 de Agosto na carruagem de posta. Foi só de manhã que, tendo passado as últimas ramificações dos Balcãs, se acharam além da fronteira romena, nos terrenos mais viáveis de Dobroutcha.

Esta região é como uma península, formada por um comprido cotovelo do Danúbio, que, depois de se ter elevado para o norte, na direcção de Gálata, volta para o lado de este pelo mar Negro, onde se lança por muitas línguas de terra. Esta espécie de istmo, que liga esta península à dos Balcãs, está circunscrito pela parte da província, situada entre Tchernavoda e Kustendjé, onde passa uma pequena linha férrea de quinze a dezasseis léguas, ou mais, que parte de Tchernavoda, mas ao sul desta linha, sendo a região sensivelmente a mesma que ao norte, sob o ponto de vista topográfico, pode dizer-se que as planícies de Dobroutcha começam na base das últimas montanhas balcânicas.

Os Turcos denominam «o bom país» esta porção de terreno, muito fértil, onde a terra pertence ao primeiro que a ocupa, e que é, se não habitada, pelo menos percorrida por tatars, pastores, e povoada de Valáquios, na parte que está próxima do rio. O império otomano possui aí uma região imensa, onde os vales são pequenas escavações no solo quase sem relevo, antes uma série de planaltos, que se prolongam até às florestas existentes na foz do Danúbio.

Neste solo as estradas, sem encostas abruptas, nem declives bruscos, deixavam rolar a carruagem com mais rapidez. Os donos das mudas já não tinham o direito de praguejar quando viam meter os cavalos à carruagem, ou, se o faziam, era para não perderem o costume.

70

Continuou pois a viagem depressa e bem.

Nesse dia, 20 de Agosto, ao meio-dia, a carruagem fez as mudas em Koslidcha e na mesma tarde em Bazardjik.

Decidiu-se o Sr. Kéranban a passar aqui a noite, para que todos tivessem algum descanso, no que Bruno lhe ficou reconhecido, sem dizer coisa alguma, por prudência.

No dia seguinte, ao romper da aurora, a carruagem, puxada por cavalos folgados, corria na direcção do lago Karasou,

espécie de vasto funil, cujo conteúdo, alimentado por fontes profundas, vai lançar-se no Danúbio, na época das águas baixas. Em doze horas tinham sido percorridas pouco mais ou menos vinte e quatro léguas, e, pelas oito horas da tarde, paravam os viajantes perto da linha férrea de Kustendjé a Tchernavoda, em frente da estação de Medjidié, uma cidade nova, que tem já vinte mil almas e promete tornar-se cada vez mais importante.

Aqui, muito a seu pesar, o Sr. Kéran não pôde atravessar imediatamente a linha para ir ao khan, onde tencionava passar a noite. A linha estava ocupada por um comboio e foi preciso esperar mais de um quarto de hora que a passagem estivesse livre.

Resultou daqui uma série de queixas e de recriminações contra essas administrações dos caminhos de ferro, que julgam ser-lhes tudo permitido - não só esmagar os viajantes que caem na tolice de entrar nos seus veículos, como atrasar os que o não querem fazer.

- Em todo o caso - disse Kéran a Van Mitten -, não hei-de ser eu quem seja um dia vítima de algum desastre em caminho de ferro!

- Quem sabe! - respondeu, talvez imprudentemente, o digno holandês.

- Sei-o eu! - replicou o Sr. Kéran, de maneira a cortar qualquer discussão.

Finalmente, o comboio saiu da estação de Medjidié, as barreiras abriram-se, a carruagem passou e os viajantes puderam descansar em um khan, bastante confortável, estabelecido nesta cidade, cujo nome foi escolhido em honra do sultão Abdul-Medjid.

No dia seguinte chegavam todos, sem dificuldade, a uma espécie de planície deserta, em Babadagh, mas tão tarde que lhes pareceu mais conveniente continuarem a viagem de noite. De tarde, pelas cinco horas, pararam em Toultscha, uma das cidades mais importantes da Moldávia.

Nesta cidade, de trinta a quarenta mil almas, onde habitam à mistura tcherkesses, nogais, persas, curdos, búlgaros, romenos, gregos, arménios, turcos e judeus, não podia o Sr. Kéran ter dificuldade em encontrar um hotel algum tanto confortável. Foi o que ele fez. Van Mitten, com permissão do seu companheiro, teve tempo de visitar Toultscha, cujo anfiteatro, muito pitoresco, se estende na vertente norte de uma pequena cadeia, no fundo de um golfo, formado por um alargamento do rio, quase em frente da cidade dupla de Ismail.

No dia seguinte, 23 de Agosto, seguia a carruagem ao longo do Danúbio, em frente de Toultscha, e entrava no delta do rio, formado por dois grandes ramos. O primeiro destes, onde passam os barcos a vapor, chama-se o ramo de Toultscha, o segundo, mais ao norte, passa por Ismail, por Kilia e entra pelo mar Negro, depois de se ter ramificado em cinco canais. É o que se chama as «bocas do Danúbio».

Para além de Kilia e da fronteira estende-se a Bessarábia,

que durante umas quinze léguas vai na direcção nordeste e forma parte do litoral do mar Negro.

A origem do nome de Danúbio, que tem dado lugar a muitas contestações científicas, provocou uma discussão puramente geográfica entre o Sr. Kéraban e Van Mitten.

73

Se bem que os Gregos, no tempo de Hesíodo, o tivessem conhecido pelo nome de Ister ou Hister, os exércitos romanos lhe tivessem dado «o nome de Danuvius» e fosse conhecido por César com este nome, apesar de que, na língua dos Trácios, significa «nebuloso», muito embora venha do celta, do sânscrito, do zende ou do grego, e quer tenham razão os professores Bopp ou Windishmann quando discutem, acerca da sua origem, foi o Sr. Kéraban quem, como sempre, fez calar o seu adversário, dizendo-lhe que a palavra «Danúbio» vem do vocábulo zende «asdanu», que significa: «o rio rápido».

Por muito rápido, porém, que ele seja, não é o seu curso bastante veloz para levar consigo a massa das suas águas, contendo-as nos diversos leitos que ele cavou, e é preciso contar com as suas inundações. Ora, por teimosia, o Sr. Kéraban não fez caso disto, apesar das observações que lhe fizeram, e fez rodar a carruagem pelo meio do vasto delta.

A região atravessada não era solitária, pois o Sr. Kéraban foi acompanhado aí por um cortejo de gansos selvagens, íbis, garças reais, cisnes e pelicanos. Esquecia-se ele, porém, de que, se a natureza fez destas aves aquáticas pernaltas ou palmípedes, é porque lhes são precisas pernas grandes ou palmas, para andarem por esta região, muitas vezes inundada, na época das grandes cheias, depois da estação das chuvas.

Ora os cavalos da carruagem eram pouco próprios para andarem por estes terrenos, encharcados com as últimas inundações. Para além deste ramal do Danúbio, que se vai lançar no mar Negro, em Sulina, não se via mais que um vasto pântano, pelo meio do qual havia uma estrada quase impraticável. Apesar dos conselhos dos postilhões, apoiados por Van Mitten, o Sr. Kéraban deu ordem para avançar, e tiveram que lhe obedecer.

74

Aconteceu pois que, pela tarde, a carruagem ficou por tal sorte atolada que não foi possível aos cavalos darem um passo para diante.

- As estradas nesta parte do país não estão em bom estado! - atreveu-se a observar Van Mitten.

- Estão como estão! - respondeu Kéraban. - Estão como podem estar com um tal Governo.

- Talvez que fizéssemos melhor em voltar para trás e seguir outro caminho?

- Melhor faremos, pelo contrário, em continuar a andar para diante e não variar em coisa alguma o nosso itinerário.

- Mas o meio de o fazer...

- O meio - redarguiu a cabeçuda personagem - consiste em mandar buscar dianteiras à aldeia mais próxima. Pouco importa que vamos dormir a uma hospedaria ou que fiquemos na carruagem.

Nada havia que replicar. Foram pois enviados o postilhão e Nizib à procura da aldeia mais próxima, que era bastante afastada. Provavelmente só poderiam estar de volta ao nascer do Sol. O Sr. Kéraban, Van Mitten e Bruno tiveram, pois, de se resignar a passar a noite no meio desta vasta estepe, tão solitária como se estivessem no mais profundo deserto da Austrália Central. Felizmente, a carruagem, enterrada na lama até ao eixo das rodas, não podia entranhar-se mais.

A noite estava muito escura. Pelo espaço corriam nuvens grossas, muito baixas, em via de condensação e impelidas pelo vento do mar Negro. Não chovia, mas do solo, impregnado de água, saía humidade, que molhava como um nevoeiro polar. A dez passos nada se via. Apenas as duas lanternas da carruagem espalhavam um clarão duvidoso por entre a espessa bruma evaporada do pântano, e talvez que tivesse sido melhor apagá-las.

Com efeito, esse clarão podia atrair alguma visita importuna. Mas, como Van Mitten fizesse essa observação,

75

o seu teimoso amigo quis discuti-la, e da discussão resultou que a proposta de Van Mitten não foi adoptada.

O bom holandês, contudo, tinha razão, e se fosse dotado de mais finura teria proposto ao seu companheiro que deixasse as lanternas acesas, pois com certeza que o Sr. Kéraban as teria então feito apagar.

76 77

CAPÍTULO VII

Os cavalos da carruagem fazem por medo o que não poderiam fazer debaixo do chicote do postilhão

ERAM dez horas da noite. Kéraban, Van Mitten e Bruno, depois de terem comido das provisões que traziam na carruagem, andavam a passear, fumando, havia meia hora pouco mais ou menos, ao longo de uma vereda estreita, que não cedia à pressão dos pés.

- Agora - disse Van Mitten - julgo, amigo Kéraban, que não há inconveniente em que nós vamos dormir até que cheguem os cavalos?

- Não há nenhum - concordou Kéraban, depois de ter reflexionado antes de dar esta resposta, extraordinária da parte de um homem que tinha sempre objecções a fazer.

- Penso que não temos coisa alguma que recear - sugeriu o holandês - no meio desta planície absolutamente deserta.

- Também assim o penso.

- Não há que temer nenhum ataque?

- Nenhum...

- A não ser o ataque dos mosquitos! - respondeu Bruno, que tinha acabado de dar uma palmada formidável na testa para esmagar uma meia dúzia destes dípteros importunos.

Com efeito, uma nuvem de insectos muito vorazes, atraídos decerto pela luz das lanternas, começava a redemoinhar à roda da carruagem.

- Hum! - fez Van Mitten. - Que boa porção de mosquitos. Uma mosquiteira não seria aqui de mais!

- Não são mosquitos - esclareceu Kéraban, coçando na nuca - e não é uma mosquiteira que preciso.

- O que é então - perguntou o holandês.

- Uma melgueira - elucidou Kéraban -, porque esses supostos mosquitos são melgas.

"Me melem se eu seria capaz de perceber a diferença!", pensou consigo mesmo Van Mitten, que não julgou a propósito encetar uma discussão acerca de assunto puramente entomológico.

- O que é curioso - observou Kéraban - é que são unicamente as fêmeas destes insectos que atacam o homem.

- Vejam lá como se conhecem sempre os representantes do belo sexo! - comentou Bruno, esfregando as barrigas das pernas.

- Julgo que é melhor voltarmos para a carruagem - propôs então Van Mitten -, senão vamos ser devorados!

- Com efeito - explicou Kéraban -, as regiões atravessadas pelo baixo Danúbio são particularmente infectadas por estas melgas e não pode a gente livrar-se delas senão deitando na cama, de noite, e na camisa e nas meias, de dia, pó de píretro...

- Que infelizmente não temos aqui - declarou o holandês.

- Não temos - confirmou Kéraban. - Mas também quem podia prever que nos veríamos em tais apuros nos pântanos de Dobroutcha - Ninguém, amigo Kéraban.

- Amigo Van Mitten, ouvi falar de uma colónia de tártaros da Crimeia, aos quais o Governo russo tinha feito uma ampla concessão de terreno neste delta do rio e que se viu obrigada a expatriar-se por causa destas nuvens de melgas.

- Pelo que estamos vendo, amigo Kéraban, a história não é inverosímil.

- Vamos, pois, para dentro da carruagem.

- Já não é cedo - volveu Van Mitten, que se debatia no meio de um zumbido de asas, cujos embates se podem calcular em milhões por segundo.

Quando o Sr. Kéraban e o seu companheiro iam subir para a carruagem, o primeiro deteve-se.

- Ainda que nada haja a recear - disse ele -, seria bom que Bruno velasse até à volta do postilhão.

- Estou certo de que se não recusará a fazê-lo - asseverou

Van Mitten.

- Não me recusarei - declarou Bruno -, porque é meu dever fazê-lo, mas estou certo de que vou ser devorado em vida!

- Não! - replicou Kéraban. - Ouvi dizer que as melgas não picam duas vezes no mesmo sítio, de sorte que dentro em pouco Bruno ficará livre das suas ferroadas.

- Sim!... Quando estiver cheio de mordeduras.

- É isso, Bruno.

- Mas poderei ao menos ficar no cabriolé?

- Decerto, com a condição de que não há-de adormecer.

- Como poderia eu dormir no meio deste enxame de mosquitos?

- De melgas, Bruno - corrigiu Kéraban -, de simples melgas!... Não se esqueça disto!

Feita esta observação, o Sr. Kéraban e Van Mitten tornaram a subir para o cupé, deixando ao cuidado de Bruno velar pelo seu amo, ou antes, pelos seus amos. Desde que Van Mitten e Kéraban se tinham encontrado, não se podia dizer que tinha dois patrões?

Tendo verificado que os postigos da carruagem estavam bem fechados, Bruno foi examinar os cavalos, os quais, exaustos de cansaço, estavam estendidos no chão, respirando ruidosamente,

79

e misturando o hálito quente ao nevoeiro desta planície pantanosa.

"Nem o diabo seria capaz de tirá-los deste atoleiro - pensou Bruno. - Deve concordar-se que o Sr. Kéraban teve uma bela ideia em seguir este caminho! Por fim de contas, isso é com ele!"

E, acto contínuo, subiu para o cabriolé, abaixando o caixilho envidraçado, através do qual podia ver dentro do feixe luminoso projectado pelas lanternas.

O que de melhor podia fazer o criado de Van Mitten senão sonhar de olhos abertos, e lutar com o sono, pensando na série de aventuras em que o seu amo o metia, andando atrás do mais cabeçudo dos Osmanlis?

De forma que ele, um filho da antiga Batávia, um passeante das caladas de Roterdão, um frequentador do cais da Mosa, um pescador de linha jubilado, um flâneur dos canais da sua cidade natal, tinha sido transportado ao sítio extremo da Europa! Tinha dado uma pernada gigantesca desde a Holanda até ao império otomano! E a fatalidade, mal ele havia desembarcado em Constantinopla, acabava de o lançar através das estepes do baixo Danúbio. E ali estava empoleirado no cabriolé de uma carruagem de posta, no meio dos pântanos de Dobroutcha, perdido num monte escuso, e mais enraizado neste solo do que a torre gótica de Zuidekerk! E tudo isto porque tinha de obedecer a seu amo, o qual, sem que a isso fosse obrigado, obedecia também ao Sr. Kéraban.

"Oh! extravagância das complicações humanas! - repetia Bruno. - Aqui estou eu dando a volta ao mar Negro, se chegar a dá-la, e tudo isto para poupar dez paras, que eu teria pago de boa vontade do meu bolso se me tivesse lembrado de o fazer às escondidas do mais pírrónico dos Turcos! Ai, que cabeçudo! Que

cabeçudo! Tenho a certeza de que, desde que parti, já emagreci duas libras!... Em quatro dias!... O que será então em quatro semanas! Bom! Cá estão ainda os malditos insectos!"

80

É que, por muito hermeticamente que Bruno tivesse fechado o caixilho do cabriolé, algumas dúzias de melgas tinham ali entrado e estavam encarniçadas contra o pobre homem. Por isso não se fartava de dar palmadas, de se coçar e de lhes chamar mosquitos, agora que o Sr. Kéran o não podia ouvir!

Passou-se assim uma hora, e depois outra. Sem as ferroadas irritantes desses insectos, talvez que Bruno, cedendo à fadiga, tivesse adormecido. Mas dormir em tais condições era impossível.

Devia ser um pouco mais da meia-noite quando Bruno teve uma ideia.

É de estranhar até que esta ideia lhe não tivesse acudido mais cedo, a ele, um desses holandeses pur sang, que, mal vêm ao mundo, procuram antes o tubo de um cachimbo do que o seio da ama. Foi ele pôr-se a fumar, a fim de lutar contra as melgas a baforadas de tabaco. Como é que ele não tinha já pensado nisto? Se as melgas resistissem à atmosfera de nicotina que ele ia fazer dentro do cabriolé, é porque tais insectos no meio dos pântanos do baixo Danúbio têm por força muita vida!

Tirou, portanto, Bruno da algibeira o seu cachimbo de porcelana com flores esmaltadas, irmão do que lhe tinha sido roubado com tanta impudência em Constantinopla. Encheu-o, como carregaria uma arma de fogo que tencionasse disparar sobre o inimigo, e, em seguida, feriu fogo, acendeu-o, aspirou com toda a força o fumo de um excelente tabaco da Holanda, e deitou-o fora em volutas enormes.

O enxame zumbiu ao princípio, redobrando o seu ruído ensurdecedor, e foi acoitar-se pouco a pouco nos cantos mais escuros do cabriolé.

Bruno felicitou-se do ardil empregado. Fazia prodígios a bateria que ele tinha assestado e os assaltantes fugiam em desordem, mas, como ele não queria aprisioná-los,

81

antes pelo contrário, abriu rapidamente o caixilho, para dar saída aos insectos que estavam dentro, sabendo muito bem que as baforadas de fumo não deixariam entrar os de fora.

Assim foi. Livre dessa legião importuna de dípteros, Bruno pôde arriscar-se a olhar para a direita e para a esquerda.

A noite continuava a estar escura. De quando em quando algumas lufadas de vento abalavam a carruagem, esta, porém, estava aderente ao solo com força extraordinária. Não havia, pois, receio de que ela se voltasse.

Tratou então de ver diante de si, na direcção do norte, se qualquer luz lhe indicaria a volta do postilhão ou dos cavalos

de reforço. Mas a escuridão era completa, e as trevas tanto mais profundas ao longe que a parte anterior da carruagem de posta ia destacar-se no seguimento luminoso das lanternas. Contudo, olhando para os lados, à distância talvez de sessenta passos, julgou ver alguns pontos brilhantes, que se deslocavam na sombra, rapidamente, sem bulha, ora rente ao solo, ora dois ou três pés acima.

Pensou Bruno em primeiro lugar se não seriam essas luzes algumas fosforescências de fogos-fátuos, que se desenvolvem na superfície de um pântano onde não falta o hidrogénio sulfurado.

Mas se o seu raciocínio podia fazer com que estivesse laborando em erro, não podia acontecer o mesmo aos cavalos, que pelo instinto se não deviam enganar acerca da origem deste fenómeno. Começaram, com efeito, a dar alguns sinais de inquietação, com as ventas dilatadas, resfolegando de modo pouco usual.

"Olá! Que é isto - disse Bruno para consigo. - Alguma nova complicação, sem dúvida! Serão lobos?"

Não era nada impossível que fosse uma alcateia de lobos, atraídos pelo cheiro dos cavalos. Estes animais, sempre esfaimados, abundam no delta do Danúbio.

82

"Diacho! - murmurou Bruno. - Isso agora é pior do que os mosquitos ou as melgas do nosso cabeçudo! Desta vez o fumo do tabaco de coisa alguma servia!"

Os cavalos, entretanto, continuavam mostrando certa inquietação, que não deixava dúvidas. Tentaram dar coices na lama espessa, empinavam-se, davam puxões violentos à carruagem. Os pontos luminosos pareciam estar mais próximos. Com os silvos do vento misturava-se uma espécie de grunhido surdo.

"Julgo bom prevenir o Sr. Kéraban e meu amo!", pensou Bruno.

Urgia, com efeito, fazê-lo. Deixou-se portanto Bruno escorregar para o chão, baixou o estribo da carruagem, abriu a porta e fechou-a em seguida, depois de ter entrado no cupé onde os dois amigos dormiam tranquilamente, um ao pé do outro.

- Meu amo? - chamou Bruno em voz baixa, pondo a mão no ombro de Van Mitten.

- Os demónios levem o importuno que me vem acordar! - murmurou o holandês, esfregando os olhos.

- Não se trata agora de mandar a gente ao diabo, sobretudo quando ele está ali talvez - respondeu Bruno.

- Mas quem é que me está falando?

- Sou eu, o seu criado.

- Ah! És tu, Bruno?... Por fim de contas, fizeste bem em me acordar! Estava a sonhar que a Sr.a Van Mitten...

- Procurava ter uma questão consigo - acrescentou Bruno. - Trata-se lá disso agora!

- Então que há de novo?

- Faça de acordar o Sr. Kéraban.

- Acordá-lo?...

- Sim, senhor! É tempo!

Sem perguntar mais, o holandês, ainda meio a dormir, sacudiu o seu companheiro.

Não há nada como o sono de um turco, quando esse turco tem um bom estômago e a consciência tranquila.

83

Era o caso em que estava o companheiro de Van Mitten. Foi preciso, portanto, abaná-lo algumas vezes.

O Sr. Kéraban, sem descerrar as pálpebras, rosnavava e resmungava, como um homem que está cheio de mau humor. Se ele fosse tão cabeçudo a dormir como o era acordado, seria forçoso, decerto, deixá-lo entregue ao sono.

Não obstante, a insistência de Van Mitten e de Bruno foi tanta que ele afinal despertou, estirou os braços, abriu os olhos, e disse com voz que ainda mal se percebia:

- Hum! Nizib já chegou com o postilhão e os cavalos de reforço?

- Ainda não.

- Então porque me acordaram?

- Porque, se não chegaram os cavalos - respondeu Bruno -, há outros animais muito suspeitos que estão à volta da carruagem, preparando-se para a atacar.

- Que animais são?

- Veja.

Abaixou-se o vidro da portinhola e Kéraban inclinou-se para fora.

- Que Alá nos proteja! - exclamou. - É um bando de javalis selvagens!

Não havia engano possível. Eram com certeza javalis. Estes animais abundam muito na região que confina com a embocadura do Danúbio, o seu ataque é muito para temer e podem ser classificados na categoria de animais ferozes.

- Que temos a fazer? - perguntou o holandês.

- Ficar sossegados, se não nos atacarem - respondeu Kéraban. - Defender-nos, no caso contrário!

- Por que razão nos hão-de atacar estes javalis? - replicou Van Mitten. - Que eu saiba, não são animais carnívoros!

84

- Pois sim - volveu Kéraban -, mas, se não correremos o risco de ser devorados, podemos pelo menos ter a barriga furada.

- O que anda pelo mesmo - observou com sossego Bruno.

- Por isso é bom estarmos prontos para tudo!

Dizendo isto, o Sr. Kéraban fez que todos pegassem em armas. Van Mitten e Bruno tinham cada qual um revólver de seis tiros e boa porção de cartuchos. Mas Kéraban, velho-turco e inimigo declarado de qualquer invenção moderna, trazia apenas duas pistolas de fabrico turco, cano adamascado, coronha incrustada de esmalte e de pedras preciosas, mais próprias para ornarem a cintura de um agha do que para servirem em um ataque sério.

Van Mitten, Kéraban e Bruno deviam pois contentar-se com

estas armas, e não se servirem delas senão com a certeza de ferir.

Os javalis, entretanto, em número de vinte, tinham-se ido aproximando a pouco e pouco e cercando a carruagem. À claridade das lanternas, que sem dúvida os tinha atraído, via-se que se agitavam violentamente e escavavam o solo com as presas. Eram suilianos enormes, do tamanho de um burro, dotados de força prodigiosa, e cada um dos quais seria capaz de dar conta de uma matilha de cães. A situação dos viajantes, presos no cupé, era um tanto inquietadora se fossem assaltados de um lado e do outro, antes de romper o dia.

Os cavalos conheciam bem isto. No meio dos grunhidos dos javalis, espantavam-se e agitavam-se de forma a fazerem recuar que rompessem os arreios ou os varais da carruagem.

De repente, ouviram-se várias detonações. Van Mitten e Bruno tinham disparado cada um dois tiros de revólver sobre os javalis que assaltavam a carruagem. Os animais, mais ou menos feridos, soltaram rugidos de furor, rolando pelo solo. Mas outros, deveras furiosos, precipitaram-se sobre a carruagem e atacaram-na com as presas, furando-a em vários sítios,

85

e deixando prever que dentro em pouco ficaria arrombada.

- Diabo! Diabo! - murmurou Bruno.

- Fogo! Fogo! - repetia o Sr. Kéran, descarregando as pistolas, que falhavam geralmente uma vez por quatro, se bem que ele não concordasse com isto.

Os revólveres de Bruno e de Van Mitten feriram ainda certa porção desses terríveis assaltantes, alguns dos quais se atiravam aos cavalos.

Espantaram-se estes ainda mais, e, ameaçados pelas presas dos javalis, defendiam-se a patadas, por não terem plena liberdade de movimentos. Se acaso estivessem livres, teriam partido através do campo, e a questão reduzia-se a uma luta de velocidade entre eles e o bando de javalis. Tentaram, pois, por meio de esforços espontâneos, quebrar os arreios e fugir. Os arreios, porém, feitos de uma corda com pernas apertadas, resistiram. Era pois necessário ou que a parte anterior da caixa se quebrasse bruscamente, ou que a carruagem se desprendesse do solo com esses terríveis puxões.

De repente, a carruagem foi abalada com mais violência, parecendo que se lhe tinha destacado uma parte.

- Tanto melhor! - exclamou Kéran. - É bom que os cavalos fujam pela estepe! Os javalis vão atrás deles e deixar-nos-ão descansados!

A parte dianteira da carruagem, porém, resistia com uma solidez que dava honra a este produto antigo das fábricas inglesas. Por fim, foi a carruagem que cedeu. Os abalos chegaram a ser de tal forma que foi arrancada dos atoleiros profundos onde estava enterrada até aos eixos.

Um derradeiro puxão dos cavalos, loucos de terror, trouxe-a a terreno mais firme, e lá foi ela levada ao galope dos cavalos desenfreados, sem direcção alguma no meio dessa noite profunda.

Os javalis, contudo, não tinham desistido da luta. Corriam aos lados da carruagem, atacando uns esta, e outros os cavalos, que não conseguiam distanciar-se deles.

O Sr. Kéraban, Van Mitten e Bruno tinham-se arremessado ao fundo do cupé.

- Ou a carruagem se volta... - disse Van Mitten.

- Ou se não volta - concluiu Kéraban.

- Era preciso ver se se podiam apanhar as rédeas! - observou judiciosamente Bruno.

E, baixando os vidros de diante, procurou as rédeas com as mãos, mas os cavalos, debatendo-se, tinham-nas sem dúvida quebrado e não havia remédio senão caminhar ao acaso, nesta carreira louca através de uma região pantanosa. Só um meio haveria de fazer parar os cavalos: era deter, ao mesmo tempo, os animais enraivecidos que os perseguiam. Para isso não bastavam as armas que havia, cujos tiros se perdiam naquela massa em movimento.

Os viajantes, lançados uns contra os outros e de um para outro canto a cada solavanco - um deles resignado à sua sorte, como um bom muçulmano, os outros fleumáticos, como holandeses - não trocavam uma só palavra.

Passou-se assim uma hora, que pareceu extremamente longa. A carruagem continuava rodando. Os javalis não a deixavam.

- Amigo Van Mitten - disse por fim Kéraban -, ouvi já dizer que, nestas mesmas circunstâncias, um viajante, perseguido por um bando de lobos nas estepes da Rússia, foi salvo graças à dedicação sublime do seu criado.

- Como? - perguntou Van Mitten.

- Nada mais simples - explicou Kéraban. - O criado abraçou o amo, encomendou a alma a Deus, lançou-se da carruagem, e, enquanto os lobos se entretinham em devorá-lo, seu amo conseguiu afastar-se e salvou-se.

- Que pena que não esteja aqui Nizib! - respondeu Bruno tranquilamente.

Depois desta reflexão, tornaram todos a cair em profundo silêncio.

A noite, entretanto, ia avançando. Os cavalos não afrouxavam na sua carreira vertiginosa, os javalis não ganhavam terreno sobre eles.

Se não acontecesse qualquer desastre, se uma roda quebrada ou um choque mais violento não fizessem voltar a carruagem, tinham o Sr. Kéraban e Van Mitten algumas probabilidades de ser salvos, mesmo sem uma dedicação de que Bruno se não sentia capaz.

Além disso, os cavalos, guiados pelo instinto, não se tinham desviado dessa porção de estepe por onde estavam habituados a passar. Dirigiram-se sem hesitar, em linha recta, para o sítio

das mudas.

Por isso, logo que os primeiros clarões do dia começaram a iluminar o horizonte a este, estavam apenas distanciados das mudas algumas verstsas.

O bando de javalis lutou ainda por meia hora, depois foi ficando para trás a pouco e pouco, os cavalos, contudo, não cessaram de correr um só instante e só pararam quando caíram exaustos de cansaço, a uns cem passos pouco mais ou menos da casa de posta.

O Sr. Kéran e os seus dois companheiros estavam salvos. Por isso, o Deus dos cristãos e o dos infiéis foram igualmente louvados pela protecção que tinham concedido aos viajantes turco e holandês, nesta noite cheia de perigos.

Quando a carruagem parou, Nizib e o postilhão, que não tinham podido aventurar-se no meio dessas trevas profundas, iam partir com os cavalos de reforço. Substituíram estes, portanto, os outros, que o Sr. Kéran teve de pagar por bom preço, e, em seguida, sem que houvesse nem uma hora de descanso, a carruagem, cujos arreios e lanças tinham sido consertados, continuava o seu caminho e rodava na estrada de Kilia.

88

Esta pequena cidade, cujas fortificações foram destruídas pelos Russos antes de a entregarem à Roménia, é também um porto do Danúbio, situado no braço deste rio com o mesmo nome.

Chegou aqui a carruagem, sem novos acidentes, na tarde de 25 de Agosto. Os viajantes, extenuados, foram para um dos principais hotéis da cidade, e repararam com doze horas de um bom sono as fadigas da noite precedente.

No dia seguinte, de madrugada, partiram e chegaram depressa à fronteira russa.

Aqui, houve ainda algumas dificuldades. As exigências, bastante vexatórias, da alfândega moscovita fizeram perder a paciência ao Sr. Kéran, o qual, graças à sua vida comercial - por felicidade ou infelicidade, como se quizer -, falava a língua do país o bastante para se fazer compreender. Ao princípio pareceu que a sua teimosia em contestar os direitos dos empregados da alfândega não o deixaria passar a fronteira.

Van Mitten, contudo, conseguiu acalmá-lo, não sem custo. Consentiu pois Kéran em se sujeitar à revista das bagagens e pagou os direitos exigidos, não sem ter feito muitas vezes esta reflexão bastante justa:

- Decididamente todos os Governos são iguais, e não valem uma casca de melancia!

Passaram finalmente num pronto a fronteira romena, e em seguida entraram nessa parte da Bessarábia que forma o litoral do mar Negro, a nordeste deste.

O Sr. Kéran e Van Mitten já não estavam senão a umas vinte léguas de Odessa.

Trava, de boa vontade, o leitor conhecimento
com Anasia e o seu noivo Ahmet

ANASIA, filha única do banqueiro Selim, de origem turca, e a sua criada Nedjeb passeavam conversando na galeria de um bonito palacete, cujos jardins, em forma de terraços, chegavam até às margens do mar Negro.

Do último terraço, cujos degraus eram banhados pelas águas, nesse dia sossegadas, mas agitadas muitas vezes pelo vento de este do antigo Ponto Euxino, via-se Odessa, a meia légua ao sul, em todo o seu esplendor.

Esta cidade - um oásis no meio da imensa estepe que a cerca - apresenta um panorama magnífico de palácios, igrejas, hotéis, casas construídas sobre as penedias escarpadas, cuja base mergulha a pique no mar. Da casa do banqueiro Selim podia até ver-se a grande praça cheia de árvores e a escada monumental dominada pela estátua do duque de Richelieu. Este grande homem de Estado foi o fundador desta cidade e ficou administrando-a até ao momento em que teve de ir trabalhar para a libertação do território francês, invadido pela Europa coligada.

Como o clima da cidade é bastante seco, pela influência dos ventos do norte e do este, e como os habitantes ricos desta capital na nova Rússia se vêem obrigados, durante a estação calmosa, a irem procurar fresco à sombra dos khoutors, as vilas abundam no litoral, para recreio dos que, por causa dos seus negócios, não podem ir em vilegiatura à Crimeia Meridional.

Entre essas diversas vilas podia notar-se a do banqueiro Selim, que, pela sua orientação, não tinha o inconveniente de estar exposta a um ar muito seco.

O nome de Odessa, que quer dizer a «cidade de Odissos», foi dado a uma vila pequena que no tempo de Potemkin se chamava ainda Hadji Bey, como a sua fortaleza, em consequência de terem os seus colonos, atraídos pelos privilégios concedidos à nova cidade, pedido à imperatriz Catarina II que lhe desse um nome. A imperatriz consultou a Academia de São Petersburgo. Os académicos investigaram a história da terra, e estas investigações deixaram supor a existência, mais ou menos problemática, de uma cidade de Odissos, que teria outrora existido nesta parte do litoral, de onde veio este nome de Odessa, que apareceu pelo meio do século xvIII.

Odessa era uma cidade comercial, tal ficou, e pode até acreditar-se que sempre o será. Os seus cento e cinquenta mil habitantes compõem-se, não só de russos, mas também de turcos, gregos e arménios, enfim uma aglomeração cosmopolita de pessoas que têm gosto pelos negócios. Ora, se o comércio, e principalmente o comércio de exportação, não se faz sem negociantes, também se não fez sem banqueiros. Criaram-se,

portanto, muitas casas bancárias, desde a fundação da cidade nova e, entre elas, modesta de começo e agora classificada entre as primeiras naquela praça, estava a do banqueiro Selim.

Pode-se fazer ideia suficiente deste quando se tiver dito que Selim pertencia à categoria, mais numerosa do que se julga, dos turcos monógamos, que era viúvo da única mulher que tivera, que tinha por filha única Anasia, a noiva de Ahmet, sobrinho do Sr. Kéran, e que era enfim correspondente e amigo do mais cabeçudo osmanli que jamais pôs na cabeça o turbante tradicional.

Como se sabe, o casamento de Ahmet e de Anasia ia ser celebrado em Odessa.

92

A filha do banqueiro Selim não estava destinada a ser a primeira odalisca de qualquer harém, partilhando com rivais, mais ou menos numerosas, o gineceu de um turco egoísta e caprichoso. Não! Devia voltar, só com Ahmet, a Constantinopla, para casa de seu tio Kéran. Estava destinada a viver só junto de Ahmet, sem que outra participasse da afeição deste marido, que amava e por quem era amada desde a infância.

Assim era, se bem que este futuro pudesse parecer singular a uma mulher turca no país de Maomet, e Ahmet não era homem para fazer excepção aos usos da família.

Além disso, uma tia de Anasia, irmã do pai desta, tinha-lhe legado por morte cem mil piastras, com a condição de que ela casasse antes de completar dezassete anos - capricho de solteirona, que nunca pudera achar um marido, e tinha pensado que não era nunca cedo para que a sobrinha casasse - e sabe-se também que esse prazo expirava dentro de seis semanas. Se Anasia não estivesse nessas condições, a herança, que era a maior parte da sua fortuna, iria para parentes colaterais.

Demais, Anasia era encantadora, mesmo aos olhos de um europeu. Sem o seu iachmak ou véu de musselina branca, sem a touca bordada a ouro, que lhe cobria a cabeça, e a linha tripla de cequins que lhe ornava a testa, poder-se-ia ver flutuar os anéis de um esplêndido cabelo negro. Anasia não procurava realçar a beleza com as modas do seu país. Nem a hanum lhe desenhava as sobancelhas, nem o khol lhe tingia os cílios, nem o henné lhe esfumava as pálpebras. Não punha nas faces carmim nem branco de bismuto. Não acarminava os lábios com quermes. Qualquer mulher do Ocidente, preparada conforme a actual e deplorável moda, apresentar-se-ia mais pintada do que ela. Mas a sua elegância natural, talho flexível, e a graça natural do andar, deixavam-se ver debaixo do feredjé, comprido manto de caxemira, que a cobria do pescoço até aos pés, como uma túnica dalmática.

93

Nesse dia, na galeria que dava para os jardins, trazia Anasia uma comprida camisa de seda de Brussa, coberta pelo

amplo chalwar, preso a uma pequena túnica bordada, e uma entari de comprida cauda de seda, aberta nas mangas e guarnecida de oya, espécie de renda feita exclusivamente na Turquia. A extremidade da renda era apanhada por cinto de caxemira, a fim de lhe tornar mais fácil o andar. As únicas jóias que trazia eram uns brincos e um anel. As pernas estavam envoltas em elegantes ibadjoubs de veludo, e os pés pequeninos desapareciam numas sandálias bordadas a ouro.

A sua criada Nedjeb, alegre e esperta, sua companheira dedicada, quase que se pode dizer sua amiga, estava então junto dela, andando de um para o outro lado, conversando, rindo e alegrando todos com o seu bom humor franco e comunicativo.

Nedjeb, zíngara de origem, não era uma escrava. Apesar de que, nos mercados do império, há ainda à venda escravos etiópicos ou negros do Soldão, em princípio a escravidão está abolida. Ainda que o número dos criados seja talvez de mais para o serviço das principais famílias turcas - e esse número em Constantinopla compreende a terça parte da população muçulmana -, esses criados não são escravos e, limitado cada qual à sua especialidade, não têm muito que fazer.

Era neste pé que estava montada a casa do banqueiro Selim, mas Nedjeb, que para ali fora de pequena, estava unicamente ao serviço de Anasia, e a sua situação especial não a sujeitava a nenhum outro trabalho doméstico.

Anasia, meio deitada num divã estofado à persa, percorria com a vista a baía do lado de Odessa.

- Minha querida senhora - disse Nedjeb, vindo assentar-se em uma almofada aos pés de Anasia -, o Sr. Ahmet não veio ainda? O que estará a fazer o Sr. Ahmet?

- Foi à cidade - respondeu Anasia - e talvez que nos traga alguma carta de seu tio Kéraban!

94

- Uma carta! Uma carta! - exclamou Nedjeb. - Não é de uma carta que precisamos, é do tio em pessoa. Na verdade, esse tio faz-se esperar!

- Tem paciência, Nedjeb!

- A minha senhora fala bem! Se estivesse no meu lugar, não tinha tanta paciência.

- És louca! - voltou Anasia. - Dir-se-ia que se trata do teu casamento e não do meu!

- E julga que não é coisa séria passar ao serviço de uma senhora casada, depois de a ter servido em solteira?

- Por esse motivo não hei-de ser eu menos tua amiga, Nedjeb!

- Nem eu da minha querida senhora! Mas é que a hei-de ver tão feliz, quando for esposa do Sr. Ahmet, que hei-de sentir um pouco dessa felicidade!

- Querido Ahmet! - murmurou Anasia, fechando por um momento os lindos olhos, enquanto se lembrava do noivo.

- Vê, minha senhora, como tem de fechar os olhos para o ver? - exclamou Nedjeb, com malícia. - Enquanto se ele aqui estivesse, bastava abri-los!

- Já te disse, Nedjeb, que ele foi buscar a correspondência

ao escritório e que nos há-de trazer, sem dúvida, uma carta do seu tio.

- Sim!... Uma carta do Sr. Kéran, em que este repete, segundo o seu costume, que os negócios o não deixam sair de Constantinopla, que não pode deixar por enquanto o seu escritório, que os tabacos vão subindo ou estão baixando de preço, e que há-de chegar daqui a oito dias, sem falta, ou talvez daqui a quinze!... E o caso é urgente! Já não temos senão seis semanas e é necessário que o casamento se faça, senão toda a sua fortuna...

- Ahmet não gosta de mim por causa da minha fortuna!...

- Pois sim... mas por causa desta demora!... Oh, este Sr. Kéran... se fosse meu tio!...

95

- O que farias, se fosse teu tio?

- Nada, minha querida senhora, porque julgo que nada se pode fazer dele!... Contudo, se ele aqui estivesse, se chegasse hoje mesmo ou amanhã, o mais tardar, iríamos ao juiz firmar o contrato e depois de amanhã, feita a oração pelo Imã, a minha senhora estaria casada e bem casada, as festas na vila durariam uns quinze dias e o Sr. Kéran partiria antes de elas acabarem, se quisesse voltar para Constantinopla!...

Certo é que as coisas podiam passar-se assim se o tio Kéran não tardasse em chegar de Constantinopla. O contrato, registado no mollah, que faz o escrivão - contrato pelo qual, em princípio, o esposo contrai a obrigação de dar a sua mulher mobília, vestuário e trem de cozinha - em seguida à cerimónia religiosa, todas essas formalidades, enfim, poderiam ser cumpridas em muito pouco tempo, como dizia Nedjeb. Mas era preciso que o Sr. Kéran, cuja presença se tornava indispensável para que o casamento fosse válido, por ser tutor do noivo, pudesse distrair dos seus negócios esses dias que, em nome da sua senhora, reclamava, tão impacientemente, a zíngara.

Nessa ocasião, Nedjeb exclamava:

- Oh! Veja este navio pequeno que fundeu agora junto dos jardins!

- É verdade! - respondeu Anasia.

E dirigiram-se ambas para a escada que dava para o mar, para verem melhor o navio que estava parado naquele sítio.

Era uma tartana, com as velas carregadas. Uma ligeira brisa tinha-a deixado atravessar a baía de Odessa. Estava então a menos de uma amarra da praia e balanceava-se suavemente nas ondas que vinham bater junto da casa. Na extremidade da antena flutuava a bandeira turca, de estamena vermelha, com um crescente de prata.

96

- Podes ler daqui o nome? - perguntou Anasia a Nedjeb.

- Posso. Tem agora a popa voltada para cá. O nome é Guidara.

Com efeito, a Guidara, comandada por Yarhud, acabava de fundear nesta parte da baía. Não parecia, contudo, que se devesse demorar muito tempo, pois que não ferrou as velas, e qualquer marinheiro teria visto que ela ficava pronta a partir.

- Na verdade - disse Nedjeb -, seria delicioso passear nesta linda tartana, com mar azul e um pouco de vento, que a fizesse inclinar!

Em seguida, graças à mobilidade da sua imaginação, a zíngara, vendo um cofre que estava junto do divã, sobre uma mesa de laca da China, abriu-o e tirou de dentro algumas jóias.

- E estes bonitos presentes que o Sr. Ahmet mandou! - exclamou ela. - Creio que há mais de uma hora que não os vemos!

- Pensas isso? - murmurou Anasia, pegando num colar e num bracelete, que cintilavam nos seus dedos.

- Com estas jóias, o Sr. Ahmet espera talvez que a sua noiva fique mais bonita, mas não o consegue.

- Que dizes tu, Nedjeb? Há porventura mulher alguma que não pareça melhor com estes magníficos enfeites! Ora vê estes diamantes de Visapour! São jóias de fogo e parece que estão a olhar para mim como os lindos olhos do meu noivo!

- E quando os seus olham para ele, minha querida ama, não lhe dão um presente que vale o dele?

- Louca! - replicou Anasia. - E esta safira de Ormuz, e estas pérolas de Ofir e estas turquesas da Macedónia!...

- Turquesa por turquesa! - respondeu Nedjeb, rindo alegremente. - O Sr. Ahmet não perde coisa alguma.

- Felizmente, Nedjeb, que ele não está aqui que te possa ouvir!

Anasia prestava-se a tudo. É que todas essas jóias lhe falavam de Ahmet, e, através da tagarelíce incessante de Nedjeb, os seus olhares, indo de uma para outra jóia, respondiam-lhe em silêncio.

- Querida Anasia!

Ouvindo esta voz, Anasia levantou-se precipitadamente.

Um rapaz, cujos vinte e dois anos diziam bem com os dezasseis da sua noiva, estava junto dela. Tinha estatura mais que mediana, figura elegante, a um tempo altiva e graciosa, olhos negros muito suaves, que a paixão tornaria decerto cintilantes, cabelos castanhos, cujos anéis flutuavam debaixo do pucker de seda que pendia do fez, bigodes finos talhados à moda albanesa, dentes brancos - enfim, um todo aristocrático, se acaso este epíteto pode servir num país onde, não sendo transmissível o nome, não existe aristocracia alguma hereditária.

Ahmet estava vestido conscienciosamente à turca, o que não podia deixar de acontecer no sobrinho de quem se julgaria desonrado trajando à europeia como qualquer funcionário. A túnica bordada a ouro, o seu chalar de feitio irrepreensível, que não tinha enfeite algum de mau gosto, o cinto que a fazia

dobrar graciosamente, o fez, rodeado de um saryk de algodão da Brussa, e as botas de marroquim formavam um traje que Lhe ficava muito bem.

Ahmet dirigiu-se à noiva, pegou-lhe nas mãos e obrigou-a com brandura a sentar-se enquanto Nedjeb perguntava:

- Então, Sr. Ahmet, há hoje carta de Constantinopla?

- Não - respondeu Ahmet-, nem mesmo correspondência comercial de meu tio Kéran!

- Oh! Que mau homem! - exclamou a zíngara.

- Parece-me até inexplicável - voltou Ahmet - que o correio não trouxesse correspondência alguma do escritório de meu tio.

99

É neste dia que ele, habitualmente e sem nunca faltar a isso, faz as suas contas com o seu banqueiro de Odessa.

- Com efeito, meu querido Ahmet, isso é para admirar da parte de um negociante tão regular nos seus negócios como seu tio Kéran! Talvez que mande algum telegrama?...

- Um telegrama? Ele? Bem sabe, Anasia, que ele não se corresponde pelo telégrafo, nem viaja em caminho de ferro. Não se utiliza destas invenções modernas, nem mesmo nas suas relações comerciais! Creio que desejaria antes receber uma notícia má numa carta do que uma boa novidade num telegrama! Olha quem, o tio Kéran!

- Mas não lhe tinha escrito, Ahmet? - perguntou Anasia, levantando suavemente o olhar para o noivo.

- Escrevi-lhe já dez vezes para apressar a sua chegada a Odessa e para lhe pedir que fixasse data mais próxima para o nosso casamento. Dizia-lhe que ele era um tio bárbaro...

- Muito bem - apoiou Nedjeb.

- Um tio sem coração, apesar de ser o melhor dos homens...

- Oh! - disse Nedjeb, abanando a cabeça.

- Um tio sem entranhas, apesar de ser um pai para o sobrinho!... Pois respondeu-me que, como chegasse antes de seis semanas, não podia exigir mais dele.

- É então preciso esperarmos, Ahmet!

- Esperar, Anasia, esperar! - respondeu Ahmet. - São outros tantos dias de felicidade que ele nos rouba.

- E prendem-se os ladrões, sim! Os ladrões, que fazem a mesma coisa! - exclamou Nedjeb, batendo com o pé.

- O que querem que se faça? - voltou Ahmet. - Vou tentar ainda enternecer meu tio Kéran. Se amanhã não tiver resposta à minha carta, partirei para Constantinopla.

- Não, meu querido Ahmet - protestou Anasia, pegando-lhe na mão como se o quisesse reter.

100

- A sua ausência far-me-ia sofrer mais do que prazer me dariam alguns dias de avanço ao nosso casamento! Não! Fique! Quem sabe se, por qualquer circunstância, as ideias de seu tio mudarão?

- Mudarem as ideias de meu tio Kéraban! - exclamou Ahmet. - Era o mesmo que se mudasse a órbita dos astros, a Lua nascesse em vez do Sol, e as leis que regem os corpos celestes se modificassem!

- Ah! Se eu fosse sobrinha dele! - interveio Nedjeb.

- E que farias tu, se fosses sua sobrinha? - perguntou Ahmet.

- Eu!... Puxaria com tanta força pela sua túnica - respondeu a zíngara - que...

- Que a rasgarias, Nedjeb, e nada mais!

- Então agarraria com tanta força na sua barba...

- Que ela te ficaria na mão!

- E, no meio de tudo isto - disse Anasia -, o Sr. Kéraban é o melhor dos homens!

- Sem dúvida - concordou Ahmet -, mas tão cabeçudo que, se ele lutasse em teimosia com uma mula, não era pela mula que eu apostaria, com certeza!

CAPÍTULO IX

Por pouco que não tem bom êxito o plano do capitão Yarhud

NESSE momento, um dos criados - esse que, segundo os usos otomanos, é destinado unicamente a anunciar os visitantes - apareceu a uma das portas laterais da galeria.

- Sr. Ahmet - disse ele, dirigindo-se a este -, está aí uma pessoa que Lhe deseja falar.

- Quem é? - perguntou Ahmet.

- É um capitão de navios maltês. Insiste muito para que o receba.

- Pois bem, aí vou... - respondeu Ahmet.

- Meu querido Ahmet - disse Anasia -, mande entrar para aqui o capitão, se é que ele nada tem de particular a dizer-lhe.

- É talvez o que comanda esta tartana tão bonita? - sugeriu Nedjeb.

- Talvez! - admitiu Ahmet. - Manda-o entrar.

O criado saiu e pouco depois apareceu o capitão à porta da galeria.

Era, de facto, o capitão Yarhud, comandante da tartana Guidara, navio de andamento rápido, de umas cem toneladas, tão próprio para a navegação costeira do mar Negro como para a dos portos do Mediterrâneo.

Yarhud, com grande mágoa sua, tinha tido alguma demora antes de ancorar junto da vila do banqueiro Selim. Sem perder uma hora, depois da sua conversação com Scarpante, o intendente do Sr. Saffar, fora de Constantinopla a Odessa pelas linhas férreas da Bulgária e da Roménia.

Adiantava-se assim muitos dias ao Sr. Kéraban, o qual, com a

sua lentidão de turco antigo, não andava mais do que quinze a dezasseis léguas em vinte e quatro horas; mas em Odessa encontrou tão mau tempo que não se atreveu a fazer sair a Guidara do porto. Teve, pois, de esperar que o vento de nordeste tivesse mudado para as costas europeias. A sua tartana só nessa manhã pudera ancorar em frente da vila. Este atraso dava-lhe, portanto, pouca dianteira sobre o Sr. Kéraban e podia ser prejudicial aos seus interesses.

Devia pois Yarhud pôr-se em campo sem perder um só dia. O seu plano estava já formado: primeiro empregaria a astúcia e depois a força, se a astúcia não bastasse; o que era preciso era que, nessa tarde mesmo, a Guidara saísse de Odessa, levando Anasia a bordo. Antes que se desse pelo rapto e que a pudessem perseguir, a tartana, com a brisa do noroeste, estaria fora de alcance.

Este género de raptos faz-se ainda, e com mais frequência do que se pode imaginar, em diversos pontos do litoral. É frequente nas águas turcas, nas paragens da Anatólia, e é também de reocar um pouco nas parcelas de território directamente submetido à autoridade moscovita. Há alguns anos apenas, tinha havido em Odessa uma série de raptos, cujos autores foram sempre desconhecidos. Várias donzelas, pertencentes á alta sociedade, desapareceram, e era mais que certo que tinham sido levadas nos navios que se entregam ao comércio odioso de escravos, nos mercados da Ásia Menor.

Ora, o que alguns miseráveis haviam feito nesta capital da Rússia Meridional, contava Yarhud fazê-lo em proveito do Sr. Saffar. A Guidara não era a primeira vez que entrava nestas campanhas, e o seu capitão não teria cedido, com dez por cento de perda, os lucros que esperava tirar desta empresa «comercial».

O plano de Yarhud era o seguinte: atrair Anasia a bordo da Guidara, com o pretexto de lhe mostrar e de lhe vender diversos tecidos preciosos, comprados nas principais fábricas do litoral. Era provável que, na sua primeira visita ao navio, Ahmet acompanhasse Anasia; mas talvez que ela depois voltasse ali sozinha com Nedjeb. Não seria então possível fazer-se ao largo, antes que o pudessem perseguir? Se, pelo contrário, Anasia se não deixasse tentar pelas ofertas de Yarhud, e não quisesse ir a bordo, tentaria o capitão maltês raptá-la à viva força! A casa do banqueiro Selim ficava isolada numa pequena enseada, no fundo da baía, e os seus habitantes não estavam em estado de resistir aos dez homens que formavam a tripulação da tartana. Mas, em todo o caso, haveria luta. As condições do rapto seriam conhecidas. Portanto, em seu próprio interesse, era melhor que tudo se fizesse sem ruído.

- O Sr. Ahmet? - inquiriu o capitão Yarhud, que vinha acompanhado por um dos seus marinheiros, que trazia algumas amostras dos tecidos.

- Sou eu - respondeu Ahmet. - E o senhor?...

- Eu sou o capitão Yarhud, comandante da tartana Guidara, que está ali ancorada, defronte da casa do banqueiro Selim.

- E o que deseja?
- Sr. Ahmet - começou Yarhud -, ouvi falar do seu próximo casamento...
- Ouviu falar, capitão, da coisa que me é mais querida...
- Compreendo, Sr. Ahmet - voltou Yarhud, voltando-se para Anasia. - Por isso tive a ideia de vir pôr à sua disposição todas as riquezas que se encontram a bordo da minha tartana.
- E não teve má ideia, capitão Yarhud - declarou Ahmet.
- Mas de que preciso eu mais, meu querido Ahmet? - observou Anasia.

104

- Quem sabe? - respondeu Ahmet. - Estes capitães, que vêm do Oriente, trazem muitas vezes objectos preciosos, e sempre é bom ver...
- Sim, é bom ver e comprar - exclamou Nedjeb -, ainda quando devêssemos arruinar o Sr. Kéran para o castigar da sua demora!
- E de que objectos consta a sua carga, capitão? - quis saber Ahmet.
- De tecidos de alto preço, que fui comprar nas terras em que os fazem - elucidou Yarhud -, e com os quais negoço habitualmente.
- Pois bem, é preciso mostrar isso a estas duas senhoras, que entendem disso, muito mais do que eu, e serei muito feliz, querida Anasia, se o capitão da Guidara trouxer alguns tecidos que lhe possam agradar!
- Não duvido que assim seja - respondeu Yarhud - e tive, além disso, o cuidado de trazer algumas amostras, que lhes peço que examinem antes de virem a bordo.
- Vamos a ver! Vamos a ver! - exclamou Nedjeb. - Já o previno, porém, capitão, de que para a minha senhora nada é bonito de mais!
- Nada, com efeito! - aprovou Ahmet.
A um sinal de Yarhud, o marinheiro apresentou várias amostras, que o capitão da tartana indicou a Anasia.
- Aqui estão sedas de Brussa, bordadas a prata - explicou ele -, que apareceram há pouco nos bazares de Constantinopla.
- O trabalho é verdadeiramente admirável - declarou Anasia, examinando os estofos, que, sob os dedos ágeis de Nedjeb, cintilavam como se fossem tecidos com raios luminosos.
- Veja! Veja! - repetia a zíngara. - Nas lojas de Odessa não teríamos encontrado melhor!
- Na verdade, tudo isto parece que foi feito para si, minha querida Anasia! - afirmou Ahmet.

105

- Recomendo-lhe também - continuou Yarhud -, que examinem bem estas musselinas de Escutári e de Tournovo. Por esta amostra podem julgar da perfeição do trabalho, mas a bordo, principalmente, ficarão maravilhados com a variedade dos

ornatos e o brilho da cor destes tecidos.

- Está dito, capitão, iremos a bordo da Guidara - exclamou Nedjeb.

- E não se hão-de arrepender - tornou Yarhud. - Mas permitam-me que lhes mostre ainda alguns outros artigos. Aqui estão brocados adiamantados, camisas de secla com riscas diáfanas, tecidos para feredjés, musselinas para iachmaks, xales da Pérsia para a cintura, tafetás para calças...

Anasia não se fartava de admirar esses tecidos magníficos que o capitão maltês fazia brilhar aos seus olhos com arte infinita. Se este era tão bom marinheiro como negociante hábil, a Guidara devia estar habituada às travessias felizes. Qualquer mulher - e as mulheres turcas não fazem excepção a isto - se teria deixado tentar à vista desses tecidos, que vinham das melhores fábricas do Oriente.

Viu bem Ahmet como a sua noiva olhava para tudo aquilo com admiração. De facto, Nedjeb tivera razão dizendo que nem os bazares de Odessa, nem os de Constantinopla, nem mesmo os armazéns de Ludovice, o célebre negociante arménio, tinham coisa alguma de mais maravilhoso.

- Minha querida Anasia - disse Ahmet -, não há-de querer, não é verdade, que este digno capitão se incomode sem resultado? Como ele lhe mostra tecidos tão bonitos e como na sua tartana há outros mais belos ainda, iremos a bordo.

- Sim! Sim! - exclamou Nedjeb, que já estava fora de si e parecia correr na direcção do mar.

- E havemos de encontrar - prosseguiu Ahmet -, alguma coisa que agrade a esta louca Nedjeb!

106

- Então não é preciso que Nedjeb honre a sua senhora - respondeu aquela - no dia do seu casamento com um senhor tão generoso como o Sr. Ahmet?

- E sobretudo tão bom! - volveu Anasia, estendendo a mão ao noivo.

- Está combinado, capitão - disse Ahmet. - Iremos a bordo da sua tartana.

- A que horas? - perguntou Yarhud. - Eu quero estar lá para lhes mostrar todas as minhas riquezas.

- Depois do meio-dia.

- E porque não imediatamente?! - exclamou Nedjeb.

- Oh! Que impaciência! - disse Anasia, rindo. - Nedjeb está ainda com mais pressa do que eu de ir ver esse bazar flutuante! Como se vê bem que Ahmet lhe prometeu um presente, que a há-de fazer ainda mais coquette!

- Coquette - exclamou Nedjeb, com a sua voz meiga -, coquette, mas só para a minha querida senhora!

- Depende só do Sr. Ahmet - declarou então o capitão Yarhud - virem desde já a bordo da Guidara. Posso chamar o meu escaler, que atracará junto do terraço, e num instante os porá a bordo.

- Pois sim, capitão - concordou Ahmet.

- Sim... vamos a bordo! - exclamou Nedjeb.

- Vamos, uma vez que Nedjeb assim o quer! - concordou

Anasia.

O capitão Yarhud deu então ao marinheiro ordem de tornar a enrolar todas as amostras que tinha trazido.

Entretanto, dirigiu-se para a balaustrada na extremidade do terraço e soltou um grito prolongado.

Notou-se então algum movimento no convés da tartana. O escaler, que estava içado nos turcos a bombordo, foi prontamente lançado ao mar, e em menos de cinco minutos essa embarcação afilada e ligeira, movida por quatro remos, vinha atracar aos pequenos degraus do terraço.

107

O capitão Yarhud fez então sinal ao Sr. Ahmet de que o escaler estava à sua disposição.

Apesar de todo o império que tinha sobre si, Yarhud sentia viva comoção. Não seria aquela uma ocasião excelente de realizar o rapto? O caso era urgente, pois o Sr. Kéranban podia chegar de um momento para o outro. Não se podia saber, além disso, se antes de fazer essa viagem insensata à volta do mar Negro, não quereria ele realizar no mais curto prazo o casamento de Anasia e de Ahmet. Ora Anasia já mulher de Ahmet não ficaria sendo a virgem esperada no palácio do Sr. Saffar!

O capitão Yarhud sentiu repentino desejo de empregar a força. Dizia isto bem com a sua natureza brutal, que não conhecia o que eram contemplações. Além disso, as circunstâncias eram favoráveis e o vento próprio para sair dessas dificuldades. A tartana estaria no mar alto antes que se lembrassem de a perseguir, no caso em que se desse pela desapareição de Anasia. Se Ahmet estivesse ausente, com certeza que, logo que Anasia e Nedjeb se encontrassem a bordo da Guidara, Yarhud não teria hesitado em se pôr ao largo, quando ambas, sem desconfiança, estivessem ocupadas em examinar a carga. Seria fácil conservá-las prisioneiras na coberta e sufocar os seus gritos até que saísse da baía. Com Ahmet presente, o caso era mais intrincado, mas não impossível de resolver. O facto de se livrar mais tarde de Ahmet, mesmo à custa de uma morte, não era de natureza a incomodar o capitão da Guidara. A morte seria acrescentada à conta, e o rapto pago por maior preço pelo Sr. Saffar.

Esperava, pois, Yarhud nos degraus do terraço, pensando no que devia fazer e aguardando que Ahmet e as suas companheiras embarcassem no escaler da Guidara, que se balanceava nas águas, levemente agitadas pela brisa, a menos de meia amarra de distância.

Ahmet, em pé no último degrau, tinha já ajudado Anasia a tomar lugar no banco de trás do escaler quando se abriu a porta da galeria.

108

Em seguida, um homem, de cinquenta anos de idade, o máximo, e cujo vestuário à turca se confundia com o traje europeu,

entrou precipitadamente, gritando:

- Anasia!... Ahmet!

Era o banqueiro Selim, o pai da noiva, correspondente e amigo do Sr. Kéraban.

- Minha filha!... Ahmet! - repetiu Selim.

Anasia, pegando de novo na mão que lhe estendia Ahmet, desembarcou logo e saltou para o terraço.

- O que há de novo, meu pai? - perguntou ela. - Porque saiu tão depressa da cidade?

- Há uma grande novidade!

- Boa?... - perguntou Ahmet.

- Excelente! - respondeu Selim. - Acaba de chegar ao meu escritório um expresso, mandado pelo meu amigo Kéraban!

- É possível - exclamou Nedjeb.

- Um expresso que veio comunicar-me a sua chegada - continuou Selim -, e que apenas o precede poucos momentos.

- O meu tio Kéraban! - repetia Ahmet. - O meu tio Kéraban já não está em Constantinopla?

- Não, e estou à espera dele!

Felizmente para o capitão da Guidara, ninguém viu o movimento de despeito que ele não pôde conter. A chegada imediata do tio de Ahmet era a pior eventualidade que ele podia ter para levar a cabo os seus projectos.

- Ah! É o excelente Sr. Kéraban? - exclamou Nedjeb.

- Mas por que razão vem ele aí? - interrogou Anasia.

- Vem para o seu casamento, minha querida senhora! - lembrou Nedjeb. - Se não fosse isso, o que viria ele fazer a Odessa?

- Deve ser isso - concordou Selim.

- Assim o penso! - declarou Ahmet. - A não ser por esse motivo, por que razão teria ele saído de Constantinopla?

Pensou decerto melhor, o meu digno tio. Deixou o seu escritório e os seus negócios bruscamente, sem nos prevenir!... , uma surpresa que nos quis fazer!

- Como nós o vamos receber! - exclamou Nedjeb -, e que acolhimento o espera!

- Ele não mandou dizer coisa alguma acerca do que o traz aqui? - perguntou Anasia.

- Coisa alguma - respondeu Selim. - O expresso alugou um cavalo na casa de posta de Majaki, onde a carruagem do meu amigo Kéraban tinha parado para fazer as mudas. Chegou depois ao meu escritório e deu-me parte de que o meu amigo Kéraban viria directamente aqui, sem parar em Odessa. Por consequência, de um momento para o outro vai aparecer o meu amigo Kéraban!

É inútil insistir em como o amigo Kéraban para o banqueiro Selim, o tio Kéraban para Anasia e Ahmet, e o Sr. Kéraban para Nedjeb, foi nesta ocasião qualificado o mais amavelmente possível. A chegada dele era a realização do casamento em pouco tempo! Era a felicidade dos noivos em curto prazo! A união tão desejada não tinha mesmo que esperar para se efectuar! Se o Sr. Kéraban era o mais cabeçudo, era também o melhor dos homens!

Yarhud, impassível, assistia a essa cena de família. Não tinha, contudo, mandado embora o escaler. Importava-lhe saber quais eram, ao certo, os projectos do Sr. Kéraban. Não era para rezear, de facto, que ele quisesse que o casamento de Anasia e Ahmet se realizasse antes da continuação da sua viagem à volta do Mar Negro?

Nesse momento ouviram-se do lado de fora algumas vozes, dominadas por outra mais imperiosa. Abriu-se a porta e apareceu o Sr. Kéraban, seguido de Van Mitten, Bruno e Nizib.

CAPÍTULO X

Ahmet toma uma resolução enérgica, ditada, contudo, pelas circunstâncias

- Bons dias, amigo Selim, bons dias! Que Alá te proteja e a toda a tua casa!

E, dizendo isto, o Sr. Kéraban apertou com força a mão do seu correspondente em Odessa.

- Bons dias, meu sobrinho Ahmet!

E o Sr. Kéraban estreitou ao peito o seu sobrinho Ahmet.

- Bons dias, minha pequena Anasia!

E o Sr. Kéraban beijou nas duas faces essa que ia ser sua sobrinha.

Tudo isto foi feito tão rapidamente que ninguém teve tempo de dizer uma só palavra.

- E agora até à vista e vamos embora! - continuou o Sr. Kéraban, voltando-se para Van Mitten.

O fleumático holandês, que ainda não tinha sido apresentado, parecia, com a sua fisionomia impassível, alguma personagem extraordinária, evocada na cena principal de um drama.

Vendo o Sr. Kéraban distribuir com tanta prodigalidade esses beijos e apertos de mão, já ninguém duvidava de que ele tivesse vindo apressar o casamento, mas, quando o ouviram dizer: "Vamos embora!", caíram na maior estupefacção.

Foi Ahmet quem primeiro falou, interrogando:

- Como, vai-se embora?

112

- Vou, sim, meu sobrinho!

- Torna a partir, meu tio?

- Imediatamente.

Ficaram todos de novo admirados, enquanto Van Mitten dizia ao ouvido de Bruno:

- Falando verdade, esta maneira de proceder é própria do carácter do meu amigo Kéraban!

- Muito própria! - concordou Bruno.

Anasia, entretanto, olhava para Ahmet, o qual olhava para Selim, enquanto Nedjeb não se fartava de contemplar esse tio inverosímil - um homem capaz de partir antes mesmo de ter

chegado!

- Vamos, Van Mitten - insistiu o Sr. Kéraban, dirigindo-se para a porta.

- O senhor pode dizer-me?... - disse Ahmet a Van Mitten.

- Não lhe posso dizer coisa alguma - replicou o holandês, que ia já atrás do seu amigo.

O Sr. Kéraban, porém, quando ia a sair, parou e, dirigindo-se ao banqueiro:

- A propósito, amigo Selim - perguntou-lhe ele -, é possível trocar-me alguns milhares de piastras pelo seu valor em rublos?

- Alguns milhares de piastras?... - respondeu Selim, que nem tentava compreender.

- Sim... amigo Selim... por dinheiro russo, de que eu tenho necessidade para andar no território moscovita.

- Mas, meu tio, dir-nos-á finalmente?... - exclamou Ahmet, secundado por Anasia.

- A como está hoje o câmbio? - perguntou o Sr. Kéraban.

- A três e meio por cento - elucidou Selim, que nesse momento era só banqueiro.

- O quê? Três e meio?

- Os rublos vão subindo! - respondeu Selim. - Há pedidos deles na Bolsa...

113

- Vamos lá, para mim, amigo Selim, será apenas três e um quarto! Entende?... Três e um quarto!

- Pois sim, pois sim, e até sem comissão alguma!

O banqueiro Selim já não sabia com certeza o que dizia nem o que fazia.

Pode bem crer-se que, do fundo da galeria onde estava desviado, Yarhud observava toda esta cena com extrema atenção. O que se iria passar de favorável ou de contrário aos seus projectos?

Nessa ocasião, Ahmet agarrou o tio pelo braço, fê-lo parar no limiar da porta por onde ia sair, e obrigou-o a voltar para trás, não sem custo, atento o seu carácter de cabeçudo.

- Meu tio - disse ele -, o senhor abraçou-nos a todos na ocasião da sua chegada...

- Não, não, meu sobrinho - emendou Kéraban -, na ocasião da minha partida!

- Pois seja assim, meu tio!... Não quero contrariá-lo... Mas diga-nos, ao menos, por que razão veio a Odessa?

- Eu não vim a Odessa - esclareceu Kéraban -, senão porque Odessa me ficava no caminho. Se assim não fosse, não teria vindo a Odessa! Não é isto verdade, Van Mitten?

O holandês contentou-se em fazer um sinal afirmativo abaixando lentamente a cabeça.

- Ah! É verdade que não o apresentei, e é preciso que o faça - disse o Sr. Kéraban.

E, dirigindo-se a Selim:

- O meu amigo Van Mitten, meu correspondente em Roterdão, que vai jantar comigo a Escutári!

- A Escutári? - exclamou o banqueiro.

- Parece que sim! - confirmou Van Mitten.
- E o seu criado Bruno - voltou Kéraban -, um bom criado, que não quis separar-se do seu amo!
- Parece-me que sim!... - repetiu Bruno, com a fidelidade de um eco.
- E agora vamos embora!

114

Ahmet interveio novamente.

- Meu tio, pode crer que ninguém aqui tem desejo de lhe resistir... Mas se o meu tio não veio a Odessa senão porque Odessa lhe fica no caminho, por onde tencionava então seguir para ir de Constantinopla a Escutári?

- Tenciono dar a volta ao mar Negro!

- Dar a volta ao mar Negro! - estranhou Ahmet.

Houve um instante de silêncio.

- Ora digam-me - replicou Kéraban -, o que há de pasmoso e de extraordinário em que eu vá de Constantinopla a Escutári dando a volta ao mar Negro?

O banqueiro Selim e Ahmet olharam um para o outro. Estaria doido o rico negociante de Gálata?

- Amigo Kéraban - interveio então Selim -, nós não queremos contrariá-lo...

Era esta a frase habitual por onde a prudência mandava começar qualquer conversação com essa cabeçuda personagem.

... Não queremos contrariá-lo, mas parece-nos que, para ir mais directamente de Constantinopla a Escutári, não é preciso mais do que atravessar o Bósforo!

- Já não existe o Bósforo!

- Não existe o Bósforo!... - repetiu Ahmet.

- Para mim, pelo menos! Não existe senão para aqueles que querem sujeitar-se a pagar um imposto iníquo, um imposto de dez paras por cabeça, um imposto que o Governo dos novos-turcos lançou sobre essas águas, livres até hoje de qualquer tributo!

- O quê!... Um novo imposto! - exclamou Ahmet, compreendendo imediatamente em que aventura fora lançado seu tio pela sua incrível teimosia.

- É verdade - continuou o Sr. Kéraban, entusiasmando-se cada vez mais. - Quando eu ia embarcar no meu caíque... para ir jantar a Escutári com o meu amigo Van Mitten, acabava de ser lançado esse imposto das dez paras!... Como é natural, não quis pagá-lo!... Não me deixaram passar!...

115

Disse então que havia de ir a Escutári sem atravessar o Bósforo!... Disse que assim havia de ser! Juro, por Alá, que primeiro me cortarão a mão do que levá-la eu à algibeira para tirar as dez paras! Não! Por Maomet! Por Maomet, eles não conhecem Kéraban!

Era evidente que eles não conheciam Kéraban! Mas o seu amigo

Selim, o seu sobrinho Ahmet, Van Mitten e Anasia conheciam-no e, depois do que se tinha passado, viram bem que era impossível fazê-lo mudar de resolução. Não havia, pois, que discutir, o que traria complicações, mas sim aceitar a situação.

Estava isto tão naturalmente indicado que tudo se fez de comum acordo, sem combinação precisa.

- Afinal, meu tio, tem muita razão! - afirmou Ahmet.

- Muitíssima razão - asseverou Kéraban.

- Deve-se resistir às pretensões iníquas - ajuntou Ahmet -, resistir, ainda que nos deva custar a fortuna...

- E a vida! - acrescentou Kéraban.

- Fez bem, portanto, em não querer pagar o tal imposto e mostrar que pode ir de Constantinopla a Escutári sem atravessar o Bósforo!...

- E sem desembolsar dez paras - disse Kéraban -, ainda que isto me custe quinhentas mil!

- Mas não tem muita pressa de partir, suponho eu - sugeriu Ahmet.

- Tenho muita, meu sobrinho - respondeu Kéraban. - É preciso, e tu bem sabes porquê, que esteja de volta antes de seis semanas!

- Não podia ficar uns oito dias em Odessa, meu tio?...

- Nem cinco, nem quatro, nem um - decidiu Kéraban -, nem mesmo uma hora!

Ahmet viu que ia reaparecer o medonho cabeçudo. Fez então a Anasia sinal que pedisse ela.

- E o nosso casamento, Sr. Kéraban? - lembrou Anasia, pegando-lhe na mão.

- O teu casamento, Anasia, não se atrasará com isto. É necessário que ele esteja efectuado antes do fim do próximo mês?... Pois bem, há-de estar!... A minha viagem não o há-de fazer demorar um só dia... mas com a condição de que hei-de partir sem perder um instante.

Caíam assim por terra todas as esperanças que se tinham formado à chegada inesperada do Sr. Kéraban. O casamento não seria apressado, mas também não havia de atrasar-se, segundo ele dizia! E quem podia afirmá-lo? Como prever as eventualidades de viagem tão longa e penosa, feita em tais condições?

Não pôde Ahmet conter um gesto de despeito, que seu tio não viu felizmente, bem como não viu a nuvem que escureceu a frente de Anasia, nem ouviu Nedjeb murmurar:

"Que mau tio este!"

- Além disso - prosseguiu Kéraban, com modos de quem faz uma proposta para a qual não há objecção possível -, espero que Ahmet me há-de acompanhar!

- Que demónio! Isto é uma estocada directa, bem difícil de apagar! - disse Van Mitten a meia voz.

- Ninguém se defende dela! - acrescentou Bruno.

Ahmet, com efeito, recebeu o golpe em pleno coração. Por seu

lado, Anasia, ferida pela notícia da partida do noivo, estava imóvel, junto de Nedjeb, que de boa vontade teria arrancado os olhos ao Sr. Kéraban.

No fundo da galeria, o capitão da Guidara não perdia uma palavra da conversação. Tudo aquilo começava a tomar aspecto favorável aos seus projectos.

Selim, ainda que com pouca esperança de modificar a resolução do seu amigo, pensou que era conveniente tomar a palavra:

- É forçoso então, Kéraban, que o seu sobrinho dê consigo a volta ao mar Negro?

- Forçoso, não! Não creio, contudo, que Ahmet hesite em me acompanhar!

117

- Entretanto!... - arriscou Selim.

- Entretanto?... - repetiu o tio, cujos dentes se apertaram uns contra os outros, como sempre lhe acontecia no começo de qualquer discussão.

À última palavra dita pelo Sr. Kéraban seguiu-se um minuto de silêncio, que pareceu interminável. Ahmet, porém, tinha tomado energicamente o seu partido. Estava falando em voz baixa com Anasia. Dizia-lhe como, por muita pena que ambos sentissem com a sua partida, era melhor não resistir; como, sem ele, essa viagem poderia ter demoras de todo o género, e, com ele, pelo contrário, se faria mais rapidamente; como, com o conhecimento perfeito que tinha da língua russa, não deixaria que se perdesse nem um dia nem uma hora; como obrigaria seu tio a andar em passo dobrado, conforme se diz, mesmo que isso lhe custasse o triplo; e como, enfim, antes do fim do mês seguinte, isto é, antes da data em que Anasia devia já estar casada a fim de não perder uma fortuna considerável, teria ele trazido Kéraban à margem esquerda do Bósforo.

Anasia não tinha forças para dizer que sim, mas compreendia que era o melhor partido que havia a tomar.

- Então, está dito, meu tio! - afirmou Ahmet -, Acompanhá-lo-ei e estou pronto a partir, mas...

- Nada de condições, meu sobrinho!

- Pois bem, nada de condições! - acedeu Ahmet.

E acrescentou mentalmente:

"Eu saberei fazer-te correr, ainda que fiques esfalfado, meu cabeçudo!"

- Vamos embora - ordenou Kéraban.

E, voltando-se para Selim:

- E os rublos em troca das piastras?...

- Eu lhos darei logo que chegarmos a Odessa, aonde o vou acompanhar.

- Está pronto, Van Mitten? - perguntou Kéraban.

- Estou sempre pronto.

118

- Então, Ahmet - mandou Kéraban -, abraça a tua noiva, abraça-a com alma, e partamos!

Ahmet estava já estreitando Anasia, que não podia conter algumas lágrimas.

- Ahmet, meu querido Ahmet!... - choramingava ela.

- Não chores, querida Anasia! - recomendava-lhe Ahmet. - Prometo-te que, se o nosso casamento não for realizado mais cedo, não o há-de ser mais tarde!... São apenas algumas semanas de ausência!...

- Ah! minha querida senhora - sugeriu Nedjeb -, se o Sr. Kéraban quebrasse uma perna ou as duas antes de sair daqui! Quer que eu arranje isso?

Ahmet, porém, ordenou à zíngara que estivesse sossegada, e fez bem. Nedjeb era com certeza mulher capaz de tentar tudo para demorar esse tio intratável.

As despedidas estavam feitas e dados os últimos beijos. Sentiam-se todos comovidos. O próprio holandês sentia apertar-se-lhe o coração. Somente o Sr. Kéraban não via coisa alguma ou nada queria ver da comoção geral.

- A carruagem está pronta? - inquiriu ele de Nizib, que nesse momento entrava na galeria.

- Está pronta - respondeu Nizib.

- Vamos - decidiu Kéraban. - Ah! senhores turcos modernos, que trajais à europeia! Ah! senhores otomanos de hoje, que nem mesmo sabeis ser gordos!

Era isto, evidentemente, uma decadência imperdoável aos olhos do Sr. Kéraban.

... Ah! senhores renegados, que vos submeteis às prescrições de Mahmoud, hei-de mostrar-vos como são feitos os antigos crentes!

Nessa ocasião ninguém contradizia o Sr. Kéraban, e ele, contudo, excitava-se cada vez mais.

- Ah! quereis monopolizar o Bósforo em vosso proveito! Pois hei-de passar sem esse Bósforo! Faço lá caso do vosso Bósforo! O que diz, Van Mitten?

119

- Eu não digo nada - assegurou Van Mitten, que, de facto, nem tinha aberto a boca, nem mesmo se atreveria a fazê-lo!

- O vosso Bósforo! - continuou o Sr. Kéraban, estendendo a mão fechada para o sul. - Felizmente, está ali o mar Negro! Tem um litoral, este mar, e que não é feito unicamente para os condutores de caravanas! Hei-de segui-lo, hei-de contorná-lo! Hem, meus amigos, não estão vendo daqui a cara que hão-de fazer esses empregados do Governo, quando me virem aparecer nas alturas de Escutári sem ter deitado nem meia pára na sua gamela de mendigos administrativos!...

Deve concordar-se que o Sr. Kéraban, trovejando ameaças nesta imprecação suprema, estava magnífico.

- Vamos, Ahmet! Vamos, Van Mitten! - exclamou ele. - A caminho! A caminho! A caminho!

Tinha já chegado à porta quando Selim o deteve:

- Amigo Kéraban - disse ele -, uma simples observação.

- Não admito observações!
 - Então uma simples pergunta, que Lhe desejo fazer - insistiu o banqueiro.
 - Há porventura tempo para isso?...
 - Escute, amigo Kéraban. Quando tiver chegado a Escutári, depois de ter dado a volta ao mar Negro, o que conta fazer?
 - Eu?... Pois bem, eu... eu...
 - Suponho que não vai fixar a sua residência em Escutári, sem voltar a Constantinopla, onde tem a sua casa comercial?
 - Não... - admitiu Kéraban, hesitando um pouco.
 - De facto, meu tio - observou Ahmet -, se teimar em não atravessar o Bósforo, como se fará o nosso casamento?
 - Amigo Selim, nada mais simples - respondeu Kéraban,

120

deixando de responder à primeira pergunta, que não deixava de o atrapalhar. - Quem o impede de vir a Escutári com Anasia? Custar-lhe-á isso dez paras por cabeça, é verdade, para atravessar o Bósforo, mas a sua honra não está envolvida, como a minha, neste negócio!

- Sim! Sim! Venha a Escutári daqui a um mês - exclamou Ahmet. - Esperar-nos-á aí, minha querida Anasia, e faremos de maneira que não hão-de esperar muito!
 - Pois bem! Rendez-vous em Escutári! - concordou Selim. - Realizaremos aí o casamento! Mas, enfim, amigo Kéraban, depois de efectuado o casamento, não volta a Constantinopla?
 - Hei-de voltar, com certeza, hei-de voltar - declarou Kéraban.
 - E como?
 - Ou esse imposto vexatório estará abolido, e atravessarei o Bósforo sem pagar...
 - Ou não o está?
 - Ou não o está! - concluiu o Sr. Kéraban, fazendo um gesto soberbo -, e então, por Alá! Voltarei pelo mesmo caminho e tornarei a dar a volta ao mar Negro!

CAPÍTULO XI

Junta-se um pouco de drama a esta história fantasiosa de viagem

TiNHAM todos partido! Tinham deixado a vila - o Sr. Kéraban para fazer a sua viagem, Van Mitten para acompanhar o seu amigo, Ahmet para seguir seu tio, e Nizib e Bruno. A casa ficara deserta, não contando cinco ou seis criados, que se ocupavam na sua tarefa habitual. O próprio banqueiro Selim partira para Odessa, a fim de dar aos viajantes os rublos em troca das piastras otomanas.

Na vila tinham apenas ficado Anasia e Nedjeb.
 O capitão maltês bem o sabia. Havia seguido, com interesse

fácil de conceber, todas as peripécias desta cena de despedida. Adiará o Sr. Kéraban, para quando voltasse, o casamento de Anasia e Ahmet? Tinha-o adiado de facto, o que era já uma boa cartada no seu jogo. Consentiria Ahmet em acompanhar seu tio?... Consentira, o que era segunda boa cartada.

Tinha ainda o maltês terceira cartada: era que Anasia e Nedjeb estavam agora sós na vila ou, pelo menos, na galeria que deitava para o mar. A tartana estava ali, a meia amarra de distância... O escaler atracado junto dos degraus... Os seus marinheiros prontos a obedecer-lhe, a um sinal feito por ele... Não tinha mais do que decidir-se!

Teve então Yarhud fortes tentações de empregar a violência

122

para se apoderar de Anasia. Mas, por fim, como era homem prudente e não queria fazer coisa alguma ao acaso, começou a pensar como devia proceder para que não ficasse sinais alguns do rapto.

Era ainda muito dia. Se Yarhud recorresse à força, Anasia gritaria por socorro e Nedjeb juntaria os seus gritos aos dela, sendo talvez ouvidas por algum criado! Talvez que então se visse a Guidara largando as velas a toda a pressa para sair da baía de Odessa, o que seria um indício e um começo de prova... Nada! Era melhor proceder com mais prudência e esperar pela noite. O importante era que Ahmet não estivesse presente... e ele já ali não estava.

O maltês ocultava-se, pois, assentado na popa do escaler, escondido em parte pela balaustrada, e pôs-se a observar Anasia e Nedjeb, que nem sequer pensavam na presença dessa personagem perigosa.

No entanto, se, em consequência da visita que fora combinada, Anasia e Nedjeb consentissem em vir a bordo da tartana, quer para examinarem os artigos que quisessem comprar, quer por qualquer outro motivo - a esse respeito tinha Yarhud a sua ideia -, veria então o que era oportuno fazer, sem aguardar a noite.

Em seguida à partida de Ahmet, Anasia, ferida com este golpe súbito, tinha ficado silenciosa e pensativa, olhando para o horizonte, que se estendia ao longe para os lados do norte. Era para esses lados do litoral, cujo contorno os viajantes iam seguir, e a estrada onde as demoras e talvez os perigos iam pôr à prova o Sr. Kéraban e todos que levava consigo! Se Anasia já tivesse casado, não teria hesitado em acompanhar Ahmet! Poderia opor-se seu tio a isso? Não o teria consentido, com certeza. Não! Desde o momento em que ela fosse sua sobrinha, recearia qualquer influência da sua parte que o fizesse deter-se nesse declive perigoso, onde a sua obstinação o impelia! E agora via-se só, e era-lhe preciso esperar,

123

muitas semanas, antes de se tornar a encontrar com Ahmet nessa vila de Escutári, onde deviam casar-se!

Se Anasia, porém, estava triste, Nedjeb estava furiosa contra o cabeçudo, causa de tantas decepções. Ah! Se se tivesse tratado do seu próprio casamento, a zíngara não teria deixado assim que lhe levassem o noivo! Seria mais teimosa que esse teimoso! Não! As coisas não se teriam passado dessa forma!

Nedjeb aproximou-se de Anasia. Pegou-lhe na mão, levou-a para o divã, obrigou-a a descansar, e, assentando-se numa almofada a seus pés:

- Minha querida senhora - começou ela -, no seu lugar, em vez de pensar no Sr. Ahmet, lastimando-o, pensaria no Sr. Kéraban, amaldiçoando-o!

- Para quê? - voltou Anasia.

- Parece-me que isso seria menos triste! - replicou Nedjeb.

- Se quiser, vamos amaldiçoar esse tio com todas as nossas forças! Merece-o bem, e asseguro-lhe que não o pouparei!

- Não, Nedjeb - protestou Anasia. - Falemos antes de Ahmet! É neste só que eu devo pensar! É nele só que eu penso!

- Falemos então dele, minha querida senhora - acedeu Nedjeb.

- Na verdade, ele é o noivo mais encantador que se pode imaginar, mas que tio que tem! Esse déspota, esse egoísta, esse mau homem, que não tinha mais do que dizer uma palavra para nos fazer felizes. e não a disse, que podia demorar-se alguns dias, e não quis! O que ele merecia era...

- Falemos de Ahmet! - insistiu Anasia.

- Sim, minha querida senhora! Como ele a ama! Como há-de ser feliz com ele! Que bom seria se o Sr. Ahmet não tivesse semelhante tio! Mas de que é feito este homem? Sabe que ele fez bem em não se casar com uma, ou mais de uma mulher? Com as suas teimosias faria revoltar as próprias escravas do seu harém!

124

- Aí estás tu a falar ainda a esse respeito! - observou Anasia, que tinha outros pensamentos.

- Não!... Não!... Estou falando do Sr. Ahmet! Não penso também senão no Sr. Ahmet. Olhe, no lugar dele, não teria cedido! Teria insistido!... Julgava que ele tivesse mais energia!

- E quem te diz, Nedjeb, que Ahmet não mostrou maior energia em ceder às ordens de seu tio do que em resistir-lhes? Não vês tu que, por muito que eu sofra com isso, é melhor para nós que ele faça esta viagem, a fim de a apressar por todos os meios possíveis e prevenir talvez os perigos a que o Sr. Kéraban se arrisca, envolvendo-se na sua teimosia habitual! Não, Nedjeb, não! Partindo, Ahmet deu provas de coragem. Partindo, provou-me de novo o seu amor!

- Tem razão, minha querida senhora - concordou Nedjeb, a qual, não obstante, levada pela vivacidade do seu sangue de zíngara, não se rendia formalmente. - Sim! O Sr. Ahmet deu provas de energia partindo! Mas não teria ainda sido mais enérgico se não deixasse partir seu tio?

- Era isso possível, Nedjeb? - replicou Anasia. - Dize lá se era possível?

- Sim e não... talvez! - respondeu Nedjeb. - Não há barra de ferro que se não possa dobrar... ou quebrar, sendo preciso! Ah! O tio Kéraban! É ele só que tem a culpa de tudo isto! E, se acontecer qualquer coisa, só ele é responsável! E quando penso que, para não pagar dez paras, ele fez a desgraça do Sr. Ahmet, a sua... e, por consequência, a minha... Desejaria, sim, desejaria que o mar Negro chegasse até aos últimos limites do mundo, para ver se ele se obstinava ainda a dar a volta à roda dele.

- Fazia-o com certeza! - afirmou Anasia, em tom de profunda convicção. - Falemos, porém, de Ahmet, Nedjeb, não falemos senão dele.

125

Nessa ocasião, Yarhud tinha saído do escaler, e, sem ser visto, dirigia-se para aquele sítio. Anasia e Nedjeb voltaram-se, ouvindo-lhe a bulha dos passos. Ficaram entre surpreendidas e receosas vendo-o ali.

Nedjeb falou em primeiro lugar:

- O capitão? Que vem fazer aqui? Que quer?...

- Não quero nada - respondeu Yarhud, simulando algum espanto por se ver de tal forma recebido -, não quero nada senão pôr-me às suas ordens para...

- Para?... - inquiriu Nedjeb.

- Para as conduzir a bordo da tartana - respondeu o capitão.

- Não me tinham dito que desejavam ver o que ela traz e escolher o que lhes conviesse?

- É verdade, minha querida senhora - declarou Nedjeb. - Prometemos ao capitão...

- Prometemos quando Ahmet ainda aqui estava - replicou Anasia. - Ahmet, porém, partiu, e já não podemos ir a bordo da Guidara!

O capitão franziu as sobrancelhas por um instante, mas em seguida disse muito sossegadamente:

- A Guidara não se pode demorar na baía de Odessa e é possível que saia amanhã ou depois de amanhã, o mais tardar. Portanto, se a noiva do Sr. Ahmet quer fazer aquisição de alguns desses vestidos, cujas amostras Lhe agradaram, é preciso aproveitar a ocasião. O escaler está ali, e dentro de alguns instantes poderemos estar a bordo.

- Agradecemos, capitão - retorquiu Anasia com frieza -, mas confesso que não tenho gosto em me ocupar com essas coisas na ausência do Sr. Ahmet! Ele devia acompanhar-nos nesta visita à Guidara, devia dar-nos os seus conselhos... Já aqui não está agora, e, sem ele, não posso nem quero fazer coisa alguma!

- Sinto imenso - volveu Yarhud -, tanto mais que o Sr. Ahmet, sem dúvida, ficaria agradavelmente surpreendido, quando voltasse, ao ver o que tivesse comprado.

126

É uma ocasião que não volta, e há-de ter pena de não a ter aproveitado!...

- É possível - admitiu Nedjeb -, mas nesta ocasião é melhor não insistir a esse respeito!

- Seja assim - acedeu Yarhud, inclinando-se. - Espero contudo que, se, por acaso, a Guidara voltar a Odessa daqui a algumas semanas, não esqueçam que me prometeram vir a bordo.

- Não o esqueceremos, capitão - assegurou Anasia, dando a entender ao maltês que se podia retirar. Yarhud cumprimentou-as, deu alguns passos em direcção ao terraço, mas, em seguida, parando como se lhe tivesse ocorrido qualquer ideia repentina, dirigiu-se de novo a Anasia, quando esta ia a sair da galeria.

- Uma palavra ainda, ou antes uma proposta, que não pode deixar de ser agradável à noiva do Sr. Ahmet.

- De que se trata? - perguntou Anasia, um tanto impacientada com a obstinação do capitão maltês em lhe impor a sua presença e em ter esta conversação na vila.

- O acaso fez que eu assistisse a toda a cena que se deu antes da partida do Sr. Ahmet.

- O acaso? - estranhou Anasia, que começou a ter um pressentimento de desconfiança.

- Apenas o acaso! - afiançou Yarhud. - Eu estava ali, no escaler, que tinha deixado à sua disposição...

- E que proposta nos tem a fazer, capitão? - perguntou Anasia.

- Uma proposta muito natural - volveu Yarhud. - Vi bem como a filha do banqueiro Selim ficou incomodada com esta partida brusca, e se lhe agrada ver ainda uma vez o Sr. Ahmet...?

- Vê-lo ainda uma vez!... Que quer dizer?... - perguntou Anasia, batendo-lhe o coração a este pensamento.

- Quero dizer - explicou Yarhud - que dentro de uma hora,

deve a carruagem do Sr. Kériban passar precisamente pela ponta daquele cabo pequeno que se vê ali em baixo...

Anasia olhou em frente, na direcção da curvatura, pouco pronunciada, que a costa fazia no sítio indicado pelo capitão.

- Ali?... Ali?... - interrogou ela.

- Sim.

- Minha querida senhora - exclamou Nedjeb -, se nós pudéssemos ir a esse sítio?...

- Nada mais fácil - declarou Yarhud. - Em meia hora, com o vento que está, a Guidara chegará com certeza a esse cabo, e, se quiser embarcar, partiremos imediatamente.

- Sim!... Sim!... - exclamou Nedjeb, que, neste passeio por mar, via só para Anasia a ocasião de ver ainda uma vez o seu noivo.

Anasia, porém, tinha reflectido. Ao ver a sua hesitação, não pôde o capitão deixar de fazer um movimento, que lhe não escapou. Então pareceu-lhe que a fisionomia de Yarhud não depunha a seu favor e começou a desconfiar.

Deixando em seguida a balaustrada, onde se tinha encostado

para distinguir melhor o prolongamento do litoral, Anasia tornou a entrar para casa, seguida por Nedjeb.

- Espero as suas ordens? - disse o capitão.

- Não, capitão - respondeu Anasia. - Tornando a ver o meu noivo nessas condições, parece-me que lhe daria mais desgosto do que prazer.

Yarhud, compreendendo então que nada faria demover Anasia, retirou-se.

Instantes depois, o escaler largava, levando o capitão maltês e os seus marinheiros, em seguida, atracando à tartana, ficou prolongado com ela a bombordo, virando rapidamente para o largo.

Anasia e Nedjeb ficaram sós na galeria durante uma hora.

128

Anasia voltou a encostar-se à balaustrada e pôs-se a olhar com insistência para esse ponto do litoral, indicado por Yarhud, como sendo o ponto por onde devia passar a carruagem do Sr. Kéraban.

Nedjeb observava da mesma forma essa curva da costa, que se destacava a meia légua para este.

Passada uma hora, a zíngara exclamou:

- Veja! Veja, minha querida senhora! Não é uma carruagem que vai além pela estrada, para lá das penedias?

- É sim! - respondeu Anasia. - São eles! É ele, é ele!

- Mas não a pode ver!...

- Que me importa! Pressinto que olha para cá!

- É certo, minha querida senhora! - afirmou Nedjeb. - O Sr. Ahmet deve ter descoberto a vila no meio das árvores, no fundo da baía, e talvez também nos visse...

- Até à vista, meu Ahmet! Até à vista! - disse ainda uma vez Anasia, como se esse adeus pudesse chegar até ao seu noivo.

Anasia e Nedjeb, logo que a carruagem de posta desapareceu na curva da estrada, no declive mais alto das penedias, saíram da galeria e tornaram a entrar em casa.

De cima do convés da tartana, Yarhud viu-as irem-se embora, e deu ordem aos homens de quarto que, logo que chegasse a noite, vissem se elas voltavam. Estava deci dido, uma vez que a astúcia lhe não servira, a empregar a força.

Não há dúvida de que, desde a partida de Ahmet, e dando-se a circunstância propícia de o casamento se não realizar antes de seis semanas, o rapto de Anasia não requeria tanta pressa. Devia-se, porém, contar com as impaciências do Sr. Saffar, que estava talvez próximo a chegar a Trebizonda. Ora, com as incertezas da navegação do mar Negro, um navio de vela pode atrasar-se de quinze a vinte dias. Importava, pois, partir,

129

o mais cedo possível, caso Yarhud quisesse chegar na data marcada na sua conversação com o intendente Scarpante.

Yarhud era com certeza um velhaco, mas um velhaco que quer

satisfazer aos seus pontos de honra. Resultou daqui o seu projecto de pôr mãos à obra no mesmo instante.

As circunstâncias eram todas a seu favor. Com efeito, à boca da noite, antes mesmo que o pai tivesse voltado da sua casa bancária, tornou Anasia a entrar na galeria. Desta vez vinha só. Antes que fosse noite fechada, queria ver ainda uma vez esse panorama distanciado de penedias, que limitava a norte o horizonte. Era por ali que tinha ido todo o seu coração. Voltou, pois, a esse lugar, ao qual devia voltar mais vezes, sem dúvida, e encostou-se à balaustrada, pensativa, com um desses olhares que vão além do possível e que distância alguma pode deter.

Por isso, imersa nas suas reflexões, não viu Anasia um escaler que saía de bordo da Guidara, que já mal se destacava na sombra. Não o viu aproximar-se sem ruído, contornar os degraus do terraço e parar silenciosamente junto dos primeiros, que eram banhados pelas águas da baía.

Yarhud, entretanto, seguido por três marinheiros, aproximou-se de rastos.

Anasia, engolfada nos seus pensamentos, não o tinha visto.

De repente, Yarhud, dando um pulo para ela, agarrou-a com tanta força e tanto a propósito, que Anasia não lhe pôde resistir.

- Acudam-me! Acudam-me! - pôde ela contudo gritar ainda.

Os seus gritos foram logo sufocados, mas tinha-os ouvido Nedjeb, que vinha buscar a sua senhora.

Apenas a zíngara atravessou a porta da galeria, dois marinheiros, lançando-se a ela, tolheram-lhe os movimentos e impediram-lhe os gritos.

130

- Para bordo! - ordenou Yarhud.

Anasia e Nedjeb, levadas sem resistência possível, foram postas no escaler, que largou em direcção à tartana.

A Guidara, com a âncora a pique e as velas largas, estava prestes a largar.

E assim fez, logo que Anasia e Nedjeb foram encerradas a bordo, num camarote à popa, sem poderem ver coisa alguma nem fazerem ouvir-se.

Entretanto a tartana, levada pelo vento, inclinava-se e ia saindo da pequena enseada que havia junto dos muros da vila.

Por muito rápido, porém, que fosse o atentado, tinha chamado a atenção de alguns criados, que andavam a trabalhar no jardim. Um deles ouvira o grito dado por Anasia e deu logo o rebate.

Nessa ocasião, entrava em casa o banqueiro Selim, a quem participaram o que acabava de se passar. Cheio de inexprimível angústia, pôs-se a procurar sua filha... Sua filha tinha desaparecido.

Mas, ao ver a tartana manobrar para virar o extremo sul da enseada, Selim compreendeu tudo.

Correu através dos jardins para um ponto muito perto do qual devia passar a Guidara, a fim de evitar as últimas rochas do litoral.

- Miseráveis! - entrou ele a gritar. - Roubaram-me minha filha! Minha filha! Prendam-nos! Prendam-nos!...

Do convés da Guidara partiu um tiro, como resposta única aos seus gritos.

Selim caiu, ferido por uma bala num ombro.

Instantes depois, a tartana, com todas as velas largas e levada pela brisa fresca da tarde, tinha já desaparecido.

CAPÍTULO XII

Van Mitten conta uma história de tulipas
que talvez interesse o leitor

Em carruagem de posta, com cavalos folgados, deixara Odessa pela uma hora depois do meio-dia. O Sr. Kéran ocupava o canto esquerdo do cupé, Van Mitten o direito, Ahmet o lugar do meio. Bruno e Nizib tinham subido novamente para o cabriolé, onde passavam o tempo mais a dormir do que a conversar.

No cupé reinou no princípio o mesmo silêncio que no cabriolé, com a diferença de que aqui dormia-se e ali reflexionava-se.

O Sr. Kéran engolfava-se deliciosamente nos seus sonhos de teimosia e não pensava senão na boa peça que ia pregar às autoridades otomanas.

Van Mitten pensava nessa viagem imprevista e não se fartava de perguntar a si mesmo por que razão ele, um cidadão das províncias batávicas, ia ali pelo litoral do mar Negro, quando poderia muito bem ter ficado no bairro de Péra, em Constantinopla.

Quanto a Ahmet, tinha já formado o seu plano. Estava decidido a não poupar a bolsa de seu tio, em todos os casos em que se pudesse evitar um atraso, ou vencer um obstáculo por meio de dinheiro. Haviam de ir pelo caminho mais curto e o mais depressa possível.

Estava Ahmet pensando em tudo isto, quando, na curva de um pequeno promontório, viu no fundo da baía a vila do banqueiro Selim. Fitou os olhos neste ponto, sem dúvida na ocasião em que os olhos de Anasia para aí se dirigiam, e é provável que ambos, sem o saberem, cruzassem então os olhares.

Dirigindo-se em seguida a seu tio, Ahmet, resolvido a entrar em questão das mais delicadas, perguntou-lhe se tinha delineado minuciosamente o itinerário.

- Sim, meu sobrinho - respondeu Kéran. - Seguiremos, sem dela nos afastarmos nunca, a estrada que contorna o litoral.

- Vamos agora?...

- A Koblewo, a umas doze léguas de Odessa. e espero que chegaremos aí esta tarde.

- E depois de Koblewo? - insistiu Ahmet.

- rodaremos toda a noite, meu sobrinho, até chegarmos a Nikolaief amanhã pelo meio-dia, depois de termos atravessado as dezoito léguas que separam esta vila da aldeia.

- Muito bem. meu tio Kéran, é preciso, com efeito, andar

depressa!... Mas, depois de chegarmos a Nikolaief, não será bom pensar em chegar, em poucos dias, aos distritos do Cáucaso?

- Como?

- Aproveitando os caminhos de ferro da Rússia Meridional que, pelas linhas de Alexandroff e Rostow, nos permitirão fazer assim uma boa terça parte da nossa viagem.

- Os caminhos de ferro? - exclamou Kéraban.

Van Mitten tocou então levemente no cotovelo de Ahmet.

- É inútil! - avisou ele a meia voz. - Toda a discussão é inútil!... Tem horror aos caminhos de ferro!

Sabia pouco mais ou menos Ahmet quais eram as ideias de seu tio acerca destes meios de locomoção, moderna em demasia para um sectário fiel do antigo partido turco, mas, enfim, nessas conjunturas, parecia-lhe que o Sr. Kéraban poderia,

134

uma vez ao menos, transigir com as suas ideias.

Mas ceder, um instante só que fosse, sobre um ponto qualquer! Kéraban já não seria mais Kéraban!

- Falas então de caminho de ferro, não é verdade? - voltou ele.

- É verdade, meu tio.

- E queres que eu, Kéraban, consinta em fazer o que nunca fiz?

- Parece-me que...

- Queres que eu, Kéraban, me deixe arrastar estupidamente por uma máquina a vapor?

- Quando experimentar...

- Ahmet, é evidente que não pensas no que tiveste a ousadia de me propor!

- Mas, meu tio!...

- Já disse que não pensas, visto que te lembras de me fazer tal proposta!

- Afianço-lhe, meu tio, que nesses vagões...

- Vagões?... - tornou Kéraban, repetindo essa palavra, importada do estrangeiro, com entonação difícil de exprimir.

- Sim, esses vagões, que escorregam sobre rails...

- Rails... - repetiu Kéraban. - Que palavras horríveis são essas e que língua estamos nós a falar, dize lá?

- A língua dos viajantes modernos!

- Ora dize cá, meu sobrinho - perguntou o cabeçudo, começando a animar-se -, tenho eu porventura jeitos de um viajante moderno, que não se importa de entrar em um vagão e de se deixar puxar mecanicamente? Tenho precisão de escorregar sobre rails, quando posso rodar perfeitamente numa estrada?

- Quando há pressa, meu tio...

- Olha bem para mim, Ahmet, e lembra-te do que te digo: quando não houvesse mais carruagens, iria numa carroça, se não houvesse mais carroças, iria a cavalo, não havendo cavalo,

135

iria de burro, não havendo burro, iria a pé, não tendo pés, iria de joelhos, e, não tendo joelhos, iria...

- Basta, amigo Kéran, pelo amor de Deus! - exclamou Van Mitten, pegando no braço do seu companheiro.

- Iria com a barriga pelo chão! - concluiu o Sr. Kéran. - Sim!... Com a barriga pelo chão!

E, agarrando no braço de Ahmet:

- Ouviste porventura dizer alguma vez que Maomet se metesse no caminho de ferro para ir a Meca?

A este último argumento não havia que responder. Por isso Ahmet, podendo replicar que, no caso de nesse tempo haver já caminhos de ferro, Maomet, sem dúvida, se serviria deles, calou-se, enquanto o Sr. Kéran continuava a resmungar no seu canto, alterando a seu bel-prazer todas as palavras da terminologia das linhas férreas.

A carruagem, que não podia, contudo, pretender lutar em rapidez com um expresso, andava depressa. Na estrada, que era de bom trilho, os cavalos levavam-na a meio galope e não havia razão de queixa. Nas estações não faltavam as mudas. Ahmet, que se tinha encarregado da administração dos fundos - no que seu tio consentira de boa vontade - pagava os bakchichs ou gorjetas dos postilhões com generosidade imperial. As notas voavam-lhe da algibeira.

Dir-se-ia que era um cavaleiro semeando rublos.

Tudo correu tão bem que nesse mesmo dia a carruagem, seguindo sempre o litoral, passou pelas aldeias de Schumirka e Alexandrowka e chegou de tarde à aldeia de Koblewo.

Partindo daqui de noite e entrando pela província, de forma a atravessar o Bug na altura de Nikolaief, através do governo de Kherson, chegaram os viajantes facilmente a esta cidade, pelo meio-dia de 28 de Agosto.

A carruagem demorou-se umas três horas junto de um hotel tal ou qual, onde almoçaram razoavelmente, comendo Bruno menos mal. Ahmet aproveitou-se da demora para escrever ao banqueiro Selim, dizendo-lhe que a viagem se ia fazendo em condições aceitáveis e enviando a Anasia as maiores saudades. Quanto ao Sr. Kéran, não era possível passar melhor estas horas de espera do que entre as absorções suaves do moca e as aspirações voluptuosas do seu narguilé.

Van Mitten, de acordo com Bruno sobre que era bom aproveitar esta viagem para sua instrução, foi ver a cidade de Nikolaief, cuja prosperidade aumenta visivelmente à custa da sua rival Kherson e que talvez em breve faça substituir pelo seu o nome desta última, na designação geográfica do governo.

Ahmet foi o primeiro a dar o sinal de partida. O holandês não o fez esperar.

O Sr. Kéran deitou fora a última baforada do seu narguilé, quando o postilhão montava. A carruagem meteu-se pela estrada que desce em direcção a Kherson.

Tinham dezassete léguas a andar através de uma região fértil. Aqui e ali viam-se amoreiras, choupos e salgueiros.

Nas proximidades do Dniepre, cujo curso, quase de quatrocentas léguas, termina em Kherson, há extensas planícies cheias de canas, que pareciam estar salpicadas de manchas azuis, estas manchas, contudo, batiam as asas ao ruído da carruagem, eram gaios azulados e o seu piar incomodava mais os ouvidos do que as suas cores cintilantes deliciavam a vista.

Na alvorada de 29 de Agosto, o Sr. Kéran e os seus companheiros, depois de uma noite passada sem incidente algum, chegaram a Kherson, sede do governo, fundada por Potemkin. Os viajantes só tiveram de felicitar-se desta fundação do arrogante favorito de Catarina II. Aí, com efeito, encontraram um bom hotel, onde se demoraram algumas horas, e provisões suficientes para reforçarem o depósito de comestíveis

137

da carruagem, tarefa que Bruno, muito mais desembaraçado de que Nizib, desempenhou maravilhosamente.

Algumas horas depois, faziam as mudas, na importante aldeia de Aleschki, e, tornando a descer, dirigiam-se para o istmo de Perékop, que liga a Crimeia ao litoral da Rússia Meridional.

Ahmet não se tinha esquecido de mandar para Odessa uma carta datada da aldeia de Aleschki. Logo que retomaram os seus lugares na carruagem, e quando os cavalos partiram a toda a brida pela estrada de Perékop, o Sr. Kéran perguntou ao seu sobrinho se tinha tido a atenção de mandar os seus melhores allahs, bem como os dele, ao seu amigo Selim.

- Não me esqueci, meu tio - respondeu Ahmet -, e até acrescentei que fazíamos toda a diligência para chegar a Escutári o mais depressa possível.

- Fizeste bem, meu sobrinho, e é preciso não deixar de lhe mandar notícias nossas sempre que encontrarmos uma caixa de correio.

- Infelizmente - volveu Ahmet -, como nós não sabemos nunca onde paramos, as nossas cartas têm de ficar sem resposta!

- É verdade - confirmou Van Mitten.

- A propósito - observou Kéran, falando com o seu amigo de Roterdão -, parece-me que não tem muita pressa de escrever à Sr.a Van Mitten? Que há-de pensar esta excelente senhora do seu descuido a esse respeito?

- A Sr.a Van Mitten?... - balbuciou o holandês.

- Sim!

- A Sr.a Van Mitten é com certeza uma dama muito honrada! Como esposa nunca tive uma censura que lhe fazer, mas, como companheira da minha existência... Mas afinal, amigo Kéran, para que falamos nós da Sr.a Van Mitten?

138

- Porque, se bem me lembro, era uma pessoa muito amável!

- Ah!... - disse Van Mitten, como se tivesse sabido uma novidade.

- Quando voltei de Roterdão, Ahmet, não te falei dela o

melhor possível?

- É verdade, meu tio.

- E em Roterdão não fiquei encantado do acolhimento que ela me fez?...

- Ah!... - repetiu Van Mitten.

- No entanto - ajuntou Kéraban -, concordo que tenha às vezes algumas ideias singulares, os seus caprichos... excitações!... Mas isso é próprio do carácter das mulheres, e, se não se lhes desculpa essas pequenas coisas, é melhor não casar! É precisamente o que eu fiz.

- E fez muito bem - aprovou Van Mitten.

- A Sr.a Van Mitten, como verdadeira holandesa que é, continua a gostar apaixonadamente de tulipas? - perguntou Kéraban.

- Apaixonadamente.

- Ora vamos, Van Mitten, fale com franqueza! Acho-o assim a modo frio para sua esposa!

- Frio é uma expressão ainda muito quente para o que eu sinto a respeito dela!

- Que diz?... - exclamou Kéraban.

- Digo - respondeu o holandês - que talvez nunca lhe tivesse falado da Sr.a Van Mitten, mas, como falou dela, vou-lhe confessar uma coisa, já que tenho ocasião.

- Confessar uma coisa?

- Sim, amigo Kéraban. A Sr.a Van Mitten e eu estamos ao presente separados!

- Separados! - exclamou Kéraban. - De comum acordo?...

- De comum acordo!

- E para sempre?...

- Para sempre!

- Conte-me então isso, a menos que a comoção...

- A comoção - repetiu o holandês -, e por que razão quer o senhor que eu esteja comovido?

- Ora vamos, fale, fale, Van Mitten! - convidou Kéraban. - Na minha qualidade de turco, gosto de ouvir histórias, e, na minha qualidade de celibatário, gosto sobretudo das histórias do lar doméstico!

- Pois bem, amigo Kéraban - volveu o holandês, como se contasse as aventuras de outro -, havia já alguns anos que a vida se tinha tornado insuportável entre mim e a Sr.a Van Mitten. Discursos incessantes a respeito de tudo, das horas de nos levantarmos e de nos deitarmos, das horas das refeições, do que se havia de comer, do que não se havia de comer, do que se havia de beber, do que não se havia de beber, do tempo que fazia, do tempo que havia de fazer, do tempo que tinha feito, dos móveis que se deviam pôr aqui ou acolá, do fogo que era bom acender antes num quarto do que no outro, da janela que convinha abrir, da porta que convinha fechar, das plantas a semear no jardim, das que se deviam arrancar, enfim...

- Enfim, ia tudo muito bem, sim, senhor - comentou Kéraban.

- Como vê, mas o pior é que tudo isto ia aumentando, porque, no fundo, eu tenho um carácter brando, temperamento dócil, e

cedia em tudo para não ter questões por coisas de nada!

- Era talvez o mais prudente! - opinou Ahmet.

- Era o pior, pelo contrário - protestou Kéraban, pronto a sustentar uma questão a este respeito.

- Não sei disso - replicou Van Mitten -, mas, como quer que seja, na nossa última discussão, tentei resistir... Resisti, sim, como um verdadeiro Kéraban.

- Por Alá! Isso não é possível! - garantiu o tio de Ahmet, que se conhecia muito bem.

- Mais do que um Kéraban - acrescentou Van Mitten.

140

- Que Maomet me proteja! - exclamou Kéraban. - Pretender que é mais cabeçudo do que eu!...

- Não é provável, evidentemente! - decidiu Ahmet com modos convictos, que foram até ao coração do seu tio.

- Vai já ver... - replicou tranquilamente Van Mitten - e...

- Nada se pode concluir! - exclamou Kéraban.

- Queiram ouvir-me até ao fim. A discussão que se levantou entre mim e a Sr.a Van Mitten foi a propósito de tulipas, dessas belas tulipas de amadores, dessas Genners, muito direitas na haste e das quais há mais de cem variedades. Não tinha uma só que me tivesse custado menos de cem mil florins o pé!

- Oito mil piastras - calculou Kéraban, acostumado a avaliar tudo em moeda turca.

- Sim, oito mil piastras pouco mais ou menos! - confirmou o holandês. - Ora de que se há-de lembrar um dia a Sr.a Van Mitten? De mandar arrancar uma talentia para a substituir por um Olho-do-Sol! Isto excedia os limites. Opus-me a isso... Ela teimou!... Quis agarrá-la... Fugiu-me!... Atirou-se à Talentia... Arrancou-a...

- Soma oito mil piastras - interrompeu Kéraban.

- Então - continuou Van Mitten -, atiro-me também ao Olho-do-Sol e esmago-o!

- Soma dezasseis mil piastras! - informou Kéraban.

- Ela deita-se a uma segunda Valentia...

- Soma vinte e quatro mil piastras! - elucidou Kéraban, como se estivesse a conferir a escrituração do seu livro de caixa.

- Eu lanço-me a segundo Olho-do-Sol...

- Soma trinta e duas mil piastras.

- E então travou-se a batalha - explicou Van Mitten. - A Sr.a Van Mitten já não sabia o que fazia. Atira-me à cabeça com dois bolbos do mais alto preço, que eu tinha em grande estimação...

- Soma quarenta e oito mil piastras!

141

- Eu atiro-lhe outras três ao peito!...

- Soma setenta e duas mil piastras!

- Era uma verdadeira chuva de pés de tulipa, como nunca se viu! Durou a coisa meia hora! Todo o jardim ficou arrasado, e a estufa depois do jardim! Já nada restava da minha coleção!

- E afinal quanto lhe custou tudo?.. - quis saber o Sr. Kéraban.

- Custou-me mais caro do que se nos tivéssemos simplesmente injuriado, como os heróis ecónomos de Homero, custou-me pouco mais ou menos a quantia de vinte e cinco mil florins.

- Duzentas mil piastras! * - exclamou Kéraban.

- Mas mostrei o que era!

- Valeu a pena!

- E depois desta cena - concluiu Van Mitten - saí, indo dar as competentes ordens para realizar parte da minha fortuna e pô-la no Banco de Constantinopla. Em seguida, fugi de Roterdão com o meu fiel Bruno, bem decidido a não tornar a entrar em casa senão quando a Sr.a Van Mitten a tiver trocado por um mundo melhor...

- Onde não haja tulipas! - observou Ahmet.

- Então, amigo Kéraban - perguntou Van Mitten -, tem tido muitas teimosias que lhe tenham custado duzentas mil piastras?

- Eu? - volveu Kéraban, um pouco sentido com esta observação do seu amigo.

- Mas, com certeza - afirmou Ahmet -, meu tio já tem tido dessas teimosias, e eu conheço-lhe uma!

- Qual é, se faz favor? - perguntou o holandês.

- É essa que faz com que ele dê a volta à roda do mar Negro para não pagar dez paras! Há-de custar-lhe mais cara que a sua chuva de tulipas!

- Há-de custar-me o que me custar!

*1 - 50.000 francos pouco mais ou menos.

- retorquiu o Sr. Keraban com secura. - Acho, não obstante, que o amigo Van Mitten não pagou muito caro a sua liberdade! Aqui está o que é ter só uma mulher! Maomet é que conhecia bem esse sexo encantador, ele que permitia aos seus adeptos terem tantas quantas pudessem!

- Decerto! - concordou Van Mitten. - Creio que dez mulheres são menos difíceis de governar que uma só!

- E o que ainda é menos difícil - acrescentou Kéraban, em guisa de moralidade -, é não ter mulher alguma!

Com esta observação terminou a conversa.

Chegava então a carruagem a uma casa de posta. Fizeram-se as mudas, andaram toda a noite, e no dia seguinte, ao meio-dia, os viajantes, muito fatigados, mas decididos por instâncias de Ahmet a não perderem nem uma hora, depois de terem passado por Bolschov Kopani e Kalantschak, chegaram à aldeia de Perékop, situada no fundo do golfo que tem este nome, mesmo no começo do istmo que liga a Crimeia à Rússia Meridional.

CAPÍTULO XIII

A antiga Taurida é atravessada obliquamente,
e como saem os viajantes puxados por estranha parelha

A grimeia! Esse Quersoneso táurico dos antigos, um quadrilátero, ou antes, um losango irregular, que parece ter sido roubado à praia mais encantadora da Itália, uma península da qual o Sr. Fernando de Lesseps faria uma ilha em duas canivetadas, um canto da terra que foi objecto de todos os povos, ciosos do império do Oriente, um reino antigo do Bósforo, submetido sucessivamente pelos Heraclidas, seiscentos anos antes da era cristã, depois por Mitridates, pelos Alanos, os Godos, os Hunos, os Húngaros, os Tártaros, os Genoveses, uma província, enfim, da qual Maomet II fez uma rica dependência do seu império e que foi anexada definitivamente à Rússia, em 1791, por Catarina II!

Como é que esta região, tão abençoada pelos deuses e tão disputada pelos mortais, poderia escapar à ligação das lendas mitológicas? Não se quis porventura encontrar nos pântanos de Sivach vestígios dos trabalhos gigantescos desse povo problemático da Atlântida! Os poetas da antiguidade não foram colocar uma das entradas dos Infernos junto do cabo Kerberian, cujos três molhes formavam o Cérebro de três cabeças? Ifigénia, a filha de Agamémnon e de Clitemnestra, que foi sacerdotisa de Diana, na Taurida, não esteve prestes a imolar à casta deusa o seu irmão Orestes, que os ventos lançaram nas praias do cabo Partónio E agora a Crimeia,

144

na sua parte meridional, que vale mais ela só que todas as ilhas áridas do arquipélago, com esse Tchadir-Dagh, que eleva a mil e quinhentos metros de altitude a sua mesa, onde se poderia dar um banquete a todos os deuses do Olimpo, as suas florestas em anfiteatro, cujo manto de verdura se estende até ao mar, os seus ramos de castanheiros bravos, de ciprestes, de oliveiras, de árvores-de-judas, de amendoeiras, de citusas, e as suas cascatas cantadas por Pouschkine, não será a jóia mais bela desta coroa de províncias que vão do mar Negro ao mar Arctico? Não é neste clima, vivificante e temperado, que os russos do norte bem como os russos do sul vêm buscar um refúgio contra as asperezas do Inverno hiperbóreo, os outros abrigo contra as brisas abrasadoras do Verão? Não é aqui, à roda deste cabo Aia, desta testa de carneiro, que fez frente às ondas do Ponto Euxino, no extremo da ponta sul da Taurida, que se fundaram essas colónias de castelos, de vilas, de quintas de recreio, Yalta, Aloupka, que pertence ao príncipe Voronsow, solar feudal no exterior, sonho de uma imaginação oriental no interior, Kisil-Tasch do conde Poniatowski, Arteck do príncipe André Galitzina, Marsanda, Orcanda Eriklik, propriedades imperiais, Livadia, palácio admirável, com as suas fontes vivas, as suas torrentes caprichosas, os seus

jardins de inverno, retiro favorito da imperatriz de todas as Rússias?

Parece, além disso, que o espírito mais curioso, mais sentimental, mais artístico ou mais romântico poderia realizar as suas aspirações neste canto da Terra, um verdadeiro microcosmo, onde se reúnem a Europa e a Ásia. Aí há de mistura lugares tártaros, aldeias gregas, cidades orientais com mesquitas e minaretes, muezzins e dervixes, mosteiros do rito moscovita, pousadas de caravanas, tebaidas onde vieram sepultar-se algumas aventuras romanescas, lugares santos para onde convergem as peregrinações, uma montanha judia que pertence à tribo dos Karaitas, e um vale de Josafat,

145

cavado ali como uma sucursal do célebre vale do Cédron, onde milhares de pecadores se devem reunir ao som das trombetas do juízo final.

Que de maravilhas não teria Van Mitten para ver! Quantas impressões a notar nesse país aonde o levava o seu estranho destino! Mas o seu amigo Kériban não viajava para ver, e Ahmet que, além de tudo, conhecia bem esses esplendores da Crimeia, não estaria disposto a conceder-lhe uma hora só que fosse para formar uma ideia sumária.

"Talvez, contudo, que me seja possível - pensava Van Mitten -, ficar de passagem com uma leve impressão deste antigo Quersoneso, tão justamente gabado?"

Não devia, porém, acontecer assim. A carruagem ia pelo caminho mais curto, seguindo uma linha oblíqua do norte ao sudoeste, sem passar nem pelo centro, nem pela costa meridional da antiga Taurida.

Com efeito, o itinerário tinha sido decidido em conselho, não tendo sequer o holandês voto consultivo. Se atravessando a Crimeia se poupava a volta à roda do mar de Azof - o que teria prolongado pelo menos de cento e cinquenta léguas esta viagem circular -, ganhava-se ainda mais cortando direito de Perékop à península de Kertsch. Depois, do outro lado do estreito de Ienikalé, haveria pela península de Taman caminho regular até ao litoral caucásico.

A carruagem meteu-se, portanto, pelo istmo estreito, de onde está pendente a Crimeia, como uma laranja magnífica do ramo de uma laranjeira. De um lado via-se a baía de Perékop, do outro os pântanos de Sivach, mais conhecidos pelo nome de mar Pútrido, vasto reservatório de dois biliões de metros quadrados, alimentado pelas águas da Taurida e pelas do mar de Azof, às quais serve de canal a abertura de Ghenitché.

Passando por ali, puderam os viajantes ver esse Sivach, que não tem mais, termo médio, do que um metro de profundidade,

146

e que está quase saturado de sal em certos sítios. Ora como é

nestas condições que o sal cristalizado começa a depositar-se naturalmente, este mar Pútrido poderia ser uma das salinas mais produtivas do Globo.

Contudo, ao passar por junto deste Sivach, o olfacto não fica nada lisonjeado. A atmosfera ressenete-se de certa quantidade de ácido sulfídrico, e os peixes que nesse lago penetram morrem quase imediatamente. É como um equivalente do lago Asfaltite, da Palestina.

É pelo meio destes pântanos que passa o railzuay que vai de Andrinopla a Sebastopol. Por isso, o Sr. Kéran teve de ouvir com horror os silvos estridentes que de noite soltavam as locomotivas, correndo por esses rails, onde às vezes chegam as águas pesadas do mar Pútrido.

No dia seguinte, 31 de Agosto, a estrada seguia pelo meio de uma campina verdejante. Eram ramos de oliveira, cujas folhas, agitadas pela brisa, revolteavam como chuva de prata, ciprestes de um verde quase negro, carvalhos magníficos e medronheiros muito altos. Por toda a parte, sobre as colinas, vêem-se linhas sucessivas de cepas, que produzem alguns vinhos não muito inferiores aos vinhedos de França.

Graças aos punhados de rublos que Ahmet prodigalizava, havia sempre cavalos prontos nas mudas e os postilhões, estimulados pelo ganho, iam pelos caminhos mais curtos. Na tarde desse dia passaram a aldeia de Dorte e algumas léguas mais adiante viram de novo as águas do mar Pútrido.

Neste sítio, essa curiosa lagoa está apenas separada do mar de Azof por uma língua de areia pouco elevada, coberta de uma camada de conchas, cuja largura média pode ser avaliada em um quarto de légua.

Esta língua de areia chama-se a flecha de Arabat. Estende-se desde a aldeia que tem este nome, ao sul, até Ghenitché,

ao norte - com terra firme -, interrompida apenas naquele sítio por uma abertura de trezentos pés, por onde entram as águas do mar de Azof, como acima se disse.

Ao romper do dia, o Sr. Kéran e os seus companheiros viram-se rodeados de vapores húmidos, espessos e mefíticos, que se dissiparam a pouco e pouco sob a acção dos raios solares.

O campo estava menos cultivado, mas também mais deserto. Andavam a pastar em liberdade dromedários muito grandes, o que fazia parecer esta região um anexo do deserto arábico. As carroças que por ali passavam, feitas de madeira, sem um único bocado de ferro, cortavam o ar com a chiada dos seus eixos untados de betume. Tudo aquilo é de aspecto primitivo, mas, nas casas das aldeias e nos casais isolados, há ainda a generosa hospitalidade tártara. Qualquer pessoa pode entrar nessas casas, sentar-se à mesa, servir-se das iguarias que se servem sem cessar, comer e beber à vontade e ir-se embora, dizendo apenas "obrigado".

Pode supor-se que os viajantes não abusaram nunca da simplicidade destes costumes antigos, que decerto não hão-de durar por muito tempo ainda. Por toda a parte onde estiveram

deixaram, em forma de rublos, vestígios da sua passagem.

Pela tarde, os cavalos, extenuados pela extensa carreira, paravam na aldeia de Arabat, no extremo sul da flecha.

Aqui, sobre a areia, há uma fortaleza, à roda da qual se amontoam as casas. Vêem-se por todos os lados maciços de funcho, verdadeiros esconderijos de cobras, e campos cheios de melancias, cuja colheita é ali muito abundante.

Eram nove horas da noite quando a carruagem parou junto de uma estalagem de fraca aparência, contudo a melhor que ali havia. Nessas regiões do Quersoneso não convinha ser-se muito exigente.

148

- Ahmet - disse o Sr. Kéran - , há já algumas noites e dias que andamos sem parar, senão nos sítios das mudas. Não deixaria de me saber bem estender-me algumas horas numa cama, ainda que seja uma cama de estalagem.

- E eu gostaria muito - acrescentou Van Mitten, erguendo-se a custo.

- O quê! Perder doze horas! - exclamou Ahmet. - Doze horas numa viagem de seis semanas!

- Queres discutir a este respeito? - perguntou Kéran, com esse modo um tanto agressivo que lhe era usual.

- Não, meu tio, não quero! - afiançou Ahmet. - Se tem necessidade de descansar...

- Tenho, sim, e Van Mitten também, e Bruno decerto, e até Nizib, que não quer outra coisa.

- Sr. Kéran - respondeu Bruno, interpelado directamente -, essa ideia é uma das melhores que o senhor tem tido, sobretudo se uma boa ceia nos preparar para bem dormir.

A observação de Bruno vinha muito a propósito. As provisões da carruagem estavam quase gastas. Importava não tocar no que delas restava, de chegar a Kertsch, importante cidade da península deste nome, onde as poderiam renovar com abundância.

Infelizmente, se as camas da estalagem de Arabat eram quase suportáveis, mesmo para viajantes desta qualidade, a mesa deixava muito a desejar. É que não são muito numerosas as pessoas que, durante o ano, se aventuram nos confins extremos da Taurida. Alguns negociantes do sul, cujos cavalos ou carros frequentam a estrada de Kertsch a Perékop, tais são os principais fregueses da estalagem de Arabat, pessoas que se contentam com pouco e estão habituadas a dormir mal e a comer o que encontram.

149

O Sr. Kéran e os seus companheiros tiveram, pois, que se contentar com um modesto menu, isto é, com um prato de pilcz, que é a comida nacional, mas que tinha mais arroz do que galinha e mais ossos do que carne. Além disso, o aludido volátil era tão velho, e por isso tão duro, que esteve quase a resistir ao próprio Kéran, contudo, os molares sólidos do

cabeçudo venceram a coriacidade da galinha, e ainda nesse caso não foi ele Kéraban quem cedeu.

Depois deste prato regulamentar veio uma terrina de yaourt, ou leite coalhado, que chegou muito a propósito para facilitar a deglutição do pilaw, e em seguida apareceram uns bolos folhados, muito apetitosos, conhecidos na região pelo nome de katlamas.

Bruno e Nizib foram menos bem contemplados do que seus amos.

Os seus queixos saberiam decerto entrar com a mais recalcitrante das galinhas, mas nem sequer tiveram ocasião de os experimentar por essa forma. O pilaw foi substituído por uma espécie de substância denegrida como a chapa de uma chaminé após muito uso.

- Que é isto? - perguntou Bruno.

- Não posso dizê-lo - replicou Nizib.

- Pois quê, apesar de ser filho desta região?...

- Não sou natural daqui.

- É quase o mesmo, porque é turco! - observou Bruno. - Pois então, meu camarada, prove um pouco desta sola ressequida e diga-me o seu parecer.

Nizib, dócil como sempre, mordeu com força no tal bocado de sola.

- Então?.. - perguntou Bruno.

- Então, não é bom com certeza, mas pode-se comer!

- Pode sim, quando se está a morrer de fome e não há outra coisa!

150

E Bruno provou por sua vez, decidido a tudo.

Por fim, aquilo podia tragar-se, com a ajuda de alguns copos de cerveja alcoolizada, e foi o que os dois convivas fizeram.

De repente, porém, Nizib exclamou:

- Oh! Que Alá me valha!

- O que é que tem, Nizib?

- Se o que eu comi fosse carne de porco?...

- Carne de porco! - repetiu Bruno. - Ah! É justo, Nizib. Um bom muçulmano como o meu amigo nunca deve comer deste animal excelente mas imundo! Pois bem, parece-me que se essa substância desconhecida era carne de porco, não há senão uma coisa a fazer...

- Qual é?

- Digeri-la tranquilamente, agora que está engolida!

Não deixava o caso de inquietar Nizib, rigoroso observador das leis do Profeta, e, como ficara perturbado da consciência, Bruno foi informar-se ao dono da hospedaria.

Ficou então Nizib sossegado e pôde fazer a digestão sem remorsos alguns. Essa famosa iguaria nem sequer era carne, mas sim peixe, chamado shebac, que se divide ao meio como um bacalhau, seca-se ao sol, chamusca-se, suspendendo-o por cima da chaminé, e come-se quase cru. Este peixe exporta-se consideravelmente para todo o litoral do porto de Rostow, situado ao fim da ponta nordeste do mar de Azof.

Os amos e os criados tiveram de contentar-se com esta modesta ceia da estalagem de Arabat. Acharam as camas mais

duras que as almofadas da carruagem, mas, enfim, não estavam sujeitos aos solavancos da viagem, não se mexiam, e o sono a que se entregaram, nesses quartos pouco confortáveis, foi o bastante para os restaurar das fadigas passadas.

No dia seguinte, 2 de Setembro, logo que nasceu o Sol, Ahmet levantou-se e tratou de procurar a casa das postas, para tomar as mudas.

152

Os cavalos da véspera, estafados com o trânsito, extenso e violento, não teriam podido pôr-se a caminho sem terem tido pelo menos vinte e quatro horas de descanso.

Esperava pois Ahmet levar à estalagem a carruagem pronta, de forma que seu tio e Van Mitten não tivessem mais que entrar nela para seguirem o caminho da península de Kertsch.

A casa das mudas estava situada no extremo da aldeia, com o seu tecto enfeitado com essas traves de madeira, semelhantes aos braços de um rabeção, mas nem havia sequer sinal de cavalos frescos. Estava vazia a cocheira e nem a preço de ouro os poderiam arranjar. Ahmet, muito desapontado com este contratempo, voltou para a estalagem.

O Sr. Kériban, Van Mitten, Bruno e Nizib, prontos para partir, esperavam só pela carruagem. Já mesmo um deles - e é inútil dizer quem - começava a mostrar sinais visíveis de impaciência.

- Então, Ahmet - exclamou -, voltas só? Será então preciso que vamos nós buscar a carruagem?

- Infelizmente seria inútil, meu tio! Já não há um só cavalo!

- Não há cavalos?...

- E só amanhã os haverá!

- Amanhã?...

- Sim! São vinte e quatro horas que se perdem!

- Vinte e quatro horas que se perdem! - exclamou Kériban. - Mas eu não quero perder dez, nem cinco, nem mesmo uma!

- No entanto - observou o holandês ao seu amigo, que já começava a excitar-se -, se não há cavalos...

- Há-de havê-los - asseverou o Sr. Kériban.

E a um sinal dele todos o seguiram.

Passado um quarto de hora, tinham chegado à casa de posta e passavam diante da porta.

153

No limiar desta estava o dono, com a atitude indolente de um homem que sabe perfeitamente que o não podem obrigar a dar o que não tem.

- Já não tem cavalos? - perguntou Kériban, com modos já pouco tranquilizadores.

- Tenho só esses que os trouxeram ontem à tarde - respondeu o outro -, e já não podem andar.

- E por que motivo não tem cavalos frescos nas cocheiras?

- Porque foram ontem alugados por um senhor turco, que vai para Kertsch, de onde deve seguir para Poti, depois de ter atravessado o Cáucaso.

- Um senhor turco! - exclamou Kéraban. - Talvez um desses otomanos à europeia! Vejam lá isto! Não se contentam em nos embarçar nas ruas de Constantinopla, vêm ainda meter-se-nos pelo caminho nas estradas da Crimeia! E quem é ele?

- Sei apenas que se chama o Sr. Saffar - voltou tranquilamente o dono da casa de posta.

- E para que cedeu os cavalos que tinha a esse Sr. Saffar? - perguntou Kéraban com o mais completo desprezo.

- Porque esse viajante chegou ontem de manhã aqui, vinte e quatro horas antes de o senhor chegar, e, estando disponíveis os cavalos, não havia razão alguma para lhos recusar.

- Havia, pelo contrário!...

- Havia?

- Sem dúvida, visto que eu devia chegar aqui.

Que responder a argumentos deste quilate? Van Mitten quis intervir, mas o seu amigo repeliu-o com maus modos. O dono da casa de posta, depois de ter olhado para o Sr. Kéraban com ar de zombaria, dispunha-se a ir para dentro, quando aquele o deteve, insistindo.

- Não importa! Haja ou não cavalos, havemos de partir imediatamente!

154

- Imediatamente? - retorquiu o dono da casa de posta. - Já lhe disse que não há cavalos.

- Procure-os!

- Não os há em Arabat.

- Traga-me dois, traga-me um - exclamou Kéraban, que já se não podia conter. - Traga-me a metade de um... mas traga-mos!

- Mas se não os há?... - entendeu dizer suavemente o conciliador Van Mitten.

- É preciso que os haja!

- Talvez que nos possa arranjar um tiro de mulas? - perguntou Ahmet.

- Vá pelas mulas! - acrescentou o Sr. Kéraban. - Contentar-nos-emos com elas.

- Nunca vi mulas na província - voltou o dono da casa de posta.

- Pois está hoje vendo uma - disse Bruno ao ouvido de seu amo, designando Kéraban -, e famosa!

- Então burros?... - lembrou Ahmet.

- Não há burros nem mulas!

- Não há burros?... - exclamou o Sr. Kéraban. - Está mangando comigo, meu caro senhor? O quê? Não há burros nesta região? Não há meio de arranjar mudas para uma carruagem?

E, falando desta maneira, a teimosa personagem olhava cheia de cólera à direita e à esquerda para uma dúzia de indígenas, que se tinham agrupado junto à porta.

- É capaz de os meter à carruagem! - disse Bruno.

- Sim!... Ou a eles ou a nós! - respondeu Nizib, como homem que conhecia bem seu amo.

Contudo, era evidente que se não podia partir. Deviam pois resignar-se a um atraso de vinte e quatro horas.

Ahmet, a quem isso contrariava tanto como a seu tio, ia não obstante procurar convencê-lo, em presença desta impossibilidade absoluta, quando o Sr. Kéranban exclamou:

155

- Dou cem rublos a quem me arranjar um meio de partir!

Percorreu um certo estremecimento pelos indígenas de Arabat. Um deles disse com resolução:

- Senhor turco, tenho dois dromedários para vender!

- Estão comprados - respondeu Kéranban.

Nunca se tinha visto meter dromedários a uma carruagem de posta, mas viu-se desta vez. Em menos de uma hora concluiu-se o negócio e por bom preço.

Pouco importava, porém! O Sr. Kéranban teria com certeza pago o dobro. Os dois animais foram arroados conforme se pôde, e, com promessa de uma gorjeta excepcional, o seu ex-proprietário, transformado em postilhão, montou adiant da corcova de um destes ruminantes. Depois a carruagem, com grande pasmo da população de Arabat, mas com extrema satisfação dos viajantes, desceu pela estrada de Kertsch a trote largo da sua parelha singular.

Pela tarde chegaram, sem obstáculos, a Argin, a doze léguas de Arabat.

Não havia mudas aqui, ainda por causa da passagem do Sr. Saffar. Foi preciso portanto, dormir em Argin para que os dromedários tivessem algum descanso.

No dia seguinte, 3 de Setembro, pela manhã, partiu a carruagem nas mesmas condições, vencendo durante o dia as dezassete léguas que separam Argin da aldeia de Marienthal, passava aqui a noite, saía de madrugada, e pela tarde, depois de andar doze léguas, chegava a Kertsch, sem obstáculos, mas não sem grandes solavancos, resultantes dos puxões desses animais robustos, que não estavam habituados a semelhante serviço.

Em suma, o Sr. Kéranban e os seus companheiros, que tinham partido depois de 17 de Agosto, já haviam feito, após dezanove dias de marcha, três sétimas partes da viagem,

156

trezentas léguas, pouco mais ou menos, sobre setecentas. Estavam pois em boa média, e, se nela se mantivessem durante vinte e seis dias, até 30 de Setembro deviam ter acabado de dar a volta do Mar Negro, no prazo requerido.

- Tenho contudo um pressentimento de que isto há-de acabar mal - repetia frequentemente Bruno ao seu amo.

- Para o meu amigo Kéranban?

- Para o Sr. Kéranban... ou para quem o acompanha!

CAPÍTULO XIV

O Sr. Kéranban mostra-se mais forte em geografia do que o pensava o seu sobrinho Ahmet

A cidade de Kertsch está situada na península que tem o seu nome, no extremo oriental da Taurida, assente em crescente sobre a costa do norte desta língua de terra. Domina-a majestosamente um monte, sobre o qual outrora se elevava a Acrópole. É o monte Mitridates. O nome deste inimigo terrível e implacável dos Romanos, que esteve quase a expulsá-los da Ásia, deste general audacioso, poliglota emérito e toxicólogo lendário, tem precisamente lugar à frente de uma cidade que foi capital do reino do Bósforo. Foi aí que esse rei do Helesponto, esse terrível Eupator, mandou que um soldado gaulês o atravessasse com a espada, depois de ter tentado em vão envenenar-se, o que não conseguiu por estar habituado aos tóxicos.

Foi esta a pequena prelecção de história que, durante meia hora de paragem, Van Mitten entendeu dever dar aos seus companheiros e que provocou esta resposta do seu amigo Kéranban:

- Mitridates era um imbecil.
- E porquê? - perguntou Van Mitten.
- Se queria envenenar-se seriamente, não tinha mais do que jantar na estalagem de Arabat!

158

Depois disto, o holandês não julgou conveniente continuar a fazer o elogio do esposo da bela menina, mas fez tenção de ir ver a capital durante as horas de que pudesse dispor.

A carruagem atravessou a cidade com a sua equipagem singular, no meio do pasmo de uma população híbrida, composta de grande número de judeus, de tártaros, gregos e até russos - ao todo uns doze mil habitantes.

O primeiro cuidado de Ahmet, ao chegar ao Hotel Constantino, foi saber se haveria cavalos para o dia seguinte de manhã. Viu desta vez, com grande satisfação, que eles não faltavam nas cocheiras da casa de posta.

- É uma felicidade - observou Kéranban - que o Sr. Saffar os não tenha levado todos!

O tio de Ahmet, porém, pouco acomodativo, não ficou por isto com menos rancor a esse importuno, que se lembrava de o preceder nas estradas e de lhe tomar os cavalos de posta.

Em todo o caso, como já não queria para nada os dromedários, tornou a vendê-los ao chefe de uma caravana que partia para o estreito de Ienikalé, mas vendeu-os vivos pelo preço por que os teria comprado mortos. Daí resultou uma perda bastante sensível, que o rancoroso Kéranban meteu, in petto, no passivo do Sr. Saffar.

Este já não estava em Kertsch, o que lhe poupou sem dúvida uma discussão das mais sérias com o seu concorrente. Dois dias antes tinha deixado a cidade, tomando o caminho do Cáucaso.

Esta circunstância era boa, visto que Saffar já não precederia os viajantes, que seguiam a estrada do litoral.

Uma boa ceia no Hotel Constantino e uma boa noite passada em quartos bastante confortáveis fizeram esquecer os incómodos que amos e criados tinham passado, por isso, uma carta de Ahmet para Odessa informava que a viagem se fazia regularmente.

Como a partida só devia ser às dez horas da manhã do dia seguinte, 5 de Setembro, o consciencioso Van Mitten levantou-se com o sol, a fim de ir ver a cidade.

159

Desta vez encontrou Ahmet pronto para o acompanhar.

Foram ambos, pois, através das largas ruas de Kertsch, ladeadas de passeios lajeados, onde abundavam cães vadios, aos quais um boémio, executor encartado, está encarregado de afastar à paulada. Contudo, este homem tinha decerto passado parte da noite a beber, porque Ahmet e o holandês tiveram algum trabalho em escapar às dentadas desses animais perigosos.

O cais de pedra, construído sobre o mar, no fundo da baía formada em redor da costa, que se prolonga até às margens do estreito, permitiu-lhes que passeassem mais à vontade. Estão aqui o palácio do governador e a casa da alfândega. Um pouco ao largo, em consequência da pouca água, estão os navios, que têm no porto de Kertsch bom ancoradouro, não muito longe do Lazareto. Nesse porto há muito comércio, desde que a cidade foi cedida à Rússia em 1774, havendo nele um depósito vasto de sal, fornecido pelas marinhas de Perékop.

- Temos tempo de subir além? - perguntou Van Mitten, designando o monte Mitridates, sobre o qual existe actualmente um templo grego enriquecido com os despojos desses tumuli tão numerosos na província de Kertsch, templo que substituiu a Acrópole antiga.

- Hum! -olveu Ahmet - não é bom arriscarmo-nos a fazer esperar o tio Kéraban!

- Nem mesmo o seu sobrinho - replicou, sorrindo Van Mitten.

- Verdade é - confessou Ahmet -, que, nesta viagem, noutra coisa não penso senão no nosso próximo regresso a Escutári! Compreende-me bem, Sr. Van Mitten?

- Compreendo sim, meu amigo - declarou o holandês -, apesar de que o marido da Sr.a Van Mitten tem direito de não o compreender!

160

Depois desta reflexão, justificada de sobejo pelas dificuldades do ménage de Roterdão, começaram ambos a subir o monte Mitridates, visto que antes de partirem tinham ainda

duas horas diante de si.

Neste pico elevado era magnífico o ponto de vista sobre a baía de Kertsch. Ao sul desenhava-se o ângulo extremo da península. Para este viam-se as duas línguas de terra arredondadas que rodeiam a baía de Taman, além do estreito de Ienikalé. O céu, bastante negro, deixava então ver os variados acidentes do terreno e esses Khouorghans, ou túmulos antigos, de que está coberto o campo até nas maiores colinas de coralites.

Logo que Ahmet pensou que tinha chegado o momento de voltar para o hotel, mostrou a Van Mitten uma escadaria monumental, ornada de balaústres, que desce do monte Mitridates para a cidade e vai ter à praça do mercado. Um quarto de hora depois estavam ambos junto do Sr. Kéranban, o qual tentava debalde discutir com o dono da hospedaria, um tártaro dos mais plácidos. Era tempo que chegassem, pois Kéranban teria decerto acabado por se zangar, não encontrando ocasião de discutir.

A carruagem já ali estava, com bons cavalos de raça persa, dos quais se faz em Kertsch comércio importante. Cada qual retomou o seu lugar, partindo em seguida a um galope que não fazia ter saudades do trote fatigante dos dromedários.

Ahmet não deixava de sentir certa inquietação ao aproximar-se do estreito. Deve lembrar, com efeito, o que se tinha passado quando o itinerário foi modificado em Kherson. Instado pelo sobrinho, o Sr. Kéranban consentira em não dar a volta ao mar de Azof, a fim de passar à Crimeia pelo caminho mais curto. Mas, acedendo a isto, devia decerto pensar que lhe não faltaria em parte alguma terra firme. Enganava-se, contudo, e Ahmet nada tinha ainda feito para dissipar o seu erro.

Pode qualquer pessoa ser um turco muito bom, um excelente negociante de tabacos, mas não conhecer a fundo a geografia.

O tio de Ahmet devia ignorar evidentemente que o mar de Azof comunica com o mar Negro por um estreito de certa largura, o antigo Bósforo Cimério, que tem o nome de estreito de Ienikalé, e que, por consequência, ser-lhe-ia preciso atravessar por força esse estreito, entre a península de Kertsch e a de Taman.

Ora o Sr. Kéranban tinha pelo mar uma repugnância que seu sobrinho conhecia de há muito. Que diria ele quando se achasse nesse ponto, e, por causa da corrente ou de pouca profundidade das águas, fosse preciso atravessar o estreito na sua maior largura, que pode ser avaliada em umas vinte milhas? E se ele se negasse absolutamente a atravessá-lo? Se pretendesse tornar a subir toda a costa oriental da Crimeia, a fim de seguir o litoral do mar de Azof até à primeira cadeia de montanhas que se desprende lateralmente do Cáucaso? Que prolongamento de viagem! Que tempo perdido! Quantos interesses comprometidos! Como haveriam de estar em Escutári no dia 30 de Setembro?

Fazia Ahmet tais reflexões enquanto a carruagem rodava através da península. Devia aquela chegar ao estreito antes de

duas horas, e seu tio Kériban conheceria a situação. Conviria desde já prepará-lo para esta grave eventualidade? Que habilidade, contudo, não seria necessária para que a conversa não degenerasse em discussão e a discussão em grave teimosia! Se o Sr. Kériban teimasse, coisa alguma deste mundo o faria despegar das suas ideias, e, como quer que fosse, obrigaria a carruagem a retomar o caminho de Kertsch.

Não sabia pois Ahmet o partido que devia tomar. Se confessava tudo, arriscava-se a irritar seu tio! Não seria melhor, mesmo que tivesse de passar por ignorante, simular a mais completa surpresa quando se deparasse um estreito no sítio em que se julgasse achar terra firme?

162

"Que Alá venha em meu auxílio!", implorou Ahmet.

E esperava com resignação que o Deus dos muçulmanos o livrasse daquela situação.

A península de Kertsch está dividida por uma trincheira extensa, feita nos tempos antigos, que se denomina a muralha de Arhos. A estrada, que a segue em parte, é muito boa, desde a cidade ao Lazareto, mas depois começa a ser escabrosa e escorregadia, descendo para o litoral.

Não puderam, portanto, os cavalos caminhar com muita rapidez durante a manhã, o que permitiu a Van Mitten examinar muito melhor esta parte do Quersoneso.

Era afinal a estepe russa em toda a sua nudez. Atravessavam-na algumas caravanas, que vinham procurar abrigo ao longo da muralha de Arhos, acampando com a pitoresca maneira oriental. Cobriam o campo inumeráveis khourghans, dando-lhe aspecto pouco recreativo.

Eram outros tantos túmulos, que os antiquários tinham investigado nas maiores profundidades, e cujas riquezas, vasos etruscos, pedras de cenotáfios e jóias antigas, ornaram hoje os muros do templo e salas do museu de Kertsch.

Pelo meio-dia, viu-se no horizonte uma grande torre quadrada, flanqueada por quatro torres pequenas. Era o forte que se eleva ao norte da aldeia de Ienikalé. Ao sul, no extremo da baía de Kertsch, destacava-se o cabo Aubourum, dominando o litoral do mar Negro. Em seguida, abria-se o estreito com as duas pontas que formam a baía de Taman. Ao longe os primeiros perfis do Cáucaso, na costa asiática, emolduram num quadro gigantesco o Bósforo Cimério.

Era tão certo que esse estreito se parecia com um braço de mar que Van Mitten, sabedor das antipatias do seu amigo Kériban, olhou para Ahmet com ar admirado.

Ahmet fez-lhe sinal que se calasse. Felizmente, seu tio dormitava nessa ocasião e não via coisa alguma das águas do

163

mar Negro e do mar de Azof, que se misturavam nesse estreito, cuja menor largura é de cinco a seis milhas.

- Diabo! - disse Van Mitten.

Na realidade era pena que o Sr. Kéraban não tivesse nascido uns cem anos mais tarde! Se a viagem se tivesse feito nessa época, Ahmet não teria razão para estar inquieto como estava.

Com efeito, este estreito tende a converter-se em areal, e deve acabar, com a aglomeração de areias cheias de conchas, por não ser mais do que um apertado canal de corrente rápida. Se, há cento e cinquenta anos, os navios de Pedro, o Grande, o tinham passado para irem atacar Azof, presentemente os navios mercantes são obrigados a esperar que as águas, trazidas pelos ventos do sul, lhes dêem profundidade de dez a doze pés.

Estava-se contudo no ano de 1882 e não no ano 2000, e era preciso aceitar as condições hidrográficas como elas eram.

Entretanto tinha a carruagem descido os declives que vão ter a Ienikalé, afugentando grandes bandos de betardas, que estavam escondidas nas ervas altas. Parou na melhor estalagem da aldeia e o Sr. Kéraban acordou.

- Estamos nas mudas? - perguntou.

- Sim! Na muda de Ienikalé - respondeu simplesmente Ahmet.

Desceram todos e entraram na estalagem, enquanto a carruagem ia para a casa das mudas. Daqui devia ela ir ter ao cais de embarque, onde está um barco chato, destinado ao transporte dos que viajam a pé, a cavalo e de carro, e também à passagem das caravanas que vão da Europa para a ásia, ou da ásia para a Europa.

Ienikalé é uma aldeia onde se faz um negócio lucrativo de sal, kevillar*, sebo e lã.

*

- Ovas de solho salgadas.

As pescarias de solhos e rodovalhos ocupam parte da sua população, que é quase toda grega. Os marinheiros empregam-se na cabotagem do estreito e do litoral vizinho em pequenos barcos armados com duas velas latinas. Ienikalé está numa importante posição estratégica, razão por que os Russos a fortificaram depois de a terem tomado aos Turcos em 1771.

É ela uma das portas do mar Negro, que neste ponto tem duas chaves de segurança: a chave de Ienikalé de um lado e a chave de Taman do outro.

Depois de meia hora de paragem, o Sr. Kéraban deu aos seus companheiros o sinal de partida, dirigindo-se todos para o cais, onde os esperava o barco.

Todos a bordo, logo os olhares de Kéraban convergiram para a direita e para a esquerda, escapando-lhe uma significativa exclamação.

- O que tem, meu tio? - interrogou Ahmet, que já não se sentia muito à vontade.

- Isto é um rio? - perguntou Kéraban, mostrando o estreito.

- É um rio, com efeito! - respondeu Ahmet, que entendeu dever deixar seu tio laborar num erro.
- Um rio?... - exclamou Bruno.
Um sinal de seu amo deu-lhe a entender que não devia insistir neste ponto.
- Mas não, é um... - disse Nizib.
Não pôde concluir. Cortou-lhe a palavra uma forte cotovelada do seu camarada Bruno, quando ia qualificar como devia essa disposição hidrográfica.
Entretanto o Sr. Kéran olhava sempre para esse rio que lhe impedia o caminho.
- É largo!
- Com efeito... é muito largo... provavelmente por causa de alguma cheia - balbuciou Ahmet.
- Sim!... Devida à fusão das neves! - acrescentou Van Mitten, para confirmar as palavras do seu amigo.

165

- A fusão das neves... no mês de Setembro? - observou Kéran, voltando-se para o holandês.
- Com certeza... a fusão das neves... das neves antigas... Das neves do Cáucaso! - respondeu Van Mitten, que já não sabia o que dizia.
- O que não vejo é uma ponte para atravessar este rio! - objectou Kéran.
- Já não existe, com efeito, meu tio! - afirmou Ahmet, fechando as mãos em óculo, como para ver melhor a suposta ponte do pretendido rio.
- Devia contudo haver uma ponte... - aduziu Van Mitten. - O meu guia menciona a existência de uma ponte.
- Ah! O seu guia menciona a existência de uma ponte?... - inquiriu Kéran, carregando as sobranceiras e olhando de frente para o seu amigo Van Mitten.
- Sim... essa famosa ponte... - disse o holandês, hesitando.
- Bem sabe... o Pontus Anexos dos antigos...
- E por tal forma antigo - replicou Kéran, cuja voz sibilava por entre os lábios meio cerrados -, que não pôde com certeza resistir à cheia produzida pela fusão das neves... das neves antigas...
- Do Cáucaso! - pôde ainda acrescentar Van Mitten, que já estava exausto de imaginação.
Ahmet tinha-se afastado um pouco.
Já não sabia o que havia de responder a seu tio, não querendo provocar uma discussão, cujo fim evidentemente não seria bom.
- Então, meu sobrinho? - interpelou-o Kéran, com modos secos. - Como havemos de fazer para passar este rio, visto que não há, ou que já não há ponte?
- Havemos de achar um vau! - volveu Ahmet com indiferença. - Há tão pouca água!...
- Molha apenas os calcanhares!... - acrescentou o holandês, que teria com certeza feito melhor em se calar.

- Nesse caso, Van Mitten - replicou Kéraban -, arregace as calças, entre no rio, e nós o seguiremos!

- Mas... eu...

- Vamos! Arregace!... Arregace!

O fiel Bruno julgou dever intervir, a fim de salvar o amo nesta situação difícil.

- É inútil, Sr. Kéraban - disse ele -, havemos de passar sem molhar sequer os pés. Está aqui um barco.

- Ah! Temos um barco? É bom, na verdade, que tenham pensado em pôr um barco neste rio!..., para substituir a ponte... essa famosa ponte!... Porque não disseram mais cedo que havia um barco? E onde é que está esse barco?

- Está aqui, meu tio - respondeu Ahmet, mostrando o barco amarrado ao cais. - A carruagem já está dentro!

- Deveras! A carruagem já está dentro?

- Já está e pronta!

- Pronta E quem deu ordem?

- Ninguém, meu tio! Foi o dono da casa de posta que a trouxe aqui ele próprio, como costuma fazer sempre...

- Desde que não há ponte, não é verdade?

- Além disso, meu tio, não havia outro meio de continuar a viagem.

- Havia outro, meu sobrinho, era voltar para trás e dar a volta pelo norte ao mar de Azof.

- Duzentas léguas a mais, meu tio! E o meu casamento? E a data de Trinta do Ramazão? Esqueceu já o Trinta do Ramazão?

- Não, meu sobrinho! Antes dessa data, estarei com certeza de volta! Partamos!

Ahmet teve um instante de forte comoção. Iria seu tio pôr em prática o projecto insensato de voltar para trás através da península? Iria, pelo contrário, meter-se no barco e atravessar o estreito de Ienikalé? O Sr. Kéraban tinha caminhado em direcção ao barco. Seguiam-no Van Mitten, Ahmet, Nizib e Bruno, não querendo dar pretexto algum à discussão violenta que parecia prestes a rebentar.

Kéraban, durante um minuto, parou no cais, olhando à roda de si. Os seus companheiros pararam. Kéraban entrou no barco. Os seus companheiros entraram depois dele. Kéraban subiu para a carruagem. Os outros subiram em seguida. Depois, o barco desatracou e a corrente impeliu-o para o lado oposto. Kéraban não falava, e todos imitavam o seu profundo silêncio.

Felizmente, as águas estavam muito sossegadas e os barqueiros não tiveram trabalho algum em dirigir o barco, ora com varas compridas, ora com remos, segundo a profundidade. Houve, contudo, um momento em que foi de recear algum transtorno. Com efeito, uma corrente fraca, desviada pela flecha do lado do sul da baía de Taman, impelia obliquamente o barco. Em lugar de tomar terra nesta ponta, esteve quase a ser arrastado até ao fundo da baía. Haveria então cinco léguas que atravessar em

vez de uma, e o Sr. Kéraban, cuja impaciência era visivelmente manifesta, daria talvez então ordem para voltar para trás. Os barqueiros, porém, aos quais Ahmet, antes de embarcar, tinha dito algumas palavras - a palavra rublo muitas vezes repetida -, manobraram com tanta destreza, que se tornaram senhores do barco. Por isso, uma hora depois de terem saído do cais de Ienikalé, os viajantes, os cavalos e a carruagem chegaram ao extremo dessa flecha meridional que tem, na língua russa, o nome de Ioujnala-Kossa. A carruagem desembarcou sem dificuldade e os barqueiros receberam uma porção respeitável de rublos.

168

A flecha formava antes duas ilhas e uma península, quer dizer, era cortada em dois sítios por um canal. e teria sido, portanto, impossível atravessá-la de carruagem. Esses cortes contudo não existem hoje. Por isso, os cavalos puderam atravessar rapidamente as quatro verstas que separam a ponta da aldeia de Taman.

Uma hora depois davam entrada nesta região e o Sr. Kéraban contentava-se com dizer, olhando para o sobrinho:

- Decididamente, as águas do mar de Azof e as do mar Negro não se dão muito mal no estreito de Ienikalé!

Foi tudo, e nunca mais se falou nem do rio de Ahmet, nem da ponte do amigo Van Mitten.

CAPÍTULO XV

O Sr. Kéraban, Ahmet, Van Mitten e os seus criados fazem o papel de salamandras

AnzArt não é mais do que uma aldeia de aspecto bastante triste, com as suas casas pouco confortáveis, as suas choupanas enegrecidas pela acção do tempo e a sua igreja de madeira, cujo campanário está rodeado incessantemente de um espesso redemoinho de falcões.

A carruagem atravessava apenas Taman.

Não pôde, pois, Van Mitten visitar nem o posto militar, que é importante, nem a fortaleza de Phanagoria, nem as ruínas de Tmoutarakan.

Se Kertsch é grega pela população e pelos costumes, Taman é cossaca. Vem daí um contraste que o holandês só pôde observar de passagem. A carruagem, tomando invariavelmente pelos caminhos mais curtos, seguiu durante uma hora o litoral sul da baía de Taman.

Foi o bastante para que os viajantes pudessem admitir ser aquele um território extraordinário em caça, e que talvez se não encontre semelhante em nenhum outro ponto do Globo. Com efeito, por esses pântanos andavam pelicanos, alcatrazes, mergulhões e bandos de betardas em quantidade deveras

incrível.

- Nunca vi tanta caça aquática! - observou justamente Van Mitten. - Poderia atirar-se um tiro ao acaso por estes pântanos, que nem um grão de chumbo se perderia!

170

Esta observação do holandês não provocou discussão alguma. O Sr. Kéran não era caçador, e, por seu lado, Ahmet pensava em coisa muito diferente.

Só houve um princípio de contestação a propósito de um bando de patos, que os cavalos espantaram quando saíram pela esquerda do litoral, para obliquarem a sueste.

- É uma companhia! - exclamou Van Mitten. - É até um regimento!

- Um regimento? Quer dizer um exército! - rectificou Kéran, encolhendo os ombros.

- Tem razão! - concordou Van Mitten. - Há ali talvez uns cem mil patos.

- Cem mil patos! - exclamou Kéran. - E até duzentos mil!

- Oh! Duzentos mil!

- Creio mesmo que, se disser trezentos mil, Van Mitten, faltarei ainda à verdade!

- Tem razão, amigo Kéran - respondeu prudentemente o holandês, que não quis excitar o seu companheiro até dizer um milhão de patos.

Mas, por fim, era ele que falava verdade. Cem mil patos! É já isto um belo bando, mas não havia decerto menos nessa nuvem prodigiosa de voláteis, que projectou vasta sombra na baía, estendendo-se diante do Sol.

O tempo estava bom e a estrada era sofrível. Os cavalos andaram pois com rapidez e as mudas não se fizeram esperar. Já não havia sinal de nenhum Sr. Saffar, que andasse adiante dos viajantes no caminho da península.

É escusado dizer que a noite seguinte devia passar-se toda a caminhar em direcção à primeira cadeia de montanhas do Cáucaso, cuja massa aparecia confusamente no horizonte. Como no hotel de Kertsch a noite tinha sido bem passada!

Pela tarde, à hora da ceia, pararam os viajantes junto de uma dessas mudas que ao mesmo tempo são uma estalagem. Não sabia bem que recursos haveria no litoral caucásico e se seria fácil encontrar aí subsistências.

172

Tornava-se pois prudente economizar as provisões adquiridas em Kertsch.

Era medíocre a estalagem, mas não lhe faltavam víveres. A este respeito não houve razão de queixa.

Apenas, como pormenor característico, o estalajadeiro, quer por natural desconfiança, quer por hábito, ia-se pagando de tudo à medida que se ia fazendo o consumo.

Por isso, quando trouxe o pão:
- São dez kopeks * - disse.
E Ahmet teve de dar dez kopeks.
E quando serviu os ovos:
- São oitenta kopeks - disse.
E Ahmet teve de pagar os oitenta kopeks pedidos.
E tanto pelo kwass! Tanto pelos patos! Tanto pelo sal! Sim,
pelo próprio sal!
E Ahmet ia pagando sempre.
Até foi preciso pagar adiantado e separadamente a toalha, os
guardanapos, as bancas, as facas, os vidros, as colheres, os
garfos e os pratos.
Percebe-se que isto não podia deixar de irritar o Sr.
Kéraban, e tanto que acabaram por comprar em globo os diversos
utensílios necessários à ceia, não sem fortes objurgatórios
que o estalajadeiro ouviu, aliás, com impassibilidade que
teria feito honra a Van Mitten.
Acabado o jantar, o Sr. Kéraban revendeu os objectos
comprados, com cinquenta por cento de perda.
- É bom ainda que não nos faça pagar a digestão! - observou
ele. - Que homem Era digno de ser ministro das finanças do
império otomano! Lançaria com certeza um tributo por cada remo
dos caíques do Bósforo!
O importante, contudo, é que a ceia fora razoável,

*1 - O kopek é uma moeda de cobre que valia então 30 réis
pouco mais ou menos.

como o notou Bruno. Nestas condições partiram, já de noite,
uma noite escura e sem lua.

Causa impressão especial, mas que não deixa de ter os seus
encantos, sentir-se a gente levada, ao trote fixo de uns
cavalos, no meio de profunda escuridão, através de uma região
desconhecida, onde as aldeias são muito afastadas umas das
outras e onde há raras herdades disseminadas na estepe, a
grandes distâncias. Os guizos dos cavalos, a cadência
irregular das ferraduras no solo, o ranger das rodas na
superfície dos terrenos arenosos, o seu choque nos atoleiros
das estradas arruinadas pelas chuvas, os estalidos do chicote
do postilhão, as luzes das lanternas que se perdem na sombra
quando a estrada é plana, ou se projectam intensamente nas
árvores, nos muros velhos de pedra, nos marcos indicadores,
levantados nos aterros da calçada, tudo isto forma um conjunto
de ruídos diversos e de visões rápidas, a que poucos viajantes
são insensíveis. Ouvem-se estes ruídos e vêem-se estas visões,
através de uma meia sonolência que Lhes presta um brilho um
tanto fantástico.

O Sr. Kéraban e os seus companheiros não podiam escapar a
esta sensação, cuja intensidade é por vezes muito forte.
Através dos vidros anteriores do cupé, com os olhos meio
cerrados, olhavam para as grandes sombras dos cavalos, sombras
caprichosas, desmedidas, movediças, que se estendiam para

diante na estrada, vagamente iluminada.

Deviam ser pouco mais ou menos onze horas da noite quando os tirou deste torpor um ruído singular. Era uma espécie de assobio, comparável ao que produz a água de Seltz ao sair da garrafa, mas dez vezes maior. Parecia que uma caldeira qualquer deixava escapar o vapor, comprimido pelo seu tubo de vazão.

Os cavalos tinham parado. O postilhão sofrea-os a custo. Ahmet, a fim de saber o que se passava, abaixou rapidamente os postigos e inclinou-se para fora.

174

- Que há de novo? Por que razão não andamos para diante? Que bulha é esta? - perguntou.

- São os vulcões de lama - explicou o postilhão.

- Vulcões de lama!? - exclamou Kéran. - Onde é que se ouviu jamais falar de vulcões de lama? É deveras bonita esta estrada por onde tu nos meteste, Ahmet!

- O Sr. Kéran e os seus companheiros fariam bem em descer - aconselhou o postilhão.

- Descer! Descer!

- Sim!... Dou-lhes de conselho que sigam a pé a carruagem, enquanto atravessamos esta região, porque não sou senhor dos cavalos, que poderiam tomar o freio nos dentes.

- Vamos lá - disse Ahmet -, este homem tem razão. É preciso descermos!

- São cinco ou seis verstas a andar - acrescentou o postilhão -, talvez oito, mas não mais!

- Decide-se, meu tio? - perguntou Ahmet.

- Desçamos, amigo Kéran - disse Van Mitten. - Vulcões de lama?... É preciso vermos o que isso é!

O Sr. Kéran decidiu-se, mas não sem protestar. Saltaram todos para fora e seguiram, à luz das lanternas, a carruagem, que ia a passo.

A noite estava em extremo escura. Se o holandês esperava ver, pouco que fosse, dos fenómenos indicados pelo postilhão, enganava-se, teria sido contudo difícil, a menos que se fosse surdo, deixar de ouvir esses assobios singulares, que ensurdeciam por vezes.

Se acaso fosse dia, ter-se-ia visto o seguinte: uma estepe semeada, em grande extensão, de pequenos cones eruptivos, semelhantes a esses formigueiros enormes que se encontram em certas partes da África Equatorial. Desses cones saem massas gasosas e betuminosas, designadas efectivamente pelo nome de «vulcões de lama», se bem que a acção vulcânica não intervenha em coisa alguma na produção do fenómeno. É unicamente um misto de lodo, gesso, calcário, pirite e até petróleo, que,

175

impelidos pelo hidrogénio carbónico e algumas vezes fosforado,

saem com certa violência. Essas tumescências, que se elevam a pouco e pouco, esboroam-se para deixarem sair a matéria eruptiva, e abatem depois, logo que esses terrenos terciários da península se esvaziam em um espaço de tempo mais ou menos longo.

O hidrogénio que se produz em tais condições é devido à decomposição lenta, mas contínua, do petróleo, misturado a estas diversas substâncias. As paredes de rocha, entre as quais está contido, acabam por se quebrar sob a acção das águas, águas de chuva ou das fontes, cujas infiltrações são quase contínuas.

Opera-se então o derramamento, como já se disse, à maneira de uma garrafa cheia de líquido espumante, que a elasticidade do gás esvazia completamente.

Estes cones de dejecções abrem-se em grande número na superfície da península de Taman. Encontram-se também nos terrenos análogos da península de Kertsch, mas não nas proximidades da estrada que a carruagem seguia - razão por que os viajantes nada tinham visto.

Entretanto, iam passando por entre essas grandes excrescências, coroadas de vapores, pelo meio desses jactos de lama líquida, cuja natureza tinha sido explicada, bem ou mal, pelo postilhão.

Por vezes aproximavam-se tanto que lhes batiam em cheio na cara essas emanações gasosas, de cheiro característico, como se tivessem saído de qualquer gasómetro.

- Olá - observou Van Mitten, reconhecendo a presença do gás iluminante -, aqui está um caminho que não deixa de ter o seu perigo! Contanto que não haja alguma explosão.

- Tem razão - concordou Ahmet. - Por cautela seria bom apagar...

176

A observação, feita por Ahmet, tinha já vindo decerto à ideia do postilhão, habituado a passar por ali, pois que se apagaram de repente as lanternas da carruagem.

- Cuidado, não fumem! - recomendou Ahmet, dirigindo-se a Bruno e a Nizib.

- Esteja descansado, Sr. Ahmet - volveu Bruno. - Não temos empenho algum em ir pelos ares!

- O quê - exclamou Kéraban -, não é permitido também fumar?

- Não, meu tio - respondeu Ahmet com vivacidade -, não... durante algumas verstras pelo menos!

- Nem um cigarro? - insistia o cabeçudo, que ia já enrolando uma porção de tombeki com a destreza de um fumador consumado.

- Depois, amigo Kéraban, depois... É interesse de todos nós! - afirmou Van Mitten. - É tão perigoso fumar nesta estepe como no meio de pólvora.

- Que lindo país! - resmungou Kéraban. - Era caso de pasmar se os negociantes de tabaco fizessem aqui fortuna! Ora há-de concordar, Ahmet, que, apesar do atraso de alguns dias, teria sido melhor darmos a volta ao mar de Azof!

Ahmet não respondeu. Não se achava disposto a recomeçar uma discussão a este respeito. Seu tio, resmungando, tornou a

guardar o tombeki no bolso, e continuaram todos a seguir a carruagem, cuja massa informe mal se via no meio daquela escuridão profunda.

Importava, pois, caminhar com extrema precaução, a fim de evitar as quedas. A estrada, arruinada em certos pontos, não era muito segura. Para o lado de este subia um pouco. Felizmente, no meio desta atmosfera nevoenta, não corria o menor vento. Por isso os vapores elevavam-se direitos ao ar, em vez de caírem sobre os viajantes, o que os teria incomodado muito.

Caminharam desta forma durante meia hora, pouco mais ou menos, a passos muito curtos. Adiante deles os cavalos relinchavam e encabritavam-se.

177

O postilhão segurava-os a custo. Os eixos da carruagem chiavam, quando as rodas se metiam em qualquer atoleiro, mas a carruagem era sólida, como se sabe, e tinha passado por provas bem ásperas nos pântanos do baixo Danúbio.

Dentro de um quarto de hora, a região dos cones eruptivos estaria passada.

De repente, ao lado esquerdo da estrada, viu-se uma claridade intensa. Um dos cones tinha-se incendiado e projectava viva chama.

A estepe ficou iluminada no raio de uma versta.

- Está alguém a fumar! - exclamou Ahmet, que ia um pouco adiante dos seus companheiros e que recuou precipitadamente.

Ninguém ia a fumar.

De repente, ouviu-se gritar o postilhão e ressoar o estalido do chicote. Já não podia soffrear os cavalos, que se espantaram e arrastaram a carruagem com extrema velocidade.

Tinham todos parado. No meio da escuridão da noite, apresentava a estepe um aspecto terrível.

Com efeito, as chamas, desenvolvidas pelo cone, tinham-se comunicado aos cones próximos. Explodiam estes, uns após outros, como as peras de um fogo de artifício, cujos jactos ígneos se entrecruzam. Nessa ocasião a planície estava vastamente iluminada. A esta luz apareciam centenas de verrugas ignívolas, cujos gases ardião no meio das dejeções de matérias líquidas, uns com a claridade sinistra do petróleo, outros diversamente corados, pela presença do enxofre branco, das pirites ou do carbonato de ferro.

Ao mesmo tempo ouviam-se roncões surdos através das margas do terreno. Iria a terra entreabrir-se e transformar-se numa cratera, ao impulso de um excesso de matérias eruptivas?

O perigo era iminente. Instintivamente, o Sr. Kéran e os seus companheiros tinham-se afastado uns dos outros,

178

a fim de diminuir as probabilidades de serem absorvidos em

comum. Mas era preciso não parar e antes caminhar rapidamente. Importava atravessar o mais depressa possível essa zona perigosa. A estrada, bem iluminada, parecia praticável. Metendo-se em sinuosidades pelo meio dos cones, atravessavam essa estepe em fogo.

- Para diante! Para diante! - gritava Ahmet.

Ninguém lhe respondia, mas todos lhe obedeciam. Ia cada qual em direcção à carruagem de posta, que já se não podia ver. Para além do horizonte parecia restabelecer-se a escuridão da noite nessa parte da estepe. Devia pois ser aí o limite dessa região dos cones, de onde era preciso sair.

De repente, e na própria estrada, sentiu-se uma explosão mais forte. Tinha saltado um jacto de fogo, que fez em um instante enorme excrescência no solo.

Kériban foi deitado por terra e viram-no debater-se no meio das chamas. Estava perdido se não conseguisse levantar-se.

De um pulo, Ahmet correu em auxílio de seu tio. Agarrou-o, antes que os gases inflamados o tivessem podido alcançar, e arrastou-o, meio sufocado pelas emanções do hidrogénio.

- Meu tio! Meu tio! - exclamava. E todos, Van Mitten, Bruno e Nizib, depois de o terem levado para a borda de um talude, procuraram fazer-lhe entrar um pouco de ar nos pulmões.

Finalmente um "brum, brum" vigoroso e de bom agouro começou a ouvir-se. O peito do robusto Kériban principiou a abaixar-se e a levantar-se com intervalos precipitados, expulsando os gases deletérios que o enchiam. Em seguida, respirou com força, voltou à vida e ao sentimento, e as suas primeiras palavras foram estas:

- Dirás ainda, Ahmet, que não tinha sido melhor dar a volta ao mar de Azof?

- Tem razão, meu tio.

- Como sempre, meu sobrinho, como sempre!

Apenas o Sr. Kériban acabara de dizer isto, uma escuridão profunda sucedeu, na estepe, à intensa claridade que a iluminava.

Os cones tinham-se apagado súbita e simultaneamente. Dir-se-ia que a mão de um maquinista acabara de fechar o contador de um teatro. Ficou tudo outra vez negro, e tanto mais negro quanto os olhos conservavam ainda na retina a impressão dessa luz violenta, cuja origem tinha cessado instantaneamente.

Que se havia passado? Por que razão se tinham incendiado os cones, não se tendo aproximado luz alguma da sua cratera?

Eis aqui a explicação provável: sob a influência de um gás, que arde por si mesmo ao contacto do ar, tinha-se dado um fenómeno idêntico ao que em 1840 incendiou os arredores de Taman. É este gás, o hidrogénio fosforado, devido à presença dos produtos fosfatados, provenientes de cadáveres de animais marinhos enterrados nestas camadas margosas. Inflama-se e comunica fogo ao hidrogénio carbonado, que não é outra coisa senão o gás de iluminação. Em qualquer instante, pois, e talvez sob a influência de certas condições climatéricas,

podem produzir-se estes fenómenos de ignição espontânea, sem que coisa alguma os faça prever.

Sob este ponto de vista, as estradas das penínsulas de Kertsch e de Taman apresentam perigos sérios, difíceis de prevenir, pois que podem ser súbitos.

Não deixava, pois, de ter razão, o Sr. Kériban quando dizia que qualquer outro caminho teria sido preferível a esse, que as impaciências de Ahmet lhe tinham feito seguir.

Mas, enfim, estavam todos livres de perigo - o tio e o sobrinho, um tanto crestados, sem dúvida, os seus companheiros, sem a mais leve queimadura.

180

Três verstas mais adiante, o postilhão, senhor dos cavalos, tinha parado. Logo que se apagaram as chamas, tornou a acender as lanternas da carruagem, e, guiados por esta luz, puderam os viajantes encontrá-la, sem perigo, se bem que com fadiga.

Cada qual retomou o seu lugar. Partiram, e a noite terminou tranquilamente. Van Mitten, porém, devia guardar uma lembrança duradoura desse espectáculo. Não teria ficado decerto maravilhado se os acasos da vida o tivessem levado a essas regiões da Nova Zelândia, no momento em que se inflamam as fontes no anfiteatro das suas colinas eruptivas.

No dia seguinte, 6 de Setembro, a dezoito léguas de Taman, a carruagem, depois de ter contornado a baía de Kisiltasch, atravessava a aldeia de Anapa, e, pelas oito horas da tarde, parava na aldeia de Rajewskaja, no limite da região caucásica.

CAPÍTULO XVI

Trata-se da excelência dos tabacos da Pérsia
e da Ásia Menor

O Cáucaso é uma parte da Rússia Meridional, composta de montanhas altas e de planaltos imensos, cujo sistema orográfico se desenha quase de oeste para este, numa extensão de trezentos e cinquenta quilómetros. Ao norte estende-se a região dos Cossacos do Dom, o governo de Stavropol, com as estepes dos Kalmukos e dos Nogais nómadas, e ao sul os governos de Tiflis, capital da Geórgia, de Koutais, de Bakou, de Elisabethpol, de Erivan, e as províncias de Mingrelia, de Imeretria, de Abkasia e de Gouriel. A oeste do Cáucaso é o mar Negro, a este o mar Cáspio.

Toda a região situada ao sul da cadeia principal do Cáucaso chama-se também a Transcaucásia, e não tem outras fronteiras senão as da Turquia e da Pérsia, no ponto de contacto desse monte Arata, onde, segundo a Bíblia, veio parar a Arca de Noé, após o dilúvio.

São numerosas as diversas tribos que habitam ou percorrem esta região importante.

Pertencem às raças kartevel, arménia, tcherkessa,

tchetschena e lesghia. Ao norte, há kalmukos, nogais e tártaros de raça mongólica, ao sul, há tártaros da raça turca, curdos e cossacos.

A acreditar nos sábios mais competentes em matéria semelhante, foi desta região, meio europeia, meio asiática,

180

que saiu a raça branca, a qual hoje povoa a Ásia e a Europa. Por essa razão deram a esta raça o nome de raça caucásica.

Esta enorme barreira é atravessada por três grandes estradas russas.

A primeira destas estradas, de dupla importância, estratégica e comercial, vai de Taman a Poti, ao longo do litoral do mar Negro, a segunda de Mosdok a Tiflis, passando pelo colo do Darial, a terceira de Kizliar a Bakou, por Derbend.

É escusado dizer que, destas três estradas, o Sr. Kéran, de acordo com o seu sobrinho Ahmet, devia seguir a primeira. Para que havia ele de enredar-se no dedalo do grupo caucásico, expor-se a dificuldades e por consequência a atrasos? Há caminho até ao porto de Poti e não faltam lugares e aldeias no litoral este do mar Negro.

Poder-se-ia ter utilizado sucessivamente a linha férrea de Rostow a Vladi-Cáucaso e depois a de Tiflis a Poti, apenas separadas por uma distância de duzentas verstas, mas Ahmet evitou prudentemente propor este modo de locomoção, que seu tio tinha acolhido mal quando foi a questão dos caminhos de ferro de Taurida e do Quersoneso.

Depois de tudo arranjado, a carruagem de posta, a carruagem indestrutível, à qual foram apenas feitos alguns consertos pouco importantes, saiu da aldeia de Raje-skaja na manhã de 7 de Setembro e meteu-se na estrada do litoral.

Ahmet estava resolvido a andar com a maior rapidez. Faltavam-lhe ainda vinte e quatro dias para acabar o itinerário e chegar a Escutári na data prefixa. Neste ponto seu tio estava de acordo com ele.

Teria, sem dúvida, Van Mitten preferido viajar à sua vontade, guardar impressões mais duradouras e não ter tempo marcado, mas ninguém o consultava a esse respeito.

183

Não era mais do que um conviva, que tinha aceitado o convite para jantar em casa do seu amigo Kéran. E por isso levavam-no a Escutári.

Que tinha ele mais a desejar?

Bruno, no entanto, por descargo de consciência, na ocasião de entrar na Rússia caucásica, entendeu dever fazer-lhe algumas observações. O holandês, depois de o ter escutado, pediu-lhe que tirasse uma conclusão do que havia dito.

- Pois bem, meu amo - resumiu Bruno -, porque não havemos de deixar o Sr. Kéran e o Sr. Ahmet correrem ambos, sem tréguas

nem descanso, ao longo desse mar Negro?

- Deixá-los, Bruno? - estranhou Van Mitten.

- Deixá-los sim, meu amo. Deixá-los depois de lhes ter desejado boa viagem.

- E ficar aqui?...

- Sim, ficar aqui, para vermos tranquilamente o Cáucaso, uma vez que a nossa má estrela aqui nos conduziu! Afinal, estamos aqui tão bem como em Constantinopla, ao abrigo das revindictas da Sr.a Van...

- Não pronuncies esse nome, Bruno!

- Assim farei, meu amo, para não lhe ser desagradável. É a ela, contudo, que devemos o achar-nos enredados em semelhante aventura! Correr de dia e de noite em carruagem de posta, com risco de nos atolarmos nos pântanos, ou de ficarmos assados em estradas em combustão, é muito, francamente, é mesmo muito! Tenho pois a propor-lhe, não discutir isto com o Sr. Kéran - pois não levaria a melhor! -, mas sim deixá-lo partir, prevenindo-o, de modo bem amável, que o tornaremos a encontrar em Constantinopla, quando quiser voltar para lá!

- Isso não seria conveniente - alegou Van Mitten.

- Seria prudente - replicou Bruno.

- Tens então fortes razões de queixa?

- Muito fortes e, além disso, não sei se já viu que principio a emagrecer!

184

- Nem por isso, Bruno, nem por isso!

- Sim! Eu bem o sinto, e, se continuo com semelhante regime, fico bem depressa reduzido ao estado de esqueleto!

- Já te pesaste, Bruno?

- Quis pesar-me em Kertsch, mas só achei um pesa-cartas...

- E não te serviu? - perguntou Van Mitten, rindo.

- Não, meu amo - respondeu Bruno, com gravidade -, mas não falta muito que isso baste para pesar o seu criado! Ora vejamos! Deixamos o Sr. Kéran continuar o seu caminho?

Essa maneira de viajar não podia, com certeza, agradar a Van Mitten, homem de temperamento brando e que nunca se apressava em coisa alguma. Mas a ideia de desobsequiar o seu amigo Kéran, abandonando-o, era-lhe tão desagradável que se recusou absolutamente a isso.

- Não, Bruno, não - desculpou-se ele -, sou seu convidado...

- Um convidado - exclamou Bruno -, um convidado que é obrigado a andar setecentas léguas em lugar de uma!

- Não importa!

- Permita-me que lhe diga que não tem razão, meu amo! - insistiu Bruno. - Repito-lho pela décima vez! Não chegamos ao fim dos nossos trabalhos, e tenho um pressentimento de que o meu amo, mais do que nós outros, há-de tirar mau resultado!

Realizar-se-iam os pressentimentos de Bruno? O futuro deveria dizê-lo. Como quer que fosse, tinha cumprido o seu dever de servo dedicado, prevenindo o seu amo, e, uma vez que Van Mitten estava resolvido a continuar essa viagem, tão absurda como fatigante, não tinha mais a fazer do que segui-lo.

A estrada do litoral seguia quase invariavelmente os contornos do mar Negro. Se se afastava algumas vezes,

185

para evitar um obstáculo do terreno, ou passar por alguma aldeia, era questão de algumas verstas apenas. As últimas ramificações da cordilheira do Cáucaso, que então corria paralelamente à costa, vinham terminar no extremo dessas praias, pouco frequentadas. No horizonte, do lado de este, desenhava-se, como uma aresta de dentes desiguais, que mordiam o céu, esse cimo extremamente coberto de neve.

Pela uma hora da tarde começaram a contornar a pequena baía de Zeines, a sete léguas de Rajewskaja, a fim de chegarem, daí a oito léguas, à aldeia de Gélendschik.

Como se vê, estas aldeias são pouco afastadas umas das outras.

No litoral dos distritos do mar Negro há uma pouco mais ou menos a esta distância, mas, fora deste conjunto de casas, que algumas vezes não são mais do que um lugar, o território é quase deserto, e o comércio faz-se principalmente pela navegação costeira.

Este bocado de terra, entre o pé da cadeia e o mar, tem aspecto agradável. O solo está como forrado. Vêem-se ali grupos de carvalhos, tílias, noqueiras, castanheiros e plátanos, que os sarmentos das vinhas selvagens engrinaldam como as trepadeiras de uma floresta tropical. Por toda a parte os rouxinóis e as toutinegras saltam, gorjeando, nos campos de azáleas, que a natureza semeou nestes terrenos férteis.

Pelo meio-dia, encontraram os viajantes uma tribo completa de kalmukos nómadas, desses que estão divididos em oukassas, compreendendo várias khotonnas. Estas khotonnas são verdadeiras aldeias ambulantes, compostas de certo número de kibitkas ou tendas, que vão pôr-se aqui e ali, ora na estepe, ora nos vales verdejantes, ora na borda dos cursos de água, à vontade dos chefes. Sabe-se que estes kalmukos são de origem mongólica. Eram dantes muito numerosos na região caucásica,

186

mas as exigências da administração russa, para não dizer os seus vexames, provocaram grande emigração deles para a Ásia.

Os kalmukos conservaram costumes à parte e um traje especial. Van Mitten pôde tomar nota na sua carteira que os homens traziam uma cala comprida, botas de marroquim, uma khalata, espécie de veste acolchoada, e um boné quadrado, cercado de uma tira de pano, forrado de peles de carneiro. As mulheres trajam quase da mesma forma, menos o cinto e mais um boné, de onde saem tranças de cabelo enfeitadas com fitas de cor. Quanto às crianças, essas andam quase sempre nuas, e, de Inverno, para se aquecerem, enovelam-se no lar da kibitka e dormem junto da cinza quente.

Pequenos de estatura, mas robustos, excelentes cavaleiros,

vivos, destros, espertos, sustentando-se de um pouco de farinha cozida em água com bocados de carne de cavalo, mas bêbados encartados, ladrões eméritos, ignorantes a ponto de não saberem ler, supersticiosos em excesso e jogadores incorrigíveis, tais são estes nómadas, que correm incessantemente pelas estepes do Cáucaso. A carruagem atravessou uma das suas kothonnas, sem quase Lhes atrair a atenção. Incomodaram-se apenas a olhar para esses viajantes, um dos quais, pelo menos, os observava com interesse. Talvez que lançassem olhares invejosos para esses cavalos rápidos, que galopavam na estrada. Felizmente, porém, para o Sr. Kéraban, ficaram por aí. Puderam, pois, os cavalos chegar à muda próxima, sem terem trocado a manjedoura da sua cocheira pela corda de piquete de um acampamento kalmuko.

A carruagem, depois de ter contornado a baía de Zeines, encontrou uma estrada apertada estreitamente entre a primeira cadeia de montanhas laterais e o litoral, para além, contudo, essa estrada alargava-se sensivelmente e tornava-se mais facilmente praticável.

Às oito horas da tarde tinham chegado à aldeia de Gélendschik. Mudaram os cavalos, cearam modestamente,

187

e tornaram a partir às nove horas, andando toda a noite debaixo de um céu ora nebuloso ora estrelado, ao ruído da ressaca de uma costa batida pelos maus tempos do equinócio, e chegaram no dia seguinte, às sete horas da manhã, à aldeia de Beregovaja, ao meio-dia à de Dschuba, às seis horas da tarde à de Tenginsk, à meia-noite à de Nebugsk, no dia seguinte, às oito horas, à de Golowinsk, às onze horas à de Lachosk e, duas horas depois, à de Ducha.

Ahmet teria feito mal em se queixar. A viagem fazia-se sem contrariedades, o que lhe agradava muito, mas sem episódios, o que contrariava alguma coisa Van Mitten. Com efeito, não enchia a carteira senão com fastidiosos nomes geográficos. Nem uma ideia nova, nem uma impressão digna de fixar o pensamento!

Em Ducha, teve a carruagem de parar duas horas enquanto o dono da casa de posta ia buscar os cavalos que tinha mandado pastar.

- Pois bem - disse Kéraban -, vamos jantar tão confortável e vagarosamente quanto o permitem as circunstâncias.

- Pois sim. vamos jantar - apoiou Van Mitten.

- E jantemos bem, se for possível! - murmurou Bruno, olhando para a barriga emagrecida.

- Talvez que esta demora - observou o holandês - nos faça deparar um pouco do imprevisto que falta à nossa viagem! Julgo que o meu amigo Ahmet permitirá que respiremos...

- Até chegarem os cavalos - respondeu Ahmet. - Estamos já no nono dia do mês!

- Eis aí uma resposta como eu gosto! - declarou Kéraban. - Vejamos o que há nesta casa!

Era bastante medíocre a estalagem de Ducha, construída nas margens do pequeno rio Mdsymta, o qual corre torrencialmente dos montes próximos.

Essa aldeia parecia-se muito com as aldeias cossacas,

188

que têm o nome de stamisti, com paliçadas e portas por cima das quais há pequenas torres quadradas, onde, de dia e de noite, estão sentinelas. As casas, com tectos altos de colmo e paredes de madeira revestidas de barro, abrigadas à sombra de grandes árvores, alojam uma população, não rica, mas pelo menos acima da indigência.

De resto, os cossacos perderam quase de todo a sua originalidade nativa, com esse contacto incessante entre eles e os habitantes rurais da Rússia Oriental. Ficaram, contudo, sendo sempre bravos, espertos, vigilantes e guardas excelentes das linhas militares que lhes são confiadas. e passam, com razão, por serem os primeiros cavaleiros do mundo, assim como nas caçadas que fazem aos montanhesees, cuja rebelião é crónica, e também nas justas ou torneios, onde se revelam cavaleiros insignes.

Estes indígenas são de bela raça, notável pela sua elegância e beleza de formas, mas não pelo seu traje, que se confunde com o dos montanhesees caucásicos. Contudo, debaixo do alto boné forrado, é fácil ainda encontrar essas faces enérgicas, cobertas de barba espessa até às maçãs do rosto.

Quando o Sr. Kéran, Ahmet e Van Mitten se sentaram à mesa da estalagem, serviram-lhes um jantar, cujos elementos tinham sido adquiridos no doukhan próximo, espécie de barraca onde o salsicheiro, o cortador e o tendeiro se confundem, as mais das vezes, em um só e mesmo industrial. Havia um peru assado, um desses pastéis de farinha de milho lardeado de tiras de queijo de búfalo, que tem o nome de gatschapouri, o inevitável prato nacional, o blini, espécie de massa feita com leite azedo, e, como bebida, algumas garrafas de uma cerveja espessa e frascos de vodka, aguardente muito forte, de que os Russos fazem grande consumo.

Francamente, não era possível exigir mais na estalagem de uma pequena aldeia, perdida nos extremos confins do mar Negro,

189

e, ajudados pelo apetite, os convivas honraram esse jantar, que variava a ementa habitual das suas provisões de viagem.

Terminado o jantar, Ahmet levantou-se da mesa, enquanto Bruno e Nizib comiam à farta do peru assado e do blini nacional. Segundo o seu costume, ia ele próprio à casa de posta, a fim de apressar a chegada dos cavalos, bem decidido a decuplicar, se fosse preciso, os cinco kopeks por versta e por cavalo que os regulamentos estabelecem, não falando da gorjeta aos postilhões.

Enquanto o esperavam, o Sr. Kéran e o seu amigo Van Mitten foram para uma espécie de pavilhão ajardinado, cujos pilares musgosos eram banhados pelo rio.

Era então ou nunca a ocasião de se entregarem às doçuras

desse far niente, desse sonhar delicioso, a que os orientais deram o nome de kief.

Além disso, a entrada em cena dos narguilés impunha-se como complemento de jantar tão digno de ser digerido convenientemente. Por isso, estes utensílios foram tirados da carruagem e trazidos aos fumadores, que tanto de acordo estavam acerca das doçuras desse passatempo, ao qual deviam a sua fortuna.

Encheu-se logo de tabaco o forninho dos narguilés, mas é escusado dizer que, se o Sr. Kéranban atulhou o seu de tombeki de origem persa, segundo o seu costume invariável, Van Mitten manteve-se no que usava, que era latakié da Ásia Menor.

Em seguida acenderam os narguilés, os fumadores estenderam-se num banco, um junto do outro, e meteram na boca o tubo comprido, rodeado de fio de ouro e terminado por uma boquilha de âmbar do Báltico.

A atmosfera saturou-se bem depressa desse fumo odorífero, que só chegava à boca depois de refrescado delicadamente pela água límpida do narguilé.

Durante alguns momentos, o Sr. Kéranban e Van Mitten, entregues ambos a esse gozo infinito que dá o narguilé, bem preferível ao chibouk, ao charuto ou ao cigarro,

190

estiveram silenciosos, com os olhos meio cerrados e como que apoiados nas volutas de fumo, que formavam uma espécie de edredão aéreo.

- Ora aqui está o que é a sua voluptuosidade! - disse por fim o Sr. Kéranban -, e não conheço nada melhor para se passar uma hora do que esta conversação íntima com o narguilé!

- Conversa sem discussão - observou Van Mitten -, que por isso ainda é mais agradável!

- É por isso - voltou Kéranban -, que o Governo turco fez muito mal, como sempre, lançando sobre o tabaco um imposto que lhe decuplicou o preço! É graças a esta ideia tola que o uso do narguilé vai diminuindo pouco a pouco e há-de acabar por desaparecer um dia!

- Que pena, amigo Kéranban!

- Eu, amigo Van Mitten, tenho tal predilecção pelo tabaco que preferia morrer a passar sem ele. Sim!, morrer! E se tivesse vivido nos tempos de Amurat IV, esse déspota que quis proibir o seu uso, sob pena de morte, a minha cabeça cairia dos ombros antes que o cachimbo da minha boca!

- Penso também dessa forma, amigo Kéranban - respondeu o holandês, aspirando duas ou três baforadas a seguir.

- Não fume tão depressa, Van Mitten, não aspire dessa maneira! Não tem tempo sequer para apreciar esse fumo saboroso e parece-se com um glutão que engole sem mastigar!

- Tem sempre razão, amigo Kéranban - voltou Van Mitten. que, por coisa alguma, teria querido perturbar tão doce quietação com as comoções de uma discussão violenta.

- Tenho sempre razão, amigo Van Mitten!

- O que me admira, na verdade - admitiu Keraban, - é que nós, negociantes de tabaco, tenhamos tanto prazer em utilizar

a nossa própria mercadoria!

- Tem sempre razão, amigo Kéraban...

192

- E porquê?

- Porque, se é verdade que os pasteleiros se enjoam geralmente dos pastéis e os confeitadores dos bolos que vendem, parece-me que um negociante de tabaco deveria ter horror de...

- Uma única observação, Van Mitten - interrompeu Kéraban -, uma única, rogo-lhe!

- Qual é?

- Ouviu alguma vez dizer que um negociante de vinhos tenha desdenhado das bebidas que vende?

- Não, decerto.

- Pois bem, negociante de vinhos ou negociante de tabacos é exactamente a mesma coisa.

- Bom - concordou o holandês. - A explicação que me dá parece-me excelente!

- Mas - tornou Kéraban -, uma vez que parece querer armar questão a este respeito...

- Eu não quero armar questão nenhuma, amigo Kéraban! - respondeu Van Mitten com vivacidade.

- Quer, sim!

- Não quero, afianço-lhe.

- Enfim, visto que me faz uma observação um tanto agressiva acerca do meu gosto pelo tabaco...

- Mas creia...

- Mas sim, senhor! Sim, senhor! - insistiu Kéraban, animando-se... - Sei compreender as insinuações...

- Não houve da minha parte a mínima insinuação - garantiu Van Mitten, o qual sem saber bem porquê - talvez influenciado pelo bom jantar que acabava de comer -, começava a impacientar-se com aquela insistência.

- Houve, sim - teimou Kéraban -, e toca-me a vez de fazer uma observação!

- Então faça-a!

193

- Não percebo, não! Não percebo que esteja a fumar latakié num narguilé! É uma falta de gosto indigna de um fumador sério!

- Mas parece-me que tenho todo o direito de o fazer - observou Van Mitten -, uma vez que prefiro o tabaco da Ásia Menor...

- Isso é conforme! O tombeki, mesmo depois de ser lavado duas vezes, fica ainda com propriedades activas infinitamente superiores às do latakié!

- Com certeza! - admitiu o holandês. - Propriedades muito activas, devidas à presença da beladona!

- A beladona, em proporções convenientes, não faz senão

melhorar as qualidades do tabaco!...

- Para quem quer envenenar-se lentamente! - contrapôs Van Mitten.

- Não é um veneno!

- É um veneno, e dos mais enérgicos!

- Eu morri, porventura? - exclamou Kéraban, que, em defesa da sua causa, engoliu todo o fumo de uma aspiração.

- Não, mas há-de morrer por esse motivo!

- Pois bem, na própria hora da minha morte - afirmou Kéraban, cuja voz adquiriu intensidade inquietadora - hei-de sustentar ainda que o tombeki é preferível a esse feno seco que se chama latakié!

- É impossível deixar sem protesto semelhante erro - declarou Van Mitten, que ia perdendo a cabeça.

- Ora essa!

- E atreve-se a dizer isso a um homem que há vinte anos compra tabaco!

- E atreve-se a dizer o contrário a um homem que há trinta anos o vende!

- Vinte anos!

- Trinta anos!

Nesta nova fase da discussão, os dois contraditores tinham-se levantado exactamente ao mesmo tempo. Mas, enquanto falavam e gesticulavam com vivacidade,

194

as boquilhas escaparam-se-lhes da boca e os tubos caíram no chão. Ambos imediatamente os apanharam, continuando a discussão, a ponto de chegarem às alusões pessoais mais desagradáveis.

- Decididamente, não conheço teimoso mais refinado!

- Depois de si, Kéraban, depois de si!

- De mim?

- Sim - exclamou o holandês, que já não era senhor de si. - Ora veja o fumo do latakié, que sai da minha boca!

- Veja também - replicou Kéraban - o fumo do tombeki que eu deito como uma nuvem odorífera.

E puxavam ambos pelo fumo a mais não poderem.

E cada qual deitava o fumo para a cara do outro.

- o aroma do meu tabaco!

- Aspire - dizia um -, o meu!

- Aspire - dizia o outro - o aroma do meu!

- Há-de acabar por confessar - declarou por fim Van Mitten - que não entende nada de tabacos!

- E há-de também confessar - replicou Kéraban -, que está muito abaixo do mais reles fumador!

Falavam então ambos tão alto, influenciados pela cólera, que os ouviram do lado de fora. Tinham chegado a tal ponto que iam com certeza rebentar injúrias grossas, como granadas num campo de batalha...

Mas nessa ocasião apareceu Ahmet. Seguiam-no Bruno e Nizib, atraídos pela bulha. Os três pararam à entrada do pavilhão.

- Olhem! - exclamou Ahmet, largando a rir. - meu tio Kéraban a fumar o narguilé do Sr. Van Mitten, e o Sr. Van Mitten o do

meu tio Kéraban!

Nizib e Bruno fizeram coro com ele.

Com efeito, ao apanharem as boquilhas, tinham-se ambos enganado nos tubos, e, sem darem por isso, tinham continuado a proclamar as qualidades superiores dos seus tabacos predilectos, Kéraban fumava latakié, enquanto Van Mitten fumava tombeki!

195

À vista disto, não puderam deixar de rir e acabaram por apertar a mão um ao outro como dois amigos cuja amizade não pode ser alterada por nenhuma discussão, mesmo acerca de assunto tão grave.

- Os cavalos estão metidos à carruagem - anunciou então Ahmet. - Já podemos partir!

- Então partamos! - respondeu Kéraban.

E ele e Van Mitten entregaram a Bruno e Nizib os dois utensílios que tinham estado quase a transformar-se em máquinas de guerra, retomando todos o seu lugar dentro da carruagem.

Ao subir, porém, para esta, Kéraban não pôde deixar de dizer em voz baixa ao seu amigo:

- Como já provou, Van Mitten, confesse agora que o tombeki é bem superior ao latakié!

- Não tenho dúvida em confessá-lo! - acedeu o holandês, que estava arrependido de se ter atrevido a discutir com o seu amigo Kéraban.

- Obrigado, amigo Van Mitten -olveu Kéraban, comovido por tanta condescendência -, jamais esquecerei a sua confissão!...

E ambos firmaram com outro aperto de mão o pacto de amizade que nunca devia ser quebrado.

Entretanto, a carruagem, levada a galope, rolava com rapidez na estrada do litoral.

Às oito horas da tarde tinham chegado à fronteira da Abkasia, e os viajantes pararam na casa de posta, onde dormiram até ao dia seguinte pela manhã.

196 197

CAPÍTULO XVII

Sobrevém uma aventura das mais graves,
que termina a primeira parte desta história

Abkasia é uma província à parte, no meio da região caucásica. pois nela o regime civil ainda não foi introduzido e também não obedece ao regime militar. Tem por limite ao sul o rio Ingour, cujas águas delimitam a Mingrélia, uma das divisões principais do governo de Koutais.

É uma bela província, das mais ricas do Cáucaso, mas o sistema que a rege não é próprio para fazer valer as suas riquezas. Os seus habitantes começam apenas a serem proprietários dum solo que pertencia todo ele aos príncipes reinantes, descendentes de uma dinastia persa. Por esta razão o indígena é ainda ali meio selvagem, tendo apenas a noção do tempo, sem língua própria, e falando uma espécie de dialecto que os seus vizinhos não podem compreender - um dialecto tão pobre que até carece de palavras para exprimir as ideias mais elementares.

Van Mitten não deixou de notar, de passagem, o perfeito contraste desta região com os distritos, mais avançados em civilização, que acabava de atravessar.

À esquerda da estrada estendiam-se campos de milho e, raros, de trigo, e cabras e carneiros, muito vigiados e guardados, búfalos, cavalos e vacas, vagueando em liberdade nas pastagens, grandes árvores, álamos brancos, figueiras, nogueiras, castanheiros, tílias, plátanos, matas de buxo e de azevinho. Tal é o aspecto desta província de Abkasia. Como justamente observou uma intrépida viajante, madame Carla Serena, "se se compararem entre si as três províncias limítrofes umas das outras, a Mingrélia, a Samourzakan e a Abkasia, pode dizer-se que o seu estado de civilização está para cada uma delas no mesmo grau de adiantamento que a cultura dos montes que a rodeiam, a Mingrélia que, socialmente, está à frente das três, tem as alturas guarneçadas e tidas em certo valor, a Samourzakan, já mais atrasada, apresenta um relevo meio selvagem, a Abkasia, enfim, que ficou quase no estado primitivo, não tem mais do que umas montanhas incultas, às quais ainda não chegou a mão do homem."

É pois a Abkasia, entre todos os distritos caucásicos, o que deve entrar no gozo dos benefícios da liberdade individual.

A primeira paragem que os viajantes fizeram, depois de terem passado a fronteira, foi na aldeia de Cagri, de bonito aspecto, com uma igreja encantadora, chamada de Santa Hipata, cuja sacristia serve agora de celeiro, um forte, que é ao mesmo tempo hospital militar, um rio, o Gagrinska, então seco, o mar de um lado e do outro, um vasto campo frutífero, plantado de grandes acácias e cheio de rosas odoríferas - Ao longe, mas a menos de cinquenta verstas, desenvolve-se a cordilheira limítrofe da Abkasia e da Circássia, cujos habitantes, derrotados pelos Russos, depois da campanha sanguinolenta de 1859, abandonaram este belo litoral.

A carruagem chegou às nove horas da noite e os viajantes ficaram aí até ao dia seguinte. O Sr. Kéraban e os seus companheiros descansaram em um dos doukhans da aldeia e partiram no outro dia pela manhã.

Ao meio-dia, seis léguas mais longe, encontraram, em Pizunda, cavalos de muda.

residiram os antigos patriarcas do Cáucaso Ocidental. Este edifício, com a sua cúpula de tijolos, dantes coberta de cobre, a disposição das naves segundo o plano da cruz grega, os frescos das paredes e a fachada assombreada por ulmeiros seculares, merece ser contado entre os monumentos mais curiosos do período bizantino do século VI.

Depois, no mesmo dia, passaram os viajantes pelas pequenas aldeias de Goudouati e de Gounista, e à meia-noite, depois de terem andado rapidamente umas dezoito léguas, descansaram algumas horas na aldeia de Soukhoun-Kalé, construída numa extensa baía, pouco abrigada, que se estende do lado sul até ao cabo Kodor.

Soukhoun-Kalé é o porto principal de Abkasia, mas a última guerra do Cáucaso destruiu em parte a cidade, onde havia uma população híbrida de gregos, arménios, turcos e russos, ainda mais do que abkases. Agora domina ali o elemento militar, e os steamers de Odessa ou de Poti levam numerosos passageiros para os quartéis construídos perto da antiga fortaleza, que foi levantada no século XVI, no reinado de Amurah, na época do domínio otomano.

Às nove horas da manhã, precedeu a partida dos viajantes uma refeição de uma característica ementa da Geórgia, composta de um caldo de galinha ácido, de um guisado de carne recheada, temperada com leite e açafrão, refeição esta que só mediocrementemente podia ser apreciada por dois turcos e um holandês.

Depois de terem deixado para trás a bonita aldeia de Kelasouri, construída no vale sombrio de Kelassur, os viajantes atravessaram o Kodor, a vinte e sete verstas de Soukhoun-Kalé. A carruagem passou em seguida perto de matas enormes, que se podiam comparar a verdadeiras florestas virgens, com trepadeiras inextricáveis, silvas espessas, que só se podem destruir a ferro ou a fogo, e onde não faltam nem as serpentes, nem os lobos, nem os chacais -,

um canto da América tropical transportado ao litoral do mar Negro. O machado dos exploradores já anda, porém, pelo meio destas florestas, que tantos séculos respeitaram, e aquelas belas árvores não-de desaparecer dentro em pouco para as necessidades da indústria, convertidas em madeiramentos de casas ou de navios.

Otchemchiri, capital do distrito, que compreende o Kodor e o Samourzakan, importante povoação marítima, assente em dois cursos de água, Ilori, cujo santuário bizantino merece ser visitado, mas, por falta de tempo, não o pôde ser nessa ocasião, e Galida e Anaklifa foram vistas nesse dia de jornada, uma das maiores pelo número de horas empregadas em andar e uma das mais rápidas pelo espaço andado ao galope dos cavalos. Por isso à noite, pelas onze horas, chegavam os viajantes à fronteira de Abkasia, atravessavam a vau o rio Ingour, e, vinte e cinco verstas mais longe, paravam em Redout-Kalé, capital da Mingrelia, uma das províncias do governo de Koutais.

As poucas horas da noite que restavam foram empregadas em dormir. Contudo, por muito fatigado que estivesse, Van Mitten levantou-se muito cedo, a fim de, pelo menos, fazer uma excursão proveitosa antes de partir. Encontrou Ahmet, que se tinha levantado tão cedo como ele, enquanto o Sr. Kéraban dormia ainda num quarto menos mau da hospedaria principal.

- Já fora da cama? - disse Van Mitten, vendo Ahmet, que ia sair. - Terá o meu amigo tenção de me acompanhar no meu passeio matinal?

- Tenho porventura tempo para isso, Sr. Van Mitten? - respondeu Ahmet. - Não vê que é preciso que eu trate de renovar as nossas provisões de viagem? Não tardaremos a atravessar a fronteira russo-turca, e não há-de ser fácil o abastecimento nos desertos do Lazistão e da Anatólia! Bem vê que não tenho um instante a perder!

- Mas depois - insistiu o holandês - não poderá dispor de algumas horas?

200

- Depois, Sr. Van Mitten, tenho de ir tratar da carruagem, entender-se com um carpinteiro de carros, para apertar algumas porcas, ensebar os eixos, ver se as molas não estão lassas e mudar a corrente do travão. É necessário que, além da fronteira, não seja preciso conserto algum! Quero por tanto pôr a carruagem em perfeito estado, e conto que ela nos há-de levar até ao cabo desta viagem pasmosa!

- Bem, mas depois?... - repetiu Van Mitten.

- Depois tenho de tratar das mudas e de ir regular tudo isso à casa de posta.

- Muito bem, mas depois?... - disse ainda Van Mitten. que não abandonava a sua ideia fixa.

- Depois - explicou Ahmet - será tempo de partir, e partiremos. Portanto, deixo-o.

- Um instante, meu amigo - tornou o holandês -, permita-me que lhe faça uma pergunta.

- Fale, mas depressa, Sr. Van Mitten.

- Sabe, sem dúvida, o que é esta curiosa província da Mingrélia?

- Pouco mais ou menos.

- É a região regada pelo poético Fásis *1, cujas palhetas de ouro vinham outrora agarrar-se às pilastras de mármore dos palácios levados nas suas duas margens.

- É, com efeito.

- Aqui estende-se essa lendária Cólquida, onde Jasão e os seus Argonautas, auxiliados pela mágica Medeia, vieram conquistar o precioso velo, guardado por um dragão formidável, sem falar dos terríveis tauros que vomitavam chamas fantásticas!

- Não digo que não!

*1 - Rio da Cólquida, que vai desembocar no mar Negro. A mitologia coloca na sua embocadura a cidade de Ea, objectivo da expedição dos Argonautas, que a julgavam um dos quatro rios

do Éden.

201

-Enfim, é aqui, nestas montanhas, que se elevam no horizonte, sobre este rochedo de Khomli, dominando a cidade moderna de Koutais, que Prometeu, filho de Jápeto e de Clímene, depois de ter roubado audaciosamente o fogo do céu, foi acorrentado por ordem de Júpiter, e, ainda por ordem de Júpiter, um abutre lhe rói eternamente o coração!

- Nada mais verdadeiro, Sr. Van Mitten, mas já lhe disse que tenho pressa! Aonde quer chegar?

- A isto, meu amigo - explicou o holandês, revestindo o modo mais amável -: é que alguns dias passados nesta parte da Mingrélia e até ao Koutais poderiam ser empregados em proveito desta viagem, e que...

- Dessa forma - volveu Ahmet -, propõe-nos que fiquemos algum tempo em Redout-Katé?

- Oh! Quatro ou cinco dias bastariam...

- É capaz de propor isso a meu tio Kéraban? - perguntou Ahmet, não sem alguma malícia.

- Eu!... Nunca, meu amigo! - respondeu o holandês. - Seria assunto para discussão, e, desde a lastimosa cena dos narguilés, asseguro-lhe que não mais me há-de acontecer encetar qualquer discussão com tão excelente pessoa!

- E faz muito bem!

- Mas, neste momento, não é ao terrível Kéraban que me dirijo, é ao meu amigo Ahmet.

- Engana-se, Sr. Van Mitten - tornou Ahmet pegando-lhe na mão. - Não é ao seu amigo Ahmet que neste momento está falando!

- Então a quem é?

- Ao noivo de Anasia, Sr. Van Mitten, e bem sabe que o noivo de Anasia não tem uma hora só a perder!

Dizendo isto, Ahmet foi-se a tratar dos preparativos da partida. Van Mitten, completamente despeitado, não teve outro recurso senão dar um passeio pouco instrutivo na povoação de Redout-Kalé, em companhia do fiel mas desconsolador Bruno.

202

Ao meio-dia, todos os viajantes estavam prontos para a partida. A carruagem, examinada com cuidado e revistada em algumas partes, prometia fazer mais longas jornadas em condições excelentes. Como estava cheio o cofre de provisões, nada havia que recear a este respeito durante um número considerável de verstas ou, antes, de agatchs, visto que iam atravessar províncias da Turquia asiática durante esta segunda parte do itinerário, e Ahmet, como homem prudente, estava satisfeito por ter provido a todas as eventualidades de alimentação e de locomoção.

O Sr. Kéraban sentia extrema satisfação em ver a viagem fazer-se em condições excelentes. É inútil insistir em como o

seu amor-próprio de turco antigo ficaria satisfeito no momento em que aparecesse na margem esquerda do Bósforo, escarnecendo das autoridades otomanas e dos que decretavam impostos injustos.

Enfim, Redout-Kalé já não estava senão a noventa verstas, pouco mais ou menos, da fronteira turca, e, antes de vinte e quatro horas, o mais cabeçudo dos Osmanlis contava pisar de novo terra otomana. Aqui, finalmente, estaria em sua casa.

- Vamos, meu sobrinho, e que Alá continue a proteger-nos! - exclamou ele com bom humor.

- A caminho, meu tio!

Tomaram então ambos lugar no cupé, seguidos de Van Mitten, que procurava, mas em vão, ver esse mitológico monte do Cáucaso, onde Prometeu expiava a sua tentativa sacrílega!

E partiram, ao som dos estalidos do chicote do iemschik e dos rinchos de uns cavalos vigorosos.

Uma hora depois, a carruagem passava pela fronteira do Gouriel, que está anexa à Mingrelia desde 1801. Tem aquela por capital Poti, porto muito importante do mar Negro, ligado por uma via férrea a Tiflis, a capital da Geórgia.

203

A estrada metia-se um pouco pelo interior de um campo fértil. Aqui e ali, aldeias, onde as casas não estavam agrupadas, mas espalhadas pelo meio de campos de milho. Nada de mais singular do que o aspecto dessas construções, que já não são de madeira, mas sim de palha entrançada, como uma obra de cesteiro. Van Mitten não se esqueceu de mencionar esta particularidade na sua carteira de viagem. E não eram, contudo, estas descrições insignificantes as que ele esperava notar durante a sua passagem através da antiga Cólquida! Enfim, seria talvez mais feliz quando chegasse às margens do Rion, esse rio de Poti, que não é outra coisa senão o célebre Fásis da antiguidade, e, a dar crédito a alguns sábios geógrafos, um dos quatro cursos de água do Éden!

Passada uma hora, paravam os viajantes junto da via férrea de Poti-Tiflis, num ponto em que a estrada corta a linha, uma versta para cima da estação de Sakario. Havia ali uma passagem de nível, que era preciso atravessar, a querer-se, encurtando o caminho, ir ter a Poti pela margem esquerda do rio.

Vieram, pois, os cavalos para diante da barreira do railway, que estava fechada.

Os vidros do cupé tinham sido abaixados, de forma que o Sr. Kéran e os seus dois companheiros viam perfeitamente o que se passava adiante deles.

O postilhão começou por gritar pelo guarda da barreira, que não apareceu logo.

Kéran deitou a cabeça de fora do postigo.

- Esta maldita companhia de caminhos de ferro - exclamou - irá ainda fazer-nos perder tempo? Por que razão está esta barreira fechada?

- É sem dúvida porque daqui a pouco passa algum comboio! - observou simplesmente Van Mitten.

- Por que razão há-de passar um comboio? - replicou Kéran.

Van Mitten não respondeu.

O postilhão continuava a chamar, sem resultado. Ninguém aparecia à porta da casinha do guarda.

- Que Alá lhe torça o pescoço! - berrou Kéraban. - Se ele não vem, abro eu próprio a barreira!...

- Um pouco de sossego, meu tio! - recomendou Ahmet, detendo Kéraban, quando este se preparava para descer.

- Sossego?...

- Sim! Aqui está o guarda.

Com efeito, este, saindo da casinha, dirigia-se tranquilamente para a carruagem.

- Podemos passar, sim ou não? - perguntou Kéraban com modos ásperos.

- Podem - respondeu o guarda. - O comboio de Poti não chega antes de dez minutos.

- Abra então a barreira e não nos demore inutilmente! Temos pressa!

- Vou abrir - disse o guarda.

Dizendo isto, foi primeiro abrir a do outro lado da via, e em seguida veio fazer o mesmo à que estava do lado da carruagem, mas tudo isto sossegadamente, como um homem que não tem para as exigências dos viajantes senão perfeita indiferença.

O Sr. Kéraban ardia já de impaciência.

Finalmente, ficou livre a passagem de ambos os lados e a carruagem meteu-se através da via.

Neste momento, do lado oposto, apareceu um grupo de viajantes. Um senhor turco, montado em um cavalo magnífico e escoltado por dois cavaleiros, dispunha-se a atravessar a passagem de nível.

Era evidentemente uma personagem considerável. Tinha pouco mais ou menos trinta e cinco anos e a estatura elevada apresentava essa nobreza particular às raças orientais.

Era belo de fisionomia. onde brilhavam uns olhos que só deviam animar-se ao fogo das paixões, tez pálida, barba negra, que lhe descia até metade do peito, dentes muito brancos e lábios que não sabiam sorrir, finalmente, tinha a fisionomia de um homem imperioso, poderoso pela situação e fortuna, habituado à realização de todos os seus desejos e ao cumprimento de todas as suas vontades, e que a resistência levaria decerto aos maiores excessos. Havia um tanto de selvagem nessa natureza, em que o tipo turco se mistura com o tipo árabe.

Trazia um traje simples de viagem, talhado à moda dos ricos osmanlis, que são mais asiáticos do que europeus. Sem dúvida alguma, debaixo da sua túnica de cor escura, queria disfarçar a rica personagem que realmente era.

No momento em que os cavalos chegavam ao meio da via,

chegava também aqui o grupo dos cavaleiros. Como a estreiteza das barreiras não deixava que a carruagem e o grupo passassem ao mesmo tempo, era necessário que um ou outro recuassem.

Tinham, pois, os cavalos parado, enquanto os cavaleiros faziam outro tanto, mas não parecia que o estrangeiro estivesse disposto a ceder a passagem ao Sr. Kéraban. Turco contra turco podia trazer alguma complicação.

- Ponham-se de lado! - gritou Kéraban aos três cavaleiros, cujos cavalos estavam em frente dos da carruagem.

- E eu digo o mesmo! - retrucou o recém-chegado, que parecia decidido a não recuar nem um só passo.

- Eu cheguei em primeiro lugar!

- Pois bem, passará em segundo!

- Estou resolvido a não ceder!

- Nem eu!

A discussão, levada a este ponto, prometia tomar mau caminho.

- Meu tio - interveio Ahmet - o que nos importa...

- Bem sei... meu sobrinho!

- Meu amigo!... - começou Van Mitten.

206

- Deixe-me sossegado! - retorquiu Kéraban por forma que deixou espantado o holandês.

Entretanto, o guarda-barreira, intervindo naquele momento, exclamava:

- Apressem-se! Apressem-se! O comboio de Poti não pode tardar em chegar! Apressem-se!

Mas o Sr. Kéraban não o ouviu! Abriu a porta da carruagem e saltou para a via, seguido de Ahmet e Van Mitten, enquanto Bruno e Nizib saltavam para fora do cabriolé.

O Sr. Kéraban foi direito ao cavaleiro e, agarrando-lhe no cavalo pela rédea:

- Quer ou não deixar-me passar? - exclamou com violência, que já não podia conter.

- Nunca!

- É o que vamos ver!

- É o que vamos ver!...

- Não conhece decerto o Sr. Kéraban!

- Também não conhece o Sr. Saffar!

Era, com efeito, o Sr. Saffar, que se dirigia a Poti, depois de uma rápida excursão nas províncias do Cáucaso Meridional.

O nome de Saffar, desse que lhe tinha levado os cavalos da muda de Kertsch, só podia sobreexcitar a cólera de Kéraban! Ceder a esse homem, contra quem tanto tinha já vociferado? Nunca! Ter-se-ia antes deixado esmagar pelo seu cavalo.

- Ah! É o Sr. Saffar? - exclamou ele. - Pois bem! Para trás, Sr. Saffar.

- Para diante! - ordenou Saffar, fazendo sinal aos cavaleiros da sua escolta para que forçassem a passagem.

Ahmet e Van Mitten, compreendendo que nada faria ceder Kéraban, preparavam-se para ir em seu auxílio.

- Vamos! Passem, passem! - clamava o guarda. - Aí vem o comboio.

Efectivamente já se ouvia o silvo da locomotiva.

207

- Para trás! - berrou Kéraban.

- Para trás! - gritou Saffar.

Neste momento, os silvos da locomotiva ouviam-se muito próximo.

O guarda, atrapalhadíssimo, agitava a bandeira, para que o comboio parasse... Era tarde... Os vagões já tinham dobrado a curva...

O Sr. Saffar, vendo que não havia tempo de atravessar a via, recuou precipitadamente. Bruno e Nizib tinham-se posto de lado. Ahmet e Van Mitten agarraram Kéraban e arrastaram-no para longe dos carris. O postilhão desatrelou os cavalos, pondo-os fora da barreira.

Exactamente neste momento, o comboio passava com a rapidez de um expresso. Mas, ao passar, apanhou de raspão a parte posterior da carruagem de posta, escavacou-a completamente e desapareceu, sem que os passageiros tivessem dado pelo choque resultante daquele pequeno obstáculo.

O Sr. Kéraban, fora de si, quis atirar-se sobre o seu adversário, mas este, esporeando o cavalo, atravessou a via desdenhosamente, sem mesmo lhe dar a honra de um olhar, e, seguido dos outros cavaleiros, desapareceu a galope sobre a estrada que segue a margem direita do rio.

- Cobarde! Miserável! - bradou Kéraban. - Se um dia o apanho...

- Sim - observou Ahmet -, mas enquanto o não apanha, ficamos nós sem carruagem.

- Assim é, meu sobrinho, assim é! Mas passei, e fui o primeiro a passar.

Como se vê, esta frase era tudo quanto há de mais Kéraban.

Neste momento alguns cossacos, dos encarregados pelo Governo russo da polícia das estradas, aproximaram-se. Tinham observado tudo quanto se passara.

208

O seu primeiro movimento foi avançarem para o Sr. Kéraban e prenderem-no. E o Sr. Kéraban, rubro de cólera, foi conduzido à estação de Sakario, enquanto Ahmet, Van Mitten, Bruno e Nizib contemplavam, numa tristeza enorme, os restos da carruagem de posta.

- Estamos metidos em boa! - ponderou Van Mitten.

- E meu tio? - lembrou Ahmet. - Não o devemos abandonar.

Dali a vinte minutos o comboio de Tiflis seguia para Poti, passando em frente dos quatro. Olharam...

À janela de um dos compartimentos aparecia a cabeça estupenda do Sr. Kéraban, o rosto apoplético, os olhos injectados de sangue, fora de si, não por ter sido preso, mas porque esses ferozes cossacos o obrigavam, pela primeira vez na sua vida, a viajar em caminho de ferro!

Importava porém não o deixar só naquela situação. Era preciso tratar, o mais depressa possível, de o tirar daquele mau passo, a que só o levava a sua eterna casmurrice, e não comprometer o regresso a Escutári com uma demora que poderia prolongar-se.

Deixando pois os despojos da carruagem, que para nada serviam, Ahmet e os companheiros alugaram um carro, o postilhão atrelou-lhe os cavalos, e, tão rapidamente quanto era possível, tomaram a estrada de Poti.

Tinham seis léguas a percorrer. Andaram-nas em duas horas. Chegados, Ahmet e Van Mitten dirigiram-se para o posto policial, a fim de pedir que soltassem o infeliz Sr. Kéraban.

Aí souberam, o que não deixou de os tranquilizar sobre a sorte do Sr. Kéraban, que este, depois de ter pago uma grossa multa, por contravenção de postura e resistência às autoridades, fora entregue aos cossacos para que estes lhe dessem a liberdade na fronteira, onde o tinham ido acompanhar.

Tratava-se, portanto, de marcharem o mais depressa possível até à fronteira.

209

Quanto ao Sr. Saffar, Ahmet teve curiosidade de saber que destino seguira. O Sr. Saffar deixara Poti. Embarcara num dos paquetes que fazem escala por diferentes portos da Ásia Menor.

Ahmet não conseguiu saber para onde se dirigia esta alta personagem - e no horizonte apenas conseguiu ver o longínquo fumo do vapor que o transportava.

Fim do Volume I

II volume (a sair):

O REGRESSO

JULIO VERNE

PARTE II

- CAPÍTULO I - No qual se encontra o Sr. Kéraban furioso por ter viajado em caminho de ferro .. 10/0
- CAPÍTULO II - No qual Van Mitten resolve ceder às instâncias de Bruno e o que daí resulta .. 23/0
- CAPÍTULO III No qual Bruno prega ao seu companheiro Nizib uma peça que decerto o leitor lhe perdoará 41/1
- CAPÍTULO IV - No qual tudo se passa à luz dos relâmpagos e ao som dos trovões 52/1
- CAPÍTULO V - Em que conversaram e o que viram no caminho de Atina a Trebizonda 64/1
- CAPÍTULO VI - Onde se trata de novas personagens que o Sr. Kéraban vai encontrar na estalagem de Rissar 78/2
- CAPÍTULO VII - No qual o juiz de Trebizonda procede a um inquérito de uma maneira muito engenhosa 89/2
- CAPÍTULO VIII - Que acaba de uma maneira muito inesperada, principalmente para Van Mitten ... 99/2
- CAPÍTULO IX - No qual Van Mitten, desposando a nobre Saraboul, tem a honra de ficar sendo cunhado do Sr. Yanar 112/3
- CAPÍTULO X - Durante o qual os heróis desta festa não perdem nem uma hora 125/3
- CAPÍTULO XI - No qual o Sr. Kéraban é do aviso do guia, um pouco contra a opinião de seu sobrinho Ahmet 137/4
- CAPÍTULO XII - No qual se dá conta de um diálogo trocado entre a nobre Saraboul e o seu noivo 147/4
- CAPÍTULO XIII - No qual, depois de se ter defrontado com o seu burro, o Sr. Kéraban se defronta com o seu mais mortal inimigo ... 159/4
- CAPÍTULO XIV - Van Mitten procura fazer compreender a situação à nobre Saraboul 174/5
- CAPÍTULO XV - Onde se verá o Sr. Kéraban mais cabeçudo que nunca 185/5
- CAPÍTULO XVI - Onde se demonstra, mais uma vez, que nada há como o acaso para arranjar as coisas 194/5

PARTE II

O REGRESSO

CAPÍTULO I

No qual se encontra o Sr. Kéraban furioso
por ter viajado em caminho de ferro

LemBRam-se decerto que Van Mitten, desolado por não ter podido visitar as ruínas da antiga Cólquida, manifestara a intenção de desferrar-se explorando o mitológico Fásis *1 que, sob o nome menos eufónico de «Rio», desagua em Poti, formando um pequeno porto no litoral do mar Negro.

Pobre Van Mitten! Mais uma vez tinha de ver desfeitas as suas esperanças! Ah! Com que prazer procuraria ele encontrar vestígios de Jasão e dos Argonautas, com que alegria percorreria os lugares célebres onde o audacioso filho de Éson foi à conquista do Velo de Ouro! Mas, bem se tratava disso! O que havia a fazer era deixar o Poti, quanto antes melhor, e ir nas peugadas do Sr. Kéraban até encontrá-lo na fronteira turco-russa.

Que decepção para o infeliz Van Mitten!

Eram já cinco horas da tarde. Contavam partir no dia seguinte, 13 de Setembro, de manhã. De Poti, o desgraçado Van Mitten não pôde ver senão o Jardim Público, onde existem as ruínas de um forte de notável antiguidade, casas edificadas sobre estacaria, nas quais se abriga uma população de seis a sete mil almas, largas ruas, bordadas de fossos,

*1 - Fásis, príncipe de Colcos, ao qual Tétis, não podendo conseguir que lhe correspondesse em afeição, metamorfoseou em rio.

onde coaxam rãs dia e noite, e finalmente o porto, muito frequentado.

Só uma ideia consolava Van Mitten - lembrava-se de que, demorando-se por aqueles sítios, por aqueles lugares pantanosos, se arriscava a apanhar uma febre perniciososa, coisa vulgaríssima em muitas daquelas paragens.

Enquanto o holandês se entregava às mais extraordinárias reflexões, Ahmet procurava substituir a carruagem de posta, que tão bons serviços poderia ainda prestar se não fosse a inqualificável imprudência do seu dono. Devemos desde já dizer que encontrar uma outra carruagem, própria para jornadas,

nova ou velha, não era fácil, na pequena cidade de Poti. Uma perecladnaia, uma araba haveria, e a bolsa do Sr. Kéraban ali estava pronta a abrir-se e a pagar o que fosse; mas estes veículos não passam de carroças, mais ou menos primitivas, completamente desprovidas de todo o conforto, sem nada terem de comum com uma verdadeira carruagem de posta. De resto, por melhores cavalos que as puxem, essas desastradas bisarmas nunca poderão andar com a velocidade de uma carruagem. Daí mil demoras, atrasos impossíveis, a viagem completamente transtornada.

Mas o infeliz Ahmet, se se via muito embaraçado, não era decerto hesitando no género de veículo que havia de escolher. Nem carros, nem carroças! Não havia nada! Oraurgia reunir-se o mais cedo possível ao Sr. Kéraban, para impedir que o cabeçudo fizesse mais alguma das suas, que bem poderia trazer as mais desastrosas consequências. Decidiu-se, portanto, a percorrer a cavalo as vinte léguas que separam o Poti da fronteira turco-russa. Ahmet era bom cavaleiro e Nizib muitas vezes o acompanhava a passeio. Van Mitten, interrogado sobre cavalaria, declarou não lhe serem de todo desconhecidas as regras da equitação; quanto ao seu criado Bruno, não ficava pela sua perícia nos exercícios da gineta; ficava, porém, pela sua obediência. A ascensão apresentava sério perigo...

12

A partida foi determinada para o dia seguinte, devendo chegar-se de tarde à fronteira.

Decidida a hora, Ahmet escreveu uma longa carta, que devia ser entregue em casa do banqueiro Selim, e cujas primeiras palavras eram, naturalmente, estas: "Querida Anasia!" Contava todas as peripécias da viagem, o caso acontecido em Poti, como se separara do tio, como esperava encontrá-lo. Acrescentava que, acontecesse o que acontecesse, chegaria no prazo marcado; recomendava-lhe instantemente que, chegado esse tempo, estivesse com o pai e Nedjeb na vila de Escutári, e se pudesse ser antes, melhor.

Esta carta, modelo de ternura, devia ir no dia seguinte num dos barcos que fazem carreiras regulares entre Poti e Odessa. Teria, portanto, antes de quarenta e oito horas chegado ao seu destino. E chegada aí, com que alvoroço seria aberta, lida, relida, e até apertada contra aquele coração de que Ahmet sentia o palpitar no extremo oposto do mar Negro! O facto é que os dois noivos estavam então, mais que nunca, longe um do outro, isto é, nas duas extremidades do eixo maior de uma elipse, de que a teima do Sr. Kéraban obrigava a percorrer o perímetro. Ora, enquanto Ahmet escrevia ao sol da sua alma, que fazia Van Mitten?

Van Mitten, depois de ter jantado no hotel, passeava nas ruas de Poti, sob as árvores do Jardim Central, ao longo do porto, examinando os molhes e os cais, cuja construção estava em via de acabamento.

Desta vez, porém, ia sozinho. Bruno não o acompanhava.

E porque não iria Bruno em companhia de seu amo, fazendo-lhe as costumadas observações, às vezes pouco respeitadas, mas

sempre justas, acerca das complicações do presente e das ameaças e perigos do futuro?

É que Bruno tivera uma ideia. Em Poti não havia carruagens, nem carros, nem carroças, mas naturalmente, ou certamente,

13

havia de haver uma balança. Ora para o mísero holandês escanzelado, era aquela, ou nunca, a ocasião de pesar-se, de contrastar o seu peso presente com o que ele chamava o seu peso primitivo.

Por isso Bruno não acompanhara Van Mitten. O guia de viagem deste é que acompanhava Bruno, para ele ver, nas suas tabelas de pesos, a quantas libras holandesas corresponderia o que ele pesasse em russo, isto é, em pesos russos, de que ele desconhecia completamente o valor.

A empresa foi fácil. Mediante alguns kopeks, uns lojistas prestaram-se a satisfazer-lhe o estranho capricho. Puseram um peso respeitável sobre um dos pratos da balança, e Bruno, não sem secreto temor, pôs-se no outro.

Com grande desgosto viu que o prato onde estava o peso não se movia. Parecia pegado ao chão. Bruno, muito ingénuo, começou a querer fazer-se mais pesado. O prato, evidentemente, nem por isso se mexia mais.

- Diabo! Estava a adivinhar isto!

Um peso um pouco inferior substituiu o primeiro.

O prato continuou na mesma, imóvel.

- Será possível? - exclamou Bruno, sentindo uma onda de sangue invadir-lhe o coração.

Neste momento o seu olhar fixou-se numa boa e simpática fisionomia, que era nem mais nem menos a fisionomia do Sr. Van Mitten.

- O senhor por aqui?

- Então que tem isso? Tenho andado a dar o meu passeio e o acaso trouxe-me até aqui... Pelo que vejo, estás tendo o prazer de...

- De me pesar, é verdade!

- E então?

- E então estou arriscado a que não haja na casa peso tão pouco pesado como eu, depois desta viajata.

E havia uma tal expressão de dor no rosto de Bruno, ao pronunciar estas palavras, que Van Mitten sentiu-se comovido.

14

- Pois tanto terás emagrecido, meu pobre Bruno?

- VaI ver...

O segundo peso fora substituído por um terceiro, muito inferior.

Desta vez o prato começou a mover-se, ficando os dois em linha horizontal, isto é, equilibrando-se.

- Enfim - disse Van Mitten -, mas que peso é esse?

- Sim, que peso é esse? - repetiu Bruno.

O peso correspondia exactamente a quatro ounds, medida russa.

Van Mitten estendeu a mão para o guia de viagem, que Bruno lhe ofereceu, e consultou a tabela comparativa dos pesos dos diferentes países..

- Então? - perguntou Bruno, presa da maior curiosidade...

- Espera, estou calculando...

Houve um momento de silêncio.

- Venho a pesar?...

- Cento e cinquenta e uma libras... Exactamente... Cento e cinquenta e uma libras...

Bruno soltou um grito de desespero e, tirando-se da balança, tão desajeitadamente o fez, que caiu no meio do chão com todo o peso do corpo.

- Cento e cinquenta e uma libras! - repetia ele, como se tivesse perdido uns nove avos de vida.

Com efeito, Bruno, que ao partir pesava cento e sessenta e oito libras, estava reduzido a um peso de cento e cinquenta e uma. Emagrecera portanto dezassete libras! E isto em vinte e seis dias de uma viagem relativamente fácil, sem grandes privações, nem extremas fadigas. E, agora, principiada aquela desgraça, até onde iria ela? Em que viria a tornar-se aquele ventre, que Bruno com tantos carinhos e cuidados arredondara durante vinte anos? Quanto desceria ele ainda daquela honesta média, na qual até então conseguira mantê-lo, sabe Deus com que sobre-humanos esforços?

15

E era exactamente nessa ocasião que a viagem principiava a tornar-se difícil, sem ao menos uma carruagem de posta, para percorrer aquelas terras sem recurso algum!

Que de fadigas, que de perigos! E olhava tristemente para o abatido ventre.

De repente, o seu espírito teve uma como rápida visão de eventualidades terríveis, onde ele via um Bruno desconhecido, magro, seco, chupado, reduzido à misérrima condição de esqueleto ambulante!

Esta visão tétrica levou-o sem hesitar à mais enérgica das resoluções. Levantou-se, arrastou o holandês, que mal lhe resistiu, até à porta do hotel, e aí antes de entrarem:

- Senhor meu amo - disse -, tudo tem limites. A toleima humana também os deve ter. Esta viagem para nós está acabada! Nem mais um passo!

Van Mitten ouviu Bruno com a sua proverbial tranquilidade.

- Mas, Bruno, quererás tu porventura que fixemos a nossa residência no Cáucaso?

- Não, meu amo, não! Proponho simplesmente que deixemos o Sr. Kéraban ir até Constantinopla pelo caminho que mais for do seu agrado; quanto a nós, iremos tranquilamente num dos paquetes do Poti. Graças a Deus, nem enjoamos. A viagem por mar até nos há-de fazer bem, e eu não continuarei a emagrecer, o que sem dúvida me aconteceria continuando a viajar desta maneira.

- Tudo quanto tu dizes, sob o teu ponto de vista, parece-me

atulado. Mas o meu ponto de vista não é o teu... Abandonar o meu amigo Kéraban, quando três quartas partes do caminho estão andadas... Diabo!... É preciso pensar, é preciso pensar...

- O Sr. Kéraban não é seu amigo, é amigo do Sr. Kéraban. Esta é que é a verdade. E seja ou não seja, meu amigo é que ele não é, e eu não estou resolvido a sacrificar-lhe o que me resta de carne, para satisfazer os caprichos do seu orgulho,

16

e da sua vaidade! É verdade que já lá vão três partes da viagem, mas a quarta, que falta, é exactamente a pior de todas: temos de fartar-nos de andar por um país meio selvagem... Por ora, bem sei que nada, pessoalmente, lhe aconteceu de desagradável, mas, se teima em continuar a viagem, verá, verá... Olhe que lhe acontece desgraça, digo-lho eu!

A insistência de Bruno em profetizar alguma grave complicação, de que Van Mitten não sairia a salvo, não deixou de assustar o pacato holandês. Os conselhos do seu fiel criado afiguravam-se-lhe bons. Com efeito, esta viagem para lá da fronteira russa, através das regiões pouco frequentadas do pachalik de Trebizonda e da Anatólia Setentrional, por assim dizer fora da jurisdição do Governo turco, era caso para duas vezes, pelo menos, se pensar nele, antes de o resolver. Ora Van Mitten, com o seu carácter mole, sentiu-se hesitante, e a Bruno não passaram despercebidas as hesitações do amo. Renovou e redobrou, portanto, as suas instâncias. Choveram argumentos sobre argumentos e, como o melhor deles, mostrava as calças e o colete flutuando sobre um ventre que tendia a desaparecer de todo. Insinuante, persuasivo, eloquente mesmo, sob o império de uma comoção profunda, levou enfim seu amo a participar das suas ideias sobre a necessidade de separar a sua sorte da do seu amigo Kéraban.

Van Mitten reflectia. Escutava com atenção, aprovando com a cabeça.

Quando a conversação terminou, o holandês apenas calculava quanto lhe seria difícil a discussão, sobre o assunto, com o seu incorrigível companheiro de viagem.

- Ora - insistiu Bruno, que para tudo tinha resposta -, as condições não podem ser mais favoráveis. Uma vez que o Sr. Kéraban não está connosco, deixemo-nos de cortesias, e que o seu sobrinho Ahmet, quando o encontrar, lhe dê recados nossos.

Van Mitten abanou a cabeça.

17

- Isso tem um pequeno inconveniente - disse.
- Qual?
- É que ao sair de Constantinopla quase não trazia dinheiro, e agora não tenho nenhum...
- Mas não pode mandar vir dinheiro suficiente do Banco de

Constantinopla?

- Não, Bruno, é impossível. O depósito que deixei em Roterdão não pode ainda estar em Constantinopla...
- De maneira que, por não termos o dinheiro necessário...
- É forçosamente preciso que eu me entenda com o Sr. Kéran.

Com isto é que Bruno não podia conformar-se. Encontrado o amo com o Sr. Kéran, levantar-se-ia tempestuosa discussão, em que Van Mitten não levaria a melhor. Mas que fazer? Trataram directamente com Ahmet? Não, seria inútil. Ahmet por coisa nenhuma do mundo forneceria meios a Van Mitten para abandonar o Sr. Kéran.

Portanto, o melhor era nem pensar nisso.

Enfim, eis o que se decidiu entre amo e criado, depois de largos debates: deixariam Poti em companhia de Ahmet, e iriam encontrar o Sr. Kéran à fronteira turco-russa. Aí, Van Mitten, sob pretexto de saúde, temendo fadigas futuras, declararia ser-lhe impossível continuar semelhante viagem. Nestas condições, Kéran não poderia insistir e não recusaria ceder-lhe o dinheiro necessário para que ele regressasse por mar a Constantinopla.

- Tudo isto é muito bonito - pensava Bruno -, mas não deixa de levantar-se discussão, e discussão bem séria.

Entraram ambos no hotel, onde os esperava Ahmet, a quem nada comunicaram dos seus projectos. Cearam e foram deitar-se. Bruno teve o mais cruel dos pesadelos: sonhou que era imponderável!

Levantaram-se muito cedo e acharam à porta quatro cavalos, prontos a «devorar o espaço».

Era coisa curiosa de ver-se a cara de piedade de Bruno, preparando-se para montar. Mais um favorzinho que ele devia ao Sr. Kéran. Mas não havia outra maneira de viajar, e Bruno montou. Felizmente, o cavalo do infeliz criado era uma pacata azémola, incapaz da veleidade de uma upa ou do capricho de um corcovo. Os cavalos de Van Mitten e de Nizib dir-se-iam irmãos do de Bruno. Apenas Ahmet montava um belo corcel feroso, mas, bom cavaleiro, o seu único cuidado seria não se adiantar, a ponto que os seus companheiros o perdessem de vista.

Saíram de Poti às cinco horas da manhã. Às oito horas, percorridas vinte verstas, almoçaram em Nikolaja, um almoço muito simples, tão simples que comeram segundo em Kintryschi, às onze horas, depois de terem andado mais de quinze verstas.

Às duas horas depois do meio-dia, Ahmet, feitas mais vinte verstas, fazia alto em Batum, nesta parte do Lazistão setentrional, que pertence ao império moscovita.

Este porto, antigamente do domínio turco, está excelentemente situado na embocadura do Tchorock, o Bathys dos antigos. Devia ter sido muito desagradável para a Turquia a sua perda, porque o porto, vasto, com um magnífico ancoradouro, pode abrigar grande número de navios, ainda os de alto bordo. Quanto à cidade, é simplesmente um importante bazar, construído de madeira e atravessado por uma rua

principal. Mas a mão da Rússia estende-se desmedidamente sobre as regiões transcaucásicas e empolgou Batum, como mais tarde empolgará os últimos limites do Lazistão.

De modo que Ahmet não podia ali considerar-se ainda em sua casa, o que lhe teria acontecido alguns anos atrás. Teve de atravessar Güniéh, na embocadura do Tchorock, e a vinte verstas de Batum, a aldeia de Makrialos, para, dez verstas adiante, estar finalmente na fronteira.

Ali, à beira do caminho, um homem, com os dois pés no limite do território otomano, parecia esperar alguém, num estado de furor mais fácil de compreender do que de descrever.

19

Esse homem, que ali estava esperando, sob o olhar pouco paterno de um destacamento de cossacos, era o Sr. Kéran.

Eram seis horas da tarde, e desde a meia-noite da véspera - instante preciso em que lhe fora dada a liberdade fora do território russo - o Sr. Kéran ali se conservava.

Uma pobre choupana, miseravelmente mobilada, mal conservada, e ainda pior fornecida de comestíveis, servia-lhe de abrigo, ou melhor, de refúgio.

A meia versta de distância, Ahmet e Van Mitten, tendo reconhecido um o tio, outro o amigo, esporeavam os cavalos, e apeavam-se daí a pouco a alguns passos do Sr. Kéran.

Este, indo, vindo, gesticulando, falando consigo mesmo, ou antes, consigo mesmo questionando, à falta de adversário, parecia não ter dado pela chegada dos seus companheiros.

- Meu tio! - exclamou Ahmet, estendendo-lhe os braços, enquanto Nizib e Bruno seguravam os cavalos dos amos. - Meu tio!

- Meu amigo! - disse Van Mitten.

Kéran apertou-lhes as mãos, e mostrando os cossacos, que passeavam à beira da estrada:

- Em caminho de ferro! - trovejou. - Os bandidos obrigaram-me a andar em caminho de ferro! A mim! A mim!

Evidentemente, o que excitava a mais violenta indignação do Sr. Kéran fora obrigarem-no, a ele, turco pur sang, a viajar num comboio. Não lhe esquecia a afronta! O desastrado encontro com o Sr. Saffar, a tempestuosa discussão com o insolente, as consequências que daí resultaram, a destruição da carruagem de posta, os embaraços em que se via para continuar a viagem, tudo isto esquecia perante esta enormidade:

20

terem-no obrigado a viajar em caminho de ferro, a ele, um velho crente!

- Ah! É indigno! - exclamou Ahmet, que pensou ser então ou nunca o momento de não contrariar o tio.

- Sim, indigno - repetiu Van Mitten -, mas felizmente, amigo Kéran, não houve nada de gravidade, hem?

- Sr. Van Mitten!... - trovejou Kéraban-, meça bem as suas palavras! Parece-lhe então que não houve nada de gravidade?
Um sinal de Ahmet ao holandês indicou-lhe que não ia por bom caminho. Quanto a Kéraban, continuava a tratá-lo por Sr. Van Mitten.

- Que quer o Sr. Van Mitten significar nessas inqualificáveis palavras: "nada de gravidade"?

- Amigo Kéraban, quero significar não ter acontecido nenhum desses desastres tão vulgares em caminhos de ferro: choque de comboios, descarrilamentos...

- Antes tudo isso tivesse acontecido, Sr. Van Mitten - volveu Kéraban. - Sim, por Alá! Antes o comboio tivesse descarrilado, e eu partido os braços, quebrado as pernas, esmigalhado a cabeça! Antes isso do que passar pela vergonha de sobreviver à minha desonra!

- Se assim o entende, amigo Kéraban! - retorquiu Van Mitten, que não sabia que paliativo dar às suas imprudentes palavras.

- Não se trata do que entendo! - replicou Kéraban, avançando para o holandês. - Trata-se da maneira como o senhor acaba de proceder para com um homem que há trinta anos lhe dá o nome de amigo!

Ahmet procurava por todos os modos desviar a conversação daquele rumo.

- Meu tio, posso afirmar-lhe que interpretou mal as palavras do Sr. Van Mitten...

- Com certeza!

21

- Ou melhor, que o Sr. Van Mitten não soube exprimir o que pensava. Sei que ele está tão indignado como nós com o inqualificável procedimento desses malditos cossacos, obrigando-o a semelhante maneira de viajar.

Felizmente, tudo isto era dito em turco, língua de que os malditos cossacos não percebiam palavra.

- E, enfim, meu tio, procuremos em tudo a origem das coisas! Lembre-se de quem é o responsável único de tudo quanto lhe aconteceu; lembre-se dessa imprudente criatura que obstou à sua passagem pela via férrea de Poti; lembre-se, enfim, de Saffar!...

- Sim, Saffar! - rugiu Kéraban, muito oportunamente lançado por seu sobrinho num caminho diferente daquele que ia seguindo.

- Sim, sim, mil vezes sim, esse maldito Saffar! - ajuntou imediatamente Van Mitten. - Era isto exactamente que eu queria dizer, amigo Kéraban.

- O infame Saffar! - trovejou Kéraban.

- O infame Saffar! - ribombou Van Mitten, no mesmo diapasão. E teria querido encontrar um adjectivo ainda mais enérgico, mas não achou.

- Ah! Que se o tornamos a encontrar... - exclamou Ahmet.

- E não poderemos voltar a Poti! - berrou Kéraban. - Havia de pagar caro a sua insolência, provocá-lo-ia, arrancar-lhe-ia a alma do corpo...

- Empalá-lo, empalá-lo, é que era bom! - entendeu aconselhar

Van Mitten, que fazia desesperados esforços para reconquistar a amizade do seu caro Kéraban.

A ideia de empalar Saffar, ideia bem turca, valeu a Van Mitten um aperto de mão de Kéraban.

- Meu tio - advertiu então Ahmet -, seria completamente inútil nesta ocasião querermos ir na pista de Saffar.

- Porquê?

22

- Já não está em Poti. Quando nós chegámos, embarcava ele num dos paquetes que fazem o serviço do litoral da Ásia Menor...

- O litoral da Ásia Menor? - interrompeu Kéraban. - Mas não segue o nosso itinerário esse litoral?

- Segue...

- Pois bem, se o infame Saffar vem encontrar-se no meu caminho, Valla-billah tielah! Desgraçado dele!

Depois de pronunciada esta fórmula, que é a dos juramentos solenes, o Sr. Kéraban nada podia dizer de mais terrível, calou-se.

Mas como continuariam a viagem, agora que lhes faltava a carruagem de posta? Continuar jornadeando a cavalo não era coisa que pudesse propor-se ao Sr. Kéraban. Opunha-se a semelhante recurso a sua enorme corpulência; de resto, se ele sofria muito em cima de um cavalo um cavalo por debaixo dele não resistiria. Afinal combinaram que o melhor seria irem a pé, até Choppa, Kéraban e Bruno, o qual não estava decidido a tornar a montar.

Exactamente nessa ocasião Bruno chegava-se ao pé do amo :

- Então quando é que lhe pede o dinheiro?

- Não tenhas pressa. Quando chegarmos a Choppa.

É perto: apenas algumas verstas.

O facto é que Van Mitten não via sem inquietação chegar o momento de tocar aquela delicada questão de abandonar o seu amigo Kéraban.

Alguns instantes depois, os viajantes desciam a escada que torneia as margens do Lazistão.

O Sr. Kéraban voltou-se para mostrar, pela última vez, o punho cerrado aos cossacos, que o tinham obrigado - a ele, velho crente - a viajar em caminho de ferro. Dali a pouco, numa curva do caminho, perdiam de vista a fronteira do império moscovita.

CAPÍTULO II

No qual Van Mitten resolve ceder às instâncias de Bruno e o que daí resulta

- SINGULAR país! - escrevia Van Mitten no seu caderno de apontamentos de viagem. - As mulheres cavam e carregam, os

homens fiam o linho e tecem a lã."

E o bom holandês não se enganava. Nesta longínqua província do Lazistão, no qual principia a segunda parte do itinerário dos nossos viajantes, as coisas passam-se assim.

O território que parte da fronteira caucásica, esta parcela da Arménia turca, compreendida entre os vales Charcout, do Tchorock e a costa do mar Negro, é pouco conhecido. Se exceptuarmos o francês Th. Deyrolles, poucos viajantes se têm aventurado através destes distritos do pachalick de Trebizonda, por entre estas montanhas não excessivamente altas, cuja cadeia se embrulha confusamente até ao lago de Van, como que formando muralha à capital da Arménia, esta Erzerum, famosa pela sua imensa população.

E, contudo, de grandes factos históricos foram teatro estas terras. Deixando estes planaltos, onde nascem os dois braços do Eufrates, Xenofonte e os Dez Mil, recuando diante dos exércitos de Artaxerce Mnémon, chegaram às margens do Fásis. Este Fásis não é o Rio que desagua em Poti: é o Kour, que desce da região caucásica, correndo não longe do Lazistão,

24

através do qual o Sr. Kéran e os seus companheiros começavam a viajar.

Ah! Se Van Mitten tivesse tempo, que preciosas observações faria, e que perda para os eruditos da Holanda que ele as não pudesse realizar! Van Mitten iria nas suas pesquisas até encontrar o lugar preciso onde Xenofonte, general filósofo, historiador, deu batalha aos Taoques e aos Cálibes, saindo do país dos Karducas; subiria ao monte Chenium, de onde os gregos saudaram com as suas aclamações as tão desejadas ondas de Ponto Euxino.

Mas Van Mitten não tinha tempo nem vagar para estudar, ou antes, não o deixavam. Quanto a Bruno, limitava-se a insistir para que o amo pedisse a Kéran aquilo de que eles precisavam para a realização dos seus projectos.

- Em Choppa! - respondia invariavelmente Van Mitten ao seu criado Bruno.

Dirigiram-se para Choppa. Mas encontrar-se-ia ali qualquer meio de locomoção, um veículo que substituísse a confortável carruagem de posta, feita em cavacos na via férrea de Poti?

Grave complicação! Tinham ainda de caminhar mais de duzentas e cinquenta léguas e apenas faltavam dezassete dias para a data fatal de 30 desse mês. Nesse dia, devia o Sr. Kéran estar de volta da sua extraordinária viagem.

Nesse dia, Ahmet contava encontrar na vila de Escutári a formosa Anasia que aí o devia estar esperando para se celebrar o casamento. Compreende-se, pois, a impaciência do tio e do sobrinho, aumentada pelos sérios embaraços com que se apresentava a segunda metade da viagem.

Encontrar uma carruagem de posta, ou simplesmente uma carruagem naquelas terriolas perdidas da Ásia Menor, não era coisa com que se devesse contar. O único remédio seria contentarem-se com o que encontrassem, e o que encontrassem, devia ser, como veículo, tudo quanto se pudesse imaginar de

mais rudimentar.

25

E assim caminhavam, pensativos e meditando, Kéraban a pé, Bruno levando pela rédea o seu cavalo e o do amo, que ia ao lado do seu amigo; à frente da pequena caravana marchava Nizib, montado. Quanto a Ahmet, tomara a dianteira, a fim de preparar alojamentos em Choppa e comprar um veículo, que bem ou mal, por certo mal, os transportasse. Deviam partir ao nascer do Sol.

Caminhavam lentamente e em silêncio. O Sr. Kéraban ruminava a cólera que lá lhe ia por dentro, e que, de quando em quando, extravasava nestas palavras: "Cossacos! Caminho de ferro! Vagão! Saffar!"

Van Mitten espreitava o momento para apresentar os seus projectos de separação, mas, no estado em que via o seu amigo, não se atrevia. Efectivamente, a ocasião era pouco favorável.

Chegaram a Choppa às nove horas da noite. Aquela marcha, feita a pé, estava pedindo um bom sono reparador até de manhã. A estalagem era menos que medíocre, mas o cansaço fez boa cama e os três dormiram dez horas seguidas.

Quanto a Ahmet, conseguira o que desejava, e no dia seguinte, 14 de Setembro, uma araba estava à porta da estalagem, pronta a partir ao primeiro sinal.

Ah! Que saudades da antiga carruagem de posta, substituída por uma grosseira carroça de duas rodas, na qual mal cabiam três pessoas! Dois cavalos aos varais com dificuldade puxavam a pesada caranguejola. Felizmente, Ahmet tivera a boa ideia de mandar cobrir e cercar a araba com um toldo impermeável. Sempre preservava do vento e da chuva. Não tiveram remédio senão contentar-se com esses melhoramentos, até que a sorte lhes deparasse transporte mais cómodo. Não era, porém, possível que o encontrassem dali até Trebizonda.

Compreende-se facilmente que, à vista da araba, Van Mitten, por muita que fosse a sua filosofia, e Bruno, derreado de todo, não puderam deixar de fazer qualquer coisa como uma careta.

26

Mas, a um simples olhar do Sr. Kéraban, a careta desapareceu.

- Aqui está o que se pôde arranjar, meu tio! - declarou Ahmet.

- E de mais nada precisamos! - respondeu Kéraban, que por coisa nenhuma do mundo daria a entender que lamentava ter perdido a sua excelente carruagem de posta.

- Sim... - acrescentou Ahmet -, com uma boa liteira de palha dentro da araba...

- Ora! Estamos que nem uns príncipes, meu sobrinho.

- Príncipes de teatro! - resmungou Bruno.

- Hem - disse Kéraban.

- Além disso - continuou Ahmet -, estamos apenas a cento e sessenta agatchs *1 de Trebizonda, e ali é natural que possamos arranjar transporte mais cómodo.

- Para quê? Este é excelente! - trovejou Kéraban, observando, com o sobrolho carregado, se alguém revelava na fisionomia a intenção de o contrariar.

Escusado será dizer que, sob a influência do tremendo olhar, todos conservaram imobilidades de estátua.

Estavam convencidos de que podiam fazer a jornada da seguinte maneira: Kéraban, Van Mitten e Bruno tomariam lugar na araba, um dos cavalos seria montado pelo postilhão, encarregado do serviço das mudas; Ahmet e Nizib, habituados às fadigas da equitação, iriam a cavalo. Esperavam por este modo chegar a Trebizonda sem grandes demoras pelo caminho. Nesta importante cidade procurariam o modo de terminar a viagem o mais comodamente possível.

Feita a provisão de alguns víveres e utensílios, não esquecendo os narguilés, felizmente salvos e postos à disposição dos seus proprietários, o Sr. Kéraban deu o sinal da partida. As terriolas desta parte do litoral estão muito próximas umas das outras.

*1 - Sessenta léguas, aproximadamente.

É até raro haver entre duas terras mais de quatro a cinco léguas. Podiam, portanto, com toda a facilidade descansar e abastecer-se sempre que lhes fosse preciso, contanto que o impaciente Ahmet lhes permitisse descansar e que nas terras onde chegassem houvesse de que se abastecerem.

- A caminho! - repetiu Ahmet depois de seu tio.

Neste momento Bruno, chegando-se a Van Mitten, disse-lhe com um tom grave quase imperioso:

- E a proposta que devia fazer ao Sr. Kéraban, para quando a guarda?

- Ainda não tive ocasião - respondeu Van Mitten, evasivamente. - Além disso, não me parece que ele esteja muito disposto...

- De modo que nos vamos meter ali dentro? - inquiriu Bruno, apontando para a araba com o mais profundo desprezo.

- Sim... provisoriamente.

- Mas quando se decidirá, finalmente, a pedir o dinheiro de que está dependente a nossa liberdade?

- Na primeira terra onde chegarmos.

- Na primeira terra?

- Sim! Em Archawa!

Bruno abanou a cabeça em sinal de desaprovação e foi sentar-se atrás de seu amo, no fundo da araba. A pesada carroça partiu a trote.

O tempo não estava bom: nuvens de aparência tempestuosa acumulavam-se a oeste. Sentia-se, para lá do horizonte, ameaças de borrasca. Esta parte da costa, batida em cheio pelas correntes atmosféricas vindas do largo, não devia ser

fácil de atravessar; mas não se dão ordens ao tempo, e os fatalistas fiéis de Maomet sabem melhor que ninguém curvar-se aos seus caprichos. Contudo, era para temer que o mar Negro não continuasse a justificar por muito tempo o seu nome grego de Pontus Euxinus, o «bem hospitaleiro»,

28

passando a justificar o nome turco de Kara Dequitz, de muito menos bom agouro.

Felizmente, não era pela parte elevada e montanhosa do Lazistão o itinerário que seguiam. Aí, os caminhos faltam absolutamente e é necessário atravessar florestas virgens do machado. A passagem da araba seria quase impossível. A costa é mais praticável, havendo sempre caminhos de uma a outra terra.

Ainda assim, se esta parte do Lazistão oferece fácil passagem aos viajantes, as terras baixas não deixam de oferecer perigos para a saúde, devido aos pântanos pestilenciais que aí abundam, dando causa a que o tifo seja endêmico desde Maio até Agosto. Felizmente, estava-se em Setembro; não havia pois perigo para a saúde. Fadigas, sim! Doenças, não! Ora, se a gente nem sempre se cura, pode sempre descansar. E quando o mais cabeçudo dos turcos raciocinava assim, que lhe haviam de dizer os companheiros?

A araba parou em Archawa, pelas nove horas da manhã. Deviam demorar-se uma hora. Van Mitten, durante essa hora, não disse uma palavra a Kéran aban acerca do projecto de separação.

Daí, esta pergunta de Bruno:

- Então, que novidades há?
- Nenhumas...
- Mas parece-me que...
- Na primeira terra...
- Na primeira terra?
- Sim, em Witse.

E Bruno que, sob o ponto de vista pecuniário dependia de seu amo, como este estava na dependência do Sr. Kéran aban, meteu-se na araba, não sem dissimular o seu mau humor.

- Que tem esse homem? - perguntou Kéran aban.

- Nada - respondeu Van Mitten, para desviar o rumo da conversação. - Cansado, naturalmente!

29

- Cansado? Isso sim! Está com magnífico aspecto! Até o estou achando mais gordo!

- Hem! - exclamou Bruno.

- Tal quall Tem disposições para se tornar um belo turco, de majestosa corpulência.

Van Mitten tocou o braço de Bruno, para que ele não respondesse ao amável cumprimento.

A araba continuava na sua marcha regular. Se não fossem os solavancos, que se traduziam por contusões mais desagradáveis que dolorosas, não haveria razão de queixa.

O caminho não era deserto. Alguns lazos o percorriam, descendo as rampas dos Alpes Pônticos, levados pelas necessidades do seu comércio ou da sua indústria. Se Van Mitten não estivesse tão preocupado com a sua «interpelação», teria podido registar no seu caderno de apontamentos as diferenças de trajar dos caucasianos e dos lazos. Uma espécie de barrete frígio substitui a calota gorgiana. Sobre o peito destes montanheses, altos, esbeltos, claros, ágeis e elegantes, esquartelam-se duas cartucheiras. Uma espingarda de cano curto, um punhal de lâmina larga, preso a um cinto de couro, chapeado de cobre, constituem o seu armamento habitual.

Alguns burriqueiros caminham assim pela estrada, acompanhando a diferentes pontos carregações de frutos de toda a espécie, criados na zona média.

Em suma, se o tempo corresse mais seguro, se o céu mostrasse menos ameaças, os viajantes não teriam muito de que se lastimar, apesar das más condições em que caminhavam.

Às onze horas chegaram a Witse, na antiga Pixites, cujo nome grego, «buxo», está suficientemente justificado pela abundância que deste vegetal cresce nos arredores. Aí, almoçaram à pressa, excessivamente à pressa, na opinião do Sr. Kéran, que mostrou o seu mau humor por um grunhido surdo.

30

A Van Mitten ainda não lhe pareceu favorável a ocasião para apresentar os seus projectos ao Sr. Kéran. E no momento da partida, quando Bruno, chamando-o de parte, lhe perguntou:

- Então, meu amo?
- Nada ainda; na primeira terra!
- Hem?
- Sim! Em Artachen!

E Bruno, fulo, desesperado, raivoso, meteu-se na araba, mascando murmurações que felizmente ninguém entendia.

Van Mitten ia contemplando comovido aquela paisagem romântica, onde ele achava a um tempo reminiscências do bom arranjo holandês, casado com os panoramas pitorescos da Itália.

Chegaram a Artachen às três horas da tarde devendo partir às quatro. Bruno foi ter com Van Mitten e tantas foram as suas instâncias que o gordo holandês lhe prometeu formalmente que trataria o assunto em Atina, onde deviam passar a noite.

Havia cinco léguas a percorrer para chegarem a Atina o que somava quinze léguas andadas naquele dia. Para quem viajava em carroça era andar bem, mas a chuva, que cada vez mais os ameaçava, ia sem dúvida atrasar-lhes as marchas, tornando os caminhos pouco praticáveis.

Não era sem inquietação que Ahmet observava o mau tempo. As nuvens de tempestade engrossavam no limite do horizonte. A atmosfera pesada tornava a respiração difícil. Certamente para o norte, rebentaria grande temporal no mar. Depois da queda dos primeiros raios, a atmosfera profundamente perturbada pelas descargas eléctricas, seria sacudida pela asa do vendaval e a borrasca desencadear-se-ia, acompanhada de grossa chuva.

Ora, dentro da araba não cabiam mais de três pessoas.
Ahmet e Nizib não poderiam abrigar-se debaixo do toldo,

32

que, de resto, talvez não resistisse à fúria do vento.
Portanto, urgia chegar a Atina.

Por duas ou três vezes o Sr. Kéraban deitou a cabeça fora do toldo e, olhando o céu, cada vez mais negro:

- Mau tempo, hem? - disse.

- Mau tempo, meu tio. O que devemos é fazer a diligência para estar em Atina antes que rebente a tempestade.

- Principiando a chover - replicou Kéraban - vem para dentro da araba.

- E quem vem cá para fora?

- Bruno. Este excelente moço sairá da araba e montará o teu cavalo.

- Decerto - apoiou Van Mitten, sem se atrever a olhar para Bruno que no seu silêncio deixava transparecer que nem só no céu havia tempestade.

- O melhor é tratar de andar depressa. Logo que a tempestade se desencadeie, o toldo não resistirá ao vento e à chuva...

- Depressa - bradou Kéraban ao postilhão. - Não poupes o chicote!

O postilhão não o poupava. Mas os pobres animais, oprimidos pelo peso da atmosfera, não podiam trotar num caminho que o macadame nunca nivelara.

Com que olhos de inveja deviam o Sr. Kéraban e os seus companheiros ter visto passar o tchapar, cuja equipagem se cruzou com a araba, pelas sete horas da tarde.

Era o correio inglês, que de quinze em quinze dias transporta a Teerão os despachos da Europa. Gasta apenas doze dias para ir de Trebizonda à capital da Pérsia, com os dois ou três cavalos que transportam as malas e os zepties que as escoltam. Nas mudas dão-lhes a preferência, de modo que Ahmet começou a reçar não encontrar em Atina senão cavalos estafados.

Por infelicidade, o Sr. Kéraban não pensou em semelhante coisa. Seria uma ocasião, que nem procurada,

33

para Van Mitten exalar sentidas queixas, e por certo não deixaria de a aproveitar.

Mas a ocasião, se não por esse motivo, não deixou de chegar.

O holandês, não podendo recuar perante as solenes promessas feitas a Bruno, decidira-se finalmente a cumprir a sua palavra, mas procurando para isso toda a qualidade de rodeios. O mau tempo pareceu-lhe excelente exórdio para entrar na matéria.

- Amigo Kéraban - principiou ele, com o tom de um homem que vai pedir um conselho -, que me diz a este estado atmosférico?

- Que digo?

- Sim! Como sabe, estamos aqui estamos no equinócio do Outono, e é para rezear que a segunda parte da nossa viagem não nos corra tão favoravelmente como a primeira.

- É possível, o que prova simplesmente que seremos menos favorecidos na segunda parte da viagem - respondeu Kéraban, com voz seca. - Não está na minha mão modificar as condições atmosféricas. Sim, que Van Mitten o saiba, os elementos não recebem ordens minhas.

- Está claro que não - concordou o holandês, a quem o exórdio começava a afigurar-se pouco feliz. - Mas não era isso que eu queria dizer...

- Que era então?

- Que isto, afinal, não passa talvez de um ameaço de tempestade... E, que seja uma tempestade, há-de passar...

- Todas as tempestades passam, Van Mitten! Duram mais ou menos tempo, tal qual as discussões... mas passam... E depois vem o bom tempo... naturalmente!

- A menos - observou Van Mitten - que a atmosfera não seja profundamente perturbada... O pior é estarmos no período do equinócio...

- Quando o equinócio chega, que remédio há senão deixá-lo chegar... Eu não posso fazer com que não estejamos no equinócio!

34

Parece-me que se quer zangar comigo, por isso, Van Mitten!

- Não! Que ideia! Ora essa! Zangar-me consigo, amigo Kéraban!

O exórdio ia cada vez a pior. Se Van Mitten não tivesse ali mesmo ao pé Bruno, cujas surdas incitações não lhe passavam despercebidas, é natural que não se atrevesse a continuar, guardando ainda a apresentação do seu projecto para mais favorável ocasião. Mas já não era tempo de recuar, tanto mais que Kéraban, interpelando-o directamente e de sobrolho franzido, perguntou-lhe:

- Mas o que é isso, Van Mitten? Dir-se-ia que tem algum pensamento reservado!

- Eu?

- Sim! Vamos, explique-se com franqueza! Não gosto de gente que está com má cara, sem dizer porquê...

- Mas, eu estou com má cara?

- Está. Tem alguma coisa a censurar-me? Não o convidiei para jantar em Escutári, e não vamos a caminho de Escutári? Tenho por acaso culpa se o caminho de ferro deu cabo da minha carruagem de posta?

Tinha, sim! Tinha culpa! Mas o holandês é que não se atrevia a dizer-lho.

- É por minha culpa que o mau tempo nos ameaça, tendo nós como único meio de transporte esta araba?

Vamos, fale!

Van Mitten não sabia que replicar. Limitou-se a perguntar ao seu amigo se ele contava demorar-se em Atina, ou em Trebizonda, caso o mau tempo tornasse a viagem muito difícil.

- Difícil não quer dizer impossível, não é assim? - voltou Kéraban. - E como eu tenho de estar em Escutári no fim do mês, continuaremos a viagem, ainda que todos os elementos se conspirarem contra nós.

35

Van Mitten chamou a si toda a sua coragem e formulou, não sem evidente embaraço na voz, a sua famosa proposta.

- Pois bem, amigo Kéraban - arriscou então -, se isso o não contraria muito, pedir-lhe-ei licença para que Bruno e eu fiquemos em Atina.

- Pedem-me licença para ficarem em Atina? - disse Kéraban, separando muito as sílabas.

- Sim, licença, permissão, autorização... porque por forma alguma sem isso me atreveria a... a...

- A separar-se?

- Temporariamente... muito temporariamente! - apressou-se Van Mitten a observar. - Eu e Bruno sentimo-nos fatigadíssimos. Preferíamos voltar por mar a Constantinopla... Sim... por mar...

- Por mar?

- Sim, amigo Kéraban. Sei que não gosta do mar. Nestas palavras não há sombra de censura. Compreendo perfeitamente que a ideia de uma travessia lhe seja desagradável, e acho muito natural que prefira caminhar por terra... Mas a fadiga, o cansaço começam a prostrar-nos, a mim e a Bruno... Ao pobre Bruno, que, bem observado, começa a emagrecer.

- Ah! Bruno emagrece! - sibilou Kéraban, sem mesmo se voltar para o infeliz criado, que mostrava como o fato lhe estava todo tão largo que caberiam dentro dele, e muito à vontade, dois Brunos.

- E aqui está, amigo Kéraban, porque lhe peço que não nos queira mal por ficarmos em Atina, de onde seguiremos para a Europa em condições mais aceitáveis. Repito-lhe: encontrar-nos-emos em Constantinopla, ou antes, em Escutári, sim, em Escutári... e creia que não será por mim que o meu amigo Ahmet terá de esperar para casar-se.

Van Mitten dissera tudo. Esperava a resposta do Sr. Kéraban. O holandês curvava a cabeça, sem ousar levantar os olhos para o seu terrível companheiro.

36

- Van Mitten - respondeu Kéraban, em voz mais calma do que seria para esperar. - Van Mitten, deve convir que a sua proposta é de natureza a causar-me espanto e até talvez a provocar...

- Amigo Kéraban! - atalhou Van Mitten, temendo um dos costumados acessos do cabeçudo.

- Deixe-me concluir, peço-lhe. Deve pensar que não é sem verdadeiro sentimento que eu penso nesta separação.

Acrescentarei que a não esperava da parte de um correspondente com quem negoceio há trinta anos...

- Kéraban! - interrompeu Van Mitten.

- Eh! Por Alá! Deixe-me concluir. Mas, afinal, para que continuar? Van Mitten é livre! Não é meu parente nem meu criado! É apenas meu amigo, e a um amigo tudo se pode permitir, até quebrar os laços de uma velha amizade.

- Kéraban, meu Kéraban!

E Van Mitten sentia-se comovido.

- Fique em Atina, se quer ficar em Atina; fique em Trebizonda, se em Trebizonda é que quer ficar.

E, ditas estas palavras, o Sr. Kéraban recostou-se no canto da carroça, como um homem que não tem junto a si senão indiferentes, gente estranha, que o acaso lhe deu para companheiros de viagem.

A verdade é que, se Bruno estava encantado da maneira como as coisas tinham corrido, Van Mitten sentia-se profundamente pesaroso do desgosto que causava ao seu amigo. Mas, enfim, o projecto tivera bom êxito, e Van Mitten, podendo retirar a sua proposta, entendeu que o melhor era não pensar em tal. Demais, Bruno estava ali.

Restava simplesmente tratar da questão do dinheiro, quer para se demorarem ainda algum tempo naquelas paragens, quer para acabarem a viagem em melhores condições. Esse ponto, porém, não podia apresentar dificuldades. Uma grande quantidade de fundos ia ser, por ordem de Van Mitten,

37

depositada no Banco de Constantinopla, e o Sr. Kéraban para embolsar o dinheiro emprestado não teria mais que apresentar ali o cheque assinado pelo holandês.

- Amigo Kéraban? - tornou Van Mitten, depois de alguns minutos de silêncio.

- Que mais quer, senhor? - perguntou Kéraban, como se dirigisse a um importuno.

- Quando chegarmos a Atina... - disse Van Mitten, a quem o título de senhor produzira um calafrio.

- Quando chegarmos a Atina, separamo-nos, é escusado falar mais nisso... - interpôs Kéraban com mau modo.

- De acordo... Kéraban.

Pobre Van Mitten! Não se atreveu a dizer: "amigo Kéraban".

- E então?

- E então... de acordo... sim, de acordo... Mas... tenho a pedir-lhe um favor... e vinha a ser se me emprestava algum dinheiro...

- Dinheiro?

- Uma quantia insignificante... de que se reembolsará em Constantinopla, no Banco de Constantinopla...

- Uma quantia insignificante?

- Deve saber que parti quase sem dinheiro, e como quis encarregar-se generosamente das despesas da viagem...

- Essas despesas correm só por minha conta...

- Seja! Não quero discutir...

- Não consentiria que gastasse nem uma libra, nem uma! -

replicou Kéraban.

- Estou-lhe muitíssimo agradecido, mas a verdade é que não tenho comigo nem uma pára, e, assim, vejo-me obrigado a pedir-lhe se me...

- Não lhe empresto nada - respondeu Kéraban, secamente. - O dinheiro que tenho é quanto muito o necessário para acabar esta viagem.

38

- Mas, não é muito... é pouco... uma quantia insignificante...

- Não empresto nada!...

- Como? -murmurou Bruno.

- Pareceu-me que Bruno se permitiu falar - observou Kéraban com voz ameaçadora.

- Sim, senhor - respondeu Bruno.

- Cala-te, Bruno! - ordenou Van Mitten, que não queria que a intervenção do criado azedasse ainda mais a questão.

Bruno calou-se.

- Meu caro Kéraban - repetiu Van Mitten -, afinal não se trata senão de uma quantia relativamente pequena, que nos permitirá ficar alguns dias mais em Trebizonda...

- Pequena ou não, Sr. Van Mitten, não empresto absolutamente nada.

- Bastar-me-iam mil piastras!

- Nem mil, nem cem, nem dez, nem uma! - ribombou Kéraban, que principiava a encolerizar-se.

- Quê, nada?

- Nada!

- Mas então...

- Então, só Lhe resta continuar a viajar connosco, Sr. Van Mitten. Nada lhe faltará! Quanto a emprestar-lhe uma piastra, uma pára, meia pára, nunca! Para lhe permitir viajar a seu cómodo...

- Nunca?

- Nunca!

O modo como este «nunca!» foi pronunciado convenceu e persuadiu Van Mitten e Bruno de que a resolução de Kéraban era inabalável, como, de resto, todas as suas resoluções.

Quando Kéraban dizia «não» era como se dissesse mil vezes «não».

O procedimento do Sr. Kéraban escandalizou profundamente Van Mitten, nunca o esperara do seu antigo correspondente,

39

do homem que se dizia seu amigo. Quanto a Bruno, estava furioso! Com que então, teria de continuar a viajar daquela linda maneira, e, de futuro, talvez ainda pior! Teria de continuar aquela jornada absurda, aquele doido itinerário, de carroça, a cavalo, quem sabe se a pé? E tudo isto por causa de um cabeçudo de um osmanli, diante de quem seu amo tremia de

medo! E teria ele de sacrificar o pouco que lhe restava de ventre, enquanto o Sr. Kéraban, a despeito dos trabalhos, fadigas e contrariedades, continuaria em todo o esplendor da sua majestosa rotundidade.

Mas que remédio! E Bruno, vendo que nenhum havia, meteu-se no seu canto a resmungar. Era o seu único alívio.

Por um instante pensou em deixar o amo, abandonando-o a todas as consequências de uma semelhante tirania. Mas a questão do dinheiro levantava-se diante dele, como diante de Van Mitten, que nem sequer tinha com que pagar-lhe as soldadas. Que remédio senão acompanhar o amo!

Durante estas discussões, a araba caminhava com dificuldade. O céu, horrivelmente carregado, parecia abater-se sobre o mar. Os surdos mugidos da ressaca indicavam que o mar, ao largo, encapelava. Para lá do horizonte, soprava o vento da tempestade.

O postilhão chicoteava os cavalos, mas os pobres animais dificilmente podiam andar. Ahmet também apertava com eles, tanta era a pressa de chegar a Atina, mas que antes de lá chegarem rebentaria a tempestade era coisa de que já ninguém duvidava.

O Sr. Kéraban fechava os olhos e não dizia palavra. Este silêncio pesava sobre Van Mitten, que preferia os remoques do seu velho amigo. É que o holandês como que sentia no silêncio do Sr. Kéraban a formação de uma montanha de descomposturas, e calculava o que seria o desabar dessa montanha!

40

Por fim, Van Mitten, para pôr termo àquela situação, chegou-se para Kéraban e disse-lhe ao ouvido, de modo que Bruno o não ouvisse:

- Amigo Kéraban?

- O que é?

- Como pude eu ceder a esta ideia de o deixar, ainda que não fosse senão um momento?

- Que diz! Como é quê?...

- Sim, porque realmente não percebo.

- Nem eu - respondeu Kéraban.

E foi tudo. Mas a mão de Van Mitten procurou a de Kéraban, que acolheu este arrependimento com uma generosa pressão, de que os dedos do holandês guardaram por muito tempo a recordação.

Eram nove horas. A noite apresentava-se muito sombria. A tempestade acabava de rebentar com extrema violência. Grandes relâmpagos cortavam o horizonte, mas ainda não se ouvia o ribombar dos trovões. A borrasca desencadeava-se com tão grande violência que, por muitas vezes, temeram que a araba se virasse.

Os cavalos, extenuados de fadiga, espantados, paravam a cada momento, empinavam-se, recuavam, e o postilhão dificilmente conseguia governá-los.

Que fazer? Não podiam parar, que não havia abrigo, e aquela caranguejola em que jornadeavam não resistiria ao embate do vento, e em menos de meia hora não chegariam a Atina.

Ahmet, muito inquieto, não sabia que fazer quando, ao dobrar uma curva do caminho, viu uma luz muito viva à distância de um tiro de espingarda. Era a luz do farol de Atina, pouco distante desta terriola, que projectava aquele intenso clarão no meio da escuridão.

Ahmet lembrou-se logo de pedir aos guardas hospitalidade por aquela noite.

Bateu à porta da casinhola, junto ao farol.

Alguns instantes mais, e Kéraban e companheiros não teriam podido resistir à fúria da tempestade.

CAPÍTULO III

No qual Bruno prega ao seu companheiro Nizib uma peça que decerto o leitor lhe perdoará

Uma grosseira casa de madeira, dividida em dois quartos, com janelas sobre o mar, um pilão, feito de traves, sustentando um aparelho catóptrico, isto é, uma lanterna de reflector, tal era o farol de Atina, que se elevava uns sessenta pés acima do tecto desta casinhola. Nada de mais rudimentar.

Mas, tal qual era, aquele farol prestava grandes serviços à navegação. Fora construído havia poucos anos, e antes da sua construção quantos navios afundados naquelas paragens!

No farol faziam serviço dois guardas, em noites alternadas.

Ouvindo bater à porta, um deles foi abri-la. O Sr. Kéraban, sob o impulso violento da tempestade - ele, uma outra tempestade -, entrou precipitadamente, seguido de Ahmet, de Van Mitten, de Bruno e de Nizib.

- Que querem? - disse o guarda de serviço, enquanto o companheiro, acordado pelo barulho, se levantava a indagar o que se passava.

- Pousada para esta noite - respondeu Ahmet.

- Pousada? - replicou o guarda. - Isto quanto muito pode servir de abrigo, se querem entrar, entrem.

42

- Sim, abrigo, por uma noite - explicou Kéraban - e alguma coisa para matar a fome é tudo quanto queremos.

- Então entrem, mas seriam mais bem servidos em qualquer estalagem de Atina.

- A que distância daqui?

- Meia légua.

- Meia légua com este terrível tempo! - exclamou Kéraban. - Nada, nem pensar nisso! Ficamos aqui, onde até temos bancos para passar a noite. Se a araba e os cavalos podem abrigar-se nas traseiras da casa, de mais nada precisamos. Amanhã, logo que amanheça, iremos até Atina, e que Alá nos proteja para que encontremos algum veículo mais conveniente...

- E que ande mais depressa! - ajuntou Ahmet.

- E com menos solavancos - murmurou Bruno por entre dentes.
... do que esta araba de que, em absoluto, se não pode dizer mal! - concluiu o Sr. Kéraban, lançando um olhar severo ao resmungador criado de Van Mitten.
- Senhor - tornou o guarda -, repito-lhe que a nossa casa está às suas ordens. Muitos viajantes se têm aqui abrigado do mau tempo e não se têm queixado...
- Nem tão-pouco nós nos queixaremos! - afirmou Kéraban.
Dito isto, os viajantes prepararam-se para passar ali a noite, felicitando-se por terem encontrado aquela casa, que, desconfortável como era, os abrigava em todo o caso do vento e da chuva, que lá fora se ouviam cada vez com mais violência.
Mas dormir é bom quando antes há alguma coisa para cear.
Foi Bruno quem fez esta observação, lembrando-se de que as reservas da araba estavam de todo esgotadas.
- Vamos ao caso - indagou Kéraban -, que há aí que se coma, minha boa gente?... Pagando-se, está entendido...

43

- Bom ou mau - respondeu um dos guardas -, vamos dar o que temos, e nem por todas as piastras do tesouro imperial poderiam nesta ocasião arranjar melhor.
- Há-de ser tudo excelente! - respondeu Ahmet.
- Sim!... Se for em abundância! - acrescentou Bruno, com os dentes aguados por uma grande fome.
- Passem para o outro quarto - indicou o guarda. - O que há está sobre a mesa. É comer sem cerimónia.
- E, enquanto Bruno nos serve, irá Nizib ajudar o postilhão a abrigar o melhor possível do vento e da chuva a araba e os cavalos - lembrou Kéraban.
A um sinal do seu amo, Nizib saiu para executar as suas ordens do melhor modo possível.
Em seguida, o Sr. Kéraban, Van Mitten e Ahmet, seguidos de Bruno, entraram no segundo quarto e tomaram lugar a uma pequena mesa, defronte de uma chaminé em que ardia um bom fogo. Sobre a mesa, em pratos grosseiros, havia restos de carne fria, a qual os viajantes esfaimados acharam excelente, e com tão bom apetite a comiam que Bruno muito receava pelo seu quinhão.
- Mas é necessário não esquecermos Bruno e Nizib! - observou Van Mitten depois de um quarto de hora de mastigação, que a Bruno parecia interminável.
- Com certeza - concordou o Sr. Kéraban -, é de toda a justiça que eles também não morram de fome!
- Que bom homem! - resmungou Bruno ironicamente.
- É necessário não os tratarmos como se fossem cossacos!... - ajuntou Kéraban!... - Ah! Marotos de cossacos! Era capaz de enforcar um cento...
- Oh! - disse Van Mitten.
- Mil... dez mil... cem mil... - acrescentou Kéraban, sacudindo a mão do seu amigo com força - e olhe que ainda ficavam de mais!... Mas a noite caminha! Vamos dormir!

- Sim, é o melhor que temos a fazer! - aprovou Van Mitten, que com o seu intempestivo oh ia provocando o morticínio de muitas das tribos nómadas do império moscovita.

O Sr. Kériban, Van Mitten e Ahmet retiraram-se para a casa próxima, exactamente na ocasião em que Nizib vinha ter com Bruno para cearem juntos.

Embrulharam-se os três nas suas mantas de viagem e deitaram-se em cima dos bancos, procurando compensar, num sono reparador, as fadigas de tão incómoda viagem. Mas havia de ser-lhes difícil conseguirem dormir naquelas condições.

Entretanto, Bruno e Nizib, sentados à mesa, um em frente do outro, preparavam-se para comer, conscienciosamente, os restos da ceia de seus amos.

- Nizib - disse Bruno -, creia que depois de os amos cearem, chegou também a vez dos criados, se alguma coisa sobrou da ceia.

- Pelo que vejo, o Sr. Bruno está com apetite... - observou Nizib.

- Estou. Eu tenho sempre apetite, e muito principalmente depois de doze horas de jejum...

- Sim... sim...

- Sim? Sim? É isto mesmo! Pois não vê como tenho emagrecido? No meu fato cabem hoje dois Brunos à vontade...

- É verdade, é. Mas, é singular: enquanto o Sr. Bruno tem emagrecido nesta viagem, eu tenho engordado!

- Ah! Tu engordas... - murmurou Bruno, olhando Nizib de través.

- Ora vamos a ver o que há aqui neste prato - disse Nizib.

- Hum! Pouco há... E o que há para dois não chega...

Mesmo para um...

- Então, em viagem devemos contentar-nos com o que aparece.

"Ah! Sim... Queres fazer-te filósofo - pensou Bruno. - Permites-te engordar! Eu já te ensino!

E puxando o prato para si:

- Que será isto?

- Não sei, mas parece-me que deve ser carneiro - voltou Nizib, pegando no prato.

- Carneiro? Isso sim. Cuidado, Nizib, olhe que se engana: isso nunca foi carneiro!

- Vai-se já ver - disse Nizib, atirando uma garfada ao prato.

- Não! Não! - exclamou Bruno. - Nada de pressas! Por Maomet lhe juro que suponho estar dentro desse prato carne de certo animal imundo - imundo para um turco, bem entendido, não para um cristão.

- Supõe isso, Sr. Bruno?

- Posso afirmá-lo.

E Bruno passou para o seu prato o bocado de carne escolhido por Nizib. Depois, fingindo que a estava provando, comeu-a

toda em três dentadas.

- Então? - perguntou Nizib, não sem uma certa inquietação.
 - É carne de porco! Que horror! Por um triz que não comeu carne de porco!
 - É então porco?
 - Absolutamente!
 - Pois queria parecer-me...
 - Que não era! Não, lá sobre isso parece-me que a minha opinião deve ser mais autorizada...
 - E agora que hei-de comer?...
 - No seu lugar contentar-me-ia com esse bocado de queijo de cabra...
 - É de pouco alimento...
 - Sim, não será de muito... Mas é um belo queijo.
- E Bruno pegou no queijo e pô-lo diante de Nizib, que principiou a comer, não sem fazer caretas.

46

Quanto a Bruno, acabava de mastigar o último pedaço da succulenta vianda, por ele impropriamente qualificada como porco.

- À sua saúde, Nizib! - exclamou Bruno, enchendo o copo de uma bebida contida numa garrafa.
 - Que é isso? - perguntou Nizib.
 - Não sei... mas quer-me parecer...
 - O quê?
 - Que tem aguardente... Nesta bebida entra aguardente, e um bom muçulmano não deve permitir-se...
 - Mas eu não posso comer sem beber...
 - Sem beber? Decerto que não... Mas beba água... Está aqui uma garrafa com bela água... uma água fresquíssima... Não se consideram felizes os Turcos quando encontram esta excelente bebida - a água! -, a melhor de todas as bebidas?
- E enquanto Nizib bebia:
- "Engorda, meu rapaz - murmurava Bruno -, engorda, engorda!"
- Nisto, Nizib, voltando a cabeça, viu um outro prato em cima da chaminé, no qual havia ainda um bocado de carne de bela aparência.
- Ah! Ali ainda há que comer... Sempre conseguirei cear mais substancialmente...
 - Pois que dúvida! E desta vez, Nizib, a divisão será feita como entre bons amigos e companheiros que somos! Realmente estava a custar-me vê-lo reduzido a cear queijo de cabra...
 - Isto deve ser carneiro, Sr. Bruno!
 - Também me quer parecer, Nizib.
- E Bruno, puxando o prato para si, cortou um bocado, que Nizib devorava com os olhos.
- E então?
 - Sim, é carneiro - respondeu Bruno -, deve ser carneiro. E não admira que seja carneiro... Encontrámos tantos rebanhos destes interessantes quadrúpedes pelo caminho,

47

que eu até cheguei a imaginar não haver, por estes sítios, senão carneiros...

- Bem, nesse caso... - E Nizib estendia o prato.

- Espere, Nizib, espere... É preciso, para seu interesse, que eu obtenha a certeza... Percebe... Estamos apenas a algumas léguas da fronteira... e eu receio... receio, por sua causa, está claro, a cozinha russa... Em cozinha, como em muitas outras coisas, devemos desconfiar dos Russos...

- Repito-lhe, Sr. Bruno, que desta vez não é possível qualquer dúvida...

- Não - concordou Bruno, provando do prato -, é efectivamente carneiro, e contudo...

- Hem?...

... e contudo dir-se-ia - continuou Bruno, engolindo uns após outros os bocados que pusera no prato...

- Então, Sr. Bruno?

- Hum?... Se é carneiro... tem um sabor esquisito...

- É demais, Sr. Bruno - exclamou Nizib, que, apesar de toda a sua paciência, começava a zangar-se.

- Não... não... toda a cautela é pouca, Nizib...

E, dizendo isto, Bruno meteu na boca o último bocado.

- Comeu tudo!

- Sim, parece que sim... Pois tinha razão, Nizib, tinha toda a razão...

- Era carneiro?

- Legítimo carneiro...

- Que o senhor devorou...

- Devorei! Isso também é exagero... Limitei-me a provar!

- Bonita ceia a minha! - lastimou-se Nizib, com ar muito triste e compungido. - Parece-me, Sr. Bruno, que, para afirmar que era carneiro que estava no prato, não precisava de comer tudo, devia ter-me deixado metade... Sim, a minha metade, uma vez que era carneiro... Legítimo carneiro... A minha consciência obriga-me...

48

- Diga o estômago...

... a não o ocultar... Mas afinal, Nizib, não tem de que se queixar...

- Não tenho? Essa é nova!

- Não tem! Não devia comer...

- Mas, se era carneiro?

- Sim, era carneiro, mas lardeado... isto é, preparado com tiras de toucinho... Ora, Nizib deve sabê-lo, para um turco, carneiro lardeado - não é ortodoxo!

E Bruno levantou-se da mesa, passando as mãos pelo ventre, com o bom ar pachorrento dos gordos quando ceiam bem. Nizib, desesperado com o seu companheiro, levantou-se também. Os dois passaram à outra casa.

O Sr. Kéraban, Ahmet e Van Mitten não tinham podido pregar olho. Lá fora, a tempestade recrudesceu. A casa, de madeira, era sacudida pela violência do temporal. Chegaram a recluir-se

o farol viesse a terra. O vento abalava as portas e as janelas, e pela sua fúria devia calcular-se que o mar estaria tempestuosíssimo. Eram onze horas e meia da noite.

- Não se pode dormir aqui! - declarou Kéraban, levantando-se e começando a passear pela casa.

- É possível, é - respondeu Ahmet -, e se o vendaval aumenta devemos até rezear pela sorte desta casinhola! Parece-me que o melhor é irmo-nos preparando para tudo...

- Van Mitten, eh! Van Mitten! Está a dormir? - gritou Kéraban, começando a sacudir o seu amigo.

- Estava a dormir - respondeu Van Mitten.

- Que extraordinária gente esta da Holanda! Ninguém conseguiria dormir aqui um minuto, pois um holandês dorme aqui regaladamente!

- Não tenho ideia de uma noite assim - afirmou um dos guardas. - Com este vento não será nada para admirar,

49

se amanhã os rochedos de Atina aparecerem cobertos de destroços...

- Estava algum navio à vista? - perguntou Ahmet.

- Não - respondeu o guarda -, pelo menos antes do sol-posto. Quando eu fui acender o farol, não havia navio nenhum ao largo. E é uma felicidade, porque estas paragens de Atina são más, e apesar do farol é difícil abordá-las.

Neste momento, uma lufada de vento atirou com a porta, ameaçando fazê-la em bocados.

Mas o Sr. Kéraban atirou-se contra ela, empurrou-a, lutou com a tempestade, e conseguiu fechá-la, auxiliado por um dos guardas.

- Que teimosa! - exclamou Kéraban -, mas eu ainda sou mais teimoso!

- Que terrível tempestade! - disse Ahmet.

- É verdade - concordou Van Mitten - terrível!

Uma tempestade quase comparável às que se desencadeiam nas nossas costas da Holanda, depois de terem atravessado o Atlântico...

- Oh! - interrompeu Kéraban -, quase comparável...

- Decerto, amigo Kéraban. São tempestades que nos vêm da América, atravessando o oceano...

- Então as cóleras do oceano, Van Mitten. podem comparar-se às do mar Negro?

- Amigo Kéraban, não o quero contrariar, mas realmente...

- Realmente, ninguém dirá que não quer! - volveu Kéraban, que não estava nada de bom humor.

- Não quero, não, digo simplesmente...

- Simplesmente?

- Que ao pé do oceano, comparado com o Atlântico, o mar Negro não passa de um lago!

- Um lago! Por Alá! Parece-me ter ouvido que disse um lago!

50

- Um grande lago, se assim o quer! - concedeu Van Mitten, que procurava adoçar as suas palavras -, um imenso lago... mas um lago!

- E um tanque, porque não?

- Eu não disse um tanque!

- E porque não um charco?

- Eu não disse um charco!

- E uma bacia de mãos?

- Eu não disse uma bacia de mãos!

- Não, Van Mitten, não disse, mas pensou-o!

- Afianço-lhe...

- Pois seja! Seja uma bacia de mãos! Mas se algum cataclismo pegasse na vossa Holanda e a mergulhasse nessa bacia de mãos, a Holanda seria completamente submergida... Bacia de mãos!

E mastigando a frase, o Sr. Kéraban começou a dar grandes passadas pela casa.

- Eu tenho a certeza de que não disse bacia de mãos - teimava Van Mitten, seriamente atrapalhado. - Meu jovem amigo - acrescentou, dirigindo-se a Ahmet -, afirmo-lhe que nem o disse, nem sequer o pensei!... O Atlântico...

- Sim, Sr. Van Mitten, de acordo, mas a hora e o lugar não me parecem próprios para este género de discussões...

- Bacia de mãos! - repetia Kéraban, cada vez mais desesperado.

E parava para olhar de frente o seu amigo holandês, que não ousava defender a Holanda, ameaçada pelo Sr. Kéraban de ser engolida pelas águas do mar Negro.

Durante uma hora, a tempestade, longe de abrandar, cada vez crescia mais. Os guardas, muito inquietos, saíam de quando em quando pela porta da retaguarda, e examinavam se o farol ameaçava perigo de vir a terra. Os nossos viajantes, extenuados, deitaram-se outra vez nos bancos e procuravam em vão alguns momentos de sossego.

De repente, pelas duas horas da manhã, amos e criados foram violentamente sacudidos do torpor em que tinham caído. As janelas, a um golpe de vento, haviam ido dentro, partindo-se em bocados.

Ao mesmo tempo ouviu-se um tiro de peça.

CAPÍTULO IV

No qual tudo se passa à luz dos relâmpagos
e ao som dos trovões

Todos se tinham levantado e, dirigindo-se para as janelas, olhavam o mar, cujas águas, pulverizadas pelo vento,

rebetavam numa chuva violenta contra a casa do farol. A escuridão era profunda e nada se poderia ver se, de quando em quando, grandes relâmpagos não cortassem o horizonte.

Foi à luz de um relâmpago que Ahmet viu um ponto movediço, que aparecia e desaparecia ao largo.

- Será algum navio? - sugeriu ele.

- E se for um navio, será ele que salvou com um tiro de peça?

- Eu vou lá acima, à galeria do farol - disse um dos guardas, dirigindo-se para uma pequena escada de madeira.

- Acompanho-o - declarou Ahmet.

Durante este tempo, o Sr. Kéran, Van Mitten, Bruno, Nizib e o outro guarda, apesar de o vendaval soprar cada vez com mais violência, conservavam-se às janelas.

Ahmet e o guarda subiram rapidamente a primeira escada, que conduzia à plataforma que servia de base ao pilão. Daí ao alto do farol trepava-se por uma escada de mão, de sessenta degraus.

Era tal a violência da tempestade que esta ascensão apresentava sério perigo.

As sólidas vigas do pilão oscilavam com o embate do vento. Ahmet e o guarda, para subirem de um para outro degrau, tinham de esperar os curtos segundos em que o vendaval como que acalmava, para logo crescer com maior fúria. Depois de grandes esforços conseguiram chegar à galeria superior.

Aí, que medonho espectáculo! Um mar encapelado quebrava-se furiosamente contra os rochedos, nevoeiros, batidos pelo vento, passavam em farrapos por sobre o farol, ao largo, serras de água entrechocavam-se, e as suas arestas, à luz difusa da atmosfera, desenhavam-se em cristas brancas, um céu negro, carregado de nuvens muito baixas, era de quando em quando cortado por enormes relâmpagos lívidos, luzes silenciosas, reflexos, sem dúvida, de alguma tempestade ainda longínqua.

Ahmet e o guarda seguravam-se com toda a força ao parapeito da galeria e, olhando o horizonte, procuravam de novo o ponto movediço que tinham notado. Se fosse um navio e desse outro tiro, a claridade deste lhes indicaria o lugar onde ele estava.

Não falavam, nem conseguiriam ouvir-se. Limitavam-se a olhar. A luz do farol projectava o seu feixe luminoso num raio de muitas milhas.

Não seria contudo para recear que o farol se apagassem de repente?

Às vezes uma lufada de vento sacudia a luz e amortecia-a a ponto tal que parecia ter-se apagado. Aves marítimas, acoçadas pela tempestade, precipitavam-se sobre o aparelho, como enormes borboletas que a luz atrai, e partiam as cabeças de encontro às grades que o protegiam. Era então uma granada incrível, que vinha juntar-se a todos os ruídos do temporal. A deslocação do ar adquirira tamanha violência que, na parte

superior do pilão, as oscilações eram de natureza a assustar os mais destemidos. E o facto não é para surpresas: muitas vezes nas torres de alvenaria dos faróis europeus as oscilações são tais que os pesos dos relógios embrulham-se,

55

e não podem funcionar. Com mais razão as sentiria uma construção de madeira, que nunca pode apresentar a solidez de uma construção de alvenaria. Na galeria superior era tanto o balanço que o Sr. Kériban, se lá estivesse, não deixaria de enjoar, como lhe acontecia sempre que embarcava.

Ahmet e o guarda procuravam encontrar o ponto móvel que haviam entrevisto. Mas, ou este ponto desaparecera, ou os relâmpagos não alumiam o sítio em que ele estava. E se efectivamente era um navio o que tinham visto, que admirava que se tivesse afundado sob a violência de tamanha tempestade?

De repente, a mão de Ahmet estendeu-se para o horizonte. Um estranho meteoro se apresentava aos seus olhos.

Duas colunas de forma vesicular, gasosas na parte superior, líquidas na parte inferior, juntando-se como dois cones pelos vértices, animadas de um movimento giratório de extrema velocidade, apresentando uma vasta concavidade, onde o vento se precipitava furiosamente, deslocavam-se, fazendo redemoinhar as águas à sua passagem. Nos rápidos momentos em que a tempestade abonançava, ouvia-se um silvo agudo de intensidade tal, que devia propagar-se a grande distância. Relâmpagos em ziguezague cortavam estas duas colunas, que se perdiam nas nuvens.

Eram duas trombas marítimas, fenómenos cuja verdadeira causa ainda hoje não está determinada.

De súbito, a pouca distância de uma das trombas, ouviu-se uma surda detonação, precedida de um intensíssimo clarão.

- Um tiro de peça! - exclamou Ahmet, indicando com a mão o sítio de onde ele partira.

O guarda concentrou o olhar no ponto indicado.

- Sim... Ali... Ali...

56

À luz de um enorme relâmpago, Ahmet viu um navio de medíocre tonelagem, lutando contra a tempestade.

Era uma tartana desarvorada. Sem nenhum meio de resistir ao vendaval, derivava irresistivelmente para a costa. Com a proximidade das duas trombas, que se dirigiam para ela, com o vento que a impelia para os rochedos da costa, era impossível que se salvasse. Em poucos instantes, seria feita em pedaços, ou afundar-se-ia.

E, contudo, a tartana ia resistindo. Se escapasse à atracção das trombas, talvez que alguma corrente, conduzindo-a ao porto, a salvasse.

Com o vento que soprava sobre a costa, era possível que mesmo em árvore seca tivesse a fortuna de entrar no canal,

ladeado de rochedos, que conduzia ao porto. A luz do farol indicava a sua direcção. Teria essa felicidade?

Mas o perigo não estava só nos rochedos - havia também as trombas, por isso a tartana procurava lutar contra o mais próximo destes meteoros, que ameaçava atraí-la no seu turbilhão, atirando-lhe tiros de bala. Era necessário desfazer aquela coluna gigante, recebendo-a a tiro. O efeito destes não era porém completo. Uma bala atravessou a tromba a um terço de altura: os dois segmentos separaram-se, flutuando no espaço como dois pedaços de um animal fantástico, depois, juntaram-se de novo e readquiriram o seu movimento de rotação, aspirando o ar e a água que encontravam na sua passagem.

Eram três horas da manhã.

A tartana continuava dirigindo-se para a extremidade do canal.

Neste momento soprou uma lufada tão violenta que abalou o pilão até à base. Ahmet e o guarda chegaram a rezear que viesse tudo a terra. As vigas verticais estalaram, ameaçando desprender-se das travessas horizontais, que com elas formavam corpo. Trataram de descer o mais depressa possível, procurando um abrigo nas casas de baixo.

57

- Então? - perguntou Kéran.

- É um navio - elucidou Ahmet.

- Em perigo?

- Em perigo - afirmou o guarda -, a menos que entre no canal...

- E conseguirá entrar -Se o capitão for práctico e se o farol o alumiar, é possível...

- E não se pode fazer nada para guiar esse infeliz navio, para o socorrer?

- Nada!

Subitamente, a casa foi toda envolvida num imenso relâmpago. O trovão estalou imediatamente. Kéran e todos os mais ficaram como que paralisados pelo choque eléctrico, e milagre foi que nenhum fosse fulminado.

Ao mesmo tempo ouviu-se um medonho estampido.

Uma pesada massa abateu-se sobre o tecto, arrancando-o, e o furacão, precipitando-se por esta larga abertura, destruiu a casa, cujas paredes de madeira caíram por terra.

Por uma felicidade providencial ninguém ficou ferido. O tecto arrancado tinha, por assim dizer, escorregado para a direita, enquanto os nossos viajantes e os guardas formavam um grupo no ângulo esquerdo, próximo da porta.

- Saíamos para fora, para fora! - gritou um dos guardas, dirigindo-se para os rochedos da praia.

Todos o seguiram e aí reconheceram a causa a que fora devida aquela catástrofe.

Uma descarga eléctrica destruíra o farol pela base. Imediatamente abatera a parte superior do pilão, e este na sua queda arrombara o tecto. Depois, num instante, o furacão acabara aquela obra destruidora. E, agora, nem sequer uma luz a alumiar o canal do pequeno porto de abrigo!

Se a tartana escapasse à atracção das trombas, nada poderia impedi-la de naufragar nos rochedos.

Nessa ocasião viram-na irresistivelmente perdida, colunas de ar e de água redemoinhavam à roda dela. Uma enorme rocha, que emergia quando muito a cinquenta pés da ponta a noroeste, estava à distância de meia amarra da infeliz tartana. Era aí evidentemente que a pequena embarcação iria encalhar, partir-se, destruir-se.

Kéran e os companheiros andavam de um lado para o outro, contemplando com horror este comovente espectáculo, desesperados, na impotência de socorrerem a tartana, que dentro em poucos instantes estaria completamente destruída.

Alguns pescadores do porto de Atina tinham corrido à praia, talvez para disputarem os destroços do navio que a ressaca ia arremessar sobre os rochedos. Mas o Sr. Kéran, Ahmet e os seus companheiros não pensavam isto. Explicavam a aparição dos pescadores pelo desejo de socorrer os naufragos. O Sr. Kéran ia ainda mais longe: os pescadores tinham vindo à praia para indicar à tartana a direcção do canal. Não podia alguma corrente conduzi-la para aí, evitando os rochedos da direita e da esquerda?

- Archotes! Archotes! - gritou Kéran.

Dirigiram-se todos para uma meda de pinheiros marítimos, empilhada ao lado da casa destruída, e, incendiando alguns ramos, a luz, que se levantou, de um tal ou qual modo substituiu o farol.

Entretanto, na tartana continuavam a manobrar, o que se via à luz dos relâmpagos. O capitão procurava içar uma vela, a fim de se dirigir na direcção da luz que via na praia, mas, apenas içada, a vela esfarrapou-se chicoteada pelo vendaval, e os farrapos foram projectar-se na escarpa dos rochedos, passando como revoada de aves.

O casco da tartana elevava-se algumas vezes a uma altura prodigiosa e caía logo num abismo, onde sem dúvida ficaria,

completamente destruído se encontrasse no fundo alguma rocha submarina.

- Que desgraça! - exclamou Kéran. - Meus amigos, não se pode fazer nada para salvar aqueles desgraçados?

- Nada! - responderam-lhe.

- Nada! Nada! E se eu der mil piastras!... Dez mil piastras!... Cem mil piastras!... a quem os socorrer!

Mas ninguém aceitava os generosos oferecimentos do Sr. Kéran. Impossível, completamente impossível, atravessar aquele mar furioso para estabelecer um vaivém entre a tartana e a terra. Talvez, com algum destes aparelhos modernos, com o auxílio de um canhão porta-amarras, se tivesse podido estabelecer uma comunicação, mas não havia nenhum desses

aparelhos, e o porto de Atina não possuía, sequer, um barco salva-vidas.

- Mas nós não podemos deixar morrer assim aqueles desventurados! - exclamou Kéraban, não podendo conter-se à vista daquele horroroso espectáculo.

Ahmet e todos os seus companheiros desesperavam-se, vendo que nada podiam fazer a favor daqueles infelizes.

De repente, um grito partido de bordo da tartana fez estremecer Ahmet. Parecia-lhe ter ouvido o seu nome - sim, o seu nome! -, através de todos os ruídos da tempestade.

E, com efeito, num rápido momento em que o vento acalmou, o grito repetiu-se e ele ouviu distintamente:

- Ahmet! Socorro, Ahmet!

Quem podia ser que assim o chamava? Sob a impressão de um irresistível pressentimento, o coração palpitava-lhe com tal violência que parecia querer sair-lhe do peito! Parecia-lhe reconhecer aquela tartana... Tê-la já visto, não se lembrava bem onde... Onde? Não seria em Odessa, em frente da vila do banqueiro Selim, no próprio dia da sua partida?

- Ahmet!... Ahmet!... - gritou alguém outra vez.

60

Kéraban, Van Mitten, Bruno e Nizib aproximaram-se de Ahmet, que, de braços estendidos para o mar, conservava a imobilidade de uma estátua.

- O teu nome? Não é pelo teu nome que chamam? - perguntou Kéraban.

- Sim... Sim... É pelo meu nome...

De súbito, um enorme relâmpago, cortando o horizonte de um ao outro extremo, iluminou todo o espaço. No meio desta imensa fulguração, a tartana apareceu tão nitidamente como se estivesse desenhada em branco por uma influência eléctrica. Um raio partira-lhe o mastro grande, que ardia como um archote, ao sopro do vendaval.

À popa da tartana duas mulheres, duas raparigas, abraçavam-se uma à outra e dos seus lábios saiu este grito:

- Ahmet! Ahmet!

- Ela! É ela! Anasia! - exclamou Ahmet, saltando para uma das rochas.

- Ahmet! Ahmet! - gritou Kéraban.

E saltou atrás do sobrinho, não para o deter, mas para o ajudar se fosse preciso.

- Ahmet! Ahmet!

Este nome atravessou pela última vez o espaço. Era impossível qualquer dúvida.

- Anasia! Anasia! - bradou Ahmet.

E, lançando-se à fúria das ondas, desapareceu.

Neste momento uma das trombas apanhava a tartana pela proa, depois arrastou-a no seu turbilhão, e arremessou-a contra os rochedos da esquerda. Aí o pequeno barco esmigalhou-se com um fragor que dominou o ruído da tormenta, depois, afundou-se num abrir e fechar de olhos, e o meteoro, partindo-se de encontro às rochas, desfez-se, explodindo como uma bomba gigantesca, dando ao mar a sua base líquida e às nuvens os vapores que

formavam o seu penacho gigante.

Devia acreditar-se que se tivessem perdido todos quantos estavam a bordo da tartana, e que se tivesse perdido também,

61

o corajoso salvador, que se lançara ao mar para valer às duas infelizes passageiras!

Kériban quis atirar-se às ondas, mas os companheiros agarraram-no imediatamente, impedindo-lhe semelhante loucura.

Mas, durante este tempo, viram Ahmet à luz dos relâmpagos, que continuavam a fuzilar. Com um vigor sobre-humano conseguira trepar aos rochedos. Levantava nos braços uma das naufragas. A outra agarrava-se-lhe ao vestuário e acompanhava-o na subida. Mas, além das duas, ninguém mais se via. Sem dúvida, toda a equipagem da tartana, que se atirara ao mar no momento em que a tromba a assaltava, tinha morrido, salvando-se apenas as duas passageiras.

Ahmet, quando se viu fora do alcance das ondas, parou um instante e mediu o intervalo que o separava da praia.

Essa distância não excedia quinze pés. Então, aproveitando a retirada de uma enorme vaga, que deixara apenas algumas polegadas de água na areia, caminhou apressadamente com o seu precioso fardo, seguido da outra passageira, para as rochas da praia.

Um minuto depois, Ahmet estava no meio dos seus companheiros. Apenas chegado, entregava nos braços de Kériban aquela que acabava de salvar, e caía por terra, prostrado de comoção e de fadiga.

- Anasia! Anasia!... - exclamou Kériban.

Sim! Era Anasia, Anasia, que ele deixara em Odessa, a filha do seu amigo, o banqueiro Selim! Era ela quem vinha a bordo da tartana, ela que acabava de naufragar a trezentas léguas de Odessa, na outra extremidade do mar Negro! E, com Anasia, Nedjeb, a sua aia!

Que se passara? Mas nem Anasia nem a zíngara poderiam dizê-lo naquele momento: tinham ambas perdido os sentidos.

Kériban pegou em Anasia ao colo, um dos guardas em Nedjeb. Ahmet voltara a si, não de todo. Achava-se no estado de um homem a quem falta o sentimento da realidade.

62

Depois dirigiram-se todos para Atina, onde um dos pescadores lhes ofereceu a sua cabana para descansarem.

Aí, Anasia e Nedjeb foram tratadas com todo o carinho. Uma chaminé, onde ardia um bom lume de lenha, aquecia os enregelados viajantes.

Ahmet amparava a cabeça de Anasia. Chamava-a, falava-lhe:

- Anasia! Minha querida Anasia! Não me responde! Se está morta, eu também quero morrer!

- Não, não está morta! - afirmou Kériban. - Respira!... Ahmet!... Está viva!

Neste momento, Nedjeb voltou a si e levantou-se. Depois, abraçando-se ao corpo de Anasia:

- Minha senhora... minha querida senhora! Ela vive, vive! Está viva! Vejam, vejam... vai abrir os olhos!

Efectivamente, as pálpebras de Anasia descerraram-se por momentos.

- Anasia! Anasia! - exclamou Ahmet.

- Ahmet! Meu querido Ahmet.

Kéranban apertava os dois contra o peito.

- Mas que tartana era aquela? - perguntou Ahmet.

- A que devíamos visitar antes de o senhor partir de Odessa! - respondeu Nedjeb.

- A Guidara, do capitão Yarhud?

- Exactamente! Foi ele quem nos raptou...

- Mas como se explica esse rapto?

- Não sabemos.

- E para onde ia essa tartana?

- Também não sabemos - declarou Anasia. - Mas não está Ahmet na minha companhia? Já esqueci tudo.

- Não o esquecerei eu! - trovejou o Sr. Kéranban.

Neste momento, tendo-se voltado para a porta, viu um homem, que estivera a espreitar, desaparecer rapidamente.

Era Yarhud, o único que se salvara de toda a tripulação da Guidara. Daí a instantes, o capitão desaparecia numa direcção oposta ao burgo de Atina.

Yarhud ouvira tudo. Sabia que, por uma fatalidade inconcebível, Ahmet aparecera no momento de a Guidara naufragar, conseguindo salvar Anasia e Nedjeb.

Depois de passadas as últimas casas da terra, o capitão parou numa curva do caminho.

"De Atina ao Bósforo é longe - murmurou ele -, terei tempo de executar as ordens do Sr. Saffar."

CAPÍTULO V

Em que conversaram e o que viram no caminho de Atina a Trebizonda

PARECE-NOS inútil insistir na alegria dos dois noivos por se terem encontrado como que milagrosamente.

A comoção por eles experimentada era indescritível.

Compreende-se, porém, a impaciência de Ahmet e de Kéranban em saberem o que se passara em Odessa, depois que daí tinham partido. De modo que Anasia, auxiliada por Nedjeb, teve de contar tudo, não esquecendo os mais insignificantes pormenores.

Escusado será dizer que se tratara de arranjar vestuário para as duas naufragas, bem como para Ahmet, e que todos, amos e criados, sentados em bancos, junto ao fogo, nenhuma importância davam já ao vendaval, que lá fora rugia as suas fúrias.

Com que comoção ouviram todos o que se passara na vila de Selim, poucas horas depois de o Sr. Kéranban ter seguido as

estradas do Quersoneso! Não! Não fora para vender preciosos estofos a Anasia que Yarhud ancorara na pequena baía, próximo à habitação do banqueiro Selim, fora para perpetrar um odioso rapto, e tudo levava a crer que essa infâmia estava de há muito preparada.

Raptadas as duas, a tartana fizera-se imediatamente ao mar. Mas o que nem uma nem outra podiam dizer, o que elas ainda ignoravam, é que Selim lhes ouvira os gritos e que o infeliz pai vira a Guidara dobrar os extremos rochedos da pequena baía, é que Selim fora ferido por um tiro, partido de bordo da tartana, caíra - morto talvez-, sem poder perseguir nem mandar perseguir os infames raptadores.

Quanto ao modo como eram tratadas a bordo, Anasia pouco teve que dizer. O capitão e todos os tripulantes tinham para com ela e para com Nedjeb as maiores atenções, evidentemente devidas a alguma poderosa recomendação. Fora-lhes dado o melhor e mais confortável beliche. Aí comiam, aí dormiam. Podiam subir à tolda sempre que quisessem, sentiam, porém, que as vigiavam constantemente, prevendo o caso de que, num momento de desespero, elas se lembrassem de se lançar ao mar, para que a morte as livrasse da sorte que as esperava.

Ahmet escutava com o coração oprimido. Perguntava a si mesmo se neste rapto o capitão procedera por sua própria conta, com a intenção de ir vender as prisioneiras a algum dos mercados da Ásia Menor - odioso tráfico, ainda hoje não raro -, ou se seria por conta de algum rico senhor da Anatólia que o crime fora cometido.

Mas sobre este ponto, se bem que Ahmet o procurasse averiguar, nem Anasia nem Nedjeb sabiam nada. Sempre que no seu desespero, implorando ou chorando pediam a Yarhud que lhes dissesse qual devia ser a sua sorte, o capitão não lhes respondia palavra. De modo que nada sabiam, ignorando até o que Ahmet mais desejava saber - onde devia conduzi-las a Guidara.

Quanto à viagem, fora até ali boa, mas demorada, por causa das calmarias continuadas durante muitos dias. No rosto e nas palavras do capitão lia-se quanto esta demora o contrariava. As duas tinham daí concluído - e Kéran e Ahmet concordaram nesta opinião - que o capitão devia estar comprometido a chegar a um certo ponto num determinado prazo de tempo. Mas onde? Era isso que ignoravam, se bem que não lhes parecesse duvidoso que o porto devia ser algum da Ásia Menor.

Enfim, as calmarias cessaram, e a tartana continuou a viagem para este, ou, como dizia Anasia, para o sítio em que nasce o Sol.

Assim andaram durante duas semanas, sem novidade, muitas vezes encontraram navios de vela, de guerra ou mercantes, e vapores de rápido andamento, que atravessam em carreiras regulares a imensa superfície do mar Negro, mas então o capitão Yarhud obrigava as passageiras a recolherem-se ao beliche, receando que elas fizessem algum sinal que fosse percebido de bordo desses navios.

O tempo, que até aí correra excelente, principiou a mostrar-se ameaçador, depois mau, logo péssimo. Dois dias antes do naufrágio da Guidara, houvera uma violenta tempestade. Anasia e Nedjeb compreenderam, pela cólera do capitão, que ele era obrigado a desviar-se do rumo desejado e que a tormenta o levava para onde ele não queria. E, então, foi com uma espécie de felicidade que elas se sentiram arrebatadas pela tempestade, uma vez que assim se iam afastando do ponto aonde a Guidara desejava chegar.

- Sim, caro Ahmet - continuou Anasia -, pensando na sorte que me estava destinada, vindo que nos separavam, arrastada para onde decerto nunca mais nos tornaríamos a ver, a minha resolução estava tomada. Nedjeb sabia-o! E não me poria embaraços, estou certa! Antes que a tartana tivesse chegado a esse maldito porto, atirar-me-ia ao mar! Mas apareceu a tempestade! O que devia perder-nos salvou-nos! O meu Ahmet surgiu-me no meio das ondas furiosas! Não!... Nunca o esquecerei!

- Querida Anasia... - respondeu Ahmet -, quis Alá que fosse salva, e salva por mim! Mas, se eu não tivesse precedido meu tio, seria ele que correria a salvá-la...

- Por Maomet, também me parece - confirmou Kéraban.

- E pensar que um senhor tão cabeçudo tem tão bom coração! - proferiu Nedjeb.

67

-Ah! Ah! A pequena está a olhar para mim. Pois meus amigos, não têm remédio senão concordar que o ser cabeçudo dá às vezes excelentes resultados.

- Às vezes? - disse Van Mitten, muito incrédulo neste ponto. - Sempre queria saber quando...

- Ora essa, amigo Van Mitten. Se eu tivesse cedido às fantasias de Ahmet, teríamos viajado nos caminhos de ferro da Crimeia e do Cáucaso, em vez de tomarmos a costa. Como podia, portanto, Ahmet encontrar-se no lugar em que naufragou a tartana e salvar a sua noiva?

- Lá isso é verdade - concordou Van Mitten -, mas se o amigo Kéraban não obrigasse seu sobrinho a deixar Odessa, o rapto não se teria realizado e...

- Bonito modo de raciocinar, Van Mitten! Quer então discutir comigo?

- Não quer! - acudiu Ahmet. - Além disso, parece-me tarde para discussões. Julgo melhor que vamos descansar...

- Para partirmos amanhã - concluiu Kéraban.

- Amanhã, meu tio, amanhã? Mas é necessário que Anasia e Nedjeb...

- Por minha causa, não - declarou Anasia -, sou robusta, e amanhã...

- Ah! Meu sobrinho - exclamou Kéraban -, como está junto a Anasia, já se lhe foram as pressas... Mas, olhem que o fim do mês aproxima-se... a data fatal,... e todos nós estamos interessados em não esquecer isso. Hão-de permitir, portanto, a um velho negociante que dê o seu parecer... E é este: vamos todos dormir, porém, amanhã é forçoso que encontremos qualquer

meio de transporte para continuarmos a nossa viagem...

Trataram de acomodar-se o melhor possível na casa do pescador.

Depois de tantas comoções, todos se consideravam felizes por poderem descansar algumas horas. Van Mitten sonhou que discutia com o seu intratável amigo,

68

este que se encontrava frente a frente com o Sr. Saffar, sobre quem lançava todas as maldições de Alá e do seu profeta.

Ahmet é que não conseguiu dormir um instante. O fim com que Anasia fora raptada pelo capitão Yarhud inquietava-o, se não pelo passado, pelo futuro. Perguntava a si mesmo se todo o perigo desaparecera com o naufrágio da Guidara. Havia razão para supor que nenhum dos homens da tripulação tivesse sobrevivido à catástrofe.

Ahmet ignorava que o capitão se salvara. Mas a notícia da catástrofe depressa se espalharia. O homem de quem Yarhud não era decerto senão o instrumento - sem dúvida de algum rico senhor, quem sabe de algum paxá das províncias da Anatólia - de tudo seria informado.

Ser-lhe-ia difícil acertar com a pista dos naufragos? Entre Trebizonda e Escutári, através desta província, quase deserta, que de perigos não se podiam acumular, quantas emboscadas a temer, que de ciladas a recear!

Ahmet resolvera exercer a mais apertada vigilância: não se separaria nunca de Anasia, tomaria a direcção da pequena caravana, e, sendo necessário, procuraria um guia fiel, que os conduzisse com toda a segurança através daquelas paragens.

Ao mesmo tempo, Ahmet resolveu participar ao banqueiro Selim, pai de Anasia, tudo quanto se passara depois do rapto da filha. Era indispensável que Selim soubesse que Anasia fora salva, indispensável lembrar-lhe que devia estar em Escutári no prazo marcado, isto é, dentro de quinze dias. Mas uma carta expedida de Atina ou de Trebizonda leva muito tempo a chegar a Odessa. De modo que Ahmet decidiu-se, sem dizer nada ao tio - a quem a palavra «telegrama» enfurecia ao último ponto -, a enviar um despacho a Selim pelo fio de Trebizonda. Dizia-lhe também ser de opinião de que o perigo não fora senão desviado, que continuava, aconselhando-o a que viesse encontrar-se com a caravana.

69

No dia seguinte, Ahmet contou a Anasia o que tencionava fazer, ocultando-lhe apenas os perigos que ela ainda podia correr.

Anasia só ouviu o que mais prazer lhe causava: que seu pai ia saber que ela estava salva, e isto com a máxima brevidade. E já lhe parecia grande qualquer demora em chegar a Trebizonda, porque daí é que o telegrama devia ser expedido, às escondidas de Kéran.

Depois de algumas horas de repouso todos se levantaram: Kériban mais rabugento do que nunca, Van Mitten resignado a todos os caprichos do seu amigo, Bruno apertando o que lhe restava do ventre, no fato cada vez mais largo, e não respondendo ao amo senão por monossílabos.

Ainda muito cedo, Ahmet começou a percorrer Atina, terriola que - o nome o indica - foi outrora a Atenas do Ponto Euxino. Ainda hoje ali se encontram colunas de ordem dórica, restos de um templo de Palas. Mas se estas ruínas interessavam Van Mitten, Ahmet olhava-as com a máxima indiferença, preferindo muito que, em vez de colunas, os seus olhos vissem algum veículo menos rude, menos rudimentar que a incómoda carroça comprada na fronteira turco-russa! Nada, porém, encontrou no género transporte, e não houve remédio senão contentarem-se com a araba, que foi especialmente reservada para as duas náufragas. Daí a necessidade de procurarem cavalgadas, cavalos, burros ou mulas, que levassem amos e criados a Trebizonda.

Ah! Que saudades sentia o Sr. Kériban pensando na sua carruagem de posta, feita em pedaços no caminho de ferro de Poti! E que de recriminações, que de ameaças e pragas contra o Sr. Saffar, único responsável, na opinião de Kériban, daquele desastroso contratempo.

Quanto a Anasia e Nedjeb, nada podia ser-lhes mais agradável do que jornadearem na araba. Tudo aquilo era novo, imprevisto! Não trocariam aquela carroça pelo mais belo coche do Padixá! Como elas se sentiam bem debaixo do toldo impermeável da araba! Depois, a glória de serem escoltadas por um grupo de cavaleiros como se fossem princesas!

Era adorável viajar assim!

Escusado será dizer que a cabecinha de Nedjeb era a autora de todas estas reflexões. Nedjeb via tudo no mundo pelo lado pitoresco. Quanto a Anasia, como poderia ela pensar em lastimar-se, depois de tantas provações, tendo Ahmet ao seu lado, vendo tão próximo o fim da viagem e lembrando-se de que, terminada ela, chegados a Escutári...

- Escutári! Escutári!

- Eu estou certa - dizia Nedjeb - que, se nos pusermos nos bicos dos pés, já daqui vemos Escutári!

Realmente, na pequena troupe só dois homens tinham razão de se queixar: o Sr. Kériban, que, por falta de mais rápido transporte, receava que qualquer demora lhe não permitisse chegar a Escutári no prazo marcado, e Bruno, lembrando-se de que uma marcha de trinta e cinco léguas - trinta e cinco léguas no dorso de um macho - o separavam ainda de Trebizonda.

- Aí, decerto - dizia Nizib, e Bruno concordava, - não deixarão de procurar um meio de transporte mais próprio para continuarmos a nossa viagem.

Naquele dia, 15 de Setembro, toda a caravana deixou Atina pelas onze horas da manhã. Como sempre acontece depois das

tempestades muito violentas, a atmosfera apresentava-se quase completamente calma. As nuvens, muito altas, como que descansavam das fadigas do temporal. A intervalos, alguns raios de sol iluminavam a paisagem. Apenas o mar, surdamente agitado, vinha quebrar-se com estrondo contra a base dos rochedos.

O Sr. Kéraban e os seus companheiros seguiam as estradas do Lazistão ocidental, com a maior velocidade possível, para poderem transpor, antes da noite, a fronteira do pachalik de Trebizonda. Estas estradas não eram desertas. Atravessavam-nas caravanas, onde os camelos se contavam aos centos,

72

nos ouvidos dos viajantes havia uma zoadá impossível, proveniente dos guizos e dos chocalhos que os camelos traziam ao pescoço. Estas caravanas vinham da Pérsia ou voltavam para lá.

O litoral não era menos concorrido que as estradas.

Toda uma povoação de pescadores e de caçadores se tinha dado aí ponto de reunião. Os pescadores, ao cair da noite, vão pescar ao candeio uma espécie de enchovas, khamsi, de que se faz um consumo prodigioso em toda a costa da Anatólia e até nas províncias da Arménia Central. Quanto aos caçadores, nada têm que invejar. Milhares de aves marítimas, koukarinas, pululam sobre as praias desta parte da Ásia Menor.

Pelas três horas depois do meio-dia a pequena caravana fez alto numa terriola chamada Maprava, na embocadura do rio deste nome, cujas águas claras se misturam ao oleoso líquido de uma corrente de petróleo, proveniente de uma fonte próxima. Aquela hora era um pouco cedo para jantar, mas como não deviam chegar senão muito tarde à outra estação, Bruno foi de parecer que tomassem algum alimento. E o caso é que o parecer de Bruno mereceu unânime aprovação.

Escusado será dizer que à mesa da estalagem, onde todos foram sentar-se, havia grande quantidade de khamsi. De resto, o khamsi é um dos pratos de estimação nos pachaliks da Ásia Menor. Servem-se salgados ou frescos, conforme cada um quer. Mas na estalagem não havia só khamsi, na mesa apresentaram-se alguns pratos mais sérios, que foram excelentemente acolhidos. E, depois, reinava tanta alegria entre todos os convivas! Não será a alegria, o bom humor, a melhor de todas as mostardas?

- Olá, Van Mitten - disse Kéraban -, ainda é capaz de dizer mal da casmurrice - casmurrice legítima - do seu amigo e correspondente, forçando-o a fazer esta viagem?

- Não, Kéraban, não! E quando lhe agradar, recomeçaremos!

73

- Veremos isso, Van Mitten, veremos isso! E tu, minha pequena Anasia, que dizes deste mau tio que te roubou o teu Ahmet?

- Que continua a ser o que eu de há muito já sabia: O melhor

dos tios! - respondeu Anasia.

- E o mais condescendente! - acrescentou Nedjeb. - Porque até me parece que o Sr. Kéraban já não é... teimoso.

- Cabeçudo, dize! Que tal está a pequena, a fazer-me caçoada! - disse Kéraban, rindo com bonomia.

- Mas não, meu senhor, não...

- Mas, sim, pequena! Pois olha que tens razão! Já não teimo! Já não sou cabeçudo! Nem o amigo Van Mitten será capaz de obrigar-me a teimar!

- Hum! Isso não é muito certo! - observou o gordo holandês, abanando a cabeça.

- Se é, Van Mitten!

- Se se tratasse de um certo capítulo...

- De nenhum! Juro...

- Não jure!

- Ora essa! Não jure? Porque não hei-de jurar, Van Mitten, porque não hei-de jurar?

- Porque às vezes é difícil cumprir um juramento!

- Mais difícil é conter a língua, Van Mitten. e tanto que não é capaz de conter a sua, unicamente para me contrariar...

- Eu, amigo Kéraban?

- Sim! Digo que estou resolvido a nunca mais teimar, peço-lhe, portanto, que não principie a teimar que eu não sou capaz de deixar de teimar...

- Sr. Van Mitten - acudiu Ahmet -, realmente é vontade de teimar...

- Lá isso é - disse Anasia, sorrindo-se.

- Está claro que é! - acrescentou Nedjeb.

E o digno holandês, vendo a maioria levantar-se contra ele, não teve remédio senão calar-se.

No fundo, apesar de tudo quanto acontecera, apesar das muitas lições recebidas, e muito particularmente a daquela viagem, tão imprudentemente começada, que não seria para admirar que acabasse mal, o Sr. Kéraban estava tão emendado como pretendia? Bem se via.

De resto, era absurdo supor que as bossas da casmurrice pudessem ser reduzidas naquele cabeçudo.

- A caminho! - ordenou Kéraban, assim que acabaram de comer.

- Ora eis um jantar que foi muito sofrível, mas sei de um que há-de ser muito melhor!

- Qual é? - perguntou Van Mitten.

- O que nos espera em Escutári!

Partiram pelas quatro horas, e às oito da noite chegaram sem novidade ao pequeno burgo de Rize, todo semeado de escolhos ao longo da sua praia.

Aí tiveram de passar a noite numa espécie de khan, muito pouco confortável - tão pouco que as duas viajantes preferiram passá-la debaixo do toldo da araba. Não deixava de ser importante que os cavalos e as mulas achassem onde se refazerem das fadigas.

Felizmente, a palha e a cevada não faltavam na manjedoura. O Sr. Kéraban e os seus companheiros não conseguiram arranjar

senão uma cama de palha e com ela tiveram de se contentar. A noite seguinte não a deviam passar em Trebizonda, cidade importante, onde encontrariam num dos melhores hotéis todas as comodidades? Isto consolava-os da dureza da cama.

E quanto a Ahmet, que a cama fosse boa ou má, pouco lhe importava. Sob o domínio de negras ideias não podia dormir.

Temia sempre pela segurança das suas náufragas, acreditava que o perigo não acabara com o naufrágio da Guidara. Vigia, pois, bem armado, as proximidades do khan.

Ahmet pensava bem e tinha razão para recear.

Com efeito, Yarhud, durante toda a jornada, não tinha perdido de vista a pequena caravana.

75

Caminhava em seu seguimento, mas sem nunca se deixar ver. Assim os espiava, fazendo planos para retomar a presa que lhe havia escapado. De resto, escrevera a Scarpante. Este intendente do Sr. Saffar, segundo o que haviam combinado em Constantinopla, devia já achar-se em Trebizonda. Na sua carta dizia-lhe que estivesse no dia seguinte a duas léguas da cidade, na estalagem de Rissar, aonde iria falar-lhe. Não lhe dizia palavra do naufrágio da tartana, nem das funestas consequências que daí tinham resultado.

Havia, portanto, razão para que Ahmet velasse. Os seus pressentimentos não o enganavam. Yarhud, protegido pela escuridão da noite, aproximara-se do khan, a ponto de verificar que Anasia e Nedjeb dormiam na araba. Felizmente para ele, reconheceu a tempo Ahmet próximo da araba, e pôde afastar-se sem ser visto.

Mas, desta vez, em lugar de continuar a seguir a caravana, tomou a estrada de Trebizonda, a fim de ganhar dianteira sobre os nossos viajantes. Como dissemos, queria, antes da sua chegada a esta cidade, conferenciar com Scarpante. De modo que, fazendo voltar o cavalo em que montava desde a sua partida de Atina, dirigiu-se com toda a rapidez para a estalagem de Rissar.

Alá é grande! Será. Mas muito maior seria se Yarhud tivesse sucumbido juntamente com todos os outros bandidos que tripulavam a Guidara.

No dia seguinte, 16 de Setembro, todos se levantaram de madrugada e de muito bom humor, excepto Bruno, que perguntava quantas libras perderia ainda do seu peso até chegar a Escutári.

- Minha pequena Anasia - disse o Sr. Kéraban, esfregando as mãos -, dá-me licença que te dê um beijo?

- Com todo o gosto, meu tio, se é que permite que lhe dê este nome.

- Se te permito! Podes até chamar-me teu pai. Não será Ahmet meu filho?

76

- Diz muito bem, tio Kéraban. Ahmet é seu filho e vai dar-lhe uma ordem com o direito com que os filhos, em certas ocasiões, as dão aos pais...

- Que ordem vem então a ser essa?

- A de partirmos imediatamente! Os cavalos estão prontos e é necessário que cheguemos a Trebizonda antes de anoitecer.

- Chegaremos - assegurou Kéraban - e partiremos no dia seguinte ao nascer do Sol. Quem havia de dizer, amigo Van Mitten, que ainda um dia havia de ver Trebizonda.

- Sim! Trebizonda! Que magnífico nome de cidade! - respondeu o holandês. - Trebizonda e a sua colina, onde os Dez Mil celebraram fogos e combates ginásticos sob a presidência de Dracontius, a dar crédito ao meu guia, que me parece muito bem redigido! Na verdade, amigo Kéraban, não me desagrada ver Trebizonda!

- Confessa então, amigo Van Mitten, que guardará famosas recordações desta viagem!

- Poderiam ser muito mais completas!

- Em suma, não terá de que lastimar-se!

- Ainda não chegámos ao fim!... - sussurrou Bruno ao ouvido de seu amo, como se fora o agourento encarregado de lembrar às criaturas a instabilidade das coisas humanas.

A caravana deixou o khan às sete horas da manhã. O tempo melhorava de instante a instante, e o céu mostrava-se belo, apenas encoberto por uma pequena bruma, que o sol depressa dissiparia.

Ao meio-dia paravam em dOf, sobre o Ophis dos antigos, onde se encontra a origem das grandes famílias da Grécia. Almoçaram numa modesta estalagem, utilizando-se das provisões que traziam na araba e que estavam a findar.

O bom do estalajadeiro pouca atenção dava aos seus fregueses.

Tinha a mulher gravemente doente, ora na terra não havia um médico, e mandar vir um de Trebizonda era muito caro para ele.

Kéraban, auxiliado pelo seu amigo Van Mitten, entendeu dever fazer o ofício de hakim, ou doutor, e receitou algumas drogas muito simples, que seria fácil encontrar em Trebizonda.

- Que Alá os proteja, senhores! - disse o estalajadeiro -, mas quanto me poderão custar estes remédios?

- Umhas vinte piastras - respondeu Kéraban.

- Vinte piastras! - exclamou o estalajadeiro. - Com esse dinheiro compraria eu outra mulher!

E desapareceu, agradecendo aos seus hóspedes a receita, que não tencionava mandar aviar.

- Um marido prático! - ponderou Kéraban. - O amigo Van Mitten devia ter-se casado nesta terra.

- Talvez! - admitiu o holandês.

Às cinco horas da tarde os viajantes fizeram alto em

Surmeneh para jantar. Partiram às seis, para chegarem a Trebizonda antes do fim do crepúsculo. Mas deu-se um contratempo. Uma das rodas da araba partiu-se, a duas léguas da cidade, pelas nove horas da noite. Foram por isso obrigados a passar a noite numa estalagem na estrada - estalagem bem conhecida dos viajantes que frequentam esta parte da Ásia Menor.

CAPÍTULO VI

Onde se trata de novas personagens que o Sr. Kériban vai encontrar na estalagem de Rissar

A estalagem de Rissar, como todas as construções deste género, é perfeitamente apropriada ao serviço dos viajantes que ali fazem alto, antes de entrarem em Trebizonda. O seu chefe, guarda, gerente, ou como lhe queiram chamar, era um certo turco, chamado Kidros, um matreiro, um finório, mais velhaco do que costuma ser a gente da sua raça. Geria o estabelecimento com grande habilidade. Procurava por todos os modos agradar o mais possível aos seus hóspedes. A opinião deles era sempre a sua opinião. Chegava a dar-lhes contas muito salgadas, para depois, diminuindo sucessivamente as parcelas, agradar aos hóspedes. Escusado será dizer que nesta diminuição o turco nunca ficava prejudicado.

Eis em que consistia a estalagem. Um vasto pátio, fechado por quatro muros, com uma larga porta, abrindo-se para a estrada, na espessura destes muros, um certo número de portas, dando acesso para quartos isolados, onde os viajantes passavam a noite. Era raro que de dia esses quartos fossem ocupados. No pátio, alguns sicómoros projectavam a sua sombra sobre um solo arenoso, queimado ao meio-dia pelos raios de um sol abrasador. No centro do pátio, um poço com uma nora. Fora, abrigadas por alpendres, cavaleriças com manjedouras e camas para os cavalos. Havia também cordas de piquete, às quais se prendia o gado muar e os camelos, menos acostumados que os cavalos aos confortos das cavaleriças.

Naquela noite, a estalagem, sem estar completamente cheia, tinha bastante gente, viajantes em caminho para Trebizonda ou de volta para as províncias de este, Arménia, Pérsia ou Curdistão. Estavam ocupados vinte quartos, aproximadamente, e os seus hóspedes, na sua grande maioria, descansavam àquela hora.

Pelas nove, somente dois homens passeavam no pátio. Falavam com vivacidade e apenas interrompiam a sua conversação para de quando em quando se aproximarem da porta, lançando para fora olhares impacientes.

Estes dois homens, vestidos com fatos muito simples, de modo a passarem completamente despercebidos, eram o Sr. Saffar e o seu intendente Scarpante.

- Repito-lhe, Sr. Saffar - dizia este último -, é aqui a estalagem de Rissar! Aqui, e hoje mesmo, que a carta de Yarhud nos dá ponto de reunião!

- Cão! - exclamou Saffar. - Como se compreende que ainda não

tenha chegado?

- Não pode tardar!

- E que ideia esta de trazer aqui Anasia, em vez de a conduzir directamente a Trebizonda!

Saffar e Scarpante, como decerto se lembram, ignoravam o naufrágio da Guidara e as consequências que daí tinham resultado.

- A carta que Yarhud me dirigiu vinha de Atina. Não diz nada a propósito do rapto. Limita-se a dizer-me que estivesse esta noite na estalagem de Rissar.

- Mas não chega! - exclamou o Sr. Saffar, dando dois ou três passos para a porta. - Pois que tenha cuidado em não me cansar a paciência! Não sei porquê, tenho o pressentimento de que alguma catástrofe...

- Que ideia, Sr. Saffar! Houve grande tempestade no mar Negro.

80

É provável que a tartana não pudesse seguir para Trebizonda, e foi sem dúvida obrigada a recolher-se ao porto de Atina...

- E quem nos diz, Scarpante, que Yarhud tivesse conseguido realizar o rapto em Odessa?

- Yarhud é não só um marinheiro audaz, Sr. Saffar, mas um homem hábil...

- A habilidade nem sempre basta! - respondeu com voz sossegada o capitão maltês, que, desde alguns segundos, se conservava imóvel no limiar da porta.

O Sr. Saffar e Scarpante voltaram-se.

- Yarhud! - exclamou Scarpante.

- Até que chegaste! - disse brutalmente o Sr. Saffar, caminhando para Yarhud.

- Sim, Sr. Saffar - respondeu o capitão, que se inclinou respeitosamente -, até que cheguei!

- E a filha do banqueiro Selim? - perguntou Saffar. - Conseguiste raptá-la em Odessa?

- A filha do banqueiro Selim foi raptada por mim há-de haver seis semanas, pouco depois da partida do seu noivo Ahmet, obrigado a seguir o tio numa viagem à roda do mar Negro. Fiz-me imediatamente de vela para Trebizonda, mas os temporais do equinócio levaram a tartana para este, e, apesar de todos os meus esforços, naufragámos nas costas de Atina, onde morreu toda a tripulação...

- Toda a tripulação! - exclamou Scarpante.

- Sim!

- E Anasia? - inquiriu Saffar, a quem o naufrágio da Guidara pouco sensibilizara.

- Foi salva, salva com uma sua criada, a quem eu também raptara, porque sempre a acompanhava...

- Mas, se está salva... - observou Scarpante.

- Onde está ela? - perguntou Saffar.

- Senhor - respondeu o capitão maltês -, a fatalidade é contra mim, ou melhor, contra aquele a quem eu sirvo.

- Mas, fala - ordenou Saffar, em cuja voz trovejavam ameaças.

- A filha do banqueiro Selim - explicou Yarhud - foi salva pelo seu noivo, por Ahmet, que a fatalidade conduziu ao lugar do naufrágio!

- Salva... por ele?... - exclamou Scarpante.

- E agora... está?...

- Agora está debaixo da protecção de Ahmet, do tio de Ahmet e de mais algumas pessoas que a acompanham. Dirigem-se todos para Trebizonda, de onde devem partir para Escutári. É aí que se deve celebrar o casamento, antes do fim deste mês.

- Desastrado! - exclamou o Sr. Saffar. - Porque não salvaste tu mesmo Anasia, em vez de deixar que um outro a salvasse?

- Com perigo da minha vida o teria feito, se fosse possível...

- És indigno das missões que se te confiam! - explodiu Saffar, não podendo conter a cólera que o dominava.

- Escute-me, Sr. Saffar - interveio então Scarpante. - Se me quer ouvir com calma, reconhecerá que Yarhud fez tudo quanto era humanamente possível fazer-se.

- Tudo! - confirmou o capitão.

- Tudo - replicou Saffar - não é bastante quando se trata de cumprir uma ordem minha.

- O que lá vai, lá vai, Sr. Saffar - continuou Scarpante. - Tratemos do presente, e vejamos como ele se nos apresenta. O rapto da filha do banqueiro Selim, em Odessa, podia ter falhado... e não falhou... Ela podia já estar casada com Ahmet... e não está... Portanto - ainda nada se perdeu...

- Nada! - confirmou Yarhud. - Depois do naufrágio não tenho cessado de seguir, de espiar Ahmet e os seus companheiros. Viajam sem desconfiança, e o caminho de Trebizonda até às margens do Bósforo, através da Anatólia, é muito longo,

muito longo, ora nenhuma das minhas passageiras conhecia o destino da Guidara, ninguém portanto conhece nem o Sr. Saffar nem Scarpante...: Não poderá, pois, fazer-se com que esta pequena caravana caia nalguma cilada e...

- Scarpante! - interrompeu Saffar com energia - não posso passar sem aquela mulher... Quero-a! Se a fatalidade se volta contra mim, lutaremos! Não se dirá que tive um desejo e não o satisfiz!

- Não, não se dirá, Sr. Saffar! - assegurou Scarpante. - Sim! Entre Trebizonda e Escutári, no meio daquelas regiões desertas, será possível, e até fácil, arrastar a caravana... O melhor meio é dar-lhe um guia que a afaste do caminho a seguir e a conduza a qualquer sítio onde gente nossa... No entanto, se em vez do emprego da força, pudéssemos socorrer-nos da astúcia, melhor seria...

- Como? - interrogou Saffar.

- Não disseste, Yarhud, que Ahmet e os seus companheiros se

dirigiam a pequenas marchas para Trebizonda?

- Disse, sim, Scarpante, e posso ajuntar que passarão a noite nesta estalagem de Rissar.

- Não haverá qualquer meio de fazer com que... sim... de fazer com que Anasia e o seu noivo sejam separados?

- Tenho mais confiança na força - declarou brutalmente Saffar.

- Seja! - acedeu Scarpante. - Empregaremos a força, se nada fizermos pela astúcia. Entretanto, ficarei por aqui de observação...

- Cala-te, Scarpante - recomendou Yarhud -, não estamos completamente sós.

Com efeito, acabavam de entrar dois homens no pátio. Um era Kidros, o outro uma personagem importante - ao menos na aparência -, que vamos apresentar ao leitor.

O Sr. Saffar, Scarpante e Yarhud desviaram-se para um canto do pátio. Aí podiam escutar à sua vontade, e,

tanto mais facilmente quanto a aludida personagem falava sempre em voz a um tempo alta e altiva.

Era um senhor curdo. Chamava-se Yanar.

A região montanhosa da Ásia que compreende a antiga Assíria e a antiga Média chama-se Curdistão na geografia moderna. Divide-se em Curdistão turco e em Curdistão persa, segundo confina com a Pérsia ou com a Turquia. O Curdistão turco, formado pelos pachaliks de Chehrezul e de Mossul e por uma parte dos de Van e de Bagdade, conta muitas centenas de milhares de habitantes, e entre eles - não o menos considerável - este Sr. Yanar, chegado de véspera à estalagem de Rissar, com sua irmã, a nobre Saraboul.

O Sr. Yanar e sua irmã tinham partido de Mossul havia dois meses e andavam fazendo uma viagem de recreio. Iam para Trebizonda, onde contavam demorar-se algumas semanas. A nobre Saraboul - assim lhe chamavam no pachalik natal -, tendo trinta a trinta e dois anos, era já viúva de três senhores curdos. Estes diversos esposos não tinham podido consagrar à felicidade de sua esposa senão curta e desgraçada vida. A viúva, ainda muito agradável de rosto e de talhe, encontrava-se na situação de uma mulher que de bom grado permitiria que um quarto esposo a consolasse da perda dos três primeiros, coisa aliás difícil de realizar-se, bem que ela fosse rica e de boa família, pela impetuosidade dos seus modos e pela violência do seu temperamento. Qualquer candidato se assustaria vendo-a e ouvindo-a por algum tempo. Yanar, que se constituíra seu protector, aconselhou-a a viajar.

O acaso tem um tal poder durante as viagens que bem poderia ser... E aqui está porque estas duas personagens, tendo deixado o Curdistão, se encontravam na estrada de Trebizonda.

O Sr. Yanar era um homem de quarenta e cinco anos, alto, modos bruscos, fisionomia feroz - um destes mata-mouros que vieram ao mundo carregando as sobranceiras.

Nariz aquilino, olhos encovados, cabeça rapada, enormes bigodes, o seu tipo aproximava-se mais do arménio do que do turco. Trajava uma túnica de mangas abertas, sobre um jaleco bordado a ouro, calças muito largas, caídas até ao tornozelo, botas de canhão voltado, na cabeça um feltro, em torno do qual se enrolava uma tira de seda frouxa dum encarnado muito vivo, à cintura uma faixa ou xale de lã, que, além de fazer o papel de cinta, representava o de panóplia, tantos eram os punhais, as pistolas, os iatagãs que ali se viam, e que davam ao seu proprietário um ar verdadeiramente terrível. E isto explicava a deferência com que Kidros falava sempre ao Sr. Yanar, a atitude humilde tomada por ele, em que havia o que quer que fosse de um homem que faz favores... a um canhão carregado de metralha.

- Sim, Sr. Yanar - dizia então Kidros, sublinhando cada uma das suas palavras com os gestos mais comprovativos -, repito-lhe que o juiz vem aqui ainda esta noite e que amanhã de madrugada procederá a pesquisas...

- Mestre Kidros - respondeu Yanar -, a responsabilidade do que se passa aqui é toda sua, e que Alá o estrangule se não fizer todas as diligências para que as suas hóspedes estejam em segurança...

- Decerto, senhor, decerto!

- Decerto, decerto, mas, a noite passada, malfeitores, ladrões ou não, penetraram, tiveram a audácia de penetrar no quarto de minha irmã, a nobre Saraboul!

E Yanar mostrava uma das portas abertas no muro direito do pátio.

- Velhacos! - exclamou Kidros.

- E fique certo de que não deixaremos a estalagem sem que os criminosos sejam descobertos, presos, julgados e enforcados!

Mestre Kidros não estava nada convencido de que na tal noite passada tivesse havido tentativa de roubo.

O que era certo é que a viúva inconsolável, acordada por qualquer motivo, levantara-se, cheia de susto, dando grandes gritos, chamando pelo irmão, revolucionando toda a estalagem. Quanto a ladrões, dado que fossem ladrões, tinham desaparecido, sem deixar vestígios da sua passagem.

Fosse como fosse, Scarpante, que não perdia uma única palavra, pensava em tirar partido daquela aventura.

- Ora nós somos curdos! - replicou o Sr. Yanar, empertigando-se para dar a esta palavra toda a sua importância -, nós somos curdos de Mossul, curdos da soberba capital do Curdistão, e não se admite - nunca se admitiu - que um curdo sofra qualquer dano, qualquer prejuízo, sem que uma justa reparação seja obtida pelas leis!

- Mas, senhor, que prejuízo, que dano? - ousou objectar

mestre Kidros, recuando, por prudência, alguns passos.

- Que prejuízo, que dano? - trovejou o Sr. Yanar.

- Sim... senhor... Sem dúvida, alguns malfeitores tentaram introduzir-se a noite passada no quarto da sua nobre irmã... Mas... enfim... não lhe roubaram nada...

- Nada - respondeu o Sr. Yanar -, nada... É certo, mas graças à coragem de minha irmã, graças à sua energia! Não maneja ela, como um homem, uma pistola ou um iatagã?

- Por isso mesmo os malfeitores, fossem eles quem fossem, fugiram...

- E fizeram bem, mestre Kidros! A nobre e valorosa Saraboul tê-los-ia exterminado, dois a dois, quatro a quatro! E se voltarem - ai deles! - minha irmã continua dormindo armada, e desgraçado do que ousar aproximar-se do seu quarto!

- Não me parece, Sr. Yanar, que haja razão para recluir, e os ladrões, supondo que o fossem, não ousarão voltar...

- Supondo que o fossem? - bradou o Sr. Yanar.

86

Então, se não fossem ladrões, que podiam ser esses bandidos?

- Eu sei... bem vê... Podiam ser alguns presunçosos, alguns fátuos... Sim, porque não? Algum namorado atraído, fascinado pelos encantos da nobre Saraboul...

- Por Maomet - urrou o Sr. Yanar, levando a mão à panóplia -, isso tinha que ver! A honra de uma curda ameaçada! Teriam ousado atentar contra a honra de uma curda! Ah!, mas se assim fosse, o criminoso deveria ser empalado... Que digo eu? O mais cruel de todos os suplícios não seria suficiente para punir o delinquente... a menos que ele tivesse posição e fortuna que lhe permitissem reparar a falta.

- Então, Sr. Yanar, não se exalte! - O juiz procederá a uma pesquisa para conhecer o autor ou autores do atentado. Fui eu mesmo falar-lhe a Trebizonda, e, depois de contar-lhe tudo, ele afiançou-me que tinha um meio infalível de descobrir os malfeitores, fossem quem fossem.

- E que meio é esse? - perguntou Yanar com ironia.

- Não sei, mas o juiz afirma que é infalível...

- Veremos isso amanhã. Vou para o meu quarto. Mas passarei a noite a velar... e a velar... armado!

E, dizendo estas palavras, dirigiu-se para o quarto contíguo ao de sua irmã. Chegado à porta, parou. E estendendo um braço ameaçador para o pátio:

- Não se zomba impunemente com a honra de uma curda! - afirmou, com voz formidável.

Depois desapareceu.

Mestre Kidros suspirou aliviado.

" Enfim - murmurou -, veremos como tudo isto acabará. Mas quanto aos tais ladrões, se alguma vez existiram, bem fizeram em se pôr a salvo."

Scarpante conversava em voz baixa com o Sr. Saffar e com Yarhud.

- Esta aventura é toda a nosso favor, e graças a ela tenho cá uma ideia...

- Que ideia? - perguntou Saffar.

- Preparar, aqui mesmo, qualquer desagradável aventura ao tal Ahmet, que o obrigasse a demorar-se muitos dias em Trebizonda, e até a que se separasse da noiva...

- Seja, mas se a astúcia não produzir efeito...

- Recorre-se à força - concluiu Scarpante.

Neste momento, mestre Kidros viu Saffar, Scarpante e Yarhud, por quem ainda não tinha notado. Aproximou-se deles e com o tom mais amável:

- Procuram alguém?

- Uns viajantes que devem estar a chegar, para passarem aqui a noite - explicou Scarpante.

Ao mesmo tempo ouviu-se barulho fora - ruído de uma caravana, cujos cavalos ou machos paravam à porta.

- São eles decerto - disse mestre Kidros.

E dirigiu-se logo para a porta, ao encontro de quem chegava.

- Efectivamente - anunciou da porta -, são viajantes que chegam a cavalo! Gente rica, sem dúvida, a julgar pelo modo por que se apresenta... Vou ter com eles para oferecer-lhes os meus serviços.

E saiu.

Scarpante aproximou-se da porta, olhando para fora.

- Será a caravana em que vem Ahmet? - perguntou, dirigindo-se ao capitão maltês.

- É... São eles...

E Yarhud recuou apressadamente para que o não reconhecessem.

- Eles? - exclamou o Sr. Saffar, dando alguns passos, mas sem sair do pátio.

- Sim - respondeu Yarhud -, é Ahmet, a noiva, a criada, e os dois criados...

- Cautela - recomendou Scarpante a Yarhud, fazendo-lhe sinal para que se escondesse.

- E já se ouve a voz do Sr. Kéran - informou o capitão maltês.

- Kéran? - exclamou Saffar com vivacidade. E avançou para a porta.

- O que é isso, Sr. Saffar? - perguntou Scarpante, muito surpreendido. - Porque é que este nome de Kéran lhe causa tanta perturbação?

- Ele!... Ele... - disse Saffar. - É o viajante com que me encontrei no caminho de ferro do Cáucaso e que queria impedir a passagem aos meus cavalos...

- Ele conhece-o?

- Conhece, e não me parece ser muitíssimo difícil levantar nova questão... obrigá-lo a demorar-se... fazê-lo prender...

- Isso não demoraria o sobrinho...

- Eu me desembaraçaria dele do mesmo modo...

- Não, não! Nada de questões... nada de questões... nada de

barulho... Acredite, Sr. Saffar: este Kéraban não desconfia, decerto, da sua presença aqui! Que ele não saiba de forma alguma que foi por ordem do senhor que Yarhud raptou a filha do banqueiro Selim! Arriscamo-nos a perder a partida...

- Seja! Retiro-me, fiando-me em ti, Scarpante! Mas vê lá o que fazes...

- Vá sossegado. Havemos de sair-nos bem. Volte para Trebizonda ainda esta noite...

- Voltarei...

- Tu, Yarhud, vai-te já desta estalagem. Podem reconhecer-te...

- Aí estão eles! - avisou Yarhud.

- Deixem-me, deixem-me só! - ordenou Scarpante.

- Mas, como sair sem que me vejam? - perguntou Saffar.

- Por aqui - indicou Scarpante, abrindo uma porta, à esquerda do pátio, que dava para o campo.

O Sr. Saffar e Yarhud saíram imediatamente.

"Era tempo - pensou Scarpante. - E agora, olho à espreita e ouvido à escuta!"

CAPÍTULO VII

No qual o juiz de Trebizonda procede a um inquérito de uma maneira muito engenhosa

Com efeito, o Sr. Kéraban e os seus companheiros, depois de terem deixado a araba e as cavalgaduras nas cavalariças exteriores, entraram na estalagem. Mestre Kidros acompanhava-os, dirigindo-lhes os seus mais respeitosos cumprimentos e fazendo vários salamaleques.

- Sim, Sr. Kéraban - dizia Kidros, curvando-se e pondo no chão a lanterna com que saíra a alumiar os seus hóspedes e que não projectava senão uma fraca claridade no interior do pátio -, queira entrar, é aqui a estalagem de Rissar...

- Estamos então a duas léguas de Trebizonda?

- A duas léguas, quando muito!

- Bem. Que tratem dos cavalos. Partimos amanhã de manhã.

Depois, voltando-se para Ahmet, que conduzia Anasia para um banco, onde ela se sentou ao lado de Nedjeb:

- Vai isto bonito, vai - disse com bonomia. - Depois que meu sobrinho encontrou esta menina de nada mais faz caso, e eu é que sou obrigado a tratar de tudo quanto diz respeito à viagem...

- É natural, Sr. Kéraban! Então para que é uma pessoa tio? - gracejou Nedjeb.

- Não me queira mal por isso, meu tio - disse Ahmet.

- Nem a mim - acrescentou Anasia.

- Eu não quero mal a ninguém... a ninguém, nem a este mau

homem, Van Mitten, que teve a ideia, a imperdoável ideia de me abandonar no caminho...

- Não falemos nisso - interrompeu o holandês -, nem agora, nem nunca...

- Por Maomet! - exclamou Kéraban -, porque não havemos de falar? Uma pequena discussão sobre esse assunto, ou sobre qualquer outro, até dá vigor.

- Se me não engano, meu tio - advertiu Ahmet -, fez um protesto de nunca mais... discutir...

- Tens razão! Tens razão, rapaz, e, ainda que tenha carradas de justiça, nunca mais discutirei...

- Veremos - murmurou Nedjeb.

- Além disso, parece-me que o melhor que temos a fazer é ir descansar uma meia dúzia de horas - alvitrou Van Mitten.

- Dado que aqui se possa dormir - resmungou Bruno, sempre de mau humor.

- Há quartos? - perguntou o Sr. Kéraban a mestre Kidros.

- Sim, senhor, tantos quantos quiserem.

- Bem, muito bem. Amanhã estaremos em Trebizonda, depois, daí a dez dias, em Escutári, onde comeremos um excelente jantar... o jantar para que o convidai, amigo Van Mitten!

- Já não é sem tempo, amigo Kéraban!

- Jantar... em Escutári? - murmurou Bruno ao ouvido do amo -, isso é se nós lá chegarmos...

- Então, Bruno, que é isso? Ânimo, homem, quando mais não seja, para honra da nossa Holanda!

Scarpante, a alguns passos de distância, ouvia tudo quanto se dizia e calculava a ocasião em que lhe seria útil aos seus planos entrar em cena.

- Qual é o quarto destinado a estas duas meninas? - perguntou Kéraban. O Sr. Yanar e sua irmã, a nobre Saraboul

- Este - respondeu mestre Kidros, indicando uma porta que abriu, à esquerda do pátio.

- Então, boa noite, minha pequena Anasia, e que Alá te dê sonhos agradáveis!

- Iguamente, Sr. Kéraban - volveu Anasia: Até amanhã, meu caro Ahmet.

- Até amanhã, querida Anasia - correspondeu Ahmet, apertando a noiva contra o coração.

- Vens, Nedjeb?

- Vou, minha senhora. Mas bem sei que não é nesta hora mais próxima que dormiremos... Teremos de ouvir falar a propósito de certa pessoa...

As duas entraram no quarto.

- E estes dois rapazes onde dormem? - perguntou Kéraban, apontando para Bruno e Nizib.

- Num quarto exterior, aonde eu os vou levar - esclareceu mestre Kidros.

E, dirigindo-se para a porta do fundo, fez sinal aos dois que o seguissem, sinal a que eles, cheios de fadiga, obedeceram sem se fazerem rogar, depois de se despedirem dos amos.

"Agora ou nunca é ocasião de entrar em cena!" - pensou Scarpante.

O Sr. Kéraban, Van Mitten e Ahmet, esperando que Kidros voltasse, passeavam no pátio. O tio estava de excelente humor. Correria tudo à medida dos seus desejos. Chegaria, no prazo marcado, às margens do Bósforo, e já se regozijava com a cara que fariam as autoridades otomanas ao verem-no chegar! Para Ahmet, o regresso a Escutári era a tão desejada celebração do seu casamento! Para Van Mitten o regresso era... o regresso!

- Parece que se esquecem de nós... Qual será o nosso quarto? - perguntou Kéraban.

Voltando-se, viu Scarpante, que avançava para ele.

95

- Falam no quarto destinado ao Sr. Kéraban e aos seus companheiros - disse ele, inclinando-se, como se fosse um dos criados da estalagem.

- Sim! - É este!

E Scarpante mostrou à direita a porta que deitava para um corredor, onde ficava o quarto ocupado pela viajante curda, junto da qual velava o Sr. Yanar.

- Bem, vamos, meus amigos, vamos!... - disse Kéraban, empurrando, com força, a porta indicada por Scarpante.

Todos três entraram no corredor, mas, antes de terem tempo de tornar a fechar a porta, que agitação, que gritos, que clamores! E que terrível voz de mulher se fez ouvir, à qual logo se juntou uma voz de homem!

O Sr. Kéraban, Van Mitten, Ahmet, não percebendo nada do que se passava, voltaram imediatamente para o pátio.

Aí, todas as portas se abriram. Viajantes saíam dos quartos. Anasia e Nedjeb também apareceram. Bruno e Nizib entravam pela esquerda. O pátio estava numa meia escuridão, onde se desenhava a silhueta feroz do Sr. Yanar. E, enfim, uma mulher precipitava-se pela porta do corredor, no qual o Sr. Kéraban e os seus companheiros tinham momentos antes penetrado.

- Ladrões, ladrões, assassinos! - gritava a mulher.

Era a nobre Saraboul, grandiosa, forte, terrível, andar enérgico, olho vivo, tez morena, cabelo negro, lábios imperiosos deixando ver dentes ferozes - numa palavra, o Sr. Yanar de saias.

Evidentemente, a viajante velava no seu quarto, no momento em que os intrusos tinham forçado a porta, porque se apresentou tal qual andava vestida de dia: um mintan de pano, com bordados de ouro nas mangas e no peito, um entari, de deslumbrante seda, com enormes arabescos amarelos,

94

apertado à cintura por um xale, onde não faltava nem a pistola damasquinada, nem o iatagã na sua bainha de marroquim verde, na cabeça, um fez afunilado de cores assanhadas, de onde pendia um longo puskul, como um badalo de campainha, nos pés,

botas de couro vermelho, sobre as quais caíam as calças chalzvar, usadas pelas mulheres do Oriente.

Alguns viajantes diziam que a mulher curda, assim vestida, parecia uma vespa. Talvez. A nobre Saraboul não desmentiria a comparação, e, vespa, as suas ferroadas deviam ser terríveis!

- Que mulher! - comentou a meia voz Van Mitten.

- E que homem! - secundou Kéraban, mostrando o Sr. Yanar.

Este bradava em voz irada e terrível:

- Um novo atentado! Prendam toda a gente!

- Precisamos de nos acautelar - murmurou Ahmet ao ouvido do tio -, receio que sejamos a causa de todo este barulho.

- Qual! Ninguém nos viu. Nem Maomet seria capaz de reconhecer-nos!

- O que há, Ahmet? - perguntou Anasia, dirigindo-se ao noivo.

- Nada, querida Anasia, nada.

Neste momento, Kidros apareceu no limiar da porta, ao fundo do pátio, dizendo:

- Chegou na melhor ocasião, Sr. juiz!

Com efeito, o juiz, mandado chamar a Trebizonda, acabava de chegar à estalagem, onde devia passar a noite, a fim de no dia seguinte proceder ao inquérito requerido pelo Sr. Yanar.

Acompanhava-o um escrivão.

- Como! - disse o juiz -, dar-se-á o caso de esses velhacos terem reincidido no crime?

- Parece que sim, Sr. juiz - respondeu Kidros.

- Fechem todas as portas da estalagem - ordenou o magistrado em voz grave. - Fica proibido que alguém saia sem minha licença!

Estas ordens foram logo executadas, e todos os viajantes se viram de repente transformados em prisioneiros, aos quais a estalagem serviria momentâneamente de prisão.

- E agora, juiz - disse a nobre Saraboul -, peço justiça contra estes malfetores, que vieram pela segunda vez atacar uma mulher indefesa...

- E não só uma mulher, mas uma curda! - reforçou o Sr. Yanar.

Scarpante, como facilmente se acreditará, não perdia uma única palavra de toda esta cena.

O juiz - figura finória, olhinhos abertos a verruma, nariz pontiagudo - procurava distinguir as pessoas que estavam no pátio, o que não deixava de ser difícil com a pouca claridade que espalhava a única lanterna, colocada a um canto. Feito este rápido exame, dirigiu-se à nobre Saraboul:

- Afirma que, na última noite, malfetores procuraram introduzir-se no seu quarto?

- Afirmo!

- E que acabam de reincidir na criminosa tentativa?

- Ou os mesmos ou outros...

- E há apenas um instante?

- Apenas um instante!

- Reconhecê-los-ia?

- Não! O meu quarto estava às escuras, o pátio também, não me foi possível ver-lhes as caras.
- E sabe se eram muitos?
- Não sei.
- Nós o saberemos, minha irmã - exclamou o Sr. Yanar -, e, quando o soubermos, desgraçados deles!
Neste momento, o Sr. Kériban dizia ao ouvido de Van Mitten:
- Nada temos a recear. Ninguém nos viu!
- Felizmente - respondeu o holandês, incompletamente tranquilizado quanto ao seguimento daquela aventura -, porque,

96

com estes diabos de curdos, o negócio seria mau para nós!

Entretanto, o juiz caminhava de um lado para o outro. Parecia não saber que decisão devia tomar, o que causava profundo desgosto aos queixosos.

- Juiz - tornou a nobre Saraboul, cruzando os braços sobre o peito -, a justiça encontrará as suas mãos desarmadas? Não seremos nós vassallos do sultão, não teremos direito a ser protegidos? Uma mulher da minha posição terá sido vítima de um tal atentado, e os culpados, que aqui devem estar, escaparão ao castigo?

- Esta curda é deveras imponente! - observou Kériban.

- Imponente... mas medonha - acrescentou Van Mitten.

- Juiz, que decisão toma? - perguntou Yanar.

- Tragam archotes! - exclamou a nobre Saraboul. - Então eu verei, eu procurarei, eu reconhecerei talvez os malfeitores que ousaram...

- É inútil - retorquiu o juiz. - Eu me encarrego de descobrir o criminoso ou os criminosos...

- Sem luz?

- Sem luz!

E o juiz fez um sinal ao escrivão, que saiu pela porta do fundo, depois de ter feito um gesto afirmativo.

O holandês disse em voz baixa ao seu amigo Kériban:

- Não sei porquê, mas desconfio de que este negócio não acaba bem para nós...

- Por Alá! Que medroso homem! - comentou Kériban.

Todos se calaram, esperando a volta do escrivão, não sem um sentimento de curiosidade bem natural.

- Assim, juiz - perguntou o Sr. Yanar -, imagina reconhecer no meio desta escuridão...

- Eu? Não... não... - volveu o juiz. - Vou por isso encarregar desta pesquisa um inteligente animal, que,

97

por mais de uma vez, me tem prestado grande auxílio em serviços deste género...

- Um animal? - estranhou a viajante.

- Sim... uma cabra... fino e maligno animal, que saberá denunciar o culpado, se o culpado aqui estiver. Ora ele deve

estar aqui, uma vez que, depois de o atentado cometido, ainda ninguém daqui saiu...

- É doido este juiz! - murmurou Kéraban.

Neste momento entrou o escrivão conduzindo uma cabra.

Era um gentil animal, da espécie daqueles cujos intestinos contêm algumas vezes uma concreção pedregosa, o bezoar, muito apreciado no Oriente pelas suas pretensas qualidades higiénicas.

Esta cabra, de focinho agudo, barbicas riçadas, olhar vivo, inteligente, parecia muito digna de representar o papel de adivinha que seu amo lhe distribuía.

Encontram-se grandes rebanhos destes simpáticos animais por toda a Ásia Menor, a Anatólia, a Arménia, a Pérsia, e são notáveis pela sua vista penetrante, delicadeza de ouvido, subtileza de olfacto e pela sua extraordinária agilidade.

A célebre adivinha era de estatura regular - digamos assim -, branca no ventre, no peito e no pescoço, preta a cabeça, bem como o queixo e a linha média das costas.

Estava graciosamente deitada na areia e com um ar malicioso, dando aos cornichos, olhava para a «sociedade».

- Que bonito animal! - exclamou Nedjeb.

- Mas que vai o juiz fazer? - perguntou Anasia.

- Ora! Alguma bruxaria - respondeu Ahmet -, em que estes papalvos acreditarão.

Era este também o parecer do Sr. Kéraban, que não se fartava de encolher os ombros, enquanto Van Mitten contemplava todos aqueles preparativos com olhares inquietos.

- Que é isto, juiz - observou a nobre Saraboul -,

98

será porventura esta cabra que deve reconhecer os criminosos?

- Sem dúvida!

- E responderá ao que lhe perguntarem?

- Responderá!

- De que modo? - quis saber o Sr. Yanar, perfeitamente disposto, na sua qualidade de curdo, a admitir tudo que se apresentasse sob aparências de superstição.

- Nada mais simples - explicou o juiz. - Cada uma das pessoas presentes caminha para a cabra e passa-lhe a mão por cima, logo que ela sentir a mão do criminoso, dará um balido, que imediatamente o denunciara...

- Este homenzinho não passa de um pelotiqueiro de feira! - murmurou o Sr. Kéraban.

- Mas, juiz, nunca... - insistiu a nobre Saraboul -, nunca um simples animal...

- Vai ver...

- E porque não? - acrescentou o Sr. Yanar. - Vejamos. E, se bem que eu não possa ser acusado do atentado, serei o primeiro, para dar o exemplo...

E, dizendo estas palavras, deu alguns passos para a cabra e correu-lhe a mão por cima.

-A cabra não deu sinal de si.

- Sigam os outros - ordenou o juiz.

E, sucessivamente, os viajantes, reunidos no pátio da

estalagem, começaram a imitar o Sr. Yanar e acariciaram a cabra, mas decerto estavam inocentes, porque a cabrinha não fazia ouvir nenhum balido acusador.

CAPÍTULO VIII

Que acaba de uma maneira muito inesperada,
principalmente para Van Mitten

Durante esta cena, o Sr. Kéranban chamara de parte o amigo Van Mitten e seu sobrinho Ahmet. O incorrigível Kéranban, esquecendo a sua boa resolução de nunca mais teimar, ia impor aos companheiros o seu modo de ver e de agir.

- Meus amigos - começou ele -, este bruxo parece-me simplesmente o último dos idiotas!

- Porquê? - perguntou o holandês.

- Porque nada impede que o criminoso ou os criminosos - nós por exemplo -, fingindo passar a mão sobre a cabra, a não passemos... Se não fosse o último dos idiotas, mandaria vir luzes, para evitar qualquer batota! Mas, às escuras, é absurdo!

- Efectivamente! - concordou Van Mitten.

- Ora, meu tio - observou Ahmet -, quer se passe a mão pela cabra, quer se finja que se passa, o animal há-de balir tanto para os inocentes como para os culpados!

- Evidentemente, Ahmet, mas uma vez que este pateta leva o idiotismo ao ponto de fazer bruxarias deste feitio, eu não quero ser tão pateta como ele, e não tocarei na cabra! Creio que nada lhes custa fazerem o mesmo...

- Mas, meu tio.

- Ah! Temos discussão? - disse Kéranban, principiando a encolerizar-se.

100

- Contudo... - ia objectar o holandês.

- Van Mitten, se levar a sua ingenuidade ao extremo de passar a mão pela cabra, nunca lho perdoarei!

- Bem! Para lhe não ser desagradável, amigo Kéranban, fingirei que passo a mão e não passarei...

Como estamos às escuras, ninguém pode dar por isso...

A maioria dos viajantes tinha já cumprido a ordem do juiz. A cabra ainda não denunciara ninguém.

- Chegou a nossa vez, Bruno - disse Nizib.

- Meu Deus, que estúpidos são estes orientais, com a sua justiça de cabras! - observou Bruno. E um e outro foram passar a mão sobre as costas do simpático animal, que ainda desta vez não soltou nenhum balido acusador.

- Mas não diz nada o animal! - exclamou a nobre Saraboul, interpelando o juiz.

- Será um gracejo! - acrescentou o Sr. Yanar. - Pois não tem

bom gosto em gracejar com um curdo!

- A justiça não graceja - respondeu o juiz, abanando a cabeça maliciosamente -, se a cabra ainda não baliu, é que ainda não sentiu a mão dos criminosos!

- Diabo! Faltamos só nós! - murmurou Van Mitten, que, sem saber porquê, se sentia vagamente inquieto. - Chegou a nossa vez - avisou Ahmet.

- Lá vou eu! - respondeu Kéraban. E, passando adiante de Van Mitten e do sobrinho: - Não lhe toquem, não lhe toquem! - recomendou em voz baixa.

Depois, estendendo a mão por cima da cabra, fingiu que a acariciava, mas sem lhe tocar num só pêlo. A cabra não baliu.

- O tio já está livre - disse Ahmet. E, seguindo-lhe o exemplo, a sua mão passou a uma polegada do dorso da cabra. A cabra não baliu.

101

Chegara a vez de Van Mitten. O holandês, o último de todos, ia tentar a prova ordenada pelo juiz. Avançou para o animal, que parecia olhá-lo de soslaio; para não desagradar ao seu amigo Kéraban, procedeu como ele e como Ahmet: fingiu acariciar a cabra, mas não lhe tocou num só pêlo.

A cabra não baliu.

Houve um "oh!" de surpresa, e um "ah!" de satisfação.

- Decididamente, a sua cabra é uma cabra como qualquer outra! - trovejou o Sr. Yanar.

- Não reconheceu o criminoso - bradou a nobre Saraboul -, e, contudo, o criminoso está forçosamente aqui, uma vez que ninguém saiu do pátio!

- Este juiz sempre é muito ridículo com o tal animalzinho malicioso, hem, Van Mitten?

- Efectivamente - confirmou o holandês, absolutamente tranquilizado com o resultado da experiência.

- Pobre cabrinha - disse Nedjeb à ama -, irão fazer-lhe mal por não ter adivinhado?

Olhavam todos para o juiz, cujos olhinhos maliciosos brilhavam na escuridão como carbúnculos.

- E agora, Sr. Juiz - observou Kéraban, um tanto sarcasticamente -, quer-me parecer que, visto ter terminado o seu inquérito, pode cada um retirar-se aos seus quartos...

- Isso nunca! - interveio a nobre Saraboul. - Nunca! Foi cometido um crime!

- Creio que a senhora curda - replicou Kéraban, azedamente - não quererá opor-se a que pessoas honestas vão dormir, quando é esse o seu desejo!

- Diz isso de um modo, senhor turco... - exclamou o Sr. Yanar.

- Do modo que quero, senhor curdo! - replicou Kéraban.

Scarpante, vendo que a sua astuciosa ideia não produzira resultado, visto que os culpados não tinham sido reconhecidos,

102

sentia certa satisfação assistindo àquele princípio de desavença entre o Sr. Kéraban e o Sr. Yanar. Talvez dali nascesse qualquer complicação de natureza a servir-lhe aos seus projectos.

De facto, a desavença acentuava-se entre os dois. Kéraban preferia ser preso, condenado, a não ser o último a falar. Ahmet, sabendo isto, ia intervir, quando o juiz ordenou:

- Ponham-se todos em fileira, e tragam luzes!

Mestre Kidros saiu do pátio para ir executar a ordem do juiz. Um instante depois, quatro criados da estalagem entraram com archotes, que iluminaram vivamente o pátio.

- Levantem todos a mão direita! - mandou o juiz.

A estas palavras, todas as mãos direitas se levantaram.

Estavam todas pretas nas palmas e nos dedos - todas, excepto as de Kéraban, de Ahmet e de Van Mitten.

E logo o juiz, dirigindo-se aos três:

- Eis os malfeitores!

- Hem! - exclamou Kéraban.

- Nós? - bradou o holandês, muito espantado.

- Sim! Eles! - tornou o juiz. - Que temessem ou não ser denunciados pela cabra, pouco importa! O que é certo é que, sabendo-se culpados, em lugar de acariciar o animal, cujo pêlo estava coberto com uma camada de sebo misturado com tinta, limitaram-se a fingir que o faziam, denunciando-se por este modo!

Estas palavras foram acolhidas por um murmúrio lisonjeiro - muito lisonjeiro para a esperteza do juiz. Kéraban e os seus companheiros, altamente desapontados, abaixavam as cabeças.

- São então estes - acusou o Sr. Yanar - os três malfeitores que ousaram a noite passada...

- A noite passada! - exclamou Ahmet. - A noite passada estávamos nós a dez léguas da estalagem de Rissar!

103

- Está isso provado? - volveu o juiz. - Em todo o caso, o que está provado é que, há um instante, tentaram introduzir-se no quarto desta nobre viajante...

- É verdade - confessou Kéraban, furioso por se ter deixado cair naquela cilada -, é verdade! Fomos nós que entrámos naquele corredor! Mas, se entrámos, foi porque nos enganámos ou, melhor, porque nos enganou um dos criados da estalagem...

- Deveras? - perguntou ironicamente o Sr. Yanar.

- Com certeza! Indicaram-nos o quarto desta senhora como sendo o nosso...

- Vá dizer isso a outros! - disse o juiz.

- Apanhados todos! - murmurou Bruno. - O tio, o sobrinho e meu amo.

O facto é que o Sr. Kéraban, apesar do seu habitual aplomb, sentia-se absolutamente confundido, e muito mais se sentiu quando o juiz ordenou:

- Levem-nos para a prisão!

- Sim, para a prisão - repetiu o Sr. Yanar.

E todos os viajantes e todos os criados da estalagem

bradaram:

- Para a prisão! Para a prisão!

Scarpante, escusado será dizê-lo, estava satisfeitíssimo com o resultado da sua astúcia. Presos Kéraban, Van Mitten e Ahmet, a viagem seria interrompida, retardado o casamento. Mas a prisão representava mais alguma coisa, essa deveras importante: a separação de Anasia e de Ahmet, a possibilidade de operar em melhores condições e empreender de novo a tentativa que o capitão não pudera realizar.

Ahmet, pensando nas consequências desta aventura, lembrando-se de que o iam separar de Anasia, não foi senhor de um movimento de mau humor contra o tio. Não fora o Sr. Kéraban quem, por uma nova teima, os fizera cair naquele laço?

104

Não lhes pedira, não os proibira positivamente de acariciarem a cabra, para pregar uma peça ao juiz, que afinal lha pregara a eles? Quem, senão o Sr. Kéraban, era o culpado único de eles serem vítimas de uma ridícula cilada e de se verem ameaçados, pelo menos, de alguns dias de prisão?

O Sr. Kéraban também não estava nada contente. Dominava-o uma raiva surda, lembrando-se dos poucos dias que lhe restavam para terminar a viagem se quisesse chegar a Escutári no prazo marcado.

Por causa de uma casmurrice sua, tão absurda como inútil, estava seu sobrinho arriscado a perder uma grande herança! Quanto a Van Mitten, olhava à direita e à esquerda, firmando-se, ora numa ora noutra perna, muito atrapalhado da sua vida, ousando apenas levantar os olhos para Bruno.

Este parecia repetir a Van Mitten estas palavras de mau agouro:

"Não o prevenira eu, meu senhor, de que tarde ou cedo nos aconteceria alguma desgraça?"

E, voltando-se para Kéraban, dirigiu-lhe este simples remoque, realmente bem merecido:

- Aí tem o resultado de nos ter proibido que passássemos a mão sobre o pêlo da cabra!

Pela primeira vez na sua vida, o Sr. Kéraban não soube que responder.

Entretanto, os gritos: "Para a prisão! Para a prisão!" ressoavam com mais energia.

Scarpante, como é natural, gritava mais que ninguém.

- Sim! Para a prisão! Levem já para a prisão estes malfeitores - clamava também o vingativo Yanar, disposto a prestar à autoridade o auxílio do seu braço, se tanto fosse preciso. - Para a prisão todos três!

- Sim, todos três... a menos que um deles não se acuse! - acrescentou a nobre Saraboul, que não queria que dois inocentes pagassem por um criminoso.

105

- É de toda a equidade - concordou o juiz. - Que o criminoso se acuse! Qual dos três ousou tentar introduzir-se no quarto desta nobre senhora?

Houve um momento de indecisão no espírito dos três acusados.

O Sr. Kéraban pediu licença ao juiz para conferenciar com os seus companheiros, o que lhe foi concedido. Depois, chamando de parte Ahmet e Van Mitten, e num tom que não admitia réplica:

- Meus amigos - ponderou-lhes -, só há uma coisa a fazer: é necessário que um de nós tome sobre si toda a responsabilidade desta aventura, que nada tem de grave!

Aqui, o holandês começou, como por um pressentimento, a prestar a maior atenção.

- Sim - continuou Kéraban -, resta apenas saber quem... Neste ponto creio não poder haver dúvidas... A presença de Ahmet, num limitado prazo, é necessária em Escutári para a celebração do seu casamento!

- Decerto, meu tio - concordou Ahmet.

- A minha também, uma vez que tenho de assistir à cerimónia na qualidade de tutor.

- Hem? - fez Van Mitten.

- Portanto, amigo Van Mitten, não há objecção possível! Tudo confiamos da sua abnegação!

- Da minha! Hem? O quê?

- É necessário que se acuse! O que arrisca afinal? Alguns dias de prisão? Bagatela! Nós saberemos dar-lhe a liberdade.

- Mas... - objectou Van Mitten, a quem parecia que estavam dispondo da sua pessoa com muita sem-cerimónia.

- Meu caro Sr. Van Mitten, bem vê que não há outra solução! É indispensável o seu sacrifício! Em nome de Anasia lhe peço que nos salve! Quererá que ela perca uma herança, que é o seu futuro, por não podermos estar em Escutári num determinado dia?

106

- Sr. Van Mitten! - suplicou Anasia, que ouvira as palavras de Kéraban e de Ahmet.

- O quê, pois querem? - balbuciou Van Mitten.

- Hum! - murmurou Bruno, que compreendia mais ou menos o que se estava passando. - Lá vai meu amo cair em mais alguma asneira...

- Sr. Van Mitten! - insistiu Ahmet.

- Então! - tornou Kéraban, apertando-lhe a mão.

Os gritos: "Para a prisão! Para a prisão!" repetiam-se furiosos.

O desgraçado holandês não sabia que fazer. Ora dizia que sim, com a cabeça, ora dizia que não.

No momento em que os criados da estalagem avançaram para os três, na intenção de os prender:

- Parem! - mandou Van Mitten, num tom de voz onde faltava absolutamente a convicção. - Parem! Creio que fui eu...

- Que dizia eu? - murmurou Bruno.

"Caldo entornado!", pensou Scarpante, não podendo conter um movimento de despeito.

- O senhor? - perguntou o juiz ao holandês.
- Eu! Sim! Eu!...
- Obrigado, Sr. Van Mitten! - segredou Anasia ao ouvido do honrado holandês.
- Muito bem, senhor! - ajuntou Nedjeb.
Durante este tempo, que fazia a nobre Saraboul?
Esta inteligente mulher observava, não sem algum interesse, aquele que tivera a audácia de tentar a entrada no seu quarto.
- Foi então o senhor - interrogou o Sr. Yanar -, quem ousou penetrar no quarto desta nobre curda?
- Sim! - admitiu Van Mitten.
- E, contudo, o senhor não tem cara de ladrão!
- Ladrão! Eu! Um negociante! Um holandês de Roterdão! Não. Nunca! - exclamou Van Mitten, não podendo calar a sua indignação de homem honrado.

107

- Mas, nesse caso... - observou Yanar.
- Então - interveio a nobre Saraboul -, então foi a minha honra que ousou atacar...
- A honra de uma curda! - bradou o Sr. Yanar, levando a mão ao iatagã.
"E não é feio este holandês! - dizia para consigo a nobre Saraboul, mirando e remirando o infeliz Van Mitten.
- Pois bem! Todo o seu sangue será pouco para lavar semelhante afronta! - trovejou o Sr. Yanar.
- Meu irmão, meu irmão...
- Se não se prontifica a reparar a ofensa...
- Hem? - disse Ahmet.
- Há-de casar com minha irmã, senão...
- Por Alá! - murmurou Kéraban - mais uma complicação!
- Casar? Eu! Casar? - repetia Van Mitten, erguendo os braços ao céu.
- Recusa? - inquiriu o Sr. Yanar.
- Sim, recuso! Recuso! Eu sou...
Van Mitten não teve tempo de acabar a frase. O Sr. Kéraban, pegando-lhe no braço, recomendou-lhe baixo:
- Nem mais uma palavra! Consinta! Nada de hesitações.
- Consentir? Mas se eu sou casado! Eu, um Van Mitten, bígamo!
- Ora! Na Turquia! Bígamo, trígamo, quadrígamo! Tudo isso é permitido! Diga que sim!
- Mas!...
- Case, Van Mitten, case! Casando nem uma hora terá de prisão. Continuaremos a viagem todos juntos! Uma vez chegados a Escutári, acabou-se o casamento e dá as boas-noites à nova Sr.a Van Mitten.
- O amigo Kéraban está a pedir-me uma coisa impossível...
- Se não se casa, tudo está perdido...

108

Neste momento, o Sr. Yanar travou do braço direito do pobre holandês.

- Tem de casar com minha irmã, ouviu?

- Tem de casar! - reforçou a nobre Saraboul, agarrando-se ao braço esquerdo de Van Mitten.

- Uma vez que tenho de casar...

- Quê! - murmurou Bruno ao ouvido do amo. - O senhor vai casar?

- Se não tenho outro remédio - balbuciou o holandês, com voz que mal se distinguia.

- Vamos! Endireite-se! - ordenou Yanar, dando-lhe um safanão no braço direito.

- Firme! - acrescentou sua irmã, dando-lhe outro no braço esquerdo.

- Como deve ser o cunhado...

- E o marido de uma curda.

A situação de Van Mitten não se descreve.

- Uma curda! Um cidadão de Roterdão casar com uma curda! - repetia ele em voz baixa a Kéran.

- Ora deixe-se disso! Casamento para rir! - volveu-lhe em segredo o Sr. Kéran.

- Estas coisas nunca são para rir! - afirmou Van Mitten, com uma voz tão lastimosamente cómica que os seus companheiros tiveram grande dificuldade em não desatar às gargalhadas.

Nedjeb, mostrando a Anasia a figura espaventosa da nobre curda, disse-lhe baixinho:

- Ou me engano muito, ou está ali uma noiva que andava em busca de um marido!

- Pobre Sr. Van Mitten! - lastimou Anasia.

- Antes oito meses de cadeia que oito dias casado com aquela senhora! - murmurou Bruno.

O Sr. Yanar, voltando-se para quantos estavam no pátio, anunciou:

- Amanhã celebraremos em Trebizonda, com grande pompa,

os esponsais do Sr. Van Mitten e da nobre Saraboul!

A esta palavra - esponsais - o Sr. Kéran e os seus companheiros, e principalmente Van Mitten, pensaram logo que esta aventura seria menos grave do que a princípio lhes parecera.

Mas é necessário observar que, segundo os costumes do Curdistão, os esponsais é que tornam indissolúveis os laços do matrimónio. Esta cerimónia é comparável ao casamento civil nalguns povos europeus, e a que se segue ao casamento religioso, pelo qual se completa a união dos esposos. No Curdistão, depois dos esponsais, o marido não é senão um noivo, mas um noivo absolutamente ligado àquela que ele escolheu, ou por quem foi escolhido, como no caso presente.

Foi isto devidamente bem explicado a Van Mitten pelo Sr. Yanar, ao terminar com estas palavras:

- Amanhã, noivo em Trebizonda!

- E marido em Mossul! - ajuntou ternamente a nobre curda.

Scarpante, que neste momento saía da estalagem, cuja porta

fora aberta por ordem do juiz, pronunciava estas palavras, cheias de ameaças para o futuro:

"Falhou a astúcia, empregaremos a força!"

Depois desapareceu, sem que dessem pela sua desapareição, nem o Sr. Kéran nem nenhum dos seus companheiros.

- Pobre Sr. Van Mitten! - repetia Ahmet, vendo a cara aflitadamente cómica do holandês.

- Qual! - contestou Kéran. - O que devemos é rir! Os esponsais anulam-se! Para isso bastam dez dias! Nem vale a pena falar em semelhante coisa!

- Sim, não direi o contrário. Mas ser dez dias noivo daquela imperiosa curda... Pobre Sr. Van Mitten, repito.

Cinco minutos depois o pátio da estalagem estava completamente deserto.

110

Cada um retirava-se para os seus quartos.

Quanto a Van Mitten, ia ser guardado à vista pelo seu terrível cunhado!

Dali a pouco reinava completo silêncio no teatro daquela tragicomédia, de cujo desenlace fora vítima o infeliz holandês.

CAPÍTULO IX

No qual Van Mitten, desposando a nobre Saraboul, tem a honra de ficar sendo cunhado do Sr. Yanar

É uma cidade, que data do ano do mundo 4790, que deve a sua fundação aos habitantes de uma colónia milesiana, que foi conquistada por Mitridates, que caiu em poder de Pompeu, que sofreu o domínio dos Persas e dos Citas, que foi cristã no tempo de Constantino, o Grande, que foi libertada por Belisário e enriquecida por Justiniano, que pertenceu aos Comnenes, de que Napoleão se dizia descendente, e depois ao sultão Maomet II, no meado do século xv, época em que desapareceu o império de Trebizonda, depois de duzentos e cinquenta e seis anos de existência - uma tal cidade, hão-de convir, tem incontestável direito a figurar na história do Mundo. Não deve, portanto, causar admiração que, durante toda a primeira parte desta viagem, Van Mitten se regozijasse com a ideia de visitar uma tão famosa cidade, escolhida pelos romances da cavalaria para teatro de maravilhosas aventuras.

Mas, quando Van Mitten sentia o regozijo na alma, ao lembrar-se da encantadora Trebizonda, não tinha cuidados, não havia nuvens no horizonte da sua vida. Bons tempos! Seguir o seu amigo Kéran, contornando o antigo Ponto Euxino, eis em que se cifravam os seus cuidados. Mas, agora, as coisas tinham mudado muito de figura. Era noivo-provisório ao que parecia - mas, em todo o caso, era noivo da nobre curda, a quem por modo algum podia escapar-se. Este simples facto azedava-o a ponto

de ele reconhecer que não poderia de modo algum apreciar os esplendores históricos de Trebizonda.

Foi a 17 de Setembro, pelas nove horas da manhã, duas horas depois de terem deixado a estalagem de Rissar, que o Sr. Kéran e os seus companheiros, o Sr. Yanar, sua irmã e os criados, fizeram uma soberba entrada na capital do pachalik moderno, construído no meio de um campo alpestre, com vales, montes, cursos de água caprichosos - paisagem que lembra alguns aspectos da Europa Central. Dir-se-iam bocados da Suíça e do Tirol transportados para aquela zona do litoral do mar Negro.

Trebizonda, situada a trezentos e vinte e cinco quilómetros de Erzerum, esta importante capital da Arménia, está hoje em comunicação directa com a Pérsia, por meio de uma estrada que o Governo turco abriu por Gumuch, Kané, Baibourt e Erzerum - o que lhe restituirá talvez um pouco do seu antigo valor comercial.

Trebizonda pode considerar-se dividida em duas cidades, dispostas em anfiteatro sobre uma colina. Uma, a cidade turca, rodeada de muralhas flanqueadas por grossas torres, defendida outrora pelo seu velho castelo, não tem menos de quarenta mesquitas, cujos minaretes emergem de maciços de laranjeiras, de oliveiras e de outras árvores de aspecto encantador.

A outra é a cidade cristã, a mais comercial, onde se encontra o grande bazar, ricamente sortido de tapetes e estofos, de jóias, armas, moedas antigas, pedras preciosas, etc. Quanto ao porto, o seu serviço é feito por uma linha hebdomadária de vapores, que põe Trebizonda em comunicação directa com os principais pontos do mar Negro.

Nesta cidade, agita-se ou vegeta - segundo os diferentes elementos de que se compõe - uma população de quarenta mil habitantes, turcos, persas, cristãos do rito romano e latino,

gregos ortodoxos, curdos e europeus. Mas neste dia a população estava mais que quintuplicada, pela concorrência dos fiéis, vindos de todos os pontos da Ásia Menor, para assistirem às sumptuosas festas que deviam celebrar-se em honra de Maomet.

Era tanta gente que a pequena caravana teve alguma dificuldade para encontrar onde alojar-se convenientemente durante vinte e quatro horas, porque a intenção formal do Sr. Kéran era não se demorar nem mais um minuto em Trebizonda. E tinha razão: para chegar a Escutári no prazo marcado não podia perder tempo algum.

Foi num hotel franco-italiano, no meio de um verdadeiro bairro de hospedarias, estalagens e albergues, na parte mais comercial da cidade, e por conseguinte fora da cidade turca, que o Sr. Kéran e os que o acompanhavam conseguiram encontrar quartos. Deve, porém, dizer-se que o hotel era excelente e que o Sr. Kéran não teve ensejo de zangar-se, ao menos com os criados.

Mas, enquanto o Sr. Kéran e os seus, chegados a este ponto

da viagem, julgavam ter acabado, senão as fadigas, ao menos, perigos, uma cilada se tramava contra eles na cidade turca, onde residia o inimigo que mais tinham a temer.

Ao palácio do Sr. Saffar, construído sobre os primeiros contrafortes do monte de Bostepéh, cujos declives descem docemente para o mar, chegara uma hora antes o intendente Scarpante, depois de ter deixado a estalagem de Rissar.

Esperavam-no o Sr. Saffar e o capitão Yarhud. Scarpante contou-lhes o que se passara na noite antecedente: como Kéran e Ahmet tinham sido salvos de ser presos pela estúpida abnegação de Van Mitten, e como portanto falhara o plano de eles terem de separar-se de Anasia. Nesta conferência de três homens, movidos por um único interesse, tomaram-se resoluções que ameaçavam directamente os viajantes, no percurso das duzentas e cinquenta léguas que medeiavam entre Trebizonda e Escutári.

115

Qual fosse este projecto, o futuro o fará conhecer, mas pode dizer-se que naquele mesmo dia se principiou a dar-lhe execução. Com efeito, o Sr. Saffar e Yarhud, dando-se-lhes pouco das festas que iam celebrar-se, abandonaram Trebizonda e tomaram a este o caminho de Anatólia, que conduz à embocadura do Bósforo.

Scarpante conservou-se na cidade. Não sendo conhecido do Sr. Kéran, nem de Ahmet, nem das duas viajantes, podia operar com toda a liberdade. Era ele quem devia naquele drama representar o importante papel de fazer substituir a astúcia pela força.

Pôs-se em acção, misturando-se na massa do povo que percorria a Praça de Giaour-Meidan, onde ficava o hotel de Kéran. Este e o sobrinho não o tinham visto senão um instante, e quase às escuras, no pátio da estalagem. Decerto nenhum deles o poderia reconhecer. Tratou, portanto, de lhes espiar os passos, não deixando de os vigiar um só instante.

Foi assim que viu Ahmet, pouco tempo depois da sua chegada a Trebizonda, dirigir-se para o porto, através das miseráveis ruas que ali vão desembocar.

Um barqueiro indicou a Ahmet onde era a estação telegráfica, e Scarpante conseguiu saber que o noivo de Anasia expediu um extenso telegrama para o banqueiro Selim, em Odessa.

"Bah! - pensou ele - eis um telegrama que nunca chegará ao destinatário. Selim foi mortalmente ferido por uma bala que lhe enviou Yarhud, e não é decerto com este banqueiro que temos de inquietar-nos!"

Expedido o despacho, Ahmet voltou ao hotel. Aí encontrou Anasia em companhia de Nedjeb. Foi grande a satisfação da filha de Selim ao saber que em poucas horas seu pai saberia finalmente notícias suas.

- Uma carta levaria muito tempo a chegar a Odessa - explicou Ahmet -, depois receio sempre...

116

Ahmet interrompeu-se.

- Receios de quê, meu caro Ahmet? Que quer dizer com isso? - perguntou Anasia, um pouco surpreendida.

- Nada, querida Anasia, nada! Referia-me ao receio de a carta não chegar a tempo... O receio de que o meu futuro sogro não estivesse em Escutári no prazo marcado para a celebração do nosso casamento...

A verdade é que Ahmet, temendo sempre novas tentativas de rapto, no caso em que os cúmplices de Yarhud tivessem sido informados do que se passara depois do naufrágio da Guidara, dizia ao banqueiro Selim que o perigo não desaparecera talvez de todo, mas não querendo inquietar Anasia, durante o resto da viagem, nunca lhe participara as suas apreensões - apreensões vagas, muito vagas, cuja única base eram pressentimentos.

Anasia agradeceu a Ahmet o cuidado de tranquilizar seu pai, servindo-se do telégrafo, o que, a ser sabido, lhe merecia as mais ásperas censuras do Sr. Kéran.

E, no entanto, que fazia Van Mitten?

O amigo Van Mitten preparava-se um pouco contra vontade, seja dito, para ser o feliz noivo da nobre Saraboul e cunhado do Sr. Yanar!

Como poderia ele ter resistido? Por um lado, Kéran repetia-lhe que era necessário continuar os sacrifícios até ao fim, ou que o juiz os enviaria a todos três para a prisão, o que comprometeria irreparavelmente o futuro de Anasia, que aquele casamento, se era válido na Turquia, onde se admite a poligamia, seria radicalmente nulo na Holanda, onde Van Mitten era casado. Portanto, ele, Van Mitten, podia, conforme mais lhe agradasse, ser monógamo na sua terra ou bígamo no reino do Padixá. Mas, sobre este ponto, a escolha de Van Mitten já estava feita: ele preferia não ser bígamo em parte nenhuma.

Por outro lado havia um irmão e uma irmã incapazes de abandonarem a presa. Não era, pois, prudente contrariá-los,

e não só não era prudente, como até avia sérios perigos. Com o Sr. Yanar não se brincava.

De modo que Van Mitten, considerando inútil e até prejudicial qualquer resistência, deixara-se ir à tona dos acontecimentos.

Felizmente, o Sr. Kéran obtivera esta concessão: antes da celebração do casamento em Mossul, o Sr. Yanar e sua irmã acompanhá-los-iam até Escutári, onde assistiriam à união de Anasia e Ahmet. Só dois ou três dias depois é que a noiva curda, acompanhada do noivo holandês, partiria para o país dos seus nobres antepassados.

Devemos dizer que Bruno, pensando que seu amo não tinha senão o que merecia pela sua incrível fraqueza, nem por isso deixava de o lastimar, vendo-o presa daquela terrível mulher. Mas também não devemos ocultar que, ao ver Van Mitten, na ocasião em que os desposórios iam celebrar-se, vestido à moda curda, não pôde ser senhor do mais violento ataque de riso de

que um holandês é susceptível. Quanto a Kéraban, Ahmet e as duas viajantes, calcule-se com que dificuldade sufocaram o riso ao verem a nova toilette do seu companheiro de viagem.

- O quê? - exclamou Kéraban. - Pois será realmente o meu amigo Van Mitten que estou vendo, vestido à moda oriental?

- Sou eu, amigo Kéraban, sou eu!

- De curdo?

- De curdo!

- E o caso é que não lhe vai mal! Digo-lhe então mais - vai-lhe até muito bem! Estou certo de que, em se habituando a esses fatos, nunca mais quer outros...

- Bondades suas, amigo Kéraban!...

- Vamos, Van Mitten, deixe esse ar pesaroso! Imagine que é hoje dia de Entrudo e que está mascarado para um casamento de Carnaval!

- Não é o estar mascarado que me dá cuidado...

- Então o que é?

118

- CaSamento!

- Casamento provisório, amigo Van Mitten - continuou Kéraban -, e madame Saraboul pagará caro as suas fantasias de viúva em extremo consolável! Sim, quando ela souber que estes desposórios a nada o obrigam, uma vez que o amigo Van Mitten já é casado em Roterdão, deve ficar com uma cara... E é bem feito! Não pode permitir-se que uma mulher case com um homem contra vontade dele! Bem basta que possam casar quando eles querem...

A verdade é que todas estas razões levavam o digno holandês a aceitar resignadamente a sua situação.

E, realmente, o melhor era tomar o caso a rir, uma vez que ele era para isso. Depois, resignando-se aos desposórios, não contribuía ele para os interesses e para a felicidade dos seus amigos?

Fosse porém como fosse, o certo é que Van Mitten naquele dia andava numa roda-viva. Decididamente, o Sr. Yanar e sua irmã não gostavam de deixar esfriar... desposórios.

Se é lícito comparar o casamento à forca, diremos que os dois, apenas conseguiram lançar mão do gordo holandês, logo trataram de o enforcar.

Não vá alguém supor por isto que as formalidades usadas no Curdistão foram omitidas. Não! O Sr. Yanar dirigia tudo com especialíssimos cuidados, e nesta grande cidade não faltavam os elementos que deviam dar à cerimónia dos desposórios toda a solenidade possível.

Com efeito, entre a população de Trebizonda há grande número de curdos. E aí, o par Yanar e Saraboul contava amigos e conhecidos. Estes achavam do seu dever acompanhar a sua nobre compatriota nesta ocasião em que ela, pela quarta vez, ia consagrar-se à felicidade de um esposo.

119

Houve, portanto, da parte da noiva, um numeroso acompanhamento, e, da parte do noivo, Kéraban, Ahmet e os seus companheiros. Deve-se compreender que Van Mitten, severamente guardado à vista, nunca pôde ficar a sós com os seus amigos, depois das últimas palavras trocadas na ocasião em que acabava de vestir o traje tradicional dos senhores de Mossul e de Cherezoul.

Um instante só, Bruno pôde aproximar-se do amo e repetiu-lhe com voz sinistra:

- Muito cuidado, muito cuidado, meu senhor! Olhe que o jogo é deveras arriscado.

- Ah! Dizes bem! - respondeu Van Mitten. - Mas que querias tu que eu fizesse? Tudo isto é uma grande asneira, bem sei, mas livra os meus amigos de embaraços! Depois não pode ter consequências graves!

- Hum! - murmurou Bruno, abanando a cabeça. Casar, meu senhor, é casar e...

E como neste momento tivessem chamado o holandês, ninguém saberá nunca como o fiel criado teria acabado esta frase verdadeiramente cominatória!

Era meio-dia quando o Sr. Yanar e outros magníficos e imponentes curdos vieram buscar o noivo para o acompanharem, enquanto durasse a cerimónia.

E então o nó dos desposórios principiou a ser apertado com toda a solenidade. Durante esta operação, a atitude dos esposos foi nobre e digna. Van Mitten conseguiu ocultar uma tal ou qual inquietação que o dominava, a nobre Saraboul mostrou-se altiva por ligar a sua sorte de mulher do Norte da Ásia a um homem do Norte da Europa! E, de facto, que imensa glória. Aliar a Holanda ao Curdistão!

A nobre Saraboul estava soberba com a sua magnífica toilette de noiva - toilette que evidentemente fazia parte da sua bagagem, para o que desse e viesse - excelente precaução, que aquela cerimónia plenamente justificava.

Nada mais esplêndido que o seu mintan de brocado de ouro, cujas mangas e corsage desapareciam sob os mais caprichosos bordados de filigrana! Nada mais rico que o xale, que lhe apertava a cintura, este entari de riscas, alternadas de barras de flores e tufo de musselinas, designados pelo nome de tchembers! Nada mais majestoso que as calças chalzuar, caindo severamente sobre o couro de finas botas de marroquim, bordadas de pérolas! E que imponente o fez afunilado, com uma cercadura de yemenis, de onde se desenvolvia até meio corpo um comprido puskul, enfeitado de rendas! E as jóias, e os mil berloques de ouro, e os brincos, dos quais pendiam pequeninas correntes, sustentando crescentes de ouro, e os alfinetes, os colares, as pulseiras, os anéis, tudo cravejado de mil pedras preciosas - que luxo, que riqueza, que esplendor!

Não! Nunca tão bela noiva fora vista nas ruas de Trebizonda, e, se o fosse, as ruas estariam cobertas com um tapete de púrpura, como outrora, quando nasceu Constantino

Porfirogenete!

Mas se a nobre Saraboul estava deveras imponente, o Sr. Van Mitten apresentava-se magnífico. Kéran não lhe poupou elogios, que não deviam ser irónicos da parte de um velho crente que se conservava fiel ao traje oriental.

Devemos confessar que aquele modo de trajar dava a Van Mitten um ar marcial, altivo, um não sei quê de feroz, bem pouco compatível com o seu temperamento de negociante de Roterdão. E que compatibilidade poderia haver entre o seu temperamento e aquele manto de musselina recamado de bordados, aquelas largas calças de cetim vermelho, que se perdiam nas botas de couro, com esporas, aquele fato aberto cujas mangas se desenrolavam até ao chão, aquele fez ornado de yemenis, aquele puskul, cuja grossura inverosímil indicava a alta categoria que devia ocupar no Curdistão o esposo da nobre Saraboul!

O grande bazar de Trebizonda fornecera tudo aquilo, que feito por medida não ficaria melhor. Além disso, Van Mitten,

121

à imitação do Sr. Yanar, trazia consigo um temível arsenal: punhais damasquinados, com cabo de jade verde e lâmina de duplo gume talhado em dentes de serra, mil instrumentos de destruição com que o pacato holandês não devia achar-se muito à vontade.

Ah! O Curdistão pode sem receio declarar a guerra à Turquia! Não são guerreiros como estes que o Padixá poderá nunca vencer! Pobre Van Mitten, quem lhe diria que um dia se havia de ver assim armado e equipado! Felizmente, como dizia o Sr. Kéran e depois dele Ahmet, e, depois de Ahmet, Anasia e Nedjeb, e, depois desta, todos, com excepção de Bruno, o caso não era senão para rir.

Durante a cerimónia dos desposórios, as coisas passaram-se na melhor ordem possível. Apenas o Sr. Yanar e sua irmã acharam o noivo um pouco frio.

Em Trebizonda não faltavam magistrados que reclamassem a honra de celebrar a cerimónia - tanto mais que a essa honra está ligado certo proveito -, mas o Sr. Yanar escolheu o juiz que comparecera na estalagem de Rissar, cuja sagacidade ele entendeu dever premiar por aquela forma. A este mesmo magistrado foi dada a honrosa comissão de cumprimentar e felicitar os esposos.

Depois da assinatura do contrato, os dois noivos e a comitiva dirigiram-se, através de numerosa aglomeração de povo, a uma mesquita, que fora noutros tempos uma igreja bizantina. Aí ressoavam cânticos curdos, que são mais expressivos, mais melodiosos, mais artísticos, enfim, pela cor e pelo ritmo, que os cânticos turcos ou arménios. Em seguida, o imã recitou uma oração pela qual Van Mitten ficava sendo o noivo da nobre Saraboul - noivo a valer -, como disse o Sr. Kéran à irmã do Sr. Yanar, não sem um pensamento reservado, ao dirigir-lhe as suas sinceras felicitações.

Mais tarde o casamento devia realizar-se no Curdistão, onde novas festas durariam muitas semanas.

Aí Van Mitten devia conformar-se com os costumes curdos, ou, pelo menos, procurar conformar-se.

No Curdistão, quando a esposa chega em frente da casa conjugal, o esposo apresenta-se-lhe inopinadamente, lança-lhe os braços, pega nela às costas e leva-a assim até ao quarto que ela deve ocupar. É uma delicada atenção para com o pudor das noivas, para que não pareça que elas entram gostosamente numa casa estranha. Quando chegasse este feliz momento, Van Mitten não teria remédio senão pegar às costas na nobre Saraboul. Consolava-o a ideia de que esse momento ainda estava longe.

Em Trebizonda, as festas dos desposórios foram muito naturalmente completadas, indo todos assistir às que se celebravam para comemorar a ascensão do Profeta, o eilet-ul-my rady, que se realiza em geral a 20 do mês de Redjeb.

À tarde, no mais vasto palácio da cidade, magnificamente preparado para esse fim, milhares e milhares de fiéis reuniam-se para assistirem à nova cerimónia, que os atraíra a Trebizonda de todos os pontos da Ásia muçulmana.

A nobre Saraboul não podia perder esta ocasião de apresentar o seu noivo em público. Quanto ao Sr. Kéraban, ao seu sobrinho, às duas viajantes e aos criados, onde podiam eles passar melhor algumas horas da noite do que assistindo àquele maravilhoso espectáculo?

Maravilhoso com efeito, e como poderia deixar de o ser naquele país de fadas do Oriente, onde os sonhos parecem transformar-se em realidades?

O que ia ser aquela festa, celebrada em honra do Profeta, seria mais fácil ao pintor representá-la, empregando todas as tintas da paleta, do que ao escritor o descrevê-la, embora para isso empregasse todas as cadências, imagens e estrofes dos maiores poetas do mundo!

"A riqueza está nas Índias - diz um provérbio turco -, o espírito na Europa, e a pompa nos Otomanos."

E foi realmente no meio de uma pompa incomparável que se desenrolaram as peripécias de uma poética alegoria, à qual as mais graciosas filhas da Ásia Menor prestaram o duplo encanto da sua beleza e das suas danças. Servia de base à alegoria esta lenda, imitada da lenda cristã: -Até à morte do Profeta - sucedida no ano décimo da Hégira, seiscentos e sessenta e dois anos depois da era nova - o Paraíso estava fechado a todos os fiéis, adormecidos no vago dos espaços, esperando a sua chegada. Neste dia apareceu ele a cavalo no el-borak, o hipogrifo que o esperava à porta do templo de Jerusalém, depois, o seu túmulo milagroso, deixando a Terra, subia através dos céus e ficava suspenso entre o Zénite e o Nadir, no meio dos esplendores do Paraíso do Islão. Todos se

levantavam então para prestarem homenagem ao Profeta: o período da eterna felicidade prometida aos crentes começava, enfim, e Maomet elevava-se numa apoteose deslumbrante, durante a qual os astros do céu arábico, sob a forma de inumeráveis huris, gritavam em torno da frente resplandecente de Alá!

Numa palavra, esta festa foi como que a realização deste sonho de um dos poetas que melhor sentiram a poesia dos países orientais, quando ele diz a propósito da fisionomia extática dos dervixes, enlevados nas suas danças tão estranhamente rítmicas:

"Que vêm eles nestas visões que os embalam? As florestas de esmeraldas com frutos de rubis, as montanhas de âmbar e de mirra, os quiosques de diamantes e as tendas de pérolas dos paraísos de Maomet!

CAPÍTULO X

Durante o qual os heróis desta festa
não perdem nem uma hora

No dia seguinte, 18 de Setembro, no momento em que o sol começava a dourar com os seus primeiros raios os mais altos minaretes da cidade, uma pequena caravana saía por uma das portas do recinto fortificado e dizia o último adeus à poética Trebizonda.

Esta caravana, em marcha para as margens do Bósforo, seguia os caminhos do litoral sob a direcção de um guia, de quem o Sr. Kériban aceitara os serviços com a melhor vontade.

De facto, este guia devia conhecer perfeitamente esta parte setentrional da Anatólia.

Era um desses rachadores que percorrem as florestas desta parte da Anatólia e da Ásia Menor, onde julgam haver abundância de noqueiras.

Destas árvores rebentam umas excrescências naturais, de notável dureza, cuja madeira, por isso mesmo que se presta a todas as exigências do ofício de entalhador, é particularmente procurada.

Este homem, sabendo que uns estrangeiros iam deixar Trebizonda, dirigindo-se a Escutári, apareceu a oferecer-lhes os seus serviços. Parecia inteligente e dizia-se muito prático nos caminhos, que conhecia a palmo. Depois de responder com grande clareza a todas as perguntas que o Sr. Kériban lhe dirigiu, foi ajustado por um bom preço, que seria dobrado se a caravana chegasse ao seu destino antes de doze dias, prazo fixado há muito para a celebração do casamento de Anasia e Ahmet.

Ahmet, depois de ter interrogado o guia, se bem que não simpatizasse com os seus modos frios e reservados, entendeu que não havia nenhuma razão para que ele lhe não merecesse confiança. De resto, nada mais útil que um homem conhecedor daquelas regiões, por as ter percorrido toda a sua vida, nada mais tranquilizador para viajantes que queriam viajar o mais depressa possível.

Foi aceite o guia, sendo encarregado de dirigir a pequena caravana. Escolheria as terras em que conviria descansar, organizaria o acampamento, sendo necessário, velaria, enfim, pela segurança de todos. Parecia zeloso. Quando prometeram dar-lhe o dobro do preço ajustado se chegasse a Escutári antes de doze dias, respondeu:

- O Sr. Kéraban pode confiar inteiramente no meu zelo, e uma vez que me propõe dobrar o preço do meu serviço se chegarmos antes de doze dias a Escutári, eu nada quero se não chegarmos lá antes desse tempo.

- Por Maomet! Eis um homem que me convém! - exclamou Kéraban, contando o caso ao sobrinho.

- Sim - disse Ahmet -, em todo o caso, meu tio, não esqueçamos que não nos devemos aventurar imprudentemente nestes caminhos da Anatólia!

- Ora! Lá voltas tu aos teus receios...

- Com certeza que volto. Só me julgarei ao abrigo de qualquer perigo em Escutári...

- E casado! - concluiu Kéraban, sorrindo e apertando-lhe a mão. - Pois deixa estar que em doze dias, sou eu que to prometo, Anasia será mulher do mais desconfiado dos sobrinhos...

- E sobrinha do...

- Do melhor dos tios! - concluiu Kéraban, terminando a frase numa imensa gargalhada.

O material da caravana compunha-se de duas talikas, espécie de caleches, muito confortáveis, que podem fechar-se em caso de mau tempo. Cada uma das talikas era puxada por uma parelha. Ahmet considerava-se muito feliz por ter encontrado, ainda que por alto preço, aqueles excelentes veículos, que permitiam terminar a viagem em boas condições.

O Sr. Kéraban, Anasia e Nedjeb iam na primeira talika, na qual Nizib ocupava o lugar da retaguarda. Ao fundo da segunda recolhera-se a nobre Saraboul, ao lado do seu noivo, e em frente de seu irmão. Ao lado deste, Bruno.

Ahmet e o guia acompanhavam as talikas em bons cavalos de sela.

Desconfiando da segurança dos caminhos, os viajantes muniram-se de espingardas e revólveres, não contando as armas que pendiam do cinto do Sr. Yanar e do de sua irmã, e as famosas pistolas do Sr. Kéraban! Ahmet, apesar de o guia lhe ter assegurado não haver que temer pelo caminho, julgou útil precaver-se contra qualquer agressão.

Enfim, duzentas léguas a fazer em doze dias, com estes meios de transporte, ainda mesmo não encontrando mudas, e deixando os cavalos descansar o tempo necessário cada noite, não era coisa que devesse considerar-se difícil.

A não ser que algum acidente imprevisto sobreviesse, a viagem circular devia terminar no tempo marcado.

A região que se estende desde Trebizonda até Sinope é chamada Djanek pelos Turcos. É para lá destas regiões que começa a Anatólia propriamente dita, a antiga Bitínia, um dos

mais vastos pachaliks da Turquia asiática, que compreende a parte oeste da antiga Ásia Menor, tendo Koutaich por capital e Esmirna, Angora, etc, por cidades principais.

127

A pequena caravana, tendo partido de Trebizonda às seis horas da manhã, chegou às nove a Platana, depois de uma marcha de cinco léguas.

Platana é a antiga Hermouassa. Para lá chegar é preciso atravessar uma espécie de vale em que a cevada, o trigo e o milho crescem prodigiosamente e as plantações de tabaco são maravilhosas.

O Sr. Kéraban não pôde esquivar-se a admirar este tabaco, cujas folhas secas, sem nenhum preparo, se tornam de um amarelo-dourado.

É provável que o seu amigo e correspondente Van Mitten tivesse grandes expansões de admiração se lhe fosse permitido admirar outra coisa que não fosse a nobre Saraboul.

Por toda esta parte do país se encontram belas árvores, abetos, pinheiros, faias, comparáveis às mais majestosas de Holstein e de Dinamarca, noqueiras e framboeseiros selvagens. Bruno observou com certo sentimento de inveja que os indígenas deste país, mesmo as crianças, tinham o ventre proeminente, o que lhe pareceu humilhante para um holandês que se via reduzido ao estado de esqueleto.

Ao meio-dia passaram pelo pequeno burgo de Fol, deixando à esquerda as primeiras ondulações dos Alpes Pônticos. Pelos caminhos cruzavam-se, indo ou vindo de Trebizonda, camponeses vestidos com fatos grossos de lã parda, toucados com o fez, ou com bonés de pele de carneiro, acompanhados de suas mulheres, envolvidas em pedaços de fazenda de riscas, realçando sobre as saias de lã vermelha.

Todo o país é ainda um pouco o de Xenofonte, tornado ilustre pela famosa retirada dos Dez Mil. O infeliz Van Mitten é que o atravessava perseguido sempre pelo olhar ameaçador de Yanar e de sua irmã, sem lhe permitirem sequer o direito de consultar o seu guia! Teve de ordenar a Bruno que o consultasse em seu lugar e de tomar algumas notas a correr.

128

A verdade é que Bruno pensava em coisa bem diferente das façanhas do general grego, e por isso, quando partiram de Trebizonda, se esqueceu de fazer notar a seu amo esta colina que domina a costa e do alto da qual os Dez Mil, chegados das províncias macronienses, saudaram com gritos entusiásticos as ondas do mar Negro. Grande esquecimento, imperdoável num servo tão dedicado!

À tarde, depois de uma jornada de perto de umas vinte léguas, a caravana parou e dormiu em Tireboli. Aí serviram-lhes o yaourt, queijo feito de leite azedo por meio de coalho, e que foi muito apreciado pelos viajantes, a quem a

longa jornada tinha aguçado o apetite. Não faltou também ao banquete o carneiro cozinhado de diferentes modos, e desta vez Nizib pôde regalar-se sem temer transgredir a religião muçulmana.

Bruno não pôde fazer trapaça e teve de se contentar com a sua parte.

Na manhã de 19 de Setembro deixaram o pequeno burgo. Na jornada seguinte, passaram Zepa, vendo o seu porto estreito, em que se não podem abrigar mais de três ou quatro navios mercantes, de pequena lotação. Depois, sempre debaixo da direcção do guia, que sem contradição conhecia perfeitamente todos os caminhos, alguns mal traçados sobre longas planícies, chegaram muito tarde a Kérésoum, após uma jornada de vinte e cinco léguas.

Kérésoum ergue-se no sopé de uma colina, numa dupla escarpadura da costa. A antiga Farnaceia, onde os Dez Mil se demoraram dez dias para refazerem as forças, dá-lhe um aspecto em extremo pitoresco, o seu antigo castelo em ruínas, hoje a cavaleiro sobre a ponte.

Aí, o Sr. Kéran teria podido facilmente fazer ampla provisão de tubos de cerejeira para cachimbo, ramo de comércio importante na terra. A cerejeira cobre abundantemente aquela parte do pachalik. Van Mitten, para mostrar a sua erudição,

129

entendeu dever contar à sua noiva este notável facto histórico: foi precisamente de Kérésoum que o procônsul Lúculo enviou para a Europa as primeiras cerejeiras.

Saraboul nunca ouvira falar do célebre gastrónomo, e o interesse que ligou às dissertações eruditas de Van Mitten - devemos confessá-lo - foi em extremo medíocre. Este, sempre sob o domínio da altiva curda, fazia o mais triste papel de curdo que se pode imaginar. E, contudo, Kéran, sem que se soubesse se falava sério ou brincava, não se cansava de o felicitar pela maneira elegante como ele trajava à moda do Curdistão. Bruno, a estes elogios, encolhia os ombros.

- Sim, Van Mitten, sim! - repetia Kéran - vai-lhe tudo perfeitamente - túnica, chalwor, turbante, tudo! Para ser um curdo completo faltam-lhe apenas os altivos bigodes do Sr. Yanar!

- Nunca usei bigode! - afirmou Van Mitten.

- O quê? Não terá bigodes? - exclamou Saraboul.

- Não terá bigodes? - repetiu o Sr. Yanar, desdenhosamente.

- Sim, um bigodito, talvez, nobre Saraboul.

- Pois há-de ter bigodes! - declarou a imperiosa curda. - Eu me encarregarei de lhos fazer crescer!

- Pobre Sr. Van Mitten! - murmurou Anasia, lançando-lhe um olhar de compaixão.

- O que vale é que tudo isto há-de acabar à gargalhada! - disse baixinho Nedjeb, enquanto Bruno abanava a cabeça, como uma ave agoureira.

No dia seguinte, 20 de Setembro, a pequena caravana, muito favorecida pelo tempo, deixava à retaguarda a aldeia de Aptar, depois, pelo meio-dia, Ordu, insignificante terriola. O

caminho seguia pela orla de soberbas florestas, acasteladas sobre colinas, nas quais abundam as essências mais variadas, carvalhos, álamos, plátanos, abrunheiros, oliveiras, zimbros, salgueiros brancos, amoreiras pretas e brancas, noqueiras e sicómoros. A vinha, de extraordinária exuberância vegetal,

130

enrosca-se pelas árvores, trepando até aos últimos ramos. E isto sem falar dos arbustos, espinheiros, pilriteiros, aveleiras, briónias, sabugueiros, nespereiras, nem das plantas mais variadas, aafrão de flores azuis, narcisos amarelos, malvas, cravos, clamatites orientais e tulipas selvagens, sim, até tulipas!, para as quais Van Mitten não podia olhar sem que o instinto do amator acordasse nele, se bem que a vista daquelas plantas fosse antes de natureza a despertar tristes recordações da sua primeira união! Verdade seja que a existência da outra Sr.a Van Mitten era naquela ocasião garantida contra as pretensões matrimoniais da segunda!

E era uma felicidade, eram dez felicidades, o digno holandês ter já uma Sr.a Van Mitten!

O guia dirigiu a caravana, através das ruínas da antiga cidade Polemonium, para Fatisa, terra de importância muito secundária, onde os viajantes dormiram excelentemente toda a noite.

Ahmet, que não cessava de vigiar, não surpreendera até ali nada que o levasse para o campo das suspeitas. Depois de saírem de Trebizonda tinham já percorrido cinquenta e tantas léguas, sem que a sombra de um perigo os ameaçasse. O guia, pouco comunicativo por natureza, dirigiu a caravana com inteligência e solicitude. E, no entanto, Ahmet não podia reprimir a desconfiança que, ao vê-lo, nutrira contra ele.

Por isso conservava-se sempre alerta, vigiando pela segurança de todos.

No dia 21, de madrugada, saíram de Fatisa. Ao meio-dia deixavam à direita o porto de Ounieh e os seus estaleiros em construção. O caminho desenvolvia-se, através de imensas planícies de cânhamos, até às embocaduras de Tcherchenbeb, onde a lenda imaginou uma tribo de amazonas. A tarde encontrou-os para lá do burgo de Terme e a noite foram passá-la a Sansoun, antiga colónia ateniense.

132

Sansoun é um dos mais importantes portos desta parte do mar Negro, se bem que o ancoradouro seja pouco seguro e o porto insuficientemente profundo na embocadura de LEkil-Irmak. No entanto, o comércio é muito activo, estendendo-se até Constantinopla, para onde são exportados enormes carregamentos de melancias. Um velho forte, pitorescamente construído a cavaleiro, não garante o porto nem contra a violência de uma tempestade.

No estado de magreza em que o pobre Bruno se encontrava,

pareceu-lhe que as melancias com que o Sr. Kéraban e os outros viajantes se refrescavam não seriam de natureza a fortificá-lo em extremo, e nem sequer as quis provar. O facto é que o infeliz Bruno cada vez emagrecia mais, e o próprio Sr. Kéraban não teve remédio senão confessá-lo.

- Mas - dizia ele para o consolar - aproximamo-nos do Egipto, Bruno, e, aí chegados, poderás fazer um excelente negócio com a tua própria pessoa...

- Como? - perguntou Bruno.

- Vendendo-te como múmia!

Se Bruno achava ou não graça a estas jogralidades, não o diremos sequer. Como não diremos se ele desejava que acontecesse alguma ao Sr. Kéraban, muito pior que o segundo casamento do seu amo.

"O caso é - disse para consigo - que a este turco não acontece nada de mau, e nós, pobres cristãos, é que vamos sofrendo!"

E, em verdade, o Sr. Kéraban passava maravilhosamente! Nos últimos tempos, vendo a sua empresa quase realizada, até perdera o seu costumado mau humor!

A caravana continuou a jornada, não se demorando em Militsch, nem no Kysil, atravessado em uma ponte de barcas a 22 de Setembro, nem em Gerse, aonde chegaram no dia seguinte ao meio-dia, nem em Tschobanlar, senão o tempo necessário para descansarem um pouco.

No entanto, o Sr. Kéraban teria gostado de visitar, ainda que fosse apenas por algumas horas, Bafira ou Bafra, situada um pouco à retaguarda, onde se faz grande comércio de tabaco, muito conhecido e apreciado no mercado de Constantinopla. Mas para fazer essa visita teriam de percorrer umas dez léguas, e não era prudente alongar uma jornada, já de si muito longa.

A 23, à tarde, a pequena caravana chegou sem novidade a Sinope, na fronteira da Anatólia, propriamente dita.

Ainda um porto importante do Ponto Euxino, Sinope, a antiga Sinope de Estrabão e Políbio. O ancoradouro é excelente. Há no porto estaleiros onde se constroem navios com as excelentes madeiras das montanhas de Aio-António, que a circundam. Sinope possui um castelo. Tem, porém, apenas quinhentas casas, se as houver, e cinco a seis mil habitantes.

Ah! Porque não teria nascido Van Mitten dois ou três mil anos mais cedo? Como ele teria admirado esta célebre cidade, cuja fundação se atribui aos Argonautas e que chegou a ser tão importante que foi chamada a Cartago do Ponto Euxino, quando os seus navios, no tempo dos Romanos, cobriam o mar Negro! Devemos observar que esta cidade chama-se Sinope porque este era o nome de uma filha de Asope e Metone, raptada por Apolo e para ali conduzida. Desta vez, porém, o rapto era praticado pela ninfa, e esta ninfa chamava-se Saraboul! Este paralelo foi feito por Van Mitten, sentindo apertar-se-lhe o coração.

Entre Escutári e Sinope há umas cento e vinte e cinco léguas. Para as percorrer tinha o Sr. Kéraban sete dias. Se lhe não faltava tempo, também lhe não sobrava. Convinha,

portanto, não perder um instante.

A 24, ao nascer do Sol, deixaram Sinope. Às dez horas a pequena caravana chegava a Istifão, ao meio-dia a Abana,

134

e à tarde, depois de uma marcha de quinze léguas, parava em Inebali, cujo porto, muito desabrigado, é batido por todos os ventos e portanto pouco seguro para os navios que ali procurem refúgio.

Ahmet propôs que se descansasse durante duas horas e se viajasse o resto da noite. Doze horas de ganho compensavam bem algum excesso de fadiga.

O Sr. Kéranban aceitou a proposta de seu sobrinho, e ninguém reclamou, nem mesmo Bruno. Pela sua parte, Yanar e Saraboul também tinham pressa de chegar às margens do Bósforo para tomarem o caminho do Curdistão, e Van Mitten não tinha menos pressa de fugir para bem longe de Curdistão, nome que só por si lhe fazia horror.

O guia não fez nenhuma obj ecção e declarou estar pronto a partir logo que quisessem. Quer de noite, quer de dia, costumado a percorrer por instinto as florestas espessas, não achava o menor obstáculo em reconhecer os caminhos que deviam seguir ao longo da costa.

Partiram, pois, às oito horas da noite, alumiados por um belo luar, que a lua cheia, muito brilhante, espalhava a jorros.

Anasia, Nedjeb e o Sr. Kéranban, bem como a nobre Saraboul, Yanar e Van Mitten, estendidos nas caleches, adormeciam ao trote dos cavalos, que seguiam num bom andamento. Assim, nada viram do cabo Kerembé, coberto de aves aquáticas, que enchem o espaço com seus gritos estridentes. Durante a manhã passaram Timolé e seguiram para Kidros, sem que na viagem sucedesse qualquer acidente desagradável, e assim chegaram a Amastra, onde fizeram alto para passarem toda a noite. Tinham todo o direito a gozar algumas horas de repouso, depois de uma marcha de mais de sessenta léguas, andadas em menos de trinta e seis horas.

Talvez que Van Mitten - não nos esqueçamos nunca deste excelente homem -, talvez que Van Mitten, saturado das leituras do seu guia, se tivesse a liberdade de proceder

135

de acordo com os seus desejos e possuísse o dinheiro necessário para a sua realização, não deixasse de explorar o porto de Amastra à busca de algum objecto de que nenhum antiquário ousasse contestar o valor arqueológico.

Ninguém ignora, com efeito, que duzentos e noventa anos antes de Jesus Cristo, a rainha Amástris, mulher de Lisímaco, um dos capitães de Alexandre, a célebre fundadora desta cidade, foi metida num saco de coiro e depois lançada pelos irmãos às mesmas águas do porto que ela fundara. Ora, que

imensa glória para Van Mitten se, seguindo o seu guia, conseguisse pescar aquele famoso saco histórico! Mas, já o dissemos, faltava-lhe tempo e dinheiro, e sem confiar a ninguém, sem excepção da nobre Saraboul, este seu sonho dourado, limitava-se a algumas lamentações de arqueólogo infeliz.

Na manhã do dia seguinte, 26 de Setembro, esta antiga metrópole dos Genoveses, que é hoje apenas uma miserável vila, onde se fabricam brinquedos para crianças, era abandonada pela pequena caravana. Três ou quatro léguas adiante encontraram Bartan, depois Filias, Ozina, e, à noite, Eregli, onde descansaram até de madrugada. E não foi muito, porque os cavalos, não falando nos viajantes, começavam a estar derreados de fadiga pelas exigências de tão longa jornada, quase sem repouso. Mas faltavam apenas quatro dias - 27, 28, 29 e 30 de Setembro. E ainda este último dia devia ser descontado, por terem de o empregar noutra ocupação. Se no dia 30, de madrugada, o Sr. Kéran e os seus companheiros não estivessem nas margens do Bósforo, a situação complicar-se-ia singularmente.

Não havia, pois, um instante a perder, e o Sr. Kéran apressou a partida, que se efectuou ao nascer do Sol.

Eregli é a antiga Heracle, grega de origem. Foi outrora uma vasta capital, cujas muralhas, em ruínas, indicam ainda o seu antigo contorno. O porto, noutros tempos muito importante,

está hoje, como a cidade, por assim dizer abandonado. Depois dos Romanos, depois dos Gregos, depois dos Genoveses, Eregli devia cair sob o domínio de Maomet II e, de cidade esplendorosa, passar a uma simples povoação de seis ou sete mil habitantes, sem comércio, sem indústria, sem movimento algum.

O feliz noivo de Saraboul também teria em Eregli com que satisfazer a sua curiosidade. Não era próximo de Heracle, a península de Aquerúsia, onde se abria, numa caverna mitológica, uma das entradas do Tártaro? Não conta Diodoro da Sicília que foi por esta abertura que Hércules trouxe Cérbero, ao voltar do sombrio reino? Mas Van Mitten reprimiu ainda desta vez os seus desejos no mais fundo do seu coração. E, além disto, o Sr. Yanar, que o estava ali guardando à vista, não seria a imagem fiel de Cérbero? É certo que o nobre curdo não tinha três cabeças, mas uma bastava-lhe, e, quando ele a levantava ferozmente, dir-se-ia que os seus dentes, surgindo sob a espessura brava dos bigodes, iam morder como os do cão trifauce que Plutão tinha preso nos infernos.

A 27 de Setembro, a pequena caravana atravessou Sacaria, chegando à tarde ao cabo Kerpe, onde dezasseis séculos antes fora morto o imperador Aureliano. À noite fizeram alto, e houve conselho para discutirem uma modificação no itinerário, a fim de poderem chegar a Escutári em quarenta e oito horas, isto é, na madrugada do dia 30 de Setembro.

CAPÍTULO XI

No qual o Sr. Kéraban é do aviso do guia,
um pouco contra a opinião de seu sobrinho Ahmet

EFFECTIVAMENTE O guia apresentara uma proposta cuja oportunidade merecia ser tomada em consideração.

Que distância separava ainda os viajantes de Escutári? Umass sessenta léguas. Quanto tempo tinham para as percorrer? Quarenta e oito horas. Era pouco, se não se decidissem a jornadasear de noite.

Pois bem, abandonando a estrada, cujas sinuosidades a alongam sensivelmente, e caminhando no ângulo extremo da Anatólia compreendido entre as margens do mar Negro e as do mar de Mármara, numa palavra, seguindo o caminho mais curto, podiam diminuir o itinerário de uma boa dúzia de léguas.

- É isto, Sr. Kéraban - afirmou o guia, depois de apresentar o seu plano com a frieza que a caracterizava -, o que eu entendo que deve fazer-se. Devo simplesmente acrescentar que me parece não haver outro meio de termos a certeza de chegar a tempo.

- Mas as estradas do litoral não são mais seguras que as do interior? - perguntou Kéraban.

- Tanto no litoral como no interior não há perigo nenhum a recear - assegurou o guia.

- E conhece bem estes caminhos através dos quais nos quer conduzir?

138

- Atravessei-os vinte vezes - acentuou o guia -, quando explorava essas florestas da Anatólia.

- Parece-me que não devemos hesitar - opinou Kéraban. - Vale bem a pena variar de caminho e ganhar doze léguas...

Ahmet escutava, sem dizer palavra.

- Qual é a tua opinião, Ahmet? - perguntou o Sr. Kéraban.

Ahmet não respondeu. Estava prevenido contra o guia, prevenção que, devemos confessá-lo, aumentava à proporção que se aproximavam do termo da viagem.

Com efeito, a frieza reservada deste homem, algumas ausências inexplicáveis, durante as quais se adiantava à caravana, o abandoná-la sempre que deviam fazer alto, sob o pretexto de ir preparar tudo para o descanso, o olhar singular que por vezes fitava em Anasia, a vigilância especial que exercia sobre ele, tudo isto não eram decerto razões para tranquilizar Ahmet. Assim, não perdia de vista o guia, aceite em Trebizonda, sem que se soubesse muito bem quem era, nem de onde vinha. Mas Kéraban não era homem que compartilhasse de semelhantes desconfianças, e seria difícil fazer-lhe admitir como facto real o que afinal não passava de pressentimento.

- Então, Ahmet? - perguntou Kéraban. - Antes de tomar uma resolução sobre a proposta do guia, espero a tua resposta. Que pensas tu deste itinerário?

- Penso, meu tio, que até aqui nos temos dado bem seguindo as margens do mar Negro e que me parece imprudência o abandoná-las...

- Mas, porquê, Ahmet? Se o nosso guia conhece perfeitamente os caminhos do interior? E nota que é uma importante economia de tempo!

- Com boas mudas, não nos faltará tempo...

- Tu, Ahmet, falas assim porque Anasia nos acompanha! - exclamou Kéran. - Estivesse ela em Escutári e nós veríamos se era essa a tua opinião.

139

- É possível, meu tio!

- Pois bem, eu, que considero como meus os teus interesses, entendo que quanto mais depressa chegarmos, melhor! Estamos à mercê de uma demora qualquer, de um atraso imprevisto... Portanto, uma vez que mudando de itinerário podemos ganhar doze léguas, não há que hesitar!

- Pois sim - condescendeu Ahmet. - Uma vez que assim o quer, não discutirei...

- Não é uma vez que assim o quero... Confessa que não sabes o que hás-de responder-me em contrário, que te faltam argumentos...

Ahmet não respondeu. Em todo o caso, o guia pôde convencer-se de que o noivo de Anasia não via com bons olhos a modificação do itinerário por ele proposta. Os olhares dos dois cruzaram-se um instante, mas esse rápido instante foi o suficiente para se apalparem, como se diz vulgarmente. Ahmet resolveu redobrar de vigilância. Para ele o guia era um inimigo, esperando apenas a ocasião de o atacar traiçoeiramente.

Demais, a determinação de encurtar a viagem não podia senão agradar a viajantes que, desde Trebizonda, quase não descansavam. Van Mitten e Bruno tinham pressa de chegar a Escutári, para liquidarem aquela situação falsa, o Sr. Yanar e a nobre Saraboul para daí seguirem para o Curdistão com o seu cunhado e noivo nalgum dos paquetes do litoral, Anasia para, enfim, se unir a Ahmet, Nedjeb para assistir às festas do casamento!

A proposta fora portanto bem acolhida. Resolveram descansar durante essa noite de 27 a 28 de Setembro, para no dia seguinte fazerem longa jornada.

Contudo, havia algumas precauções a tomar, que foram indicadas pelo guia. Era necessário, com efeito, munirem-se de provisões para vinte e quatro horas, porque na região que iam atravessar não as havia. Felizmente, encontraram, no cabo Kerpe, tudo de que precisavam, pagando por bom preço,

140

seja dito. Para carregar com as provisões compraram um burro, animal pelo qual o Sr. Kéran tinha um verdadeiro fraco -

simpatia de cabeçudo por cabeçudo, sem dúvida.

Era um animal pequeno, mas vigoroso, podendo carregar a carga de um cavalo - noventa oks, mais de cem quilogramas, um desses burros como se encontram aos milhares nestas regiões da Anatólia, empregados no transporte de cereais para diferentes portos da costa.

Este vivo e esperto burrico tinha as ventas fendidas artificialmente, o que lhe permitia desembaraçar-se com mais facilidade das moscas que se lhe introduziam no nariz. Isto dava-lhe um ar satisfeito, uma espécie de fisionomia alegre, que lhe mereceu a alcunha de «burro que ri!» Bem diferente destes pobres animais de que fala Teófilo Gautier - "lamentáveis bestas de orelha murcha, espinha magra e sangrenta", devia provavelmente ser tão cabeçudo como o Sr. Kéraban. Bruno dizia que o burro encontrara finalmente quem, de direito, devia ser o seu senhor.

Quanto às provisões, consistiam em carneiro e bousghoul, uma espécie de pão fabricado com trigo candial, seco ao forno, e manteiga. Transportava-as um pequeno carro de duas rodas, a que o burro foi atrelado.

No dia seguinte, 28 de Setembro, um pouco antes de nascer o Sol, estavam todos a pé. Os cavalos foram atrelados às talikas, onde cada um foi ocupar o seu lugar. Ahmet e o guia, a cavalo, tomaram a frente da caravana, e começou a marcha.

Uma hora depois, a vasta extensão do mar Negro desaparecia por detrás das últimas penedias. Em frente dos viajantes desenvolvia-se uma região ligeiramente acidentada.

O dia passou sem que os viajantes sentissem grande fadiga, se bem que a viabilidade das estradas deixasse muito a desejar

- o que permitiu ao Sr. Kéraban recomeçar a ladainha das suas lamentações contra a incúria das autoridades otomanas.

- Bem se vê que nos aproximamos da moderna Constantinopla! - repetia ele a cada momento.

- As estradas do Curdistão estão muito melhores! - observou o Sr. Yanar.

- Estão - confirmou Kéraban. - Sob esse ponto de vista não terá o meu amigo Van Mitten saudades da sua Holanda!

- Debaixo de nenhum ponto de vista! - replicou, picada, a nobre Saraboul, cujo carácter impetuoso apenas esperava ocasião para se revelar em todo o seu esplendor.

Van Mitten teria de boa vontade dado ao diabo o seu amigo Kéraban, que parecia apostado a fazê-lo desesperar. Mas, em suma, lembrando-se de que, antes de quarenta e oito horas, recuperaria a sua plena liberdade, não respondeu palavra às graças do Sr. Kéraban.

À noite a caravana parou próximo de uma miserável terriola, com algumas dúzias de barracas, boas, quando muito, para abrigarem bestas de carga. Uma população pobríssima, de alguns centos de pessoas, vegetava ali, alimentada a carne de má qualidade e pão onde havia mais sêmea do que farinha. Um cheiro nauseabundo impregnava a atmosfera: era o cheiro do

tezek, combustível artificial feito de bosta e de lama, único empregado naqueles campos. Algumas vezes esta massa, bastante resistente, serve para a construção das paredes daquelas miseráveis choupanas.

Felizmente, seguindo os conselhos do guia, levavam víveres em abundância. Naquela pobríssima aldeola nada teriam encontrado. Os seus habitantes, longe de poderem dar alguma coisa, aceitariam reconhecidos qualquer esmola que lhes fizessem.

A noite passou-se sem novidade, debaixo de um telheiro onde havia alguns feixes de palha fresca.

142

Ahmet vigiou com mais cuidado do que nunca, e para isso não lhe faltavam razões.

Com efeito, pelo meio da noite, o guia abandonou a aldeia. Ahmet seguiu-o, sem ser visto, e só entrou no acampamento quando também o guia aí chegava.

Que teria aquele homem ido fazer? Ahmet não o pôde adivinhar. Estava certo de que o guia não comunicara com pessoa alguma. Nenhum ser vivo se aproximara dele! Nenhum grito afastado cortara o tranquilo silêncio da noite! Nenhum sinal, enfim, lhe despertara a atenção!

"Nenhum sinal? - pensava Ahmet, voltando para debaixo do telheiro. - Mas não seria um sinal, um sinal convencional, a fogueira que ele vira um instante no horizonte, a oeste?"

E então um facto, a que ele até aí não ligara importância, se apresentou obstinadamente ao espírito de Ahmet. Lembrava-se perfeitamente de que, enquanto o guia estava de pé, sobre uma elevação de terreno, uma fogueira, uma luz, brilhava ao longe, tendo aparecido e desaparecido três vezes, num curto intervalo de tempo. Depois deixara de a ver.

Naquela ocasião não dera importância ao facto, supondo que seria a fogueira de algum pastor. Mas agora, no silêncio da solidão, sob a impressão particular que dá este torpor, que não é o sono, reflectia, via aquela luz, e, com uma convicção inabalável, iria jurar que era um sinal convencional.

"Sim - disse ele consigo -, este guia atraiçoa-nos! É prosélito de alguma personagem importante!"

Quem seria? Ahmet ignorava-o. Mas pressentia que aquela traição devia estar ligada ao rapto de Anasia. Arrancada às mãos daqueles que a tinham raptado em Odessa, estava ameaçada de novos perigos, que deviam surgir antes de chegarem a Escutári. Pouco faltava, o perigo devia estar muito próximo.

143

Ahmet passou o resto da noite numa inquietação extrema. Que partido tomar, não o sabia! Devia, sem mais demora, desmascarar a traição do guia - para ele esse ponto já não admitia dúvida - ou esperar, para o confundir e castigar, que ele principiasse a dar-lhe execução?

Com o surgir do dia sentiu-se mais tranquilo. Decidiu-se então a esperar. Decerto, esperando reconhecera melhor as intenções do guia. Resolvera nunca mais o perder de vista. Não o deixaria afastar-se nem durante a marcha, nem quando fizessem alto. Além disso, ele e os companheiros estavam bem armados, e, se não corresse perigo a vida de Anasia, não seria Ahmet quem recearia qualquer agressão, fosse feita por quem fosse, viesse de onde viesse.

O sobrinho do Sr. Kéraban conseguira dominar-se completamente. No rosto não se lia nada do que se passava na alma. Nem os seus companheiros, nem Anasia - e os olhos dos noivos vêm fundo -, nem o guia descobriram na fisionomia de Ahmet algo que revelasse a inquietação em que estava.

A única resolução tomada por Ahmet fora a de participar a Kéraban as novas suspeitas que o tinham assaltado, logo que para isso se apresentasse ocasião, estando resolvido, se necessário fosse, a sustentar a mais tempestuosa das discussões com o tio.

No dia seguinte, muito cedo, abandonaram a miserável aldeia. Se não houvesse engano no caminho, nem traição, este dia devia ser o último da viagem empreendida pelo mais cabeçudo dos Osmanlis, para satisfação de um ridículo capricho de amor-próprio. Foi difícil a jornada desse dia. Os cavalos tiveram de fazer os maiores esforços para atravessar aquele terreno montanhoso, que devia pertencer ao sistema orográfico dos Elken. Ahmet não pôde deixar de lamentar que se tivesse aceitado uma modificação no primitivo itinerário. Muitas vezes foi necessário apearem-se para aliviar as talikas. Anasia e Nedjeb revelaram muita energia nesta rude jornada.

144

A nobre curda não se mostrou em nada inferior às suas companheiras.

Sempre que se tratava de mudar de direcção, o guia não hesitava. Evidentemente estava farto de conhecer aqueles caminhos. Conhecia-os a fundo, dizia Kéraban.

Conhecia-os de mais, sustentava Ahmet. Daí os cumprimentos do tio, com os quais o sobrinho não podia concordar, desconfiado como estava sobre as intenções do guia. Devemos, porém, dizer que este, durante o dia, não abandonou os viajantes, caminhando sempre na frente da caravana.

A verdade é que, à parte as dificuldades inerentes ao estado das estradas, às desigualdades do terreno, em muitos pontos arrombado pelas cheias, a jornada fazia-se regularmente. Os cavalos iam puxando com quanta força tinham, mas, como aquela devia ser a última marcha, não lhes faltaria depois tempo para descansar.

Quanto ao burrico, parecia satisfeito puxando a pequena carroça dos víveres. Kéraban cada vez simpatizava mais com o alegre jumento.

- Por Alá! Gosto deste animalzinho! - afirmava ele. - Para fazer rabear as autoridades otomanas sou capaz de entrar em Escutári bifurcado no burrico!

Era decerto uma ideia - uma ideia à Kéraban - que ninguém

discutiu, para que o seu autor a não pusesse em execução.

Pelas nove horas da noite, depois de uma jornada verdadeiramente fatigante, a caravana, por conselho do guia, fez alto, preparando-se para acampar.

- A que distância estamos nós de Escutári? - perguntou Ahmet.

- Umas cinco ou seis léguas - elucidou o guia.

- Então para que paramos? - voltou Ahmet. - Em algumas horas estaremos em Escutári...

- Sr. Ahmet - replicou o guia -, não me arrisco, durante a noite, a atravessar caminhos onde me poderia perder! Amanhã,

145

ao romper da madrugada, continuaremos a nossa jornada e antes do meio-dia chegaremos a Escutári.

- Este homem tem razão - declarou o Sr. Kéraban. - Às vezes a muita pressa deita tudo a perder. Acampemos aqui, meu sobrinho, comamos a nossa última ceia de viajantes, e amanhã iremos saudar as águas do Bósforo.

Todos, excepto Ahmet, foram da opinião do Sr. Kéraban. Dispuseram-se, portanto, a acampar, nas melhores condições possíveis.

Demais, o lugar do acampamento fora bem escolhido pelo guia. Era um desfiladeiro estreito, cavado entre montes, que, naquele ponto da Anatólia Ocidental, não merecem, propriamente falando, senão o nome de colinas. A este desfiladeiro dão o nome de gargantas de Nerissa. Havia aí uma caverna, onde os viajantes podiam abrigar-se durante a noite.

Se o lugar era conveniente para os viajantes fazerem alto, não o era menos para os animais, tão precisados de alimento e de descanso. A algumas centenas de passos para lá da sinuosa garganta estendia-se um prado, onde não faltava nem água nem verdura. Para aí levou Nizib os cavalos e o burrinho, na sua qualidade de tratador de gado, durante a jornada.

Ahmet acompanhou Nizib, a fim de fazer um reconhecimento por aqueles sítios, vendo se desse lado haveria algum perigo a recear.

Não havia. O prado, fechado a oeste por algumas colinas de longas ondulações, estava absolutamente deserto. A noite apresentava-se calma, e a Lua, levantando-se às onze horas, devia em pouco iluminar toda aquela vasta extensão, com luz suficiente para distinguir quaisquer vultos. Algumas estrelas brilhavam entre nuvens muito altas, imóveis e como que adormecidas nas altas zonas do céu. Nem um sopro atravessava a atmosfera, nem um ruído se ouvia no espaço.

146

Ahmet observou com o maior cuidado o horizonte em toda a extensão. Apareceria também naquela noite alguma fogueira, na crista de alguma daquelas colinas Mas nenhuma luz apareceu, nenhum sinal. Nada absolutamente.

Ahmet recomendou a Nizib que velasse com a maior vigilância, voltando em seguida a toda a pressa para as gargantas de Nerissa.

CAPÍTULO XII

No qual se dá conta de um diálogo trocado entre a nobre Saraboul e o seu noivo

QUANDO Ahmet se reuniu aos seus companheiros, as últimas disposições estavam feitas. Cear imediatamente e em seguida dormir. O quarto de dormir, ou melhor, o dormitório, era a caverna, alta, espaçosa, com cantos e recantos onde cada um se poderia alojar bem, e mesmo sem ser incomodado. Para sala de jantar escolheram a parte plana do acampamento, sobre a qual as rochas aluídas e fragmentos de pedra podiam servir de mesas e bancos.

Trouxeram algumas provisões da carreta puxada pelo burrico, que viera fazer companhia aos convivas por convite do Sr. Kéraban. Uma pouca de forragem, da qual tinham feito óptima colheita, assegurava-lhe boa parte no banquete, que ele festejava zurrando alegremente.

- Ceemos, meus amigos! Ceemos - disse o Sr. Kéraban -, comamos e bebamos quanto pudermos, que menos terá este valente animal de carregar até Escutári!

Deste repasto ao ar livre, no campo, e alumiado por uns archotes, foi excluída toda a cerimónia. Cada qual se sentou onde quis, sem distinção entre amos e criados. O Sr. Kéraban sobre uma rocha, verdadeiro lugar de honra, Anasia e Nedjeb sobre umas pedras, ao pé uma da outra, como duas verdadeiras amigas. Junto a essas duas pedras havia uma terceira para Ahmet, que não tardou a ir ocupá-la.

148

Quanto ao Sr. Van Mitten, estava flanqueado à direita pelo inevitável Yanar e à esquerda pela inseparável Saraboul. Os três tinham-se sentado defronte de um enorme fragmento de rocha, a qual os suspiros da noiva comoveriam, se fosse menos dura.

Bruno, cada vez mais magro, tasquinhava e gemia enquanto andava de cá para lá fazendo o serviço.

O Sr. Kéraban, satisfeitíssimo como toda a pessoa que alcança o seu fim, manifestava a sua alegria com bons ditos a propósito da aventura matrimonial do seu amigo Van Mitten, esquecendo que o pobre homem se tinha sacrificado por ele e pelos seus. Mas era o génio dele! E, depois, não estaria ele livre daí a doze horas, não ouvindo mais falar nem no irmão nem na irmã curda! Era esta a desculpa que a si mesmo dava o Sr. Kéraban.

- Hem, Van Mitten! Muito satisfeito, não é assim? - disse

ele, esfregando as mãos. - Nada a desejar! Um cortejo de bons amigos! Uma mulher amável, que o acaso pôs no seu caminho para o fazer feliz!... Alá não poderia favorecê-lo mais, ainda que fosse um dos seus crentes!

O holandês olhou para o seu amigo, alongou um pouco os lábios, mas ficou calado.

- Não diz nada? - exclamou Yanar.

- Digo! Eu falo... falo para dentro!

- Com quem?-perguntou imperiosamente a nobre curda, que lhe agarrou vivamente o braço. - Com quem?

- Consigo, querida Saraboul, consigo! - respondeu sem convicção Van Mitten.

Depois, levantando-se:

- Uf - disse ele.

O Sr. Yanar e sua irmã levantaram-se no mesmo instante, seguindo-o sempre em todas as voltas que ele dava.

- Se quer - sugeriu Saraboul, num tom açucarado,

149

que não permitia contradição-, se é da sua vontade, passaremos algumas horas em Escutári...

- Se for da minha vontade?...

- Pois não o reconheço por meu senhor? - acrescentou ela com modos insinuantes.

- Sim, sim - disse Bruno num sussurro -, seu senhor! Como se é senhor do cão que se nos agarra às goelas!

"Felizmente - pensava Van Mitten -, amanhã... em Escutári... rompimento e abandono... Mas que cena em perspectiva!"

Anasia, que o olhava com um verdadeiro sentimento de dó, não ousando lastimá-lo em voz alta, muitas vezes dizia em segredo a Bruno:

- Pobre Sr. Van Mitten! Aqui está onde o levou a sua dedicação por nós!

- E a sua adulação ao Sr. Kériban! - retorquia Bruno, que não podia perdoar a seu amo uma condescendência que chegava a ser fraqueza.

- Ah! - disse Nedjeb. - Isso prova ao menos que o Sr. Van Mitten tem um coração bom e generoso!

- Muito generoso! - replicou Bruno. - A verdade é que, desde que meu amo aceitou a acompanhar o Sr. Kériban, nesta malfadada viagem, eu previ, e muitas vezes lho disse, que, cedo ou tarde, alguma lhe havia de acontecer! E vejam lá! Noivo! O meu amo noivo daquela endiabrada curda! Isto é que eu nunca previ! A primeira Sr.a Van Mitten era uma pomba comparada com a segunda!

Entretanto, o holandês sentara-se noutra lugar, sempre flanqueado pela noiva e pelo cunhado. Bruno foi perguntar-lhe se queria comer alguma coisa. Mas Van Mitten não tinha apetite.

- Não come, Sr. Van Mitten? - perguntou-lhe Saraboul, fitando-o.

- Não tenho vontade!

- Ora essa! Não tem vontade! - voltou o Sr. Yanar.

- No Curdistão tem-se sempre vontade... mesmo depois de se acabar de comer!

- Ah! No Curdistão? - repetiu Van Mitten, comendo, por obediência, do que lhe ofereciam.

- Não bebe? - notou a nobre Saraboul.

- Beba! - ordenou o Sr. Yanar.

- Não tenho sede!

- No Curdistão tem-se sempre sede... mesmo depois de se beber!

Entretanto, Ahmet continuava a observar o guia, que, sentado a alguma distância dos diferentes grupos, ia também comendo, sem que pudesse dissimular alguns movimentos de impaciência, pelo menos aos olhos de Ahmet. E como não seria assim se Ahmet considerava aquele homem um traidor? Na sua opinião, o guia levava-os para aquela caverna, na esperança de que, estando todos a dormir, não poderiam resistir à agressão premeditada pelo guia, ou por aqueles de quem ele era instrumento.

- Hem, meus amigos, parece-me que comemos bem! - exclamou Kéraban. - Não se pode dizer que não tivéssemos restaurado bem as nossas forças para a última marcha! Não é assim, minha pequena Anasia?

- Sim, senhor. Mas eu sou forte, e se fosse necessário tornarmos a fazer esta viagem...

- Tornavas?

- Para o acompanhar!

- Principalmente se, antes de recomeçarmos, fizesses uma certa paragem em Escutári! - exclamou Kéraban, dando uma sonora gargalhada. - Uma paragem semelhante à do nosso amigo Van Mitten em Trebizonda!

- Ainda por cima manga comigo! - murmurou o infeliz holandês.

No fundo, Van Mitten estava desesperado, mas calava-se com medo de desafiar a nervosa Saraboul.

- Ah! - continuou Kéraban - o casamento de Anasia e de Ahmet não apresentará a pompa dos desposórios do nosso amigo Van Mitten e da nobre Saraboul!

Eu não posso oferecer aos meus sobrinhos uma festa no paraíso de Maomet! Mas alguma coisa há-de fazer-se... Quero que Escutári em peso seja convidada para as bodas e que os meus amigos de Constantinopla venham alegrar os jardins da vila!

- Isso é de mais! - observou Anasia.

- Não é! - afirmou Nedjeb.

- Mas se eu quero que seja assim! - teimou Kéraban. - Quererá porventura contrariar-me a pequena Anasia?

- Oh! Sr. Kéraban!

- Pois bem - continuou Kéraban, levantando o copo -, à saúde dos noivos, que tanto merecem ser felizes!

- Ao Sr. Ahmet! À sua noiva! - repetiram todos, alegremente.

- E à união - ajuntou Kéraban -, sim à... à união do Curdistão e da Holanda!

A esta saúde, feita em voz sonora e num tom alegre, todos os copos se inclinaram para a nobre Saraboul, depois para Van Mitten, que não teve remédio senão curvar-se agradecido, e beber à sua própria felicidade!

Terminara a refeição, muito simples, mas comida com alegria.
- Vamos dormir até de madrugada - disse Kéraban. - Quando forem horas o nosso guia nos acordará.

- Como queira, Sr. Kéraban, mas não seria melhor que eu fosse substituir Nizib, que está de guarda aos cavalos?

- Não - replicou vivamente Ahmet. - Fique. Nizib está bem onde está. Fique! Velaremos juntos.

- Velar? - objectou o guia, mal dissimulando quanto aquelas palavras o contrariavam. - Não há o menor perigo nesta região extrema da Anatólia!

153

- É possível - admitiu Ahmet -, mas o excesso de prudência nunca prejudicou ninguém. Eu me encarrego de substituir Nizib na guarda dos cavalos. Fique!

- Como queira, Sr. Ahmet - respondeu o guia. - O que me parece bom é que arranjem as coisas de modo que os senhores viajantes durmam o melhor possível.

- Pois sim... Arranje... E Bruno que o ajude, se o Sr. Van Mitten dá licença...

- Vai, Bruno, vai... - ordenou o holandês.

O guia e Bruno levaram para a caverna as mantas de viagem, que deviam servir de cobertores. Anasia e Nedjeb, que se não tinham mostrado difíceis de contentar quanto à ceia, decerto procederiam igualmente quanto às camas.

Enquanto se faziam os últimos preparativos, Anasia aproximou-se de Ahmet e, pegando-lhe na mão, perguntou-lhe:

- Então o meu querido Ahmet vai passar toda a noite sem dormir?

- Vou - respondeu Ahmet com naturalidade, para que a sua noiva não pudesse quinhoar das suas apreensões. - Não devo eu velar por todos?

- Enfim! Como é a última noite!

- Sim! A última! Amanhã teremos finalmente acabado com todas as fadigas desta viagem!

- Amanhã!... - repetiu Anasia, levantando os seus formosos olhos para Ahmet, cujo olhar correspondeu ao seu -, um amanhã que tanto tardou em chegar...

- Mas que, uma vez chegado, vai durar para sempre - assegurou Ahmet.

- Para sempre! - repetiu Anasia.

A nobre Saraboul tomara também a mão do noivo e, mostrando-lhe Anasia e Ahmet:

- Olhe para eles, Sr. Van Mitten, olhe para eles - disse ela, suspirando.

- O quê? - voltou o holandês, cujos pensamentos seguiam rumo muito diferente.

- O quê?

- Mas os noivos... não os vê? - insistiu Saraboul, despeitada: Que homem é o senhor...

- Ah! - explicou Van Mitten -, os holandeses! Nós, os holandeses, somos todos assim! A Holanda é um país de diques... Diques por toda a parte!

- No Curdistão não há diques! - redarguiu a nobre Saraboul, ferida por tamanha frieza.

- Não! Não há! - trovejou o Sr. Yanar, sacudindo o braço do cunhado com tanta força que, por um pouco, lho não deslocou.

- Felizmente - disse a meia voz Kéran -, o nosso amigo Van Mitten recuperará amanhã a sua liberdade!

Depois, voltando-se para os companheiros:

- Bem! Os quartos devem estar prontos! Quartos para amigos, onde há lugar para toda a gente! Onze horas! Já vem nascendo a Lua! Vamos dormir!

- Vamos, Nedjeb! - disse Anasia à zíngara.

- Vamos! - obedeceu esta.

- Boa noite, Ahmet!

- Até amanhã - disse Ahmet, conduzindo a noiva até à entrada da caverna.

- Acompanha-me, Sr. Van Mitten? - convidou Saraboul, esforçando-se por adoçar a voz.

- Por certo - respondeu o holandês. - Contudo, se fosse necessário, eu ficaria fazendo companhia ao meu jovem amigo Ahmet.

- O quê? - exclamou a imperiosa curda.

- Que diz ele? - trovejou o Sr. Yanar.

- Digo... digo... minha cara Saraboul, que o meu dever me obriga a velar por...

- Por mim?

- Sem dúvida!

- Vele!... mas ali.

E apontou-lhe a caverna. Ao mesmo tempo, Yanar confidenciava-lhe ao ouvido:

- Há uma coisa de que não deve duvidar, Sr. Van Mitten.

- Que vem a ser?

- É que, desposando minha irmã, desposou um vulcão!

Sob o impulso dado por um braço vigoroso, Van Mitten transpôs a entrada da caverna, onde já estava a sua noiva, seguido imediatamente pelo Sr. Yanar.

No momento em que Kéran seguia para o seu quarto, Ahmet foi ao seu encontro, dizendo-lhe:

- Meu tio, uma palavra!

- Mas uma só, Ahmet! Estou a cair com sono!

- Serei breve, mas ouça-me!

- Estou ouvindo...

- Sabe onde estamos?

- No desfiladeiro das gargantas de Nerissa!
 - A que distância de Escutári?
 - Cinco ou seis léguas, quanto muito...
 - Quem lho disse?
 - O guia...
 - E tem confiança nesse homem?
 - Porque a não hei-de ter?
 - Porque este homem, que eu observo há alguns dias, tem-se tornado altamente suspeito! Conhece-o, meu tio? Não! Em Trebizonda veio oferecer-se para nos conduzir até ao Bósforo! Meu tio aceitou-lhe os serviços, sem mesmo saber quem ele era... Partimos debaixo da sua direcção...
 - Mas, Ahmet, ele demonstrou que conhecia suficientemente estes caminhos da Anatólia...
 - De um modo incontestável, meu tio!
 - O que vejo é que me vens provocar a uma discussão - observou Kéraban, franzindo a testa.
 - Não, meu tio! Creia que não tenho a mínima intenção de lhe ser desagradável! Mas - que quer? - tenho medo por todos aqueles a quem estimo...

156

A comoção de Ahmet, dizendo estas palavras, era tão visível que o tio começou a sentir-se profundamente agitado.
 - Vamos, Ahmet, meu filho, que tens tu? Que significam estes receios à última hora? Quero convir contigo, mas só contigo, que foi uma cabeçada esta viagem insensata! Concordo que, se eu te não tivesse obrigado a deixar Odessa, não se teria realizado o rapto de Anasia! Sim, o culpado único de tudo isto sou eu! Mas, enfim, a viagem está a acabar! O teu casamento está por menos de um dia! Amanhã estaremos em Escutári, e amanhã...
 - E se não estivermos amanhã em Escutári, meu tio? Se estivéssemos muito mais longe do que diz o guia? Tem a certeza de que estamos apenas a cinco ou seis léguas de Escutári? Se esse homem fosse um traidor?
 - Um traidor! - exclamou Kéraban.
 - Sim! E suponha que esse traidor estava ao serviço dos que raptaram Anasia!
 - Por Alá! Meu sobrinho, de onde te veio essa ideia? Que razões tens para supor isso? Simples pressentimento, não?
 - Não, meu tio, factos! Ouça. Há uns poucos de dias que esse homem se separa de nós, sempre que fazemos alto, sob pretexto de ir reconhecer o caminho! E caminha, caminha, não inquieto, mas impaciente, como um homem que não quer ser visto. A noite passada abandonou o acampamento durante uma hora! Segui-o, sem que ele me visse, e afirmo-lhe que num ponto distante do horizonte apareceu uma luz, uma fogueira, que era um sinal convencional...
 - É grave o que dizes - concordou Kéraban. - Mas como ligas tu as maquinações deste homem às circunstâncias que determinaram o rapto de Anasia na Guidara?
 - Mas tio, para onde ia a Guidara? Para o porto de Atina onde naufragou? Não, evidentemente. Não sabemos nós que foi o

temporal que a arremessou para ali?

157

Eu penso que ela seguia para Trebizonda, mercado dos haréns dos nababos da Anatólia! Aí facilmente souberam que a donzela raptada fora salva do naufrágio, trataram, naturalmente, de lhe descobrir a pista, e, uma vez descoberta, mandaram-nos este guia para comprometer a caravana nalguma cilada.

- Sim, Ahmet - admitiu Kéraban. - É muito possível que tenhas razão! Muito possível que um perigo nos ameace! Tu tens velado e por isso mereces todos os meus elogios. Pois bem! Esta noite velarei contigo!

- Não se fatigue inutilmente! O guia passa a noite na caverna por minha ordem! Vá descansar...

- Não!

- Meu tio...

- Não me contraries, Ahmet! Não queiras teimar comigo!

- Bem, meu tio! Velaremos juntos.

- Sim, velaremos sob as armas, e desgraçado daquele que se aproximar do nosso acampamento! - O Sr. Kéraban e Ahmet, passeando de um lado para o outro, olho à espreita e ouvido à escuta, eram dois vigias modelos.

Duas horas se passaram assim. Passou-se mais uma hora. Nada de suspeito. Começaram os dois a julgar que a noite se passaria sem novidade, quando, pelas três horas da manhã, gritos, verdadeiros gritos de terror, se fizeram ouvir.

Kéraban e Ahmet lançaram imediatamente mão das armas, que tinham posto sobre uma rocha. Kéraban, não confiando nas pistolas, armara-se com uma espingarda.

No mesmo instante, Nizib apareceu à entrada do desfiladeiro.

- Ah! meu senhor!

- O que é, Nizib?

- Meu senhor, ali... ali...

- Ali... onde?

158

- Os cavalos!

- Os nossos cavalos?

- Sim!

- Mas fala, estúpido animal! - exclamou Kéraban, sacudindo violentamente o infeliz rapaz. - Os nossos cavalos?

- Roubados!

- Roubados?

- Sim, dois ou três homens entraram no campo onde pastavam e roubaram-nos...

- Roubaram-nos! - gritou Ahmet. - E para onde se dirigiram? Para a estrada? Seguiram para a estrada? - repetiu Ahmet, indicando a posição de oeste.

- Sim, sim!

- É necessário partir já, partir em perseguição desses bandidos! - exclamou o Sr. Kéraban.

- Para quê, meu tio? Não é a pé que se apanha quem vai a cavalo! O que é necessário antes de tudo é prepararmo-nos para a defesa!

- Ah! Meu senhor - preveniu Nizib, a meia voz. - Olhe, olhe... Ali... ali...

E com a mão indicava a aresta de uma alta rocha, que se levantava à esquerda.

CAPÍTULO XIII

No qual, depois de se ter defrontado com o seu burro, o Sr. Kéran se defronta com o seu mais mortal inimigo

O Sr. Kéran e Ahmet olharam na direção indicada por Nizib. O que viram fez com que logo recuassem de maneira a não serem vistos.

Sobre a aresta superior desta rocha arrastava-se um homem, que tentava ganhar o ângulo do lado da caverna, sem dúvida para observar de mais perto as disposições do acampamento. Evidentemente, devia existir um acordo secreto entre este homem e o guia.

A verdade é que Ahmet tinha toda a razão nas suas suspeitas contra o guia. O tio não pôde deixar de o reconhecer. De resto, todos viam que o perigo estava iminente, que uma agressão se preparava na sombra, e que, naquela noite, a pequena caravana, depois de ter caído numa cilada, corria para a sua total destruição.

Num primeiro movimento irrefletido, Kéran meteu a arma à cara, apontando contra o bandido. Mais um segundo, e a bala teria partido e o espião cairia mortalmente ferido. Mas seria então imprudente dar um sinal de alarme.

- Não faça fogo, meu tio! - recomendou Ahmet em voz baixa, desviando a pontaria.

- Mas, Ahmet...

- Não! Nada de tiros, que podem ser um sinal de ataque.

160

Aquele homem devemos apanhá-lo vivo... Precisamos de saber por conta de quem trabalham estes miseráveis.

- Mas como o apanharemos?

- Isso é comigo! - respondeu Ahmet.

E desapareceu pela esquerda, contornando a rocha.

Kéran e Nizib continuavam a observar o espião, que nesse momento ganhara o ângulo extremo da rocha, procurando à brilhante claridade da Lua ver a entrada da caverna.

Meio minuto depois, Ahmet aparecia no plano superior e, arrastando-se com extrema precaução, avançava para o espião, que o não podia ver.

Por desgraça, uma circunstância inesperada ia avisar este

homem do perigo que o ameaçava.

Nesse mesmo momento Anasia deixava a caverna. Dominava-a profunda inquietação, tão profunda que lhe não permitia sossegar. Pressentia um perigo, de que Ahmet devia ser a vítima.

Apenas Kéraban a viu, fez-lhe sinal para que parasse. Mas Anasia não o compreendeu, e, levantando a cabeça, deu com os olhos em Ahmet, que se arrastava para o ângulo extremo da rocha. Não pôde ser senhora de si e deu um grito.

A este grito, o espião, tendo-se voltado rapidamente e vendo Ahmet, lançou-se sobre ele.

Anasia, pregada ao chão pelo terror, teve contudo forças para gritar:

- Ahmet! Ahmet!

O bandido, com um punhal na mão, ia descarregar um golpe sobre o seu adversário... Kéraban meteu a arma à cara e desfechou.

O espião, ferido mortalmente no peito, deixou cair o punhal e rolou pelo declive da rocha...

Um instante depois, Anasia estava nos braços de Ahmet, que conseguira descer, arrastando-se a custo pela escorregadia rocha.

161

Ao ruído da detonação todos os viajantes tinham saído da caverna - todos, excepto o guia.

O Sr. Kéraban, afagando a espingarda, clamava:

- Por Alá! Bem empregado tiro!

- Ainda mais perigos! - resmungou Bruno.

- Não me abandone, Van Mitten! - rogou a enérgica Saraboul, agarrando-se ao braço do noivo.

- Não a abandonará, minha irmã! - assegurou resolutamente o Sr. Yanar.

Entretanto, Ahmet aproximava-se do corpo do espião.

- Este homem está morto - declarou ele -, e vivo é que nos convinha...

Nedjeb aproximara-se do cadáver, e de repente bradou:

- Mas... este homem... é...

Anasia, que também se aproximara, acrescentou imediatamente:

- Sim! É ele! É Yarhud! É o capitão da Guidara.

- Yarhud? - disse Kéraban.

- Ah! Como eu tinha razão! - fez notar Ahmet.

- Sim - confirmou Anasia. - Foi este homem que nos raptou da casa de meu pai.

- Reconhece-o - declarou Ahmet -, também agora o estou reconhecendo. Foi ele quem nos foi procurar à vila, oferecendo-nos os seus estofos e tapeçarias, alguns instantes antes da minha partida! Mas este homem não veio aqui só! Deve fazer parte de alguma quadrilha de malfeitores! E essa quadrilha, para que não possamos continuar a jornada, começou por nos roubar os cavalos!

- Roubaram os cavalos! - exclamou Saraboul.

- Nada disto teria acontecido se tivéssemos ido para o Curdistão! - afirmou o Sr. Yanar.

E o seu olhar, fitando-se em Van Mitten, parecia acusar o infeliz holandês como responsável único de todas aquelas complicações.

162

- Mas, enfim, por conta de quem trabalharia este Yarhud? - perguntou o Sr. Kéraban.

- Se ele estivesse vivo, nós lhe arrancaríamos o segredo de toda esta traição... - disse Ahmet.

- Talvez ele traga consigo algum papel... - lembrou Anasia.

- Sim... vamos ver! Vê tu, Ahmet - ordenou Kéraban.

Ahmet inclinou-se sobre o corpo de Yarhud. Nizib, com uma lanterna, que fora buscar à caverna, alumiaava o cadáver.

- Uma carta! Aqui está uma carta! - declarou Ahmet, retirando a mão de uma das algibeiras do capitão maltês.

Esta carta era dirigida a um certo Scarpante.

- Lê, lê depressa! - mandou o Sr. Kéraban, que não podia dominar a impaciência.

E Ahmet, depois de ter aberto a carta, leu o que se segue:

"Depois de roubados os cavalos da caravana, quando Kéraban e os seus companheiros estiverem a dormir na caverna para onde os terá conduzido Scarpante..."

- Scarpante! - exclamou Kéraban. - É então esse o nome do nosso guia, desse traidor...

- É. Já vê que eu me não tinha enganado.

Depois continuou:

"Que Scarpante faça um sinal agitando um archote, e os nossos homens se precipitarão nas gargantas de Nerissa."

- Está assinado? - perguntou Kéraban.

- Está. "Assinado-Saffar."

- Saffar! Saffar! O quê... Será?...

- Sim! - acrescentou Ahmet. - É, evidentemente, essa insolente personagem que nós encontramos no caminho de ferro de Poti, e que, algumas horas depois, embarcava para Trebizonda! Sim! Foi Saffar quem fez raptar Anasia!

163

É Saffar quem, por todo o preço, quer ver realizado o plano que da primeira vez abortou!

- Ah! Sr. Saffar! - exclamou Kéraban, erguendo a mão fechada e deixando-a cair sobre uma cabeça imaginária. - Se nos encontramos face a face...

- Mas este Scarpante - perguntou Ahmet - onde estará ele?

Bruno que, a estas palavras, entrara na caverna, saiu daí a nada, informando:

- Não está lá... Desapareceu... por qualquer outra saída, sem dúvida...

De facto, assim acontecera: Scarpante, vendo a sua traição descoberta, fugira pelo fundo da caverna.

Aquela criminosa maquinação estava enfim conhecida em todos os seus pormenores. O guia era o intendente do Sr. Saffar. Fora Scarpante quem conduzira a pequena caravana, primeiro pelas estradas do litoral, depois através daquelas montanhosas regiões da Anatólia! Aquele morto era Yarhud, era o capitão da Guidara, que vinha, escondendo-se na sombra, trazer a Scarpante as últimas ordens de Saffar.

Mas a vigilância e principalmente a perspicácia de Ahmet tinham frustrado o bem combinado plano. O traidor fora desmascarado, os desígnios criminosos de quem o mandava ficavam por este modo conhecidos. Já não havia dúvida sobre o nome do autor do rapto de Anasia. Era o Sr. Saffar, este Saffar a quem o Sr. Kéran de há muito ameaçava com as mais terríveis represálias.

Mas, se estava descoberta a cilada, o perigo nem por isso era menor, uma vez que podiam ser atacados de um instante para o outro.

O carácter resoluto de Ahmet tomou o único partido que poderia salvá-los.

- Meus amigos - disse ele -, é necessário abandonar imediatamente as gargantas de Nerissa.

164

Se nos atacassem neste apertado desfiladeiro, dominado por estas rochas, nem um de nós sairia daqui vivo.

- Partamos! - concordou Kéran. - Bruno, Nizib e o Sr. Yanar que aprontem as suas armas!

- Conte connosco, Sr. Kéran - respondeu Yanar -, conte connosco e verá de que somos capazes, minha irmã e eu!

- Decerto - secundou a corajosa curda, brandindo o iatagã num movimento magnífico. - Não esquecerei que tenho um noivo a defender!

Van Mitten nunca sofrera mais profunda humilhação! Mas a verdade é que pegou num revólver, decidido a bem cumprir o seu dever.

Iam todos abandonar o desfiladeiro, para ganharem os planaltos, quando Bruno, como homem a quem nunca esquece a questão da comida, entendeu dever fazer esta reflexão:

- Mas o burro? Nós não podemos deixar aqui o burro! Nós provavelmente estamos mais afastados de Escutári do que pensamos.

- Efectivamente - aprovou Ahmet. - Quem sabe se estamos ainda muito longe de Escutári? E todas as nossas provisões se reduzem ao que está na pequena carroça puxada pelo burro!

Estas hipóteses eram muito plausíveis. Havia todas as razões para temer que a traição do guia tivesse comprometido a chegada do Sr. Kéran e dos seus companheiros às margens do Bósforo no prazo inadiável de algumas horas.

Mas a ocasião não era azada para discussões, o que era necessário era tomar uma resolução, sem perda de um instante.

- Bem - decidiu Kéraban -, irá o burro conosco...

E a estas palavras, dirigindo-se para o animal, pegou-lhe da arreata e começou a puxá-lo.

- Vamos!

165

O burro não se mexeu.

- Não queres vir? - gritou Kéraban, dando-lhe um safanão.

O burro, cabeçudo de natureza, continuou imóvel.

- Empurra-o, Nizib - mandou Kéraban.

Nizib e Bruno começaram a empurrar o burro pela retaguarda... Mas o teimoso animal, se alguma coisa fez, não foi avançar...

- Ah! Tu és teimoso! - exclamou Kéraban, que principiava a impacientar-se deveras.

- Bom! - sussurrou Bruno a Nizib. - Cabeçudo contra cabeçudo!

- Resistes-me... a mim? - trovejou Kéraban.

- O meu amo encontrou quem o ensinasse! - disse Nizib a Bruno, em voz baixa.

- Duvido! - respondeu Bruno, no mesmo tom.

Ahmet repetia, impaciente:

- É necessário partir... Não nos podemos demorar um segundo... Deixem lá o burro...

- O quê? Eu vencido pelo burro?... Nunca!

E pegando-lhe nas orelhas e sacudindo-lhas, como se lhas quisesse arrancar:

- Andas ou não andas?

O burro não se moveu.

- Ah! Julgas levar-me a melhor! Eu já te ensino! Vais perder... Eu vou por mim...

E Kéraban, correndo para a entrada da caverna, apanhou uma pouca de erva, de que fez um feixe. Voltando de novo para junto do burro, pôs-lhe a erva a pequena distância do focinho. O burro avançou para a erva.

- Ah! Já andas! Como vês ganhei! Por Maomet, que descobri o segredo de te vencer a teimosia!

Um instante depois, o feixe de erva era atado à extremidade de um dos varais da carroça, mas a uma distância a que o burro, mesmo esticando o pescoço, não pudesse chegar. E aconteceu que o animal, solicitado pela fome,

166

começou a andar, sempre na esperança de chegar com a boca à erva.

- Muito engenhoso! - comentou Van Mitten.

Os viajantes, seguindo uns após outros, abandonaram o acampamento, cuja posição não era sustentável.

- Então, Ahmet - perguntou Kéraban -, é tua opinião que este

Saffar é essa mesma insolente personagem que, pela mais injustificada das teimas, fez em cavacos a minha excelente carruagem de posta no caminho de ferro de Poti?

- Sim, meu tio! - Mas o meu ódio a esse miserável resulta, acima de tudo, de ter sido ele quem mandou raptar Anasia! Esse homem pertence-me!

- Metade para cada um, meu sobrinho, metade para cada um, e que Alá seja por nós!

Teriam os viajantes andado uns cinquenta passos, saindo do desfiladeiro, quando viram as cristas das rochas coroadas de salteadores.

No mesmo instante ouviram-se gritos desencontrados, seguidos de descargas de fuzilaria.

- Para trás! Para trás! - gritou Ahmet, fazendo recuar os que lhe caminhavam na retaguarda.

Era muito tarde para abandonar as gargantas de Nerissa, tarde de mais para procurar melhor posição defensiva nos planaltos próximos. Os homens a soldo do Sr. Saffar, uma dúzia talvez, tinham rompido o ataque. O chefe excitava-os na criminosa agressão, e, na posição que ocupavam, as vantagens eram todas por eles.

A sorte do Sr. Kéraban e dos mais viajantes estava à mercê daqueles bandidos.

- A eles! A eles! - bradou Ahmet, cuja voz forte e sonora dominou o tumulto.

- As mulheres para o centro! - trovejou Kéraban.

Anasia, Saraboul e Nedjeb formaram um grupo, à roda do qual vieram colocar-se Kéraban, Ahmet, Van Mitten, Yanar, Nizib e Bruno.

167

Eram seis homens para resistirem aos bandidos de Saffar - um contra dois - em posição desvantajosa.

Quase imediatamente os celerados, soltando horríveis vociferações, desciam das rochas, e precipitavam-se como uma avalanche no meio do acampamento.

- Meus amigos - exclamou Ahmet -, defendamo-nos até à morte!

O combate travou-se logo, Nizib e Bruno foram ligeiramente feridos, mas continuavam combatendo energicamente. As pistolas da nobre Saraboul respondiam com precisão às detonações dos assaltantes.

Era evidente que estes tinham ordem de apoderar-se de Anasia viva. Por isso preferiam combater à arma branca. Os tiros cessaram, com receio de que alguma bala fosse matar Anasia.

No combate à arma branca, apesar da superioridade do número, os bandidos não levavam a melhor. Alguns deles estavam gravemente feridos e impossibilitados de combater.

Mas então apareceram no teatro da luta dois novos combatentes, ambos temíveis.

Eram Saffar e Scarpante.

- Ah! O miserável! - exclamou Kéraban. - É ele! É o homem do caminho de ferro!

E por umas poucas de vezes avançou para ele, para lutarem, mas, obrigado a defender-se dos que então lhe caíam em cima,

não conseguiu realizar o seu intento.

Ahmet e todos os seus companheiros continuavam a combater com a maior intrepidez. Um só pensamento os dominava a todos: salvarem Anasia a preço das suas vidas, a preço da própria vida impedirem que ela caísse nas mãos de Saffar.

Mas a superioridade do número dos contrários ia triunfar de tanta coragem e tamanha abnegação. Pouco a pouco, Kéran e os companheiros começaram a fraquejar, a desunir-se, procurando o abrigo das rochas.

168

Como que desaparecera a ordem, indispensável em todos os combates.

Saffar reconheceu isto.

- Vamos, Scarpante, vamos! - gritou ele, indicando-Lhe Anasia.

- Sim, Sr. Saffar, e desta vez nos não escapará!

Aproveitando-se da desordem, Scarpante conseguira apoderar-se de Anasia e ia transportá-la para fora do acampamento.

- Anasia!... Anasia!... - gritou Ahmet.

Quis precipitar-se para ela, mas um grupo de bandidos cortou-lhe o caminho, e Ahmet viu-se obrigado a parar para Lhes fazer frente.

Yanar procurava arrancar Anasia dos braços de Scarpante, não o conseguiu, e Scarpante ia enfim sair do desfiladeiro, levando a infeliz noiva de Ahmet.

Mas Kéran levava a espingarda à cara, e, apontando contra Scarpante, desfechou... O traidor caiu mortalmente ferido, abandonando Anasia, que procurava em vão reunir-se a Ahmet.

- Mataram Scarpante! - vociferou o chefe dos bandidos. - Vingança! Vingança!

Todos se precipitaram sobre Kéran e os companheiros, num ímpeto furioso, a que seria impossível resistir. Apertados por todos os lados, os defensores de Anasia quase nem podiam fazer uso das armas.

- Anasia!... Anasia!... - exclamou Ahmet, procurando correr em socorro da noiva, desta vez agarrada por Saffar, que a arrastava para fora do acampamento.

- Coragem! Coragem! - repetia sem cessar Kéran.

Em vão gritava! Ele bem reconhecia que tudo estava perdido!

Neste momento, um tiro que partira do alto das rochas fez rolar um dos assaltantes até ao desfiladeiro. A este tiro seguiram-se outros. Mais alguns bandidos caíram por terra,

169

e a sua queda veio trazer a confusão ao campo dos assaltantes.

Saffar, sem saber como explicar o que se estava passando, parou olhando em redor. Que extraordinário reforço era aquele que chegava assim, inesperadamente, ao Sr. Kéran?

Entretanto Anasia conseguira desembaraçar-se dos braços de

Saffar, desconcertado por aquele súbito ataque.

- Meu pai!... Meu pai!... - exclamou ela.

Era efectivamente Selim, o banqueiro Selim, acompanhado de vinte homens bem armados, que chegava em socorro da pequena caravana, exactamente no mesmo momento em que ela ia ser vencida pela força numérica dos bandidos que a atacavam.

- Salve-se quem puder! - gritou o chefe dos bandidos, dando o exemplo da fuga.

E desapareceu, seguido pelos que estavam em estado de correr.

- Cobardes! - exclamou Saffar, vendo-se abandonado. - Pois bem! Esta mulher não será minha, mas também não será de ninguém.

E avançou para Anasia. Ao mesmo tempo, Ahmet corria ao encontro do seu mortal inimigo. Saffar desfechou sobre Ahmet o último tiro do seu revólver. O tiro falhou. Mas Kéran, que nada perdera do seu imperturbável sangue-frio, saltou sobre Saffar, lançou-lhe a mão esquerda ao pescoço, derrubou-o, e cravou-lhe um punhal no coração.

Um rugido de cólera... e estava morto. Saffar, nas últimas convulsões, nem pôde ouvir o seu adversário exclamar:

- É para a outra vez não me dares cabo das minhas carruagens de posta!

Estavam salvos o Sr. Kéran e os seus companheiros! Todos se tinham portado bravamente, todos!

Bruno e Nizib revelaram notável coragem, o Sr. Yanar combatera com valentia e intrepidez, Van Mitten distinguira-se pelo sangue-frio e a valorosa curda não cessara de responder com as suas pistolas aos ataques do inimigo, nem no mais aceso da peleja.

Mas a verdade é que, sem o inesperado auxílio de Selim, toda aquela bravura de nada teria servido e Anasia seria de novo raptada, aos olhos dos que por ela estavam prontos a dar a vida.

- Meu pai!... Meu pai!... - exclamou a noiva de Ahmet, lançando-se nos braços de Selim.

- Meu velho amigo - disse então Kéran -, o amigo por aqui?

- Sim! Eu... eu mesmo... por aqui...

- Por que feliz acaso? - perguntou Ahmet.

- Não foi simples acaso! - respondeu Selim -, e há muito que teria corrido em busca de minha filha se, na ocasião em que ela foi raptada, eu não tivesse sido gravemente ferido...

- Ferido, meu pai?

- Sim, Um tiro de bordo da tartana! Durante um mês essa ferida prendeu-me em Odessa! Mas, há alguns dias, um telegrama de Ahmet...

- Um telegrama! - exclamou Kéran, em quem esta palavra produzia sempre uma tempestade.

- Sim, um telegrama, enviado de Trebizonda...

- Ah! Com que então...

- Sim, meu tio - confessou Ahmet, saltando ao pescoço de Kéran -, e pela primeira vez que enviei um telegrama, em que

se falava de meu tio, creio que não fui mal sucedido!

- Sim... Não foi bem... mal sucedido... Mas não tornes, Ahmet! Nunca mais tornes!

- Sabendo então por esse telegrama que o perigo fora apenas afastado, ou melhor, que estava apenas adiado, reuni estes bravos homens, e pus-me a caminho, por onde julgava que os poderia encontrar...

172

- Por Alá!, amigo Selim, que não podia ter chegado em melhor ocasião! Se não aparece, estávamos perdidos, irremediavelmente perdidos! Pois olhe que esta gente bateu-se bem!

- Sim - acentuou o Sr. Yanar -, minha irmã mostrou bem para que servia uma pistola naquelas mãos, dignas de empunharem um ceptro!

- Que mulher! - disse baixinho Van Mitten.

Neste momento começava a aurora a romper. Algumas nuvens, imobilizadas no zénite, coloriam-se dos primeiros raios do dia.

- Onde estamos nós, amigo Selim? - perguntou Kéraban -, e como pôde vir dar connosco a este desfiladeiro, aonde aquele patife do guia nos arrastou...

- E talvez desviando-nos do nosso caminho... - acrescentou Ahmet.

- Mas não, meu amigo, não! - explicou Selim. - Estamos no caminho de Escutári, a algumas léguas apenas do mar.

- Hem? - disse Kéraban.

- As margens do Bósforo ficam ali! - indicou Selim, estendendo a mão para o noroeste.

- As margens do Bósforo! - exclamou Ahmet.

E todos começaram a subir pelas rochas, dirigindo-se para o planalto superior, que dominava as gargantas de Nerissa.

- Vejam! Vejam! - aconselhou Selim.

Com efeito, um fenómeno se produzia neste momento - fenómeno natural, que, por um simples efeito de refacção, fazia aparecer ao longe as tão desejadas paragens. À medida que aumentava a luz do dia, a miragem levantava pouco a pouco os objectos situados abaixo do horizonte. Dir-se-ia que as colinas, que se arredondavam na orla da planície, penetravam no solo como uma decoração teatral.

- O mar! É o mar! - exclamou Ahmet.

173

E todos repetiam:

- O mar! O mar!

Ora, se bem que o que estavam vendo não passasse de efeito da miragem, o mar estava efectivamente a poucas léguas.

- O mar! O mar! - não cessava de repetir o Sr. Kéraban. - Mas se não é o Bósforo, se não é Escutári, nós estamos no último dia do mês, e...

- É o Bósforo! É Escutári! - exclamou Ahmet.

O fenómeno acentuava-se, e agora toda a silhueta de uma cidade construída em anfiteatro se desenhava, com grande nitidez de contornos, sobre os últimos planos do horizonte.

- Por Alá! É Escutári! - repetiu Kéraban. - Lá está o panorama que domina o estreito!

Lá está a mesquita de Buyuk Yamil E, com efeito, era Escutári, que Selim deixara três horas antes.

- A caminho! A caminho! - ordenou Kéraban, animadamente.

E como um bom muçulmano, que em todas as coisas reconhece a grandeza de Deus:

- Ilah il Allah! - acrescentou, voltando-se para o Sol que vinha a nascer.

Um instante depois, a caravana seguia a estrada que contorna a margem esquerda do estreito. Quatro horas depois, nesta data, 30 de Setembro - último dia fixado para o casamento de Anasia e Ahmet-, o Sr. Kéraban, os seus companheiros, e o burro, depois de terem feito a volta do mar Negro, apareciam nas alturas de Escutári e saudavam com as suas aclamações as margens do Bósforo.

CAPÍTULO XIV

Van Mitten procura fazer compreender a situação à nobre Saraboul

Num dos lugares mais aprazíveis que se pode imaginar, a meio da colina sobre a qual se estende Escutári, erguia-se a casa de campo do Sr. Kéraban.

Escutári, com suas mesquitas de tectos de ouro, com toda a mistura dos seus bairros, onde se aperta uma população de cinquenta mil habitantes, com o seu cais flutuante sobre as águas do estreito, com a imensa cortina de ciprestes do seu cemitério - esse campo de repouso preferido dos ricos muçulmanos, que temem, segundo uma lenda, que a capital seja tomada enquanto os fiéis estão em oração!

Depois, uma légua mais distante, o monte Boulgourlou, que domina esse conjunto e donde se estende a vista sobre o mar de Mármara, o golfo Nicomédia, o canal de Constantinopla! Nada pode dar uma ideia deste esplêndido panorama, sem igual no mundo, e sobre o qual abriam as janelas da casa de campo do rico negociante.

A este exterior, aos jardins em terraços, às belas árvores, plátanos, faias e ciprestes que a assombreavam, correspondia dignamente o interior da habitação.

Realmente, seria grande disparate desfazer-se o Sr. Kéraban de tal habitação para não pagar quotidianamente o imposto de algumas paras da travessia do Bósforo!

Era meio-dia. Havia pouco mais ou menos três horas que o dono da casa e os seus hóspedes estavam instalados na esplêndida vivenda. Depois de terem mudado de toilette, descansavam enfim das fadigas de tão longa viagem.

Kéraban, orgulhoso do seu sucesso, zombava do Muchir e dos seus impostos vexatórios, Anasia e Ahmet conversavam alegres e felizes como dois noivos que se vão casar.

Nedjeb, mais alegre que nunca, Bruno, satisfeito porque começava de novo a engordar, mas cheio de cuidado em seu amo, Nizib, sempre sereno, o Sr. Yanar, cada vez mais feroz, a nobre Saraboul, tão imperiosa como se estivesse na capital do Curdistão, Van Mitten, finalmente, muito preocupado sobre o modo como acabaria aquela aventura.

Bruno tinha razão de estar satisfeito. Tivera um almoço tão abundante como variado. Não fora o jantar prometido seis semanas antes pelo Sr. Kéraban ao seu amigo Van Mitten, mas foi um almoço digno de Lúculo.

Naquela ocasião todos os convivas, reunidos no mais belo salão da casa, com largas janelas sobre o Bósforo, acabavam, numa conversação animada, de se congratular mutuamente.

- Meu caro Van Mitten - declarou o Sr. Kéraban, que andava a um lado e outro apertando a mão dos seus hóspedes -, convidei-os para um jantar, mas não me devem querer mal se a hora me obrigou a...

- Estou satisfeito, amigo Kéraban - respondeu o holandês -, o seu cozinheiro sabe bem do ofício.

- Oh! Muito bem! Magnificamente! - apoiou o Sr. Yanar, que comera mais do que convinha, mesmo a um curdo de grande apetite.

- No Curdistão ninguém o excederia - dignou-se acrescentar Saraboul - e se o Sr. Kéraban tiver a amabilidade de nos ir pagar a visita...

176

- Como? - exclamou Kéraban - mas com certeza que irei, bela Saraboul, irei vê-la e ao meu amigo Van Mitten!

- E nós procuraremos que não tenha saudades da sua casa, como as não terá da Holanda - ajuntou ela, voltando-se para o seu noivo.

- Na sua companhia, nobre Saraboul!... - julgou bem ajuntar Van Mitten, que não chegou a acabar a frase.

Depois, enquanto a amável curda se dirigia para o lado da janela, disse:

- Amigo Kéraban, parece-me chegado o momento de lhe participar que este casamento está nulo!

- Tão nulo, Van Mitten, como se nunca se tivesse realizado!

- Amigo Kéraban, espero que me ajudará nesta conjuntura... a coisa é um tanto difícil de se dizer!

- Hum!... amigo Van Mitten, são coisas muito íntimas para se tratarem em presença de estranhos... É melhor resolverem isso... em família...

- Diabo! - murmurou o holandês.

E foi sentar-se a um canto, a pensar no modo de desenredar aquela meada.

- Pobre Van Mitten - disse Kéraban a seu sobrinho -, que cena que ele vai ter com a nobre curda!

- Não devemos esquecer que foi por nossa causa, pela sua muita dedicação, que ele a desposou - salientou Ahmet.

- Não esqueço, meu sobrinho! Se precisar do nosso auxílio, conte com ele!

- Certamente! Van Mitten era casado na ocasião em que, sob

pena de prisão, o obrigaram a contrair estes desposórios, o que para um ocidental é caso de nulidade absoluta.

- Que tem então a rezear? Nada!

177

- Bem sei, meu tio, mas quando a nobre Saraboul receber esta punhalada em cheio no peito, que saltos de pantera não dará! E o irmão Yanar, que explosão!

- Por Maomet! Nós o obrigaremos a ter juízo! - replicou Kéraban. - De resto, Van Mitten não cometeu nenhum atentado. Na estalagem de Rissar a honra da nobre Saraboul não correu perigo algum!

- Diz muito bem! É claro que esta terna viúva o que procurava era um marido.

- Tal e qual, Ahmet, e foi por isso que ela lançou mão deste bom Van Mitten.

- Mão de ferro, tio Kéraban!

- De aço! - reforçou este.

- Como queira, meu tio, mas ao presente o que é Preciso é desfazer este falso casamento...

- E tratar-se de um verdadeiro, não é assim? - acrescentou Kéraban, esfregando as mãos, como se as ensaboasse.

- Sim... do meu!

- Do nosso - ajuntou Anasia, que se aproximara -, parece-lhe que o não merecemos?

- Se o merecem! - disse Selim.

- Sim, minha gentil Anasia - retorquiu Kéraban -, mereciam-no dez, cem, mil vezes! Ah! Querida filha!

Quando penso que por minha culpa, pela minha teimosia, quase que esteve...

- Bem! Não falemos mais no que já passou! - recomendou Ahmet.

- Não, nunca mais, tio Kéraban! - disse a jovem, tapando-lhe a boca com a pequenina mão.

- Também fiz um voto... sim... fiz... de nunca mais teimar!

- Ah! Ah! - riu Nedjeb. - Espero ver isso para então acreditar!

- Hem! Que diz essa delambida?

- Oh! Nada, Sr. Kéraban!

178

- Sim - repetiu ele -, prometo não tornar a teimar... Só numa coisa teimarei... Em os amar sempre!

- Será possível! O Sr. Kéraban renunciar a ser o mais teimoso de todos os homens!... - murmurou Bruno.

- Quando estiver morto... - acrescentou Nizib.

- E mesmo assim! - ponderou o rancoroso servo de Van Mitten.

Entretanto a nobre curda havia-se aproximado do seu noivo, que, assentado a um canto, pensava profundamente na dificuldade de se sair daquela embaraçosa e complicada situação.

- Que tem, Sr. Van Mitten? - perguntou ela. - Acho-o muito meditativo!

- E eu também, senhor meu cunhado! - acrescentou o Sr. Yanar. - E que faz aí? Creio que não nos trouxe a Escutári para não vermos nada. Mostre-nos o Bósforo, que nós por nossa vez, daqui a alguns dias, lhe mostraremos o Curdistão.

Ao ouvir este nome temido, o holandês estremeceu todo como se recebera um choque eléctrico.

- Vamos, venha, Sr. Van Mitten! - insistiu Saraboul, obrigando-o a levantar-se.

- Às suas ordens... bela Saraboull... Estou inteiramente às suas ordens: E mentalmente dizia:

"Como principiarei?"

Nesta ocasião a zíngara, que fora abrir uma das janelas do salão, que um rico estore abrigava dos raios do Sol, exclamou alegremente:

- Vejam, vejam, que grande animação vai em Escutári! Que divertido será andar hoje a passear!

Os hóspedes dirigiram-se para as janelas.

- É verdade - reconheceu Kéranban -, o Bósforo está coberto de embarcações embandeiradas! Pelas praças e ruas vejo acrobatas e saltimbancos! Ouço música, e os cais estão cheios de gente como se houvesse espectáculo!

- Sim - declarou Selim -, há festa na cidade!

179

- Creio que isso não impedirá a celebração do nosso casamento - afirmou Ahmet.

- Com certeza! - tornou Kéranban. - Nós vamos ter aqui em Escutári festas iguais às de Trebizonda, que pareciam celebradas em honra do nosso amigo Van Mitten!

"Zombará de mim até ao fim! - resmungou o holandês. - É o seu feitio, não lhe quero mal por isso!"

- Meu amigo Kéranban - propôs Selim -, ocupemo-nos imediatamente do nosso grande negócio, é hoje o último dia!

- Não o esquecemos! - respondeu Kéranban.

- Eu - disse Selim - vou a casa do juiz de Escutári mandar fazer o contrato.

- Aí nos reuniremos - disse Ahmet. - Sabe, meu tio, que a sua presença é indispensável?

- Quase tanto como a tua! - volveu Kéranban, dando uma gargalhada.

- Sim, meu tio, talvez até mais se assim o quer... na sua qualidade de tutor!

- Bem - recomendou Selim -, dentro de uma hora em casa do juiz de Escutári!

E saiu do salão no momento em que Ahmet ajuntava, dirigindo-se à sua noiva:

- E depois da assinatura em casa do juiz, querida Anasia, uma visita ao imã, que nos dirá a sua melhor oração... Depois...

- Depois estaremos casados - concluiu Nedjeb, como se se tratasse dela.

- Querido Ahmet! - suspirou Anasia.

Entretanto, a nobre Saraboul dirigia-se a Van Mitten, que fora sentar-se a outro canto, cada vez mais pensativo.

- Enquanto esperamos pela cerimónia, porque não desceremos até ao Bósforo?

- Ao Bósforo? - voltou Van Mitten, distraidamente. - Não falou no Bósforo?

180

- Sim!... O Bósforo! - interveio o Sr. Yanar. - Parece que não nos entende!

- Não... é... Estou pronto - declarou Van Mitten, levantando-se a um puxão da poderosa mão do seu cunhado. - Sim... o Bósforo! Mas, agora, desejava... queria...

- Queria o quê? - perguntou Saraboul.

- Julgar-me-ia muito feliz... Sim... eu desejava... sim, tinha o maior empenho em uma conversação em particular consigo, bela Saraboul!

- Em particular?

- Nesse caso deixo-os a sós - disse Yanar.

- Não! Fique! - intimou Saraboul. - Fique, tenho como que um pressentimento de que a sua presença não será inútil!

- Por Maomet! - murmurou Kéraban -, que o caso é complicado!

- Complicadíssimo! - concordou Ahmet.

- Não nos afastemos, para em caso de necessidade correremos em auxílio de Van Mitten.

- São capazes de o fazer em postas! - resmungou Bruno.

O Sr. Kéraban, Ahmet, Anasia, Nedjeb, Bruno e Nizib dirigiram-se para a porta, deixando a praça inteiramente livre aos combatentes.

- Ânimo! Van Mitten! - recomendou Kéraban, passando por junto dele e apertando-lhe a mão. - Não me afastarei... Conte comigo!

- Coragem, meu senhor - acrescentou Bruno -, senão lá vamos para o Curdistão!

Um instante depois, a nobre curda, Van Mitten e o Sr. Yanar estavam sós.

O holandês, esfregando a testa, dizia num aparte melancólico:

"Se eu ao menos soubesse como principiar..."

Saraboul deu dois passos para Van Mitten.

- Então que tem a dizer-me? - perguntou-lhe numa voz macia,

181

onde contudo se sentia certo artifício, empregado sem dúvida para que a discussão ao menos principiasse serenamente.

- Vamos! Fale! - ordenou Yanar rudemente.

- Se nós nos sentássemos? - sugeriu Van Mitten, que sentia as pernas a vergar.

- O que se diz sentado diz-se de pé! - observou Saraboul. - Pode principiar!

Van Mitten, apelando para toda a sua coragem, principiou por esta frase, cujas palavras parecem combinadas expressamente para quem não sabe o que há-de dizer:

- Bela Saraboul... Acredite que... se bem que... contra minha vontade... Lamento que...

- Lamenta? - estranhou a imperiosa curda. - Lamenta o quê? O seu casamento? Mas não representa ele uma legítima reparação?

- Oh! Reparação! Reparação! - arriscou-se a dizer Van Mitten a meia voz.

- Também eu lamento - replicou ironicamente Saraboul -, e muito...

- Também...?

... que o audacioso que se introduziu no meu quarto, na estalagem de Rissar, não fosse o Sr. Ahmet!

Falava verdade a viúva inconsolável. De resto, todos acreditarão nestas suas lamentações.

- Ou ao menos o Sr. Kéraban! - acrescentou. - Sempre teria desposado um homem...

- Muito bem dito! - exclamou o Sr. Yanar.

- Em lugar de um...

- Ainda melhor dito, minha irmã - embora ela não tivesse concluído a frase...

- Permita-me - interrompeu Van Mitten, ferido directamente pelas palavras dos dois irmãos.

- Quem poderia acreditar - continuou Saraboul -, que o autor do atentado contra a minha honra havia de ser um holandês conservado em gelo!

182

- Insurjo-me-exclamou Van Mitten, desesperado por o compararem a uma conserva. - Não houve nenhum atentado, minha senhora!

- Hem? - fez Yanar.

- Não - tornou Van Mitten -, foi apenas um engano. Nós fomos, ou melhor, eu, por uma errada informação de um criado da estalagem, fui vítima de um engano, ao dirigir-me para esse corredor...

- Sim? - sibilou Saraboul.

- Um simples engano, que eu, para não ir para a cadeia, tive de remediar fazendo um casamento à pressa!

- À pressa ou não, está casado, casado comigo! E creia: o que se começou em Trebizonda há-de acabar-se no Curdistão!

- Sim... Falemos do Curdistão - decidiu Van Mitten, que principiava, caso raro, a exaltar-se.

- E como eu vejo que os seus amigos começam a ser pouco amáveis para comigo, hoje mesmo deixaremos Escutári e partiremos para Mossul, onde eu tratarei de lhe injectar um pouco de sangue curdo nas veias!

- Protesto! - exclamou Van Mitten.

- Mais uma palavra, e partiremos já!

- A senhora pode partir quando quiser! - retrucou Van Mitten, em cuja voz se sentia uma leve ironia. - Ninguém põe obstáculos à sua partida! Agora eu... eu não parto...

- Não parte? - protestou Saraboul, completamente desapontada, ao ver a resistência inesperada de Van Mitten, que lhe lembrava um carneiro lutando com dois tigres.

- Não!

- Tem então a pretensão de nos resistir?... - trovejou Yanar.

- Tenho essa pretensão!

- A mim... a ela, uma curda!

- Fosse ela dez vezes mais curda!

183

- Saiba, senhor holandês - bramiu a nobre Saraboul, avançando para Van Mitten -, quero que saiba que mulher sou, e que mulher tenho sido... Saiba que aos quinze anos já eu era viúva!

- É verdade! Já! - confirmou Yanar. - E quando de criança se adquire um hábito...

- Fico sabendo tudo isso. Mas saiba também que a desafio, apesar desse inveterado hábito, a que...

- A que?

- A que venha ser minha viúva também!

- Sr. Van Mitten! - exclamou Yanar, levando a mão ao iatagã - bastaria um golpe deste...

- Engana-se, Sr. Yanar, esse sabre, ainda que me matasse, não faria com que a nobre Saraboul ficasse sendo minha viúva, pela simples razão de que eu não sou, nem posso ser seu marido...

- Hem?

- É que, mesmo dado o caso de nos casarmos, o nosso casamento seria nulo!...

- Nulo?! Porquê?

- Porque, se a nobre Saraboul tem a felicidade de ser viúva dos seus primeiros maridos, eu não a tenho de o ser da minha primeira mulher!

- É casado! É casado! - gritou a nobre curda, fora de si ao ouvir aquelas palavras.

- Sim! - prosseguiu Van Mitten. - Sim! Sou casado! E foi apenas para salvar os meus amigos, para impedir que eles fossem presos na estalagem de Rissar, que me sacrifiquei...

- Sacrificou-se! Sacrificou-se! - repetiu Saraboul, deixando-se cair sobre um divã.

- Como eu sabia que o meu casamento não podia ser válido, uma vez que a minha primeira mulher estava viva, e que eu, portanto, não era viúvo, entendi que, para salvar os meus amigos...

184

A falsa esposa ultrajada levantou-se, e voltando-se para o Sr. Yanar:

- Ouviu-o, meu irmão?

- Ouvi-o!

- Sua irmã foi ludibriada!
- Ultrajada!
- E o traidor ainda está vivo?
- Poucos momentos lhe restam de vida!
"Deu-lhes um acesso de raiva!", murmurou Van Mitten, deveras inquieto com o aspecto ameaçador dos irmãos curdos.
- Vai ser vingada, minha irmã! - anunciou o Sr. Yanar, avançando de mão levantada para o holandês.
- Eu mesma me vingarei!
E, dizendo estas palavras, a nobre Saraboul precipitou-se sobre Van Mitten, gritando furiosamente. Por felicidade sua, esses gritos foram ouvidos pelas pessoas que estavam na sala contígua.

CAPÍTULO XV

Onde se verá o Sr. Kéraban mais
cabeçudo que nunca

A porta do salão abriu-se de repente, e a ela apareceram o Sr. Kéraban, Ahmet, Anasia, Nedjeb e Bruno.
Kéraban correu em auxílio de Van Mitten.
- Cuidado, senhora! - recomendou Ahmet. - Não se estrangula assim uma pessoa... e demais a mais por um engano!
- Diabo! - murmurou Bruno -, se nos demoramos um bocadinho...
- Pobre Sr. Van Mitten! - ajuntou Anasia, cheia de comiseração pelo seu companheiro de viagem.
- Que tal, hem? - acrescentou Nedjeb. - Esta mulher é uma fera!
Van Mitten, entretanto, ia recuperando o sangue-frio.
- Ia sendo sério? - perguntou Kéraban.
- Um pouco mais e mandava-me para o outro mundo - informou Van Mitten.
A nobre Saraboul aproximou-se do Sr. Kéraban e disse-lhe:
- E o senhor prestou-se a esta...
- Mistificação - concluiu Kéraban, em tom amável. - Mistificação é o termo próprio.
- Eu me vingarei!... Em Constantinopla há juízes!...
- Bela Saraboul - tornou Kéraban -, a senhora é a culpada! Quis por um pretendido atentado fazer-nos prender,

bem vê que comprometia a nossa viagem. Por Alá! Que havíamos de fazer? Só um falso casamento nos podia livrar. Fizemos um falso casamento!

Ouvindo esta resposta, a nobre Saraboul deixou-se cair sobre o divã, presa de um violento ataque de nervos, do qual todas as mulheres, não exceptuando as curdas, possuem o segredo.

Nedjeb e Anasia correram solícitas a socorrê-la.

- Morro! Morro! - gritava ela, no auge da crise.
- Boa viagem! - desejou Bruno.
Neste momento, porém, apareceu Nizib à porta.
- Que há de novo? - interrogou Kéraban.
- É um telegrama...
- Para quem?
- Para o Sr. Van Mitten. Chegou hoje mesmo.
- Dê cá - pediu Van Mitten.
Pegou no telegrama, abriu-o e olhou para a assinatura.
- É do meu guarda-livros de Roterdão! - Depois leu as primeiras palavras: "A Sr.a Van Mitten... falecida há cinco semanas..."
Van Mitten ficou aniquilado, com o telegrama amarrotado na mão e os olhos cheios de lágrimas.
Mas às últimas palavras do telegrama, Saraboul levantou-se de repente como um diabo de mágica.
- Cinco semanas! Ele disse cinco semanas! - gritou ela, satisfeita.
- Que imprudente! - comentou Ahmet. - Que necessidade tinha ele de ler em voz alta, nesta ocasião?
- Portanto - continuou Saraboul, com ar triunfante -, portanto, quando eu há dez dias lhe dei a honra de o desposar...
- Maomet te estrangule! - exclamou Kéraban, um pouco mais alto do que queria.
- Era viúvo, senhor meu esposo! Já era viúvo - tornou ela, com modos vitoriosos.
- Perfeitamente viúvo, senhor meu cunhado! - bradou Yanar.
- Agora o nosso casamento está válido!
Por seu turno, Van Mitten, esmagado com a força do argumento, deixara-se cair numa cadeira.
- Coitado! - disse Ahmet a seu tio. - Agora, se quiser ver-se livre dela, terá de se lançar ao Bósforo!
- Nem assim! - respondeu Kéraban. - Atirava-se atrás dele e era capaz de o salvar, só para ter o prazer de se vingar.
A nobre Saraboul agarrara por um braço aquele que, desta vez, era propriedade muito sua.
- Levante-se! - intimou ela.
- Sim, querida Saraboul! - obedeceu Van Mitten, baixando a cabeça. - Estou às suas ordens!
- Siga-nos! - ordenou Yanar.
- Sim, estimável cunhado! - anuiu Van Mitten, completamente aniquilado... - Estou pronto a segui-lo... para onde quiser!
- Para Constantinopla, onde embarcaremos no primeiro navio! - declarou Saraboul.
- Para onde?
- Para o Curdistão! - informou Yanar.
- Para o Cur...! Acompanhas-me, Bruno? Terás muito boa mesa... dizem maravilhas dos cozinheiros... Será uma atenuante!
Bruno só pôde fazer que sim com a cabeça.
A nobre Saraboul e o Sr. Yanar levaram o desditoso holandês, apesar dos esforços dos seus amigos para o deterem, e saíram acompanhados do fiel servo, que o seguia murmurando:
"Bem dizia eu que mais cedo ou mais tarde lhe aconteceria alguma desgraça!"
Os companheiros de Van Mitten, sem exceção de Kéraban.

ficaram prostrados e mudos.

- Pobre Sr. Van Mitten! - lastimou Anasia.

188

- Sacrificou-se por nós! - afirmou Ahmet.

- E sem remédio! - ajuntou Nedjeb.

- Só tem um recurso no Curdistão - ponderou Kéran, com a maior seriedade do mundo.

- Qual é, meu tio?

- Casar com uma dúzia de Sarabouls... Sendo muitas, neutralizam-se...

Neste momento a porta abriu-se e apareceu Selim, com o rosto transtornado e a respiração sibilante, como quem chega de uma grande corrida.

- Que tem, meu pai? - perguntou-lhe Anasia.

- Que lhe aconteceu? - interrogou Ahmet.

- Saibam, meus amigos, que é impossível celebrar o casamento de Anasia com Ahmet...

- Que diz?

- Em Escutári, pelo menos! - anunciou Selim.

- Em Escutári?

- Só se pode fazer em Constantinopla!

- Em Constantinopla?... - perguntou Kéran. - E porquê?

- Porque o juiz de Escutári recusa-se absolutamente a fazer registrar o contrato.

- Recusa-se? - disse Ahmet.

- Sim, sob o pretexto de que o domicílio de Kéran, e por conseguinte o de Ahmet, é em Constantinopla e não em Escutári!

- Em Constantinopla? - repetiu Kéran, começando a franzir o sobrolho.

- Ora - tornou Selim -, finda hoje o prazo marcado para minha filha casar e assim entrar na posse da herança que Lhe legaram! É necessário pois partirmos já, sem perder um minuto só que seja, para Constantinopla, para casa do juiz que há-de redigir o contrato.

- A caminho! - disse Ahmet, dirigindo-se para a porta.

- A caminho! - repetiu Anasia, seguindo-o.

189

- Sr. Kéran, não nos quer acompanhar? - perguntou-lhe ela. O Sr. Kéran ficou imóvel e mudo.

- Não responde, meu tio? - interrogou Ahmet, voltando atrás.

- Não vem? - ajuntou Selim.

- Empregarei a força! - ameaçou Anasia, pegando-lhe brandamente num braço.

- Está um barco à nossa espera - declarou Selim -, num instante atravessamos o Bósforo!

- O Bósforo! - exclamou Kéran.

Depois, em tom sacudido:

- Esperem! Diga-me, Selim, o imposto de dez paras por passageiro está ainda em vigor?

- Sim, está, amigo Kéraban. Mas depois da bela peça que acaba de pregar às autoridades otomanas, de vir de Constantinopla a Escutári sem o pagar - parece-me que se não recusará.

- Recuso! - decidiu Kéraban sem rodeios.

- Então não o deixarão passar! - tornou-lhe Selim.

- Que me importa! Não passo!

- E o nosso casamento... - recordou Ahmet -, o nosso casamento que tem de ser hoje sem falta!

- Pois casem sem mim.

- Não pode ser, é impossível! O tio Kéraban é o tutor, e a sua presença é indispensável!

- Pois bem, Ahmet! Espera que eu resida em Escutári... e então casarás!

Todas estas respostas eram dadas num tom muito sacudido, que nenhuma esperança deixava de vencerem o grande cabeçudo.

- Amigo Kéraban - insistiu Selim -, é hoje o último dia... Ouve bem? O último dia!... Toda a fortuna de minha filha se perderá se...

Kéraban fez sinal negativo com a cabeça.

- Meu tio - repetia Ahmet -, não quer decerto...

190

- Se sou obrigado a pagar dez paras, fica sabendo que nunca, nunca passarei o Bósforo! Por Alá! Mais depressa tornaria a dar a volta ao mar Negro para voltar a Constantinopla!

E dizia a verdade: era homem para o fazer!

- Meu tio, faz mal!... A sua teima nesta ocasião, permita-me que lho diga, não se pode explicar!... Vai fazer a desgraça daqueles que sempre lhe dedicaram a maior amizade. Repito: faz mal!

- Toma sentido, Ahmet! - avisou Kéraban, num tom que indicava quanto lhe custava a conter a cólera.

- Não, meu tio, não pode ser!... O meu coração trasborda, e nada me impedirá de falar!... O que faz... é... é de um mau homem!

- Querido Ahmet, sossega - aconselhou Anasia -, não fales desse modo a teu tio! Perco a fortuna que devia ser tua... renuncia ao casamento!

- Renunciar a possuir-te! Nunca! Nunca! Partamos! Deixemos esta cidade para sempre! Ainda temos com que pagar dez paras para passarmos para Constantinopla.

E Ahmet, não podendo ser senhor de si, quase que arrastou Anasia para a porta.

- Kéraban?... - pronunciou Selim docemente, querendo tentar fazer mudar o seu amigo de resolução. - Kéraban?...

- Deixe-me, Selim, deixe-me!

- Ai de mim! Vamos, meu pai!

- disse Anasia, lançando a Kéraban um olhar triste e contendo a muito custo as lágrimas.

E caminhou para a porta. Ao transpô-la, Ahmet parou.

- Uma última vez, meu tio. Recusa acompanhar-me a Constantinopla, a casa do juiz, onde a sua presença é indispensável para o nosso casamento?

- A que eu me recuso - bramiu Kéraban, batendo com o pé no chão a desconjuntá-lo - é a submeter-me a pagar o tal imposto!

192

- Kéraban! - repetiu Selim.

- Não e não!

- Pois bem, meu tio - afirmou Ahmet -, a sua teima custa-nos uma fortuna! A ruína a que vai ser sujeita sua sobrinha!... Paciência!... Não lamento a perda da fortuna. O que mais lastimo é a demora que a sua teima causou ao cumprimento dos nossos desejos... Adeus! Fique! Não o tornarei a ver!

E Ahmet e Anasia, seguidos de Selim, de Nedjeb, de Nizib, saíram do salão, seguindo para o cais, e instantes depois embarcavam para voltarem para Constantinopla.

O Sr. Kéraban, achando-se só, ia e vinha, presa da maior agitação.

- Nunca!, por Alá! Nunca!, por Maomet! - gritava ele. - Seria uma indignidade! Ter feito a volta ao mar Negro para não pagar o imposto, e agora, no fim, tirar da algibeira dez páras!... Nunca, repito! Não voltarei tão cedo a Constantinopla! Vendo a minha casa de Gálata!... Acabo com todos os negócios!... Dou toda a minha fortuna a Ahmet, para o indemnizar do que Anasia perde!... Ficaré rico... e eu ficarei pobre... Antes disso! Mas não abdicó!

E, assim falando, a cólera crescia sempre.

- Ceder!... Pagar!... Eu... Kéraban!... Chegar em frente do chefe da polícia, que me desafiou a não pagar... que me viu partir e que me espera à volta!... Que zombará de mim! Que se rirá na minha cara ao cobrar o maldito imposto!... Nunca!...

Era visível que o Sr. Kéraban combatia a sua consciência e via claramente que esta absurda teima recaía principalmente sobre Ahmet e a sua noiva.

- Sim!... - continuou ele. - Mas quem sabe se Ahmet quererá aceitar! Está tão transtornado! Tão furioso com a minha teima!... Conheço-o bem! É altivo! Recusará receber de mim!... Pensemos!... Eu não sou mau homem!... Não irei pela minha estúpida resolução tornar infelizes os que amo?...

193

Ah! que Maomet estrangule o Divã e com ele todos os turcos do novo regime!

E o Sr. Kéraban media o salão a passos agigantados, atirava pontapés às cadeiras e aos bancos, e procurava com a vista algum objecto frágil que quebrasse, para aliviar o seu furor, duas jarras foram arremessadas a terra.

Um pouco mais sossegado, continuou:

- Pobre Ahmet! E Anasia?... Não!... Por modo algum devo dar-lhe um grande desgosto... E então por uma questão de amor-próprio!... Demorar o casamento... é talvez impedi-lo... Mas... ceder!... Ceder!... Eu!... Ah!... Que Alá venha em minha ajuda!...

E, acabando de fazer esta invocação, o Sr. Kéraban, arrebatado de cólera, saiu do salão.

CAPÍTULO XVI

Onde se demonstra, mais uma vez, que nada há como o acaso para arranjar as coisas

E havia festa em Escutári, se no cais, desde o ancoradouro até para lá do Quiosque do Sultão, a multidão se apertava, a concorrência não era menos numerosa do outro lado do Bósforo, em Constantinopla, no cais de Gálata, desde a primeira ponte de barcos até às casernas da Praça de Top-Hané. As águas doces da Europa do porto do Pam de Ouro e as águas salgadas do Bósforo desapareciam sob a flotilha de caíques e de canoas, de chalupas a vapor carregadas de turcos, de albaneses, de gregos, de europeus e asiáticos.

Devia ser decerto um espectáculo atraente e pouco visto aquele a que concorria toda aquela gente.

Aconteceu pois que Ahmet, Selim, Anasia e Nedjeb, depois de terem pago o novo imposto e desembarcado na escada do Top-Hané, acharam-se logo envolvidos numa atmosfera de prazer, a que eles naquela ocasião nenhuma atenção prestavam.

Mas fosse qual fosse o espectáculo que tinha o privilégio de atrair tal multidão, era natural que o Sr. Van Mitten, a sua noiva, a nobre Saraboul, seu cunhado, o Sr. Yanar, seguidos de Bruno, fizessem parte dos curiosos.

Assim, pois, Ahmet encontrou logo no cais os seus antigos companheiros de viagem. Seria Van Mitten que passeava a sua nova família, ou seriam eles que o passeavam? A segunda hipótese oferece mais probabilidades.

O que é certo é que, na ocasião em que Ahmet os encontrou, Saraboul dizia ao seu noivo:

- Sim, Sr. Van Mitten, nós temos no Curdistão festas muito superiores a estas!

E Van Mitten respondia-lhe com modos resignados:

- Estou muito disposto a acreditar-lhe, bela Saraboul!

O que deu motivo a Yanar replicar-lhe com dureza:

- E faz bem!

Entretanto, alguns gritos de impaciência saíram de entre o agrupamento, mas Ahmet e Anasia não lhe prestavam atenção.

- Não, querida Anasia - dizia Ahmet -, conhecia bem meu tio, e contudo nunca o julguei capaz de levar a teima até ao ponto de ser desumano!

- Pelo que vejo - ajuntou Nedjeb -, enquanto se pagar o imposto não volta ele a Constantinopla!

- Ele?... Nunca! - declarou Ahmet.

- Se lastimo a fortuna que o Sr. Kéraban nos faz perder, é mais por ti, meu Ahmet, do que por mim, era para ti que a desejava!

- Esqueçamos isso... - disse Ahmet -, e para mais depressa o esquecer e romper com este tio ferrenho, em que eu até aqui via um pai, deixaremos Constantinopla e voltaremos para

Odessa!

- Ah! Kéraban - exclamou Selim, que estava indignado -, merecia o último dos suplícios!

- Merecia - concordou Nedjeb -, merecia até ser o marido da curda! Que pena não ser ele o desposado!

É bom dizer-se que Saraboul, toda entregue ao seu noivo, que reconquistara, não ouvira estas pouco agradáveis reflexões de Nedjeb, como não ouviu Selim responder-lhe:

- Ele?... Era capaz de a domar... como à força de teima se domam os animais ferozes!

196

- Tudo isso assim será! - murmurou melancolicamente Bruno -, mas entretanto quem ficou preso na ratoeira foi o meu pobre amo!

Assim falando, Ahmet e os seus companheiros continuavam não prestando atenção ao que se passava no cais de Péra e no de Pam de Ouro.

Na má disposição de espírito em que se achavam, as festas não os interessavam, unicamente ouviram um turco dizer a outro:

- É um homem verdadeiramente audacioso este Storch! Atravessar o Bósforo... por aquele modo...

- Sim - respondia-lhe o outro, rindo -, de uma maneira que os recebedores do imposto do caïque se não lembravam de fazer.

Ahmet não procurava compreender a conversa dos turcos, teve contudo de responder quando lhe dirigiram estas palavras:

- Olá! Por aqui, Sr. Ahmet?

Era o chefe da polícia, o mesmo que provocara com as suas palavras a viagem do Sr. Kéraban à roda do mar Negro, que lhe falava.

- Ah! É o senhor?

- Eu mesmo... e faço-lhe os meus cumprimentos! Acabo de saber que o Sr. Kéraban cumpriu a sua promessa! Chegou a Escutári sem atravessar o Bósforo!

- É verdade! - replicou Ahmet, num tom muito seco.

- É admirável! Para não pagar dez paras, gastou alguns milhares de libras!

- Tal e qual!

- Eh! Ganhou muito com isso o Sr. Kéraban! O imposto continua a pagar-se, e se persistir na sua teima terá de fazer o mesmo caminho para voltar a Constantinopla.

- Porque não, se ele quiser! - disse-lhe Ahmet, que,

197

por muito furioso que estivesse com seu tio, estava pouco disposto a deixar sem resposta as zombeteiras observações do chefe da polícia.

- Ah! Mas acabará por ceder - tornou-lhe este -, há-de atravessar o Bósforo!... Os encarregados do serviço lá o esperam ao desembarque!... Só se ele passar a nado... ou a

voar...

- Se lhe apetecer! - voltou Ahmet, com mau modo.

Neste momento um vivo movimento de curiosidade agitou a multidão. Ouviu-se um murmúrio de vozes, e todos, de cabeça no ar, estendiam os braços para o Bósforo, apontando para Escutári.

- Lá está ele! Lá está ele... Storchi!... Storchi!

Os gritos retiniam de todos os lados.

Ahmet, Anasia, Selim, Nedjeb, Saraboul, Van Mitten, Yanar, Bruno e Nizib acharam-se então no ângulo que forma o cais do Pam de Ouro, perto da escada de Top-Hané, e daí viram o imponente espectáculo que alvoroçava a curiosidade pública.

Do lado de Escutári, da parte de fora do Bósforo, a uns seiscentos pés da margem, eleva-se uma torre impropriamente chamada Torre de Leandro. Com efeito foi o Helesponto, actualmente estreito de Dardanelos, que esse célebre nadador atravessou entre Seslos e Abido, para se juntar a Hero, a encantadora sacerdotisa de Vénus, façanha renovada, há-de haver sessenta anos, por Lord Byron, que, como toda a gente sabe, atravessou numa hora e dez minutos os mil e duzentos metros que separam as duas margens.

Iria ser imitado o herói mitológico ou o autor do Corsário?

Não.

Uma grande corda estava estendida entre as margens de Escutári e a Torre de Leandro, hoje chamada Kruz-Koulesoi, o que significa Torre da Virgem. A corda, presa solidamente, atravessava todo o estreito, num comprimento de mil e trezentos metros, e vinha prender num mastro levantado num ângulo do cais de Gálata com a Praça de Top-Hané.

198

Ora era sobre esta corda que um célebre acrobata, o famoso Storchi, rival do não menos afamado Blondin, ia tentar atravessar o Bósforo.

Verdade seja que o risco não era o mesmo: Blondin arriscava a vida sobre a altura de quinhentos pés e sobre uma catadupa irresistível, e Storchi, no caso de acidente, só tomaria um bom mergulho.

Mas, do mesmo modo que Blondin encontrara um amigo cheio de confiança, que quisera atravessar o Niágara às suas costas, também Storchi encontrara um companheiro para o seu passeio aéreo. A diferença era que não o levava às costas, mas numa espécie de velocípede, cuja roda, de camba côncava, rolaria sobre a corda, como por cima de um rail.

Devemos convir que o espectáculo era realmente curioso! Um trajecto de mil e trezentos metros oferecia muitas mais probabilidades de dar uma queda que os novecentos pés do Niágara!

No entanto, Storchi lá estava sobre o primeiro troço da corda, a que reunia a margem asiática à Torre da Virgem. Empurrava o seu companheiro adiante de si, no tal carrinho, e chegara sem acidente ao farol colocado no cimo de Kruz-Koulesoi.

Numerosos hurras acolheram este primeiro sucesso.

Viu-se então o ginasta descer destramente a corda, que, por muito retesada que estivesse, descia no meio até quase tocar as águas do Bósforo. Caminhando sempre com passo firme, continuava a impelir o carrinho em que estava o seu companheiro, conservando o equilíbrio admiravelmente. Podia-se chamar espantoso.

Quando Storchi chegou ao meio do trajecto, as dificuldades cresceram. Agora era preciso subir o declive para chegar ao mastro.

199

Mas o acrobata tinha músculos de ferro e com as pernas e braços continuou impelindo o carrinho em que o seu companheiro, tão sereno e tão valente como ele, não fazia um só movimento, receoso de prejudicar a estabilidade do veículo. Enfim, um unísono ah! de admiração retumbou pelo espaço! Storchi chegava são e salvo à parte superior do mastro e descia por uma escada, que terminava no ângulo do cais em que se achavam Ahmet e os seus. A audaciosa empresa tivera o melhor êxito, e - deve-se fazer justiça - ao companheiro de Storchi pertencia grande parte dos aplausos que a Ásia em sua honra enviava à Europa. Ahmet lançou um grito de admiração! Não o enganariam os seus olhos? O companheiro de Storchi, depois de ter apertado a mão ao acrobata, parara diante dele sorrindo.

- O tio Kéran!...

Será possível!... - exclamava Ahmet. Anasia, Nedjeb, Saraboul, Van Mitten, Yanar, Selim, Nizib e Bruno exclamaram também:

- É o Sr. Kéran em pessoa!

- Eu mesmo, meus amigos, eu mesmo - respondia ele, com modos triunfantes -, eu mesmo que procurei aquele valente acrobata que ia partir, e que tomei o lugar ao seu companheiro, eu que atravessei o Bósforo!... Não... passei-lhe por cima, para vir assinar o teu contrato de casamento, meu sobrinho Ahmet!

- Ah! Sr. Kéran!... Meu querido tio! - exclamou Anasia. - Sempre me pareceu que me não abandonaria! - Muito bem feito! - repetia Nedjeb, dando palmas.

- Que homem! - disse Van Mitten. - Em toda a Holanda não se encontraria outro igual!

- Também é a minha opinião! - afirmou secamente Saraboul.

- Sim, passei e não paguei - repetia Kéran, dirigindo-se ao chefe da polícia. - Ouviu? Sem pagar...

200

a não ser duas mil piastras, que me custou o meu lugar no carrinho e oitocentas mil libras despendidas na viagem.

- Os meus parabéns - respondeu-lhe o chefe da polícia, que não teve outro remédio senão inclinar-se em frente de um tal cabeçudo.

Então o povo prorrompeu em aplausos e vivas ao Sr. Kéran.

Entretanto, ia ele, o mais benfazejo dos teimosos, abraçando ternamente Anasia e Ahmet, e como homem acostumado a não perder tempo, mesmo na embriaguez do triunfo exclamava:

- E, agora, imediatamente a casa do juiz de Constantinopla! Vamos!

- Ah! O meu tio é o melhor dos homens! - respondeu Ahmet.

- A quem o dizes - replicou rindo o Sr. Kéran -, e nada teimoso... se me não contrariam!

Achamos inútil narrar o que se passou em seguida. Basta saber-se que nesse mesmo dia o juiz lavrou o contrato. Depois, o imã disse uma oração na mesquita. Em seguida, voltaram para a sua casa de Gálata, e, antes de a meia-noite do dia 30 ter soado, estava Ahmet - enfim! - casado com a sua querida Anasia, a riquíssima filha do banqueiro Selim.

Na tarde desse mesmo dia, Van Mitten, muito acabrunhado, preparava-se para partir, em companhia do Sr. Yanar, seu cunhado, e da nobre Saraboul, para o Curdistão, onde devia celebrar-se a última cerimónia que faltava para a conclusão do seu casamento.

No momento das últimas despedidas a Ahmet, Anasia e Nedjeb, o infeliz não pôde deixar de exclamar:

- Ah! Meu amigo Kéran, quando me lembro que foi para o não contrariar que me deixei casar... casar segunda vez!

- Meu pobre Van Mitten - redarguiu-lhe o Sr. Kéran -, se este casamento não passar de um mau sonho, nunca me perdoarei!

201

- De um sonho!... Então estamos todos do seu lado. Ah! Que se não fosse aquele maldito telegrama!...

E tirou-o da algibeira, todo amarrotado, percorrendo-o maquinalmente.

Sim!... Este telegrama...

"A Sr.a Van Mitten falecida há cinco semanas... a reunir-se..."

- Falecida a reunir-se? Que quer isso dizer - perguntou Kéran, tirando-lhe o papel da mão e lendo:

"A Sr.a Van Mitten, decidida há cinco semanas a reunir-se a seu marido, partiu para Constantinopla."

Decidida!... Não é falecida!

- Não está viúvo!... - protestaram todos à uma.

O Sr. Kéran clamava ainda desta vez, com toda a razão:

- Ainda mais um erro do estúpido telégrafo, e não há-de ser o último!

- Não estou viúvo!... Não estou viúvo!... - repetia Van Mitten, satisfeitíssimo de encontrar a primeira mulher... com medo da segunda!

Quando o Sr. Yanar e a nobre Saraboul compreenderam o engano, tiveram uma explosão terrível. Mas, enfim, que remédio havia! Van Mitten era casado, e nesse mesmo dia chegava a sua primeira, a sua legítima mulher, que lhe trazia como sinal de paz uma tulipa valência.

- Terás outro marido muito melhor, minha nobre irmã - dizia

Ianar, para consolar a triste viúva -, muito melhor do que este...

- Caramelo de Holanda!... Não há-de ser muito difícil! - respondeu Saraboul.

* Há aqui um calembur, trocadilho, equívoco, ou como melhor lhe queiram chamar, intraduzível.

* O telegrama dizia *décédée* à *rejoindre son mari* -em vez de *décidée*, etc.

* O muito distinto calemburista, o Sr. Mendonça e Costa, decerto traduziria a frase conservando-Lhe o sabor nativo. Não tivemos porém ocasião de o consultar.

202

E lá foram a caminho do Curdistão.

Quanto a Kéraban, não podendo ter sempre uma corda estendida de Constantinopla a Escutári, para passar o Bósforo, como se arranjaría? Renunciaria a atravessá-lo?

Não! Durante algum tempo nem se falou em tal. Mas, um dia, foi a casa do juiz e propôs-Lhe arrematar o imposto. A oferta foi aceite. Custou-lhe uma grossa quantia, mas tornou-se ainda mais popular, e os estrangeiros vão sempre visitar Kéraban, o cabeçudo, como a mais admirável curiosidade do império otomano.

FIM DO SEGUNDO E ÚLTIMO VOLUME